

DESINTEGRADOS

BEM-VINDO A UM MUNDO
ONDE O CORPO VALE MAIS DO QUE A VIDA

NEAL SHUSTERMAN

A esperada sequência de *Fragmentados*,
best-seller do *The New York Times*





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[E a resposta é...](#)

[Parte Um](#)

[1 . Starkey](#)

[2 . Miracolina](#)

[3 . Cam](#)

[Parte Dois](#)

[4 . Pais](#)

[5 . Connor](#)

[6 . Risa](#)

[7 . Connor](#)

[8 . Risa](#)

[9 . Connor](#)

[10 . Starkey](#)

[Parte Três](#)

[11 . Fumante](#)

[12 . Nelson](#)

[13 . Connor](#)

[14 . Dolores](#)

[15 . Connor](#)

[16 . Risa](#)

[17 . Cam](#)

[18 . Risa](#)

[19 . Cam](#)

[20 . Nelson](#)

[Parte Quatro](#)

[21 . Lev](#)

[22 . Fundação](#)

[23 . Lev](#)

[24 . Miracolina](#)

[25 . Lev](#)

[26 . Miracolina](#)

[27 . Lev](#)

[28 . Risa](#)

[29 . Cam](#)

[30 . Nelson](#)

[31 . Miracolina](#)

[32 . Lev](#)

[33 . Miracolina](#)

[34 . Lev](#)

[35 . Nelson](#)

[Parte Cinco](#)

[36 . Connor](#)

[37 . Risa](#)

[38 . Hayden](#)
[39 . Connor](#)
[40 . Starkey](#)
[41 . Connor](#)
[42 . Starkey](#)
[43 . Avalanche](#)
[44 . Risa](#)
[45 . Cam](#)
[46 . Risa](#)
[47 . Público](#)
[48 . Risa](#)
[49 . Cam](#)
[50 . Risa](#)
[51 . Cam](#)

[Parte Seis](#)

[52 . Lev](#)
[53 . Nelson](#)
[54 . Lev](#)
[55 . Miracolina](#)
[56 . Lev](#)
[57 . Connor](#)
[58 . Trace](#)
[59 . Lev](#)
[60 . Starkey](#)
[61 . Noah](#)
[62 . Starkey](#)
[63 . Trace](#)

[64 . Lev](#)

[65 . Nelson](#)

[66 . Guarda do Portão](#)

[67 . Connor](#)

[68 . Aviões](#)

[69 . Lev](#)

[70 . Nelson](#)

[71 . Lev](#)

[72 . Starkey](#)

[73 . Risa](#)

[74 . Roberta](#)

[75 . Cam](#)

[Parte Sete](#)

[76 . Dreamliner](#)

[77 . Starkey](#)

[78 . Trace](#)

[79 . Starkey](#)

[80 . Miracolina](#)

[81 . Hayden](#)

[82 . Connor](#)

[83 . Nelson](#)

[84 . Connor](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota](#)

DESINTEGRADOS

NEAL SHUSTERMAN

Tradução:
Camila Fernandes



© 2012 Neal Shusterman

Publicado sob acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers,
um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division

© 2016 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Star Books Digital

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shusterman, Neal

Desintegrados / Neal Shusterman ; tradução Camila Fernandes. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: Unwholly.
ISBN 978-85-8163-811-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-09339 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Charlotte Ruth Shusterman

Amo você, mãe

E a resposta é...

Já que Fragmentados e Desintegrados representam um mundo virado de cabeça para baixo, que forma melhor de atualizar você do que dar a resposta antes da pergunta, como em certo programa de TV? Leia as respostas e veja quantas perguntas consegue acertar! Acerte um número suficiente e você poderá rasgar sua própria ordem de fragmentação! (Aviso: pular este jogo pode fazer com que você se sinta meio deslocado enquanto lê...)

Este é o processo pelo qual um indivíduo é desmantelado. Por lei, 99,44% de uma pessoa devem ser mantidos vivos e usados em transplantes.

O que é fragmentação?

A segunda guerra civil americana — também conhecida como Guerra de Heartland — terminou quando os exércitos Pró-Vida e Pró-Escolha chegaram a um acordo que tornava a vida inviolável desde a concepção até a idade de treze anos, mas permitia o “aborto retroativo” de adolescentes problemáticos.

O que é a Ordem de fragmentação?

Quando uma mãe não deseja ficar com o bebê recém-nascido, ela tem a opção legal de deixar a criança na porta da casa de outras pessoas. O bebê então se torna responsabilidade legal dessas pessoas. Esse é o termo comum para o abandono de um bebê.

O que é uma entrega da cegonha?

Quando uma pessoa é fragmentada, já que praticamente a totalidade dela continua viva, ela não é considerada morta, mas viva nesse estado.

O que é estado dividido?

São instituições licenciadas nas quais os fragmentários são preparados para o estado dividido. Cada uma dessas instituições tem personalidade própria, e são todas projetadas para oferecer uma experiência positiva para os jovens destinados à fragmentação.

O que são campos de colheita?

Este campo de colheita no Arizona, em uma cidade cujo nome veio dos lenhadores felizes que a fundaram, recentemente foi fechado devido à atividade terrorista.

O que é o Campo de Colheita Happy Jack?

É um termo comum para a clínica dentro de um campo de colheita onde a fragmentação é realizada.

O que é um Ferro-Velho?

São jovens terroristas que introduzem um produto químico indetectável no próprio sistema circulatório, o que torna seu sangue explosivo. Receberam esse nome porque se autodetonam ao bater as mãos juntas em um aplauso poderoso.

O que são batedores?

Este é o termo comum para os oficiais da lei que trabalham para a Autoridade Juvenil Nacional e são responsáveis pelo policiamento de fragmentários.

O que são Policiais Juvenis ou Juvis?

O ato de deixar alguém quimicamente inconsciente com o uso de balas ou dardos tranquilizantes. É o método mais utilizado pelos oficiais do policiamento juvenil, pois usar balas contra fragmentários é ilegal e danifica órgãos vitais, diminuindo, portanto, seu valor.

O que é dar um tranco?

Do francês *recruter*, “convocar”, esse é o termo comum para um soldado ou adolescente musculoso em busca de uma carreira no exército.

O que é um recruta?

Originalmente um termo militar, significa “ausente sem permissão”, mas ultimamente tem sido usado para designar fragmentários fugitivos.

O que é um fragmentário desertor?

É a organização que luta contra a fragmentação ao resgatar fragmentários desertores. No entanto, não é tão bem organizada quanto as pessoas pensam.

O que é a RAD ou Resistência Antidivisional?

Este santuário secreto (não tão secreto) para fragmentários desertores é um imenso cemitério de aviões no deserto do Arizona.

O que é o Cemitério?

Também conhecido como Connor Lassiter, fragmentário fugitivo de Ohio, acredita-se que seja o responsável pela revolta no Campo de Colheita Happy Jack, e é dado como morto.

Quem é o Desertor de Akron?

Derivado de um termo que significa “um décimo”, designa uma criança destinada à fragmentação desde o nascimento, normalmente por motivos religiosos.

O que é um dízimo?

Este dízimo tornou-se um batedor que nunca bateu palmas e, ao agir dessa forma, deu um rosto ao movimento da resistência.

Quem é Lev Calder?

É o sobrenome dado aos tutelados do Estado, crianças sem família criadas em Casas Estatais.

O que é Ward?

Sobrevivente do Campo de Colheita Happy Jack, esta ex-tutelada do Estado tornou-se paraplégica porque se recusou a deixar que sua coluna danificada fosse substituída pela coluna de um fragmentário.

Quem é Risa Ward?

Desejo uma leitura que faça você roer as unhas, ficar sem sono e ter mil pensamentos!

Neal Shusterman

Parte Um

Violações

A única maneira de lidar com um mundo sem liberdade é tornar-se tão absolutamente livre que sua própria existência seja um ato de rebeldia.

— Albert Camus

1 · Starkey

Ele está lutando contra um pesadelo quando eles vêm buscá-lo.

Uma grande inundação está engolindo o mundo e, no meio de tudo, ele está sendo atacado por um urso. Está mais irritado do que apavorado. Como se não bastasse a enchente, sua mente profunda e sombria mandou um bicho furioso para rasgá-lo em pedaços.

É quando alguém o arranca pelos pés das mandíbulas mortais do Apocalipse afogador.

— Levanta! Agora! Vai!

Ele abre os olhos e dá de cara com um quarto brilhante de luz, quando deveria estar escuro. Dois Juvis o agarram, segurando-lhe os braços, impedindo-o de lutar antes mesmo que ele esteja acordado o bastante para tentar.

— Não! Para! O que é isso?

Algemas. Primeiro o pulso direito, depois o esquerdo.

— Levanta!

Eles o puxam para que fique de pé, como se estivesse resistindo — ele bem que resistiria, se estivesse mais acordado.

— Me deixem em paz! O que tá acontecendo?

Mas em um instante ele está desperto o suficiente para saber exatamente o que acontece. É um sequestro. Mas não se pode chamar de sequestro quando há documentos assinados em triplicata permitindo a ação.

— Confirme verbalmente que você é Mason Michael Starkey.

Há dois policiais. Um é baixo e o outro, alto. Ambos musculosos. Provavelmente foram recrutados antes de arranjar emprego como Juvis patrulheiros. É necessário um tipo especial de gente maldosa para ser um Juví, mas para se especializar como patrulheiro o sujeito provavelmente precisa ser um canalha total. O fato de estar sendo capturado para ser levado à fragmentação deixa Starkey chocado e aterrorizado, mas ele se recusa a demonstrar, pois sabe que os Juvis adoram o medo.

O baixinho, que é claramente o porta-voz da dupla, aproxima-se do rosto dele e repete:

— Confirme verbalmente que você é Mason Michael Starkey!

— E por que eu faria isso?

— Moleque — diz o outro patrulheiro —, a gente pode fazer isso do jeito fácil ou do difícil. Mas vai rolar de qualquer maneira. — O segundo policial tem fala mais macia, com um par de lábios que claramente não são dele. Na verdade, parecem ter sido de uma garota. — O esquema não é tão difícil, então vê se colabora.

Ele fala como se Starkey devesse ter sabido que eles viriam, mas quando é que um fragmentário sabe? Todo fragmentário acredita no fundo do coração que com ele isso não acontecerá — que os pais, não importa quão tensas fiquem as coisas, serão espertos o bastante para não cair na conversa dos anúncios na rede, comerciais de TV e placas de rua que dizem coisas como “Fragmentação: a solução sensata”. Mas a quem ele quer enganar? Mesmo sem o ataque constante da mídia, Starkey foi um candidato potencial à fragmentação desde o momento em que chegou à porta da casa. Talvez devesse estar surpreso por seus pais terem esperado tanto.

Agora, o porta-voz invade o espaço pessoal dele.

— Pela última vez, confirme verbalmente que você é...

— Tá, tá, Mason Michael Starkey. Agora, sai de perto de mim. Seu bafo fede.

Com a identidade verbalmente confirmada, o Boca-de-Moça tira do bolso um formulário em triplicata: branco, amarelo e cor-de-rosa.

— Então, é assim que vocês fazem? — pergunta Starkey, a voz começando a tremer. — Vocês me prendem? Qual foi o meu crime? Ter dezesseis anos? Ou talvez só o fato de eu estar aqui.

— Fica-quieto-ou-leva-um-tranco — diz o Porta-Voz, como se fosse tudo uma palavra só.

Uma parte de Starkey quer tomar esse tranco — simplesmente adormecer e, se tiver sorte, nunca mais acordar. Assim, não terá de encarar a humilhação suprema de ser arrancado desta vida no meio da noite. Mas não, ele quer ver a cara dos pais. Ou, mais precisamente, quer que *eles* vejam a cara *dele*, e, se ele

estiver sob o efeito do tranquilizante, eles se safam numa boa. Não terão de olhá-lo nos olhos.

Boca-de-Moça segura a ordem de fragmentação na frente dele e começa a ler o infame Parágrafo Nove, a “Cláusula de Negação”.

— “Mason Michael Starkey, ao assinarem esta ordem, seus pais e/ou guardiões legais encerraram retroativamente seu direito de permanência neste estado, com data de seis dias após a concepção, deixando-o em violação do Código Existencial 390. Assim sendo, você está, doravante, detido pela Autoridade Juvenil da Califórnia para divisão sumária, também conhecida como fragmentação.”

— Blá-blá-blá.

— “Quaisquer direitos previamente concedidos a você, como cidadão, pelo município, Estado ou governo federal estão, de agora em diante e permanentemente, revogados.” — Ele dobra a ordem de fragmentação e volta a enfiá-la no bolso.

— Parabéns, Sr. Starkey — diz o Porta-Voz. — Você não existe mais.

— Então, por que vocês estão falando comigo?

— Não vamos falar por muito tempo. — Eles o puxam em direção à porta.

— Posso pelo menos calçar os sapatos?

Eles o soltam, mas continuam alertas.

Starkey leva todo o tempo do mundo para calçar os sapatos. Então, eles o puxam quarto afora e escada abaixo. Os Juvis têm botas pesadas que intimidam a madeira dos degraus. Os três descendo juntos soam como uma manada de bois.

Os pais dele estão aguardando na antessala. São três da madrugada, mas eles ainda estão com as roupas que usaram de dia. Passaram a noite toda acordados esperando por isso. Starkey vê angústia no rosto deles, ou talvez alívio, é difícil saber. Ele controla as próprias emoções, escondendo-as atrás de um sorriso sarcástico.

— Oi, mãe! Oi, pai! — diz ele em tom animado. — Adivinham o que acabou de acontecer comigo? Dou vinte chances pra vocês descobrirem!

O pai respira fundo, preparando-se para começar o Grande Discurso da Fragmentação que todos os pais têm pronto para o filho desobediente. Mesmo

que nunca cheguem a usá-lo, eles sempre o preparam, repassando as palavras mentalmente no intervalo para o almoço ou quando estão parados no trânsito, ou enquanto ouvem algum chefe imbecil tagarelar sobre faixas de preço, distribuição e quaisquer outras besteiras que as pessoas achem que são motivo para fazer reuniões nas empresas.

Quais são as estatísticas? Starkey viu isso no noticiário uma vez. Todo ano, a ideia da fragmentação passa pela cabeça de um em cada dez pais. Destes, um em dez considera a ideia seriamente e um em vinte decide levá-la a cabo — e a estatística duplica a cada filho adicional que uma família tem. Junte todos esses números deliciosos e um a cada dois mil adolescentes entre as idades de treze e dezessete anos será fragmentado todo ano. As chances são maiores do que as de ganhar na loteria — e isso nem inclui as crianças das Casas Estatais.

O pai, mantendo a distância, começa o discurso:

— Mason, você não vê que não nos deixou escolha?

Os Juvis o seguram firme ao pé da escada, mas não fazem nenhum movimento para tirá-lo da casa. Sabem que precisam permitir aos pais esse rito de passagem; o pé na bunda verbal.

— As brigas, as drogas, o carro roubado... e agora ser expulso de mais uma escola. O que vem depois, Mason?

— Puxa, sei lá, pai. Tem tantas escolhas ruins que eu posso fazer.

— Não mais. Nós nos importamos o bastante com você para acabar com suas escolhas ruins antes que elas acabem com você.

Isso o faz gargalhar bem alto.

E então ouve-se uma voz do alto da escada:

— Não! Vocês não podem fazer isso!

A irmã dele, Jenna — filha biológica dos pais —, está no alto da escada com aquele pijama de ursinho que parece velho demais para uma menina de treze anos.

— Volta pra cama, Jenna — diz a mãe.

— Vocês vão mandar ele para a fragmentação só porque ele veio da cegonha, isso não é justo! E logo antes do Natal! E se eu tivesse vindo pela cegonha? Vocês também iam me fragmentar?

— Nós não vamos ter essa conversa! — grita o pai, enquanto a mãe começa a chorar. — Volta pra cama!

Mas ela não volta. Cruza os braços e se senta no topo da escada em desafio, testemunhando a coisa toda. Bom para ela.

As lágrimas da mãe são genuínas, mas ele não sabe se ela está chorando por ele ou pelo resto da família.

— Todas essas coisas que você fez, as pessoas nos disseram que eram um pedido de ajuda — diz ela. — Então, por que você não nos deixou ajudar?

Starkey quer gritar. Como é que ele poderia explicar se eles não conseguem ver? Não sabem como é passar dezesseis anos de vida sabendo que nunca foi desejado; um bebê misterioso de origem indefinida, deixado pela cegonha na porta de um casal com pele de um siena tão pálido que os dois poderiam ser vampiros. Ou ainda se lembrar do dia em que você tinha três anos e sua mãe, totalmente dopada pelos remédios para dor após o parto da irmã por cesariana, levou você até o corpo de bombeiros e implorou aos caras que te levassem embora e fizessem de você um tutelado do Estado. Ou como saber que a cada manhã de Natal o seu presente não é uma alegria, mas uma obrigação? E que seu aniversário nem é de verdade porque eles não sabem direito quando você nasceu, só o dia em que foi deixado em cima do tapete de boas-vindas que alguma mãe interpretou ao pé da letra?

E quanto às provocações das outras crianças na escola?

Quando Mason estava na quarta série, seus pais foram chamados ao escritório da diretora. Ele havia empurrado um menino do topo do trepa-trepa do playground. O menino havia sofrido uma concussão e quebrado um braço.

— Por que, Mason? — os dois perguntaram, bem ali, na frente da diretora. — Por que você fez isso?

Ele contou que as outras crianças o estavam chamando de “Ô da Cegonha”, e que aquele era o menino que havia começado. Ingenuamente, pensou que os pais o defenderiam, mas eles apenas descartaram suas palavras como se não importassem.

— Você poderia ter matado aquele menino — repreendeu o pai. — E por quê? Por causa de palavras? Palavras não podem te ferir. — O que, aliás, é uma das mentiras mais criminosas repetidas pelos adultos contra as crianças deste mundo.

Pois palavras podem machucar muito mais do que qualquer golpe físico. Ele ficaria feliz em sofrer uma concussão e um braço quebrado se depois disso nunca mais tivesse de ser tratado como uma criança entregue pela cegonha.

No fim, foi mandado para outra escola e obrigado a receber acompanhamento de conselheiros pedagógicos.

— Pense no que você fez — disse a diretora da escola.

E ele fez o que lhe disseram, como um bom garotinho. Pensou muito mesmo... e decidiu que deveria ter empurrado o menino de uma plataforma mais alta.

Então, como é que você começa a explicar uma coisa dessas? Como explicar uma vida inteira de injustiça nos minutos que os Juvis levam para te arrastar pela porta? A resposta é fácil: melhor nem tentar.

— Sinto muito, Mason — lamenta o pai, com lágrimas nos olhos também. — Mas desse jeito vai ser melhor pra todo mundo. Inclusive pra você.

Starkey sabe que nunca conseguirá fazer com que os pais entendam, mas, pelo menos, ele terá a última palavra.

— Ei, mãe, a propósito... as noites em que o papai fica até tarde no escritório não são realmente no escritório. São com a sua amiga Nancy.

Mas, antes que ele possa começar a curtir a expressão chocada dos pais, ocorre-lhe que essa informação secreta poderia ter sido usada como objeto de barganha. Se ele tivesse dito ao pai que sabia, poderia ter se blindado contra a fragmentação! Como pode ter sido estúpido a ponto de não pensar nisso quando faria diferença?

Então, no fim, ele nem pode apreciar essa pequena vitória amarga enquanto os Juvis o empurram para fora nesta fria noite de dezembro.

ANÚNCIO

Você tem um adolescente problemático? Que não consegue se encaixar? Desatento e agressivo? Propenso a atitudes impulsivas frequentes e às vezes comportamento perigoso? Seu adolescente parece incapaz de suportar viver consigo mesmo? Pode ser mais simples do que rebeldia juvenil. Seu filho ou filha pode estar sofrendo de Desordem da Desunificação Biossistêmica, ou DDB.

Agora, sim, há esperança!

O Serviço de Colheita Haven tem campos cinco-estrelas para jovens espalhados por todo o país. Nós pegamos as mais agressivas, violentas e disfuncionais vítimas de DDB e cuidadosamente as levamos a um suave estado dividido.

Ligue agora para receber consultoria gratuita — nossos conselheiros estão esperando!

Serviço de Colheita Haven. Quando você ama tanto que aceita a separação.

O carro-patrolha dos Juvis começa a rodar com Starkey trancado no banco traseiro, atrás de uma barreira à prova de balas. Porta-Voz dirige enquanto Boca-de-Moça folheia um arquivo bem recheado de páginas. Starkey nunca imaginaria que sua vida poderia fornecer tantos dados.

— Diz aqui que você ficou entre os dez melhores alunos nas primeiras provas da escola.

Porta-Voz balança a cabeça, inconformado.

— Que desperdício.

— Não mesmo — retruca Boca-de-Moça. — Muita gente vai se beneficiar da sua inteligência, Sr. Starkey.

A sugestão o faz ter um calafrio desagradável, mas ele tenta não demonstrar.

— Adorei o implante labial, cara — responde Starkey. — Qual foi o lance? Sua esposa disse que preferia beijar uma mulher?

Porta-Voz dá uma risadinha e Boca-de-Moça nada diz.

— Mas chega desse papo de lábio — diz Starkey. — Cês tão com fome? Porque eu toparia um lanchinho da meia-noite agora mesmo. Que tal passar num drive-thru? O que cês acham?

Nenhuma resposta. Não que ele esperasse uma, mas sempre é divertido mexer com os agentes da lei e ver quanto tempo leva até ficarem irritados. Porque, se ficarem, ele vence. Como era aquela história do Desertor de Akron? O que é que ele sempre dizia? Ah, sim. “Que meias bonitas.” Simples, elegante, mas sempre minava a confiança de qualquer figura de falsa autoridade.

O Desertor de Akron... esse, sim, era um fragmentário! Tudo bem que ele morreu no ataque ao Campo de Colheita Happy Jack quase um ano atrás, mas a lenda sobrevive. Starkey deseja o tipo de notoriedade que Connor Lassiter conseguiu. Na verdade, ele até imagina o fantasma de Connor sentado ao seu lado, acompanhando seus pensamentos e cada uma de suas ações; não apenas aprovando, mas guiando as mãos de Starkey quando ele abaixa as algemas até o pé esquerdo — só o bastante para pescar uma faca inserida no meio do tecido do sapato. A faca que ele guardou para ocasiões especiais como esta.

— Agora, parando pra pensar, uma passada no drive-thru da hamburgueria mais próxima parece uma boa mesmo — comenta Boca-de-Moça.

— Excelente — responde Starkey. — Tem uma logo ali, virando à esquerda. Pede um superduplo pra mim, tamanho família, e fritas tamanho família também, porque... eu sou de família, ora essa.

O garoto fica impressionado pelo fato de que eles entram mesmo no drive-thru vinte e quatro horas. Sente-se o mestre da sugestão subliminar, ainda que a sugestão não tenha sido subliminar de jeito nenhum. Mesmo assim, ele está controlando esses Juvis... ou, pelo menos, acha que está, até que eles pedem comida só para dois, nada para ele.

— Ei! Qual é, caras? — Ele joga o ombro contra o vidro à prova de balas que separa seu universo do deles.

— Vão te dar comida no campo de colheita — responde Boca-de-Moça.

Só agora ele se toca de que o vidro não o separa apenas dos policiais — é uma barreira entre ele e qualquer parte do mundo exterior. Ele nunca mais provará suas comidas preferidas. Nunca mais visitará os lugares favoritos. Pelo menos, não como Mason Starkey. De repente, ele sente vontade de vomitar tudo o que já comeu.

A funcionária do caixa no turno da noite no drive-thru é uma garota que Starkey conhece da última escola. Quando ele a vê, uma confusão de emoções brinca dentro do crânio. Ele poderia simplesmente afundar nas sombras do banco traseiro, esperando não ser visto, mas isso o faria sentir-se patético. Não, ele não será patético. Se ele já era, então tem de ser em grande estilo, para todo mundo ver.

— Ei, Amanda, quer ir ao baile de formatura comigo? — grita ele, alto o bastante para ser ouvido através da grossa barreira de vidro.

Amanda olha na direção dele e, quando percebe quem é, levanta o nariz como se tivesse farejado alguma coisa estragada na grelha.

— Não nesta vida, Starkey.

— Por que não?

— Primeiro, você é novo demais. Segundo, você é um fracassado no banco traseiro de um carro da polícia. Além disso, não tem baile de formatura na sua

escola nova, certo?

Será que ela consegue ser mais cretina que isso?

— Hum, como você pode ver, eu já me formei.

— Cala a boca — diz Porta-Voz —, ou vou te fragmentar até você virar hambúrguer.

Finalmente, Amanda entende a situação. De repente, parece meio envergonhada.

— Oh! Oh, desculpa, Starkey. Eu sinto muito...

Pena é uma coisa que Mason Starkey não suporta.

— Sente pelo quê? Você e os seus amigos nunca me deram nem bom-dia, mas agora você sente por mim? Me poupe.

— Desculpa. Quero dizer... me desculpa por dizer que sinto muito... Quero dizer... — Ela suspira, exasperada, e desiste, entregando a Boca-de-Moça um saco de comida. — Precisa de ketchup?

— Não, tá ótimo assim.

— Ei, Amanda! — Grita Starkey enquanto o carro se afasta. — Se quiser mesmo fazer alguma coisa por mim, diz pra todo mundo que eu fui embora lutando, ouviu? Diz pra todo mundo que eu fui que nem o Desertor de Akron.

— Vou dizer, Starkey — responde ela. — Prometo!

Mas ele sabe que, amanhã, ela terá esquecido.

Vinte minutos depois, eles viram na rua de trás da penitenciária municipal. Ninguém entra pela porta da frente, muito menos os fragmentários. A cadeia tem uma ala juvenil, e nos fundos da ala juvenil há um compartimento especial onde são mantidos os fragmentários que aguardam transporte. Starkey já foi detido vezes suficientes para saber que, depois que você entra na cela dos fragmentários, já era. Ponto final. Nem os prisioneiros do corredor da morte têm segurança tão reforçada.

Mas ele ainda não entrou. Ainda está aqui, no carro, esperando ser transferido lá para dentro. Este é o ponto exato onde o casco do seu barquinho de tolos é mais frágil, e, se ele pretende afundar os planos desses caras, tem de ser entre a saída do carro e a porta dos fundos da cadeia. Enquanto eles se prepararam para

o “desfile do presidiário”, o garoto pensa nas chances que tem de fugir — pois, por mais que seus pais tenham imaginado esta noite, ele também imaginou e inventou uma dúzia de planos audaciosos de fuga. O problema é que mesmo sonhando acordado ele é fatalista; em cada uma de suas fantasias ansiosas, ele sempre perde, toma um tranco e acorda em uma mesa de cirurgia. Claro, dizem que ninguém é fragmentado logo de cara, mas Starkey não acredita nisso. Ninguém sabe realmente o que acontece dentro dos campos de colheita, e aqueles que descobrem não estão exatamente por aí para contar como foi.

Eles o tiram do carro e ficam um de cada lado, segurando-lhe os braços com firmeza. São experientes na tarefa. Boca-de-Moça está com o grosso arquivo de Starkey na outra mão.

— E aí — diz o garoto —, esse arquivo fala dos meus hobbies?

— Provavelmente — responde Boca-de-Moça, mostrando indiferença.

— Talvez vocês devessem ter lido tudo com atenção, porque aí a gente teria um assunto pra conversar. — Ele sorri. — Sabe, eu sou muito bom com mágica.

— É mesmo? — diz Porta-Voz com um sorriso torto de desprezo. — Pena que você não saiba fazer o número do desaparecimento.

— Quem disse que não sei?

Então, ao melhor estilo Houdini, ele ergue a mão direita, revelando-a livre da algema. Em vez disso, ela pende solta na mão esquerda. Antes que os policiais consigam reagir, Starkey faz escorregar da manga a faquinha dobrável que usou para abrir a fechadura, segura-a com a mão e risca o ar diante do rosto de Boca-de-Moça.

O homem grita, e o sangue vaza de um ferimento de dez centímetros. Porta-voz, pela primeira vez em sua vida miserável de desserviço público, está sem palavras. Ele tenta pegar a arma no cinto, mas Starkey já saiu correndo, ziguezagueando pelo beco sombrio.

— Ei! — grita o policial. — Você só está piorando as coisas pra si mesmo!

Mas o que eles farão? Darão uma bronca nele antes de fragmentá-lo? Porta-Voz pode falar quanto quiser, mas não está em posição de negociar.

O beco vira para a esquerda e depois direita como um labirinto, e por toda a extensão dele está a parede de tijolos, alta e imponente, da penitenciária

municipal.

Finalmente, ele vira em outra esquina e vê uma rua logo adiante. Lança-se para a frente, mas, assim que emerge na rua, é agarrado por Porta-Voz. De alguma forma, o homem conseguiu chegar aqui antes. Está surpreso, mas não deveria, pois todo fragmentário tenta fugir, não é? E que tal se eles construíssem um beco todo retorcido especialmente projetado para fazer você perder tempo e dar aos Juvis uma vantagem que eles nunca chegaram a perder? Bem, construíram.

— Acabou, Starkey! — Porta-Voz pega no pulso do garoto com tanta força que ele é forçado a soltar a faca. Ele brande a pistola de tranquilizantes com fúria, doido para apertar o gatilho. — Vai pro chão, ou eu atiro no seu olho!

Mas Starkey não vai para o chão. Não pretende se humilhar para esse bandido legalizado.

— Atira! — retruca Starkey. — Me dá um tranco no olho e depois explica pro campo de colheita por que a mercadoria foi danificada.

Porta-Voz o vira e o empurra contra a parede de tijolos, com força o bastante para arranhar e ferir o rosto do garoto.

— Já tô de saco cheio de você, Starkey. Ou talvez eu deva te chamar de Ô da Cegonha. — O homem ri, como se fosse uma sacada de gênio. Como se todos os imbecis do mundo já não o tivessem chamado assim. — Ô da Cegonha! — ele funga. — É o melhor nome pra você, né? O que é que você acha, Ô da Cegonha?

O sangue ferve. Starkey sabe que sim, pois, com a fúria impulsionada pela adrenalina, ele mete o cotovelo no estômago de Porta-Voz e gira de frente, agarrando a arma.

— Ah, não, sem chance.

Porta-Voz é mais forte — mas talvez agilidade importe mais que força.

A arma está entre eles. Aponta para a bochecha de Starkey, depois para o peito, depois para a orelha de Porta-Voz, depois para a garganta dele. Os dois lutam pelo controle do gatilho e... *blam!*

O choque do disparo joga o garoto de costas contra a parede. Sangue! Sangue pra todo lado! O gosto ferroso na boca, e o cheiro acre da fumaça da arma e...

Isso não é bala tranquilizante! É uma bala de verdade!

E ele pensa que está a microssegundos da morte, mas de repente percebe que o sangue não é seu. Diante dele, o rosto de Porta-Voz é uma ruína vermelha e amassada. O homem cai, morto antes mesmo de chegar ao chão, e...

Meu Deus, era uma bala de verdade. Por que um Juvi anda com balas de verdade? Isso é ilegal!

Consegue ouvir passos atrás da curva da esquina, e o policial morto continua morto, e ele sabe que o mundo inteiro ouviu o disparo, e tudo depende do que ele fará a seguir.

Agora ele é como o Desertor de Akron. O santo padroeiro de todos os fragmentários fugitivos está olhando por ele, esperando que Starkey aja, e ele pensa: *O que o Connor faria?*

É nessa hora que outro Juvi chega contornando a esquina — um cara que ele nunca viu e está determinado a nunca mais ver. Starkey ergue a arma de Porta-Voz e atira, transformando o que era só um acidente em assassinato.

Enquanto escapa — desta vez, de verdade —, tudo em que consegue pensar é no gosto sangrento da vitória e em como o fantasma de Connor Lassiter ficaria feliz por ele.

ANÚNCIO

Seu filho tem problemas na escola? Estuda por horas, mas ainda não consegue tirar boas notas? Você experimentou professores particulares e até mudança de escola, mas até agora nada? Por quanto tempo mais fará seu filho sofrer?

A resposta é: nunca mais! Pois nós temos a solução. Aperfeiçoamento cognitivo natural via NeuroTrama[®].

A NeuroTrama específica para a memória não é nenhum tipo de droga duvidosa de aperfeiçoamento mental ou chip sináptico perigoso. É tecido cerebral verdadeiro, reprogramado com o assunto de sua escolha. Álgebra, trigonometria, biologia, física — e, em breve, muito mais!

O financiamento em suaves parcelas está disponível, então não fique esperando pelas más notícias no próximo boletim. Tome uma atitude agora! Entre em contato com o Instituto NeuroTrama hoje mesmo para um orçamento sem compromisso. Resultados 100% garantidos ou seu dinheiro de volta.

O Instituto NeuroTrama: quando a educação falhar, nós garantimos nota A!

Ser um fragmentário desertor é uma coisa. Ser assassino de policiais é outra. A caçada a Starkey torna-se mais do que a típica procura por um fragmentário em fuga. Parece que o mundo inteiro está sob alerta. Primeiro, Starkey muda o

visual, tingindo o cabelo castanho emaranhado de vermelho, cortando-o ultracurto e rapando a barbichinha que tem cultivado desde que estava no ensino fundamental. Agora, quando as pessoas o virem, podem até ter a impressão de que o viram antes, mas não sabem de onde, porque ele se parece menos com o rosto de um cartaz de “procurado” e mais com um desses esportistas de capa de revista. O cabelo vermelho parece não combinar muito com a pele azeitonada, mas, até aí, ser uma mistura de tudo quanto é herança genética sempre o ajudou. Ele sempre foi um camaleão, capaz de passar por alguém de qualquer etnia. O cabelo vermelho apenas acrescenta mais uma camada de despistamento.

Ele muda de cidade e nunca fica em um lugar mais do que um ou dois dias. Dizem que a região noroeste do país é mais receptiva aos fragmentários desertores que o sul da Califórnia, então é para lá que ele vai.

Starkey está preparado para a vida de fugitivo, pois sempre viveu em uma espécie de paranoia protetora. *Não confie em ninguém, nem na sua sombra, e trate de garantir seus interesses.* Seus amigos apreciavam essa abordagem objetiva da vida, pois sabiam o que significava. Ele lutaria até o fim pelos amigos... desde que isso fosse vantajoso para ele.

— Você tem a alma de uma empresa — disse-lhe uma vez uma professora. Era para ter sido um insulto, mas ele aceitou como elogio. Empresas têm grande poder e fazem coisas boas no mundo quando assim desejam. Era uma professora de matemática com mania de verdismo que foi despedida no ano seguinte, pois quem é que precisa de professores de matemática quando se pode simplesmente comprar uma NeuroTrama? Só para você ver que ficar falando do derretimento das calotas polares não dá em nada.

Agora, contudo, Starkey está ao lado dos verdistas, porque eles são o tipo de pessoa que administra a Resistência Antidivisional, abrigando fragmentários fugitivos. Assim que estiver nas mãos da RAD, ele estará seguro, mas encontrá-la é a parte complicada.

— Já faz quase quatro meses que sou desertor e não vi nem sinal da resistência — conta um menino feio com cara de buldogue.

Starkey o conheceu nos fundos de uma filial do KFC na véspera de Natal, esperando os funcionários jogarem fora os restos de frango frito. Não é o tipo de pessoa com quem Starkey andaria na vida real, mas, agora que a vida real resolveu tirar folga, suas prioridades mudaram.

— Eu sobrevivi porque não caio em armadilhas — diz o Buldogue.

Starkey sabe tudo sobre armadilhas. Se um esconderijo parece bom demais para ser verdade, provavelmente é. Uma casa abandonada com um colchão confortável; um caminhão destrancado que por acaso está cheio de comida enlatada. São armadilhas criadas pelos Juvis para fragmentários desertores. Tem até Juvis fingindo ser parte da Resistência Antidivisional.

— Os Juvis estão oferecendo recompensas a pessoas que denunciarem desertores — comenta Buldogue, enquanto eles comem frango frito até estourar. — E ainda tem os caçadores. *Piratas de órgãos*, é como a gente diz. Eles não ligam para recompensas: simplesmente vendem os desertores que pegam no mercado negro. E, se você acha que campos de colheita comuns são ruins, não vai querer saber como são os ilegais. — O menino engole um bocado tão grande que Starkey consegue ver a comida descendo pela garganta dele como um rato sendo engolido por uma cobra. — Antes não tinha piratas de órgãos — acrescenta ele —, mas, agora que não tem mais essa de fragmentar pessoas de dezessete anos, estão faltando pedaços, e desertores valem uma bela grana no mercado negro.

Starkey balança a cabeça. Proibir a fragmentação de pessoas de dezessete anos deveria salvar um quinto dos jovens marcados para a fragmentação, mas em vez disso forçou uma porção de pais a tomar a decisão mais cedo. Ele imagina se seus pais teriam mudado de ideia caso tivessem mais um ano para decidir.

— Piratas de órgãos são o pior de tudo — conta Buldogue. — As armadilhas deles não são tão legais quanto as que os Juvis armam. Ouvi uma história sobre um caçador que usava armadilhas para animais na floresta e foi tirado do negócio quando pele animal foi proibida. Então, ele pegou as piores armadilhas para bichos que tinha e remodelou tudo pra pegar fragmentários. Cara, se uma dessas armadilhas fechar na sua perna, pode dizer adeus a ela. — Ele quebra um osso de frango ao meio para enfatizar o que diz, e Starkey estremece sem querer. — Tem outras histórias — afirma Buldogue, lambendo gordura dos dedos sujos —, tipo a desse menino do bairro onde eu morava. Os pais dele eram uns fracassados. Uns malucos drogados; eles é que deviam ter ido pra fragmentação, se na época deles tivesse essas coisas. Enfim, no aniversário de treze anos do cara, assinaram a ordem de fragmentação e contaram pra ele.

— Por que contaram pra ele?

— Pra ele fugir — explica Buldogue. — Mas olha só, eles sabiam de todos os

esconderijos dele e contaram pra um pirata de órgãos onde ele podia encontrar o cara. O pirata pegou ele, vendeu e dividiu o lucro com os pais do menino.

— Filhos da puta!

Buldogue encolhe os ombros e joga longe um osso de frango.

— Mas o cara era entrega da cegonha, então ninguém perdeu nada, né?

Starkey para de mastigar, mas só por um momento. Então, sorri, guardando os pensamentos para si.

— Isso. Ninguém perdeu nada.

Nessa noite, o menino com cara de cachorro leva Starkey até um túnel de esgoto onde anda se escondendo. Depois que o menino pega no sono, Starkey começa a trabalhar. Ele vai até uma vizinhança próxima e deixa um balde de frango frito na porta da casa de algum estranho, toca a campainha e sai correndo.

Não há frango no balde, porém. Em vez disso, há um mapa rabiscado à mão, junto com um bilhete que diz:

Quer dinheiro? Então, mande os Juvis até este lugar e vai ganhar uma bela recompensa. Feliz Natal!

Lá pelo amanhecer, Starkey observa de um telhado próximo enquanto Juvis invadem o túnel de esgoto e arrancam o menino com cara de cachorro lá de dentro como se fosse cera de ouvido.

— Parabéns, babaca — diz ele consigo. — A cegonha mandou um alô.

ANÚNCIO

“Quando meus pais assinaram a ordem de fragmentação, eu fiquei com medo. Não sabia o que ia acontecer comigo. Eu pensei: ‘Por que eu? Por que estou sendo punido?’. Mas, depois que cheguei ao Campo de Colheita BigSky, tudo isso mudou. Encontrei outras pessoas como eu e finalmente fui aceito como sou. Descobri que cada parte de mim é preciosa e valiosa. Graças à equipe do Campo de Colheita BigSky, eu não tenho mais medo de ser fragmentado.

O estado dividido? Uau! Que aventura!”

Todo fragmentário desertor rouba. É um argumento que as autoridades gostam de usar para convencer o público de que fragmentários são maçãs podres da casca até a semente — que a criminalidade faz parte de sua própria natureza, e a única forma de separá-los dela é separá-los de si mesmos.

Roubo, no entanto, não tem a ver com predisposição quando se trata de fragmentários. É simplesmente uma questão de necessidade. Jovens que nunca roubariam uma moeda descobrem que têm dedos mais grudentos que melaço e vivem grudando-os em todo tipo de itens surrupiados, de comida a roupas e medicamentos — as várias coisas de que precisam para sobreviver —, e aqueles que já são propensos ao crime se veem ainda mais atraídos para ele.

Starkey não é nenhum novato em atividades criminosas — embora, até recentemente, a maior parte de seus crimes tenha sido delitos de rebeldia. Ele furtava algo de uma loja se um atendente o olhasse com suspeita. Pichava trechos de sua própria filosofia, que normalmente envolviam certa palavra predileta começando com F, em edifícios que representavam as coisas que mais o irritavam. Ele até roubou o carro de um vizinho que sempre fazia os filhos pequenos entrarem quando via Starkey na rua. Levou uns amigos para dar um passeiozinho naquele carro. Todo mundo se divertiu. Ao longo do caminho ele raspou de lado em uma fila de carros estacionados, perdendo duas calotas e um para-choque. O passeio acabou quando o carro subiu em uma calçada e acertou uma caixa de correio que não quis sair da frente. O dano foi só o bastante para dar perda total no carro, que era exatamente o que Starkey queria.

Nunca puderam provar que foi ele, mas todo mundo sabia. Ele precisou admitir que não foi um de seus melhores momentos, mas tinha de fazer alguma coisa contra um homem que não achava que Starkey era bom o bastante para respirar o mesmo ar que os filhos dele. O cara simplesmente precisava ser punido por esse tipo de comportamento.

Tudo isso parecia pouco agora que ele era um assassino. Mas não — não faria bem nenhum pensar em si próprio dessa forma. Melhor pensar em si mesmo como um guerreiro: um soldado de infantaria na guerra contra a fragmentação. Soldados recebiam medalhas por abater o inimigo, não? Então, embora aquela noite no beco ainda o atormente em momentos de insegurança, na maior parte do tempo ele está de consciência limpa. Assim como quando começa a separar as pessoas de suas carteiras.

Imaginando que um dia seria um grande mágico de Las Vegas, ele costumava impressionar os amigos e aterrorizar os adultos ao fazer com que relógios desaparecessem dos pulsos e aparecessem nos bolsos de outras pessoas. Um truque simples, mas que ele levou muito tempo para aperfeiçoar. Fazer carteiras e bolsas desaparecerem obedece ao mesmo princípio. Uma mistura de distração,

dedos habilidosos e autoconfiança para fazer o serviço.

Esta noite, o alvo de Starkey é um homem que sai de um bar cambaleando de bêbado e guarda uma carteira bem gorda dentro do bolso largo do sobretudo. O bêbado remexe nas próprias chaves enquanto caminha até o carro. O garoto passa por ele, dando uma trombada forte o bastante apenas para fazer as chaves saltarem da mão, caindo na calçada.

— Ei, cara, desculpa — diz Starkey, apanhando as chaves e entregando-as ao homem. Este nem percebe os dedos da outra mão do garoto no bolso, erguendo a carteira no mesmo momento em que entrega a chave. Starkey sai andando a assobiar, sabendo que o homem já estará na metade do caminho de casa quando se der conta de que a carteira já era, e ainda por cima vai achar simplesmente que a esqueceu no bar.

Starkey dobra uma esquina, certificando-se de estar fora das vistas antes de abrir a carteira. No segundo em que o faz, um solavanco de eletricidade lhe atravessa o corpo com tamanha potência que as pernas desabam e ele cai semiconsciente, convulsionando.

Uma carteira-de-choque. Ele já ouviu falar dessas coisas, mas nunca tinha visto uma em ação até agora.

Dentro de instantes, o homem está ali, não tão bêbado quanto parecia, com mais três pessoas cujo rosto ele não consegue distinguir. Elas o levantam e o jogam na traseira de uma van estacionada.

Quando a porta desliza e se fecha e o carro acelera, o garoto, quase inconsciente, vê o rosto do ébrio/sóbrio olhando do alto para ele em meio à névoa carregada de eletricidade.

— Você é um fragmentário, um fugitivo ou só um vagabundo? — pergunta ele.

Os lábios de Starkey parecem borracha.

— Vagabundo.

— Ótimo — responde o “ex-bêbado”. — Isso elimina uma opção. Fragmentário ou fugitivo?

— Fugitivo — balbucia o garoto.

— Perfeito — devolve o homem. — Agora que definimos que você é um

fragmentário, sabemos o que fazer com você.

Starkey grunhe, e uma mulher fora de sua visão periférica ri.

— Não fique tão surpreso. Todo fragmentário tem essa expressão no olhar que vagabundos e fugitivos não têm. Nós já sabíamos a verdade sem que você dissesse nada.

Ele tenta se mexer, mas mal consegue erguer os membros.

— Não — diz uma garota que ele não consegue ver, em algum lugar atrás dele. — Não se mexe, ou te dou um choque ainda pior do que o da carteira.

Starkey sabe que caiu na armadilha de um pirata de órgãos. Ele achava que era mais esperto. Silenciosamente, xinga a própria sorte... até o homem que fingia estar bêbado dizer:

— Você vai gostar do esconderijo. A comida é boa, ainda que o lugar seja meio fedido.

— Q-quê?

Risadas por toda parte. Deve haver quatro ou cinco pessoas na van. Mas a visão não está clara o bastante para ele ter certeza.

— Eu adoro a cara que eles fazem — diz a mulher. Agora ela entra em seu campo de visão e sorri para ele. — Sabe quando a gente dispara dardos tranquilizantes em leões fugitivos pra levá-los de volta a um local seguro antes que eles se metam em encrenca? — pergunta ela. — Bom, hoje você é o leão.

ANÚNCIO DE UTILIDADE PÚBLICA

“Oi, criançada! Aqui é o Cão de Guarda Walter, de olhos abertos e nariz no chão! Nem todo mundo pode ser um cão farejador como eu, mas agora você pode fazer parte do meu Clube do Cão de Guarda Mirim! Você vai receber seu próprio kit do Cão de Guarda Mirim e um boletim mensal com jogos e dicas de como detectar crimes no seu bairro, desde estranhos suspeitos até ‘tocas de fragmentários’! Com você cuidando do caso, os bandidos e desertores não têm a menor chance! Então, junte-se a nós hoje! E lembre-se, Cão de Guarda Mirim: olhos abertos e nariz no chão!”

Patrocinado pela Patrulha do Bairro, Inc.

O esconderijo é uma estação de tratamento de esgoto. Automática. Nenhum funcionário aparece a não ser que alguma coisa quebre.

— Você se acostuma com o cheiro — dizem a Starkey no dia em que o levam para dentro. Ele acha difícil acreditar nisso, mas, no final das contas, é verdade.

Aparentemente, o olfato da pessoa percebe que vai perder a briga e acaba se acostumando e, como disseram na van, a comida realmente compensa.

O lugar é uma placa de Petri cheia de angústia, gerada por adolescentes cujos pais desistiram deles, e esse é o pior tipo de angústia que existe. Há brigas e comportamentos ridículos diariamente.

Starkey sempre foi um líder natural entre párias e personalidades limítrofes, e o esconderijo não é exceção. Rapidamente, ele sobe na hierarquia social. As notícias sobre sua fuga já estão produzindo fumaça no forno das fofocas, ajudando-o a angariar status desde o começo.

— É verdade que você atirou em dois Juvis?

— É.

— É verdade que você escapou da cadeia usando uma metralhadora?

— Claro, por que não?

E a melhor parte é que os adolescentes entregues pela cegonha — que, mesmo entre os fragmentários, são tratados como cidadãos de segunda classe — agora são a elite, graças a ele!

Starkey diz que os da cegonha vão comer primeiro? Eles comem primeiro. Starkey diz que eles vão ficar com as melhores camas, mais distantes dos dutos de ventilação fedidos? Eles ficam com as melhores camas. A palavra dele é lei. Até as pessoas que administram o lugar sabem que esse garoto é seu melhor recurso, e sabem que devem mantê-lo feliz, porque, se ele se tornar um inimigo, cada fragmentário neste lugar será um inimigo também.

Ele começa a se acomodar, imaginando que ficará aqui até completar dezessete anos, mas aí, no meio da noite, eles são acordados na marra e levados pela RAD — espalhados como as cartas de um baralho entre esconderijos diferentes.

— É assim que funciona — é o que dizem a eles. Os motivos, Starkey passa a entender, são dois. Primeiro, isso faz com que os jovens continuem se aproximando do lugar onde vão parar, qualquer que seja ele. Segundo, isso os separa para impedir que alianças se tornem permanentes. Mais ou menos como fragmentar a multidão em vez dos indivíduos, para mantê-los na linha.

Esse plano, no entanto, dá o resultado oposto com Starkey, porque em cada

esconderijo ele consegue conquistar respeito, construindo sua credibilidade entre cada vez mais pessoas. Em cada novo local ele trava contato com fragmentários que se acham os machos alfa do bando, tentando tomar o comando, mas na verdade são só uns betas esperando que um alfa de verdade os humilhe e domine.

Em cada caso, Starkey encontra uma oportunidade para desafiar, derrotar e se erguer. Depois, há outro passeio à meia-noite, outra agitação e um novo esconderijo. A cada vez ele adquire uma nova habilidade social, algo para servi-lo, algo para torná-lo ainda mais eficiente em reunir e estimular esses jovens assustados e raivosos. Não poderia haver melhor programa de liderança do que os esconderijos da Resistência Antidivisional.

Depois disso, é a vez dos caixões.

Eles aparecem no último esconderijo: um carregamento de caixões de madeira envernizada com rico forro de cetim. A maior parte dos adolescentes acha isso apavorante. Starkey acha divertido.

— Entrem! — É o que dizem os combatentes armados da resistência, parecendo mais soldados de operações especiais. — Sem perguntas. Só entrem. Dois em cada caixa! Andem!

Alguns jovens hesitam, mas os mais espertos logo arranjam um parceiro, como se fosse uma dança de salão, e ninguém quer ficar preso com alguém alto demais, gordo demais, sujo demais ou nervoso demais — porque nenhuma dessas coisas daria muito certo nos limites de um caixão —, mas ninguém entra antes de Starkey fazer um sinal com o queixo, aprovando.

— Se eles quisessem enterrar a gente — diz ele —, já teriam feito isso. — No final das contas, ele é mais persuasivo que os caras armados.

Escolhe dividir sua caixinha com uma menina franzina que está toda boba por ter sido escolhida por ele. Não que Starkey goste especialmente dela, mas a garota é tão pequena e magra que mal vai ocupar espaço. Uma vez encaixados juntos em uma apertada posição de conchinha, recebem um tanque de oxigênio e são fechados na escuridão do caixão.

— Eu sempre gostei de você, Mason — fala a garota, cujo nome ele não consegue lembrar. Está surpreso que ela saiba seu primeiro nome, já que ele nunca mais o usou. — De todos os meninos nos esconderijos, você é o único que me faz sentir segura.

Ele não responde; apenas a beija na nuca para sustentar a imagem de porto seguro no meio da tempestade. É um sentimento poderoso saber que você faz com que alguém se sinta seguro.

— A gente... *podia*, sabe... — diz ela timidamente.

Ele a faz recordar que a equipe da RAD foi muito clara:

— Nada de atividades extracurriculares — eles haviam dito —, ou vocês vão esgotar o oxigênio e morrer.

Starkey não sabe se isso é verdade, mas certamente é um bom argumento de contenção. Além disso, mesmo que alguém fosse burro o suficiente para tentar a sorte, não há espaço suficiente para se mexer, muito menos para gerar qualquer tipo de fricção, então a questão é discutível. Ele imagina se é algum tipo de pegadinha perversa que os adultos estão pregando ao jogar adolescentes cheios de hormônios em um espaço apertado, mas ao mesmo tempo tornar impossível fazer outra coisa além de respirar.

— Eu não me importaria de sufocar se fosse com você — diz a garota, o que é lisonjeiro, mas faz com que ele fique ainda menos interessado nela.

— Vai haver um momento melhor — diz Starkey, sabendo que essa hora nunca chegará (pelo menos, não para ela), mas a esperança é um incentivo poderoso.

Por fim, eles se acomodam em um ritmo de respiração simbiótica. Ele inspira quando ela expira, de forma que os peitos não briguem pelo espaço.

Depois de um tempo, há um movimento brusco. Com o braço agora ao redor da garota, ele a abraça um pouco mais forte, sabendo que aliviar o medo dela aliviará, de alguma forma, o seu próprio. Logo há um estranho tipo de aceleração, como se estivessem em um carro veloz, mas o ângulo muda, inclinando-os.

— Um avião? — pergunta a garota.

— Acho que sim.

— E agora?

Ele não responde, pois não sabe. Começa a se sentir meio zozinho e, lembrando-se do tanque de oxigênio, vira a válvula, fazendo-o chiar lentamente. O caixão não é exatamente hermético, mas é fechado o bastante para que eles sufoquem

sem esse oxigênio, mesmo dentro do casco pressurizado de um avião. Dentro de alguns minutos, a exaustão causada pelo estresse leva a garota a pegar no sono, mas Starkey, não. Finalmente, uma hora depois, o solavanco súbito da aterrissagem faz com que ela desperte de um susto.

— Onde você acha que a gente está? — pergunta a menina.

Starkey está irritado com a falta de espaço, mas tenta não demonstrar.

— Logo, logo a gente vai descobrir.

Vinte minutos de expectativa e, por fim, a tampa é destrancada e aberta, fazendo com que a dupla ressurja dos mortos.

Há um garoto sorridente com aparelho dentário acima deles.

— Oi, eu sou o Hayden e serei seu salvador particular hoje — diz ele, radiante. — Oh, olha! Nada de vômito nem outros fluidos corporais desagradáveis. Seus sortudos!

Com quase nenhum sangue circulando pelos pés, Starkey se junta a uma procissão que cambaleia para fora do compartimento de carga do avião rumo ao dia ofuscante. O que ele vê diante de si quando os olhos se adaptam à claridade parece mais miragem que realidade.

É um deserto lotado de milhares de aviões.

Ele já ouviu falar de lugares como este, cemitérios de aviões onde naves desativadas vêm morrer. Ao redor deles há adolescentes em trajes camuflados de exército, portando armas. Não são diferentes dos adultos lá no esconderijo, só mais jovens. Eles arrebanham os recém-chegados em uma fila meio frouxa no final da rampa de saída.

Um jipe chega. Claramente, quem vem nele é alguém importante, alguém que dirá a eles por que estão aqui.

O jipe para, e de dentro dele sai um jovem de aparência comum em trajes azuis camuflados. Tem a idade de Starkey, ou é só um pouco mais velho, e tem cicatrizes no lado direito do rosto.

Enquanto a multidão dá uma boa olhada nele, as pessoas começam a murmurar, agitadas. O garoto ergue a mão para silenciá-las e Starkey percebe uma tatuagem de tubarão no braço dele.

— Sem chance! — diz um menino gordo ao lado de Starkey. — Sabe quem é

esse cara? É o Desertor de Akron! É o Connor Lassiter!

— Não seja ridículo — zomba Starkey. — O Desertor de Akron morreu.

— Não morreu, não! É ele ali!

A simples ideia gera uma onda de adrenalina que percorre o corpo de Starkey, finalmente levando a circulação de volta aos membros. Mas não... enquanto olha para esse adolescente tentando reinar sobre o caos, percebe que não poderia ser Connor Lassiter. Esse cara não tem nada a ver com o que ele esperaria. O cabelo é uma zona, não penteado para trás de um jeito descolado, como Starkey sempre imaginou que seria. O sujeito parece simpático e honesto demais — não exatamente inocente, mas não está nem perto de exhibir o tipo de fúria fatigada que o Desertor de Akron exibiria. A única coisa nele que poderia ao menos lembrar de leve a imagem que Starkey tem de Connor Lassiter é o sorriso malicioso e sutil que ele parece ter sempre no rosto. Não, esse cara aí, tentando comandar e pedir respeito, não é ninguém especial. Ninguém mesmo.

— Me deixem ser o primeiro a dar a vocês as boas-vindas ao Cemitério — começa ele, oferecendo o que deve ser o mesmo discurso que dá a cada leva de recém-chegados. — Oficialmente, meu nome é Elvis Robert Mullard... mas meus amigos me chamam de Connor.

Os fragmentários dão vivas e urras.

— Eu te falei! — diz o garoto gordo.

— Isso não prova nada — retruca Starkey, a mandíbula tensa e os dentes travados enquanto o discurso continua.

— Vocês todos estão aqui porque foram marcados para a fragmentação, mas escaparam, e, graças aos esforços de muitas pessoas da Resistência Antidivisional, vocês conseguiram chegar aqui. Este vai ser o seu lar até que completem dezessete anos e não possam mais ser fragmentados. Essa é a boa notícia...

Quanto mais ele fala, mais o coração de Starkey afunda no peito, e ele começa a perceber a verdade. Este é o Desertor de Akron — e ele não é nem um pouco especial. Na verdade, mal dá para o gasto.

— A má notícia é que a Autoridade Juvenil sabe que nós existimos. Eles sabem onde estamos e o que fazemos. Mas, até hoje, eles nos deixaram em paz.

Starkey está impressionado com a injustiça disso tudo. Como é que pode? Como é possível que o grande campeão dos fragmentários fugitivos seja só um carinha comum?

— Alguns de vocês só querem sobreviver até os dezessete, e eu não os culpo — continua Connor. — Mas sei que muitos de vocês arriscariam tudo pra acabar com a fragmentação de uma vez por todas.

— É! — berra Starkey, garantindo que seja alto o bastante para desviar a atenção dos outros de Connor, e ele começa a socar o ar com o punho. — Happy Jack! Happy Jack! Happy Jack! — Consegue fazer com que várias pessoas ecoem suas palavras. — Vamos explodir até o último campo de colheita! — grita ele. Contudo, embora tenha instigado a multidão, basta um olhar de Connor para todos voltarem a silenciar.

— Sempre tem um desses — comenta Hayden, balançando a cabeça.

— Sinto muito por te desapontar, mas nós *não* vamos explodir Ferros-Velhos — informa Connor, olhando diretamente para Starkey. — Eles já nos veem como violentos, e os Juvis usam o medo do público para justificar a fragmentação. Não podemos incentivar isso. Não somos batedores. Não vamos cometer atos aleatórios de violência. Vamos *pensar* antes de agir...

Starkey não aceita bem a reprimenda. Quem é esse cara para cortá-lo desse jeito? Ele continua a falar, mas Starkey não está mais ouvindo, pois Connor não tem nada a dizer para ele. Mas os outros ouvem, e isso o faz queimar de raiva.

Agora, parado ali, esperando o dito Desertor de Akron calar a boca, uma semente começa a germinar na mente de Starkey. Ele matou dois Juvis. Sua lenda já se espalhou, e, diferentemente de Connor, ele não teve de fingir a própria morte para se tornar lendário. Não consegue evitar um sorriso. O pátio do ferro-velho de aviões está cheio de centenas de fragmentários, mas, no fim, não é diferente dos esconderijos — e, assim como os esconderijos, aqui está só mais um macho beta esperando que um alfa como Starkey o coloque em seu lugar.

2 · Miracolina

A garota soube desde sempre que seu corpo havia sido consagrado a Deus.

Ela sempre esteve consciente de que, em seu aniversário de treze anos, seria dizimada e experimentaria o glorioso mistério de ter um corpo dividido e uma alma espalhada em rede. Não como em uma rede de computadores — pois a transferência da alma de uma pessoa para um equipamento acontece apenas nos filmes, e o resultado nunca é bom. Não, essa seria uma rede *verdadeira*, em carne viva. Um alongamento do espírito entre as dezenas de pessoas tocadas pelo corpo dividido dela. Há quem diga que isso é a morte, mas ela crê que seja algo mais — algo místico, e crê nisso com cada partícula de sua alma.

— Eu suponho que ninguém possa saber como é tal divisão até experimentá-la pessoalmente — disse uma vez o padre. Parecia-lhe estranho que o padre, que sempre confiara tanto no dogma da igreja, falasse de incerteza sempre que falava sobre o dízimo.

— O Vaticano ainda não definiu uma posição quanto à fragmentação — explicou ele —, então, até que seja endossado ou perdoado, posso ter toda a incerteza que eu quiser.

Ela sempre ficava agitada quando ele se referia ao dízimo como fragmentação, como se fossem a mesma coisa. Não são. Na opinião dela, os amaldiçoados e indesejados são fragmentados — mas os abençoados e amados são dizimados. O processo pode ser o mesmo, mas a intenção é diferente, e, neste mundo, intenção é tudo.

Seu nome é Miracolina — da palavra italiana para “milagre”. Recebeu esse nome porque foi concebida para salvar a vida do irmão, Matteo, que foi diagnosticado com leucemia quando tinha dez anos. A família havia se mudado de Roma para Chicago para dar a ele tratamento médico, mas, mesmo com bancos de colheita por todo o país, foi impossível encontrar uma medula compatível com seu raro tipo sanguíneo. A única forma de salvá-lo era criar material equivalente — e isso foi exatamente o que seus pais fizeram. Nove meses depois, Miracolina nasceu, os médicos retiraram a medula óssea de seu quadril e a usaram em Matteo, e o irmão foi salvo. Fácil assim. Agora, ele tem vinte e dois anos e está na faculdade, tudo graças a ela.

Mesmo antes de entender o que significava ser um dízimo, ela sabia que era a décima parte de algo maior.

— Tínhamos dez embriões *in vitro* — contara-lhe um dia a mãe. — Só um era compatível com Matteo, e esse era você. Você não foi nenhum acidente, *mi carino*. Nós te escolhemos.

A lei era bem específica no que dizia respeito aos outros nove embriões. A família teve de pagar nove mulheres para levar as gestações a termo. Depois disso, as mães de aluguel podiam fazer como quisessem — ou criar os bebês, ou entregá-los via cegonha a um bom lar.

— Mas, não importa o custo, valeu a pena — disseram-lhe os pais — ter tanto o Matteo como você.

Agora, à medida que a hora do dízimo se aproxima, é um conforto para Miracolina saber que ela tem nove gêmeos por aí — e quem sabe? Talvez uma parte de seu ser dividido vá ajudar algum desses irmãos desconhecidos.

Quanto à razão de ela estar passando pela dizimação, não tem nada a ver com porcentagens.

— Fizemos um pacto com Deus — os pais lhe disseram quando ela era mais jovem — que, se você nascesse, e o Matteo sobrevivesse, demonstraríamos nossa gratidão entregando você de volta a Deus por meio do dízimo.

Miracolina entendeu, mesmo sendo tão nova, que um pacto tão poderoso não era fácil de quebrar.

Recentemente, seus pais haviam se tornado mais e mais sentimentais ao pensar nisso.

— Nos perdoe — imploravam a ela de novo e de novo, frequentemente em lágrimas. — Por favor, nos perdoe pelo que fizemos. — E ela sempre os perdoava, muito embora o pedido a deixasse perplexa. Miracolina sempre se sentiu abençoada por ser um dízimo; por conhecer, sem dúvida, seu destino e propósito. Por que os pais deveriam sentir-se mal por dar a ela um propósito?

Talvez a culpa que eles sintam seja por não dar à filha uma grande festa — mas, até aí, esta sempre foi a escolha dela.

— Em primeiro lugar — disse ela aos pais —, um dízimo deve ser solene, não ruidoso. Em segundo, quem é que viria à festa?

Eles não podiam contestar essa lógica. Enquanto a maioria dos dízimos vem de comunidades ricas e pertence ao tipo de igreja que espera a dizimação, eles vivem em um bairro da classe trabalhadora que não é exatamente simpático à questão do dízimo. Quando você é de uma dessas famílias ricas, cercadas de pessoas com as mesmas ideias, há muitos amigos para apoiar você na sua festa do dízimo — o suficiente para compensar os convidados que acham a ideia perturbadora. Mas, se Miracolina desse uma festa, todos os convidados se sentiriam desconfortáveis. Não é assim que ela quer passar a última noite com a família.

Então, nada de festa. Em vez disso, ela passa a noite diante da lareira, sentada entre os pais e alternando cenas favoritas de filmes favoritos. Sua mãe até prepara o prato favorito dela, *rigatoni all'amatriciana*.

— Ousado e marcante — diz a mãe. — Como você.

Ela dorme esta noite, sem ter sonhos desagradáveis, ou pelo menos nenhum de que consiga se lembrar, e de manhã acorda cedo, veste as roupas simples e brancas do dia a dia e diz aos pais que está indo para a escola.

— A van não vem me buscar até as quatro da tarde de hoje, então por que desperdiçar o dia?

Embora os pais prefiram que ela fique em casa com eles, hoje as vontades da menina prevalecem.

Na escola, ela passa pelas aulas, já sentindo uma distância onírica de tudo isso. No fim de cada aula, os professores lhe entregam desajeitadamente todos os seus trabalhos escolares e notas, calculados mais cedo.

— Bom, então, eu acho que é isso — diz cada professor, de um jeito ou de outro. A maioria deles mal pode esperar para vê-la sair da sala. O professor de ciências, no entanto, é mais gentil, passando um tempo extra com ela.

— Meu sobrinho foi dizimado alguns anos atrás — conta ele. — Um menino maravilhoso. Sinto uma falta enorme dele. — O professor se detém, parecendo viajar longe em pensamento. — Me contaram que o coração dele foi para um bombeiro que salvou uma dúzia de pessoas de um prédio em chamas. Não sei se é verdade, mas gosto de acreditar que sim.

Miracolina gosta de acreditar também.

Ao longo do dia, os colegas de classe agem de forma tão desajeitada quanto os

professores. Alguns fazem questão de se despedir. Alguns até oferecem abraços desconfortáveis, mas o resto diz adeus de uma distância segura, como se o dízimo fosse, de alguma forma, contagioso.

Por fim, há os outros. Os cruéis.

— Te vejo *aqui e ali* — diz um menino atrás dela durante o almoço, e os jovens ao redor dele riem. Miracolina se vira e o menino tenta esconder-se atrás do bando de amigos grasnantes, achando que está a salvo dentro daquela nuvem de transpiração adolescente fedorenta, mas ela reconhece a voz dele e sabe exatamente quem é. Abre caminho entre os amigos dele para encará-lo friamente.

— Ah, você não vai me ver, Zach Rasmussen... mas, se qualquer parte de mim te vir, vou *garantir* que você saiba.

O rosto do menino fica esverdeado.

— Sai fora — diz ele. — Vai lá ser dizimada. — Mas ainda há aquele ar de medo inquieto por trás da bravata idiota.

Ótimo, pensa Miracolina. Espero que ele tenha pesadelos com isso.

A escola é enorme, então, mesmo que dízimos não sejam comuns na vizinhança, há outros quatro, todos vestidos de branco como ela. Antes, havia seis, mas os dois mais velhos já se foram. Os dízimos restantes são seus amigos verdadeiros. São aqueles a quem ela sente a necessidade de dizer adeus. Estranhamente, são todos de origens e credos diferentes. Cada um é membro de uma seita dissidente de uma religião — uma seita que leva muito a sério o compromisso do sacrifício pessoal. Engraçado, pensa Miracolina, como essas mesmas religiões brigaram por suas diferenças durante centenas de anos e, ainda assim, no dízimo, todas são como uma.

— Todos devemos nos doar: ser caridosos e abnegados — diz Nestor, o amigo dízimo mais próximo de sua idade, a apenas um mês da própria dizimação. Ele segura as mãos dela, dando-lhe um adeus caloroso. — Se a tecnologia nos permite um novo jeito de nos doar, como poderia ser errado?

Só que há pessoas que dizem que é errado, *sim*. Ultimamente, mais e mais pessoas. Há até um ex-dízimo por aí — aquele que se tornou batedor, que as pessoas veem como um exemplo. Bom, quão estável será que ele é? Afinal, ele se tornou um batedor, pelo amor de Deus. Na opinião de Miracolina, se alguém

prefere explodir a si mesmo em lugar de ser dizimado, bom, é o mesmo que roubar do prato de coleta da igreja, não? É simplesmente errado.

Quando termina o dia na escola, ela caminha para casa como em qualquer outro dia. Quando entra na rua onde mora, vê o carro do irmão estacionado na frente da casa. Primeiro, fica surpresa — a faculdade onde ele estuda fica a cinco horas de distância —, mas está feliz que Matteo tenha vindo vê-la.

São exatamente três da tarde, uma hora até a van chegar, e seus pais já estão chorando. Ela gostaria que não estivessem, que pudessem enfrentar isso tão estoicamente quanto ela, ou mesmo Matteo, que decide passar o tempo falando só das boas memórias.

— Lembra daquela vez que a gente foi pra Roma e você quis brincar de esconde-esconde no Museu do Vaticano?

Miracolina sorri com a lembrança. Ela havia tentado se esconder na banheira de Nero — uma enorme tigela de pedra marrom que poderia praticamente abrigar um elefante.

— Os seguranças tiveram um ataque! Pensei que eles fossem me levar pro papa e que ele ia me bater, daí eu corri.

Matteo ri.

— Você ficou desaparecida por, tipo, uma hora. A mãe e o pai já estavam arrancando os cabelos.

Desaparecida não é a palavra certa, porém. Ninguém desaparece em um museu — você só é temporariamente absorvido pelas paredes. Ela se lembra de deslocar-se por entre as multidões do Vaticano, até ver-se parada no meio da Capela Sistina, olhando para a obra-prima de Michelangelo lá no alto, cobrindo as paredes e o teto. E lá, no meio de tudo, estava o elo divino entre o céu e a terra. A mão de Adão estava tão próxima da de Deus, ambos esforçando-se para alcançar um ao outro, mas o peso impossível da gravidade impedia o homem de realmente tocar os céus.

Ela ficou ali, olhando para cima, esquecendo que deveria estar escondida, pois quem poderia se esconder em um lugar consagrado à revelação de um mistério? E foi exatamente onde a família a encontrou; em meio a centenas de turistas, olhando para a maior obra de arte já criada pela mão humana — a grande tentativa da humanidade de alcançar a perfeição.

Ela tinha apenas seis anos, mas ainda assim as imagens da capela a fascinaram, embora não tivesse ideia do que significavam. Tudo o que sabia era que ela mesma era exatamente como este lindo lugar, e, se alguém pudesse enxergar dentro dela, veria afrescos gloriosos pintados nas paredes de sua alma.

A van chega dez minutos mais cedo e espera na frente da casa. Há um logotipo chamativo pintado na lateral do carro, dizendo CAMPO DE COLHEITA WOOD HOLLOW! UM LUGAR PARA JOVENS!

Miracolina vai até o quarto para pegar a mala — uma malinha ocupada apenas por alguns conjuntos de roupas brancas e alguns objetos de necessidades básicas. Agora, os pais choram e choram, implorando novamente por perdão. Desta vez, no entanto, isso simplesmente a enfurece.

— Se a dizimação faz vocês se sentirem culpados, não é problema meu — afirma ela —, porque eu estou em paz com isso. Por favor, me respeitem o bastante para ficar em paz também.

Isso não ajuda em nada. Só faz com que as lágrimas deles desçam em um fluxo ainda mais constante.

— O único motivo pra você estar em paz com isso — diz o pai — é que nós te educamos pra se sentir assim. A culpa é nossa. A culpa é toda nossa.

Miracolina olha para eles e dá de ombros.

— Então, mudem de ideia — sugere. — Quebrem o acordo com Deus e não me dizimem.

Eles olham para a menina como se ela estivesse lhes oferecendo um presente glorioso, a salvação do inferno. Até Matteo parece esperançoso.

— Sim, é isso que vamos fazer! — diz a mãe. — Não assinamos os últimos papéis ainda. Ainda podemos mudar de ideia!

— Tudo bem — responde Miracolina. — Vocês têm certeza de que é isso que querem?

— Sim! — afirma o pai com alívio intenso. — Sim, temos certeza.

— Absoluta?

— Sim.

— Que bom, porque agora vocês podem viver livres da culpa. — Miracolina

pega a mala. — Mas, independentemente do que vocês escolherem, eu estou indo. Essa é a *minha* escolha.

Então, ela abraça a mãe, o pai e o irmão e sai sem olhar para trás — sem nem mesmo se despedir, pois despedidas implicam um fim, e, mais do que tudo nesta vida, Miracolina Roselli quer acreditar que a dizimação é um início.

ANÚNCIO

“Quando o comportamento do Billy se tornou impossível de suportar, e nós começamos a temer pela nossa própria segurança, fizemos a coisa mais humana. Nós o mandamos para um campo de colheita, para que ele pudesse encontrar a plenitude no estado dividido. Mas hoje, com a restrição de idade impedindo que pessoas de dezessete anos sejam fragmentadas, não teríamos essa escolha. Só na semana passada uma menina de dezessete anos no nosso bairro se embbedou, bateu o carro e matou duas pessoas inocentes. Será que isso teria acontecido se os pais dela tivessem podido escolher mandá-la para o campo de colheita? Você sabe a resposta.”

VOTE SIM NA PROPOSTA 46! Acabe com a Lei dos Dezessete e remova a barreira à fragmentação de adolescentes!

Pago por Cidadãos por um Amanhã Sadio

É uma viagem de três horas até o Campo de Colheita Wood Hollow. A van é toda assentos de couro macio e música pop tocando nas caixas de som caras. O motorista é um homem de barba grisalha, um largo sorriso e uma barriguinha grande o bastante para fazê-lo parecer um tio amigável. Um Papai Noel em formação.

— Animada pro seu grande dia? — pergunta o Chofer Noel enquanto eles se afastam do lar e da família de Miracolina. — Você ganhou uma bela festa de díizimo?

— Sim e não — responde ela. — Estou animada, mas nada de festa.

— Aah... que pena. Por que não?

— Porque a dizimação não é para isso.

— Ah — é tudo o que o Chofer Noel consegue dizer. A resposta de Miracolina é de estragar qualquer conversa, o que está ótimo para ela. A última coisa que quer é recapitular sua vida para este homem, não importa quão amigável ele seja.

— Tem bebidas no refrigerador — diz ele. — Sirva-se. — Depois disso, ele a deixa em paz.

Vinte minutos de corrida e, em vez de virar para a estrada interestadual, eles entram em um condomínio fechado.

— Tenho mais uma pessoa para pegar esta tarde — informa o Chofer Noel. — As terças-feiras são meio fracas, então é só essa parada. Espero que você não se importe.

— Não, tudo bem.

Eles param diante de uma casa que é pelo menos três vezes maior que a de Miracolina, na frente da qual um menino de roupa branca aguarda com a família. Ela não observa enquanto ele se despede. Olha pela outra janela, permitindo-lhes privacidade. Finalmente, o motorista abre a porta e entra no carro um menino com cabelo preto liso, perfeitamente aparado, grandes olhos azuis e pele tão pálida quanto porcelana — como se ele tivesse sido mantido longe do sol por toda a vida para manter a pele tão imaculada quanto bumbum de nenê até o dia do dízimo.

— Oi — diz ele timidamente. Seu traje branco é de cetim brilhante com barra de brocado dourado. Os pais desse menino não pouparam despesas. As roupas de Miracolina, por outro lado, são de seda crua simples, sem alvejante, de forma a não tornar o branco tão chamativo. Comparado ao dela, o traje do menino é como um letreiro de neon.

Os assentos da van não são uns atrás dos outros, mas voltados para o centro, para encorajar a camaradagem. O garoto senta-se de frente para ela, pensa por um momento e depois estica o braço no vão entre eles, oferecendo a mão em um cumprimento.

— Eu sou o Timothy — diz ele.

Ela aperta-lhe a mão. Está úmida e fria de suor, como as mãos da gente ficam antes de uma peça de teatro na escola.

— Meu nome é Miracolina.

— Uau, que baita nome! — Então ele dá uma risadinha, provavelmente zangado consigo mesmo por ter dito isso. — As pessoas te chamam de Mira, ou Lina, ou algum outro apelido?

— É Miracolina — informa ela. — E ninguém me chama por apelidos.

— Tá bom, então, prazer em te conhecer, Miracolina.

O motorista liga o motor da van e Timothy acena em adeus para a enorme família que ainda está diante da casa. Embora eles também acenem, está claro que não conseguem vê-lo através do vidro escuro. O carro deixa o acostamento e começa a se afastar do condomínio. Antes mesmo que passem pelo portão, Timothy começa a parecer desconfortável, como se estivesse com dor de estômago, mas Miracolina sabe que, se o estômago o incomoda, é só um sintoma de algo mais. Esse menino ainda não está em paz com o papel de dízimo. Ou, se já esteve, perdeu-a no momento em que a porta da van se fechou, cortando o cordão umbilical que o ligava à antiga vida. Por mais ofendida que a menina se sinta com a roupa luxuosa e a vizinhança exclusiva, ela começa a sentir pena dele. O medo paira no ambiente ao redor deles como uma teia cheia de viúvas-negras. Ninguém deveria partir para a dizimação em meio ao terror.

— Então, a viagem demora três horas ou coisa assim? — pergunta Timothy, a voz trêmula.

— Sim — responde o Chofer Noel alegremente. — Tem um sistema de entretenimento com centenas de filmes pré-programados para vocês passarem o tempo. Aproveitem!

— Sim, tá bom, claro — diz o menino. — Quem sabe mais tarde.

Por alguns minutos, ele parece perdido nos próprios pensamentos. Então, volta a falar com Miracolina:

— Dizem que os dízimos são muito bem tratados nos campos de colheita. Você acha que é verdade? Dizem que tem muita diversão e que a gente fica com um monte de outras pessoas iguais à gente. — Ele pigarreia, limpando a garganta. — Dizem até que a gente pode escolher o dia de... de... bom, você sabe...

Miracolina sorri calorosamente para ele. Normalmente, dízimos como Timothy vão para o campo de colheita em limusines — mas ela sabe por que ele não foi, mesmo sem perguntar. Ele não queria fazer o trajeto sozinho. Bom, se o destino os juntou nesse dia decisivo, ela será a amiga de que ele precisa.

— Tenho certeza de que o campo de colheita vai ser exatamente a experiência que você quer que seja — afirma ela — e que, quando você escolher sua data, vai escolher por estar pronto. É por isso que eles nos deixam escolher. Para que a decisão seja *nossa* e de ninguém mais.

Timothy a encara com aqueles olhos perfeitos e profundos.

— Você não está com um pingô de medo, né?

Ela decide responder com outra pergunta:

— Você já voou de avião?

— Hein? — Timothy fica surpreso com a mudança de assunto. — Sim, várias vezes.

— Ficou com medo da primeira vez que voou?

— Sim, claro, eu acho.

— Mas você foi mesmo assim. Por quê?

Ele dá de ombros.

— Eu queria chegar aonde eu estava indo, e meus pais estavam comigo e disseram que ficaria tudo bem.

— Bom — responde a menina —, aí está.

Timothy olha para ela, piscando com um tipo de inocência que Miracolina acredita nunca ter tido.

— Então, você não está com medo?

Ela suspira.

— Sim, estou com medo — admite. — Muito medo. Mas, quando você acredita que tudo vai ficar bem, pode apreciar o medo. Pode usá-lo pra te ajudar em vez de deixar que ele te machuque.

— Ah, entendi — diz ele. — É como um filme de terror, né? Você pode se divertir com ele porque sabe que não é de verdade, não importa quanto medo ele dê. — Então, pensa um pouco mais no assunto. — Mas ser fragmentado é real. Não é como se a gente fosse sair do cinema e ir pra casa. Não é como se eu fosse descer no avião e entrar na Disneylândia.

— É o seguinte — interrompe Miracolina, antes que ele possa se arrastar de volta para seu poço de desespero cheio de aranhas. — Vamos ver um desses filmes de terror e tirar todo o medo da cabeça antes de chegar ao campo de colheita.

Timothy concorda, obediente:

— Sim, claro, tudo bem.

No entanto, enquanto ela passa por todos os filmes pré-programados, vê que nenhum deles é de terror. São todos filmes de comédia e “para toda a família”.

— Tudo bem — comenta o menino. — Pra dizer a verdade, eu nem gosto mesmo de filmes de terror.

Dentro de instantes eles estão na interestadual em boa velocidade. Timothy se contenta com videogames para impedir que a mente vague por lugares sombrios, e Miracolina coloca os fones de ouvido, ouvindo sua própria seleção eclética de músicas, em vez dos sucessos pop insípidos da van. Há 2.129 músicas no iChip dela, e ela está determinada a ouvir tantas quantas puder antes do dia em que passará ao estado dividido.

Cerca de duas horas e trinta músicas depois, o carro sai da interestadual e entra em uma linda estrada que serpenteia por entre um bosque fechado.

— Só falta uma hora — informa o Chofer Noel. — Viemos bem rápido!

Então, enquanto fazem uma curva, ele pisa no freio e a van para de uma vez, guinchando.

Miracolina tira os fones de ouvido.

— O que está acontecendo? O que há de errado?

— Fiquem aí — ordena o motorista, não mais amistoso, e salta para fora do veículo.

Timothy já está com o nariz apertado contra a janela, olhando para fora.

— Isso não pode ser bom.

— Não — concorda a garota. — Não pode.

Logo ao lado da estrada, em uma vala, está outra van do Campo de Colheita Wood Hollow, mas esta está capotada, de rodas para o alto. Não é possível saber há quanto tempo está assim.

— Ela deve ter furado um pneu ou coisa assim e escorregado pra fora da estrada — comenta Timothy. Mas nenhum dos pneus parece estourado.

— A gente deveria chamar socorro — diz Miracolina... mas ninguém leva telefones para o campo de colheita, então nem ela nem o garoto tem um.

Nessa hora, há uma comoção no exterior. Meia dúzia de pessoas vestidas de preto com rostos ocultos sob máscaras de esqui chega saltando pela mata, de

todas as direções. O chofer é atingido no pescoço por uma bala tranquilizante e cai como um boneco de pano pesado demais.

— Tranca a porta! — grita Miracolina.

Ela não espera. Empurra Timothy, tirando-o do caminho, para chegar à porta destrancada do motorista — mas não é rápida o bastante. Assim que estica a mão para a trava, a porta é aberta por fora e o assaltante aperta o botão que destrava todas as portas. Todas elas se abrem de uma vez nas mãos dos atacantes mascarados. Claramente, essas pessoas já fizeram isso antes e se tornaram experientes. Timothy grita quando mãos se estendem para dentro, puxando-o para fora. Ele tenta se livrar, mas não adianta. Se o medo é uma teia, então as aranhas acabam de pegá-lo.

Duas outras figuras tentam pegar Miracolina e ela se abaixa no chão do carro, chutando-as.

— Não me toquem! Não me toquem!

Seu medo, que estava tão completamente sob controle, explode dentro dela agora, pois a violação de sua jornada é um desconhecido muito maior do que o campo de colheita. Ela chuta, morde e arranha, aterrorizada e enfurecida, mas não adianta — pois, no fim, ela ouve o *pffft* delator de uma arma tranquilizante. Sente o impacto agudo da bala quando ela se crava no braço, e o mundo fica escuro enquanto ela gira, desamparada, até aquele lugar atemporal aonde todas as almas sedadas vão.

ANÚNCIO

“Você não me conhece, mas conhece alguém como eu. Fui diagnosticado com câncer no fígado na mesma semana em que recebi minha carta de aprovação na Universidade Harvard. Meus pais e eu não achamos que fosse um problema, mas, quando falamos com os médicos, descobrimos que havia escassez de órgãos e fígados estavam em falta. Disseram que eu teria de entrar em uma lista de espera. Agora, três meses depois, meu nome ainda não foi chamado, e sabe aquela carta de aprovação? Bom, acho que minha educação vai ter de esperar.

E agora as mesmas pessoas que baixaram a restrição etária da fragmentação querem aprovar um período de espera de seis meses depois que os pais assinam a ordem de fragmentação, para o caso de eles mudarem de ideia. Seis meses? Em seis meses eu não vou estar mais aqui.”

INDECISÃO MATA! VOTE CONTRA A PROPOSTA 53!

Pago por Pais por um Futuro Positivo

Acordar depois de ter tomado um tranco não é uma experiência agradável.

Com a consciência vem uma dor de cabeça insuportável, um gosto horrível na boca e a sensação perturbadora de que algo foi roubado de você.

Miracolina acorda com o som de alguém chorando ao lado dela, implorando por misericórdia. Reconhece a voz de Timothy. Ele definitivamente não é o tipo de menino preparado para lidar com uma situação como essa. Porém, ela não consegue vê-lo, pois seus olhos estão cobertos por uma venda grossa.

— Tá tudo bem, Timothy — diz ela na escuridão. — O que quer que esteja acontecendo, vai ficar tudo bem.

Ouvir a voz dela reduz as súplicas e os soluços dele, transformando-os em ganidos.

A garota se mexe para perceber a posição do próprio corpo. Está sentada ereta, e o pescoço dói da posição na qual a cabeça pendia quando estava adormecida. As mãos estão atrás das costas, amarradas e juntas. As pernas estão presas à cadeira na qual ela está sentada. Não dói, mas está apertado o bastante para garantir que ela não se libertará.

— Tá bem — ela ouve a voz de um garoto na frente deles. — Podem tirar as vendas dos dois.

As vendas são puxadas e, embora a luz ao redor não seja ofuscante, ainda é doloroso manter os olhos abertos. Ela aperta os olhos, deixando que se adaptem e se foquem lentamente.

Estão em algum tipo de salão de festas grande e com pé-direito alto. Lustres de cristal, obras de arte nas paredes — parece o tipo de lugar onde a realeza da França teria recebido a alta sociedade antes da decapitação. Só que este lugar está caindo aos pedaços. Há buracos no teto através dos quais pombos voam livremente, entrando e saindo com a luz do dia. As pinturas estão descascadas e danificadas pelo tempo, e há fedor de mofo por toda parte. Não dá para dizer quão longe de seu destino eles estão agora.

— Sinto muito por termos precisado fazer desse jeito — diz o menino sentado à frente deles. Não está vestido como nenhum membro da realeza. Nem mesmo realeza mofada. Ele usa jeans simples e uma camiseta azul-clara. O cabelo é de um castanho pálido, quase loiro, e longo demais, como se ele não fizesse um corte de cabelo há muito tempo. Parece ter a idade dela, mas a expressão cansada nos olhos o faz parecer mais velho, como se ele tivesse visto muito mais coisas do que alguém deveria ver nessa idade. De alguma forma indefinível, também

parece um pouco frágil.

— Não podíamos correr o risco de machucar vocês ou de deixar que descobrissem aonde viríamos. Foi o único jeito seguro de resgatar vocês.

— Nos resgatar? — repete Miracolina, falando pela primeira vez. — É assim que vocês chamam isso?

— Bom, pode não parecer um resgate no momento, mas, sim, foi exatamente o que fizemos.

E, de repente, ela sabe quem é esse rapaz. Uma onda de raiva e náusea passa por ela. De todas as coisas injustas que poderiam lhe acontecer, por que ela tinha de encarar isso? Por que tinha de ser capturada por ele? Ela sente o tipo de fúria, o tipo de ódio que sabe que não faz bem à alma, especialmente agora, tão perto da dizimação — mas, por mais que tente, não consegue expurgar toda essa amargura.

Então, Timothy arfa, e seus olhos marejados se arregalam.

— Você é ele! — exclama com o tipo de entusiasmo que meninos como ele normalmente guardam para encontros com astros do esporte. — Você é o dízimo que virou batedor! Você é o Levi Calder!

O garoto diante deles assente e sorri.

— Sim, mas meus amigos me chamam de Lev.

3 · Cam

Pulsos. Tornozelos. Pescoço. Amarrados. Coçando. Coçando tudo. Não dá pra se mexer.

Ele flexiona as mãos e os pés nas amarras. De lado a lado, de cima a baixo. O gesto alivia a coceira, mas também faz arder.

— Você acordou — diz uma voz familiar e ao mesmo tempo nova. — Bom. Muito bom.

Ele vira o pescoço. Ninguém. Só paredes brancas ao redor.

O arrastar de uma cadeira. Mais perto. Mais perto. A pessoa que falou surge à vista, embaçada, movendo a cadeira para dentro do campo de visão dele. Sentando-se. Pernas cruzadas. Sorrindo, mas sem sorrir. Não de verdade.

— Eu estava imaginando quando você acordaria.

Ela usa calças pretas e blusa. A estampa da blusa está borrada demais para distinguir. E a cor. A cor. Ele não consegue identificar a cor.

— VLAVAIV — diz ele, procurando. — Amarelo. Azul. Não. — Ele grunhe. A garganta dói quando ele fala, e as palavras saem ásperas. — Grama. Árvore. Limão.

— Verde — informa a mulher. — É essa a palavra que você está procurando, não? Minha blusa é verde.

Será que ela consegue ler mentes? Talvez não. Talvez seja só inteligente. A voz é gentil e refinada. Há um sotaque. Levemente britânico, talvez. Algo que faz com que ele queira automaticamente confiar nela.

— Você me reconhece? — pergunta a mulher.

— Não. Sim — responde ele, sentindo os pensamentos presos em amarras mais apertadas do que as que o prendem à cama.

— É justo — diz ela. — Isso tudo é novidade para você... Deve estar apavorado.

Até este momento, nem havia ocorrido a ele que deveria estar apavorado. Mas, agora que a mulher de pernas cruzadas e blusa verde disse que ele deveria,

então ele deve estar. Puxa de novo as correias, com medo. A coceira ardente começa a doer ainda mais e provoca um estilhaçamento áspero de memórias que ele precisa dizer em voz alta:

— Mão no forno. Fivela da cinta... não, mãe, não! Caindo da bicicleta. Braço quebrado. Faca. Ele me atacou com uma faca!

— Dor — diz calmamente a mulher de pernas cruzadas. — “Dor” é a palavra que você está procurando.

É uma palavra mágica, pois acalma-o.

— Dor — repete ele, ouvindo a palavra enquanto sai de cordas vocais estranhas por entre lábios desconhecidos. Ele para de lutar. A dor esmaece, virando queimação, e a queimação esmaece até voltar a ser coceira. Mas os pensamentos que vieram com a dor permanecem ali. A mão queimada; a mãe zangada; o braço quebrado; e uma briga de faca que ele nunca travou, mas outra pessoa, sim. De alguma forma, todas essas coisas aconteceram com ele.

Volta a olhar para a mulher, que o analisa friamente. Agora que o foco melhorou, ele consegue ver a estampa da blusa.

— Cacho... caixa... mira...

— Continue tentando — diz a mulher. — Está por aí em algum lugar.

O cérebro dele se contorce. Ele luta. Pensar é como estar em uma corrida. Uma longa e exaustiva corrida olímpica. Qual é o nome dessa corrida? Começa com M.

— Cashmere! — exclama, triunfante. — Maratona! Cashmere!

— Sim, imagino que isso seja fatigante como uma maratona pra você — responde a mulher —, mas valeu o esforço. — Toca a gola da blusa. — Você tem razão, isto é uma estampa cashmere! — Ela sorri, desta vez para valer, e toca a testa dele com a ponta do dedo. Ele consegue sentir a borda da unha. — Eu disse que estava bem aqui.

Agora que os pensamentos estão começando a se acomodar, ele percebe que reconhece, sim, a mulher, mas não tem ideia de onde.

— Quem? — pergunta ele. — Quem? Onde? Quando?

— Como, o que e por quê — acrescenta ela com um sorrisinho malicioso. — Sua capacidade de perguntar está voltando.

— Quem? — novamente ele exige saber, não gostando da piada à sua custa.
Ela suspira.

— Quem sou eu? Pode-se dizer que sou sua conselheira, sua conexão com o mundo... e, de certa forma, sua intérprete, porque posso compreender você, enquanto poucos outros podem. Sou uma especialista em metalinguagem.

— Meta... meta...

— É a natureza da linguagem que você fala. Associações metafóricas. Mas vejo que estou confundindo você. Não é algo com que deva se preocupar. Meu nome é Roberta. Mas você não teria como saber disso, porque eu nunca disse meu nome em todas as vezes que nós nos vimos.

— Todas as vezes?

Roberta assente.

— Pode-se dizer que você só me viu uma vez, mas também me viu muitas, muitas vezes. O que acha disso?

É uma nova maratona, e ele vasculha a mente em busca da palavra que quer dizer.

— Gollum nas cavernas. Responda, ou você não pode cruzar a ponte. O que é, o que é?

— Faça um esforço — responde Roberta. — Sei que você consegue.

— Enigma! — diz ele. — Sim, maratona, mas vale a pena! A palavra... enigma!

— Muito bem. — Roberta toca-lhe gentilmente a mão. Ele olha longamente para ela. É mais velha que ele. Ele sabe disso, mesmo que não tenha nem ideia da própria idade. Ela é bonita, de um jeito meio maternal. Cabelo loiro com um toque de castanho nas raízes, e só um pouquinho de maquiagem. Os olhos parecem mais jovens que o resto do rosto. Mas essa blusa...

— Medusa — diz ele. — Velha. Bruxa. Curvada. Dentes podres.

Ela se empertiga um pouco.

— Você me acha feia?

— Feeeiaaaaa! — responde ele, saboreando a palavra. — Não, não você.

Cashmere verde feia, feia.

Roberta ri, aliviada, e baixa o olhar para a própria roupa.

— Bom, acho que gosto não é algo a se levar em conta, é?

Conta! Contador! Meu pai era contador! Não... policial. Não... operário de fábrica. Não... advogado, pedreiro, farmacêutico, dentista, desempregado, morto. Esses pensamentos são todos reais, e todos falsos. A própria mente é um enigma que ele não tem esperança de resolver. Ele sente o medo que Roberta disse que deveria sentir. O medo volta a fluir, e ele começa a lutar mais uma vez contra as amarras. Mas não são apenas amarras; algumas são bandagens.

— Quem? — pergunta novamente.

— Eu já disse — responde Roberta. — Você não se lembra?

— Não! *Quem?* — repete ele. — *Quem?*

Roberta ergue as sobrancelhas, compreendendo.

— Ah. Quem é *você*?

Ele espera ansiosamente por uma resposta.

— Bem, essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é? *Quem* é *você*? — Ela tamborila com os dedos no próprio queixo, analisando a questão. — O comitê não conseguiu chegar a um acordo quanto ao nome. É claro que todos têm uma opinião, aqueles palhaços pomposos. Então, enquanto eles discutem isso, talvez você mesmo possa escolher.

— Escolher? — Mas por que ele deve escolher um nome? Não deveria já ter um? Ele passa mentalmente por uma série de nomes: Matthew, Johnny, Eric, José, Chris, Alex, Spencer; e, embora alguns deles pareçam mais prováveis que outros, nenhum oferece a sensação de identidade que um verdadeiro nome deveria ter. Ele balança a cabeça, tentando colocar algo — *qualquer coisa* — a respeito de si mesmo no lugar certo, mas balançar a cabeça só a faz doer.

— Aspirina — diz ele. — Aspirina-Tylenol, depois contar carneirinhos.

— Sim, imagino que ainda esteja cansado. Vamos aumentar sua dose de analgésicos e deixar você descansar. Vamos conversar mais amanhã.

Ela dá um tapinha amistoso na mão dele e depois sai da sala, desligando a luz e deixando-o sozinho com fragmentos de pensamentos que não conseguem nem

entrar em acordo uns com os outros na escuridão.

No dia seguinte — ou, pelo menos, ele acha que é o dia seguinte —, não está tão cansado assim e a cabeça não dói tanto, mas ainda está tão confuso quanto antes. Agora, suspeita que o quarto branco que ele imaginou ser um hospital seja algo diferente. Há sinais suficientes na arquitetura para sugerir que seja dentro de alguma residência particular que foi adaptada para a convalescência de um único paciente. Há um som lá fora que ele ouve mesmo quando a janela está fechada. Um rugido e um chiado constantes, rítmicos. Só depois de um dia inteiro ouvindo-os ele percebe o que são. Ondas do mar. Onde quer que esteja, é no litoral, e ele quer ver a paisagem. Ele pede e Roberta permite. Hoje é o dia em que sairá da cama.

Dois guardas fortes e uniformizados entram com a mulher. Eles soltam as correias e o ajudam a se levantar, segurando-o debaixo das axilas.

— Não tenha medo — diz Roberta. — Eu sei que você consegue.

O primeiro momento de pé é vertiginoso. Ele olha para os pés descalços e vê apenas dedos saindo da barra do camisolão hospitalar azul-claro que está vestindo. Esses dedos parecem a quilômetros de distância. Ele começa a andar, um passo laborioso por vez.

— Muito bom — diz Roberta, andando ao lado dele. — Como se sente?

— Paraquedas — responde ele.

— Humm — faz ela, avaliando a resposta. — Você quer dizer perigoso ou emocionante?

— Sim — responde ele. Repete mentalmente ambas as palavras, lembrando-se delas, retirando-as de uma enorme caixa de adjetivos indistintos e colocando-as no lugar certo. Há tantas palavras indistintas na caixa, mas, pouco a pouco, tudo está começando a entrar em uma ordem coerente.

— Está tudo aí dentro — disse-lhe Roberta mais de uma vez. — É só uma questão de encontrar.

Os dois guardas continuam a segurá-lo sob as axilas enquanto ele se arrasta. Um joelho cede, e eles seguram com mais força.

— Cuidado, senhor.

Os guardas sempre o chamam de “senhor”. Deve significar que ele inspira

respeito, embora não possa imaginar por quê. Ele inveja a habilidade desses homens de simplesmente “serem” sem ter de se esforçar para isso.

Roberta os guia por um corredor que, como a distância até os pés dele, parece ter quilômetros, mas são só uns dez ou onze metros. Lá em cima, no canto do teto, há uma máquina com uma lente que focaliza nele. Há uma máquina igual no quarto dele também, vigiando-o constantemente em silêncio. *Olho elétrico. Lente de ciclope.* Ele sabe o nome do aparelho. Está na ponta da língua.

— Diga “xis”! — exclama ele. — Te faz ganhar cinco quilos. Luzes... e... ação! Um momento Kodak.

— A palavra que você está procurando começa com c, e essa é a única ajuda que vou dar — diz Roberta.

— Ca... ca... cadáver. Cabana. Cavalo. Canadá.

A mulher franze os lábios.

— Você consegue fazer melhor que isso.

Ele suspira e desiste antes que a frustração possa tomar conta. Já é difícil dominar a arte de andar, imagine andar e pensar ao mesmo tempo.

Agora eles passam por uma porta, chegando a um lugar que é tanto dentro como fora.

— Varanda! — diz ele.

— Sim — responde Roberta. — Essa veio fácil.

Para além da varanda está um mar sem fim, tremeluzindo sob o sol quente, e diante dele estão duas cadeiras e uma pequena mesa. Na mesa há biscoitos e uma bebida branca em um jarro de cristal. Ele deveria saber o nome da bebida.

— Uma comidinha reconfortante — diz Roberta. — Sua recompensa por chegar até aqui.

Eles se sentam de frente um para o outro com a comida ao meio e os guardas à disposição, caso ele precise de ajuda, ou caso tente se atirar da sacada nas rochas cortantes abaixo. Há soldados com armas escuras e pesadas estrategicamente posicionados naquelas rochas — estão lá para sua proteção, é o que diz Roberta. Ele imagina que, caso se jogasse mesmo lá embaixo, os guardas nas rochas também o chamariam de “senhor”.

A mulher serve o líquido branco do jarro cristalino em copos igualmente cristalinos que captam a luz, refratando-a e lançando-a estilhaçada em projeções aleatórias no piso de pedra da varanda.

Ele morde um biscoito. Tem gotas de chocolate. De repente, a intensidade do sabor arranca mais memórias da hibernação. Ele pensa na mãe. Depois, em outra mãe. Almoço na escola. Queimar o lábio em um biscoito recém-assado. *Eu gosto mais quando são macios e quentes. Gosto mais quando são duros e quase torrados. Sou alérgico a chocolate. Chocolate é meu favorito.*

Ele sabe que tudo isso é verdade. Como pode ser tudo verdade? Se ele é alérgico, como pode ter tantas boas memórias de chocolate?

— Enigma da maratona continuando — diz ele.

Roberta sorri.

— Isso foi quase uma frase completa. Aqui, beba alguma coisa.

Ela estende o copo de líquido branco para ele, que o aceita.

— Você chegou a pensar no seu nome? — pergunta ela, ao mesmo tempo que ele toma um gole; e, de uma só vez, enquanto o líquido saboroso desloca um pedaço de biscoito grudado no céu da boca, mais pensamentos surgem voando. A combinação de gostos força uma centena de memórias a passar por uma peneira, deixando para trás diamantes.

A máquina do olho elétrico. Ele sabe como se chama! E o líquido branco vem de uma vaca, certo? Suco de vaca. Começa com L. Ou M? Olho elétrico.

— Cam! — Suco de vaca. — Muu.

Roberta olha para ele estranhamente.

— Cam... Muu... — repete ele.

Os olhos da mulher brilham, e ela diz:

— *Camus?*

— Cam. Muu.

— Camus! Que nome esplêndido. Você se superou.

— Câmera! — solta ele finalmente. — Leite!

Mas Roberta não está mais ouvindo. Ele acaba de mandá-la a um lugar mais

exótico.

— Camus, o filósofo existencialista! “Viva ao ponto das lágrimas.” Parabéns pra você, meu amigo! Parabéns!

Ele não tem ideia do que ela está falando, mas, se isso a faz feliz, então ele também está feliz. É boa a sensação de saber que a impressionou.

— Seu nome será Camus Primeiro-Composto — diz ela com um sorriso tão amplo quanto o mar tremeluzente. — O comitê vai morrer de amores!

ANÚNCIO

Cansado de todas as dietas da moda? Horas dolorosas na academia sem nenhum resultado? Nós temos a resposta para você! Todo mundo sabe que um coração saudável é a chave para uma boa vida, e, com um novo coração nas melhores condições, você vai é querer se exercitar! Logo aqueles quilinhos vão sumir voando e você vai se sentir como novo de dentro para fora! Mas não precisa acreditar em nós. Pergunte ao seu médico o que é nanocirurgia!

Patrocinado pela Sociedade Internacional de Nanocirurgiões.

Resultados não garantidos.

Desse momento em diante, cada dia começa e termina com terapia. Alongamentos dolorosos seguidos de exercícios acompanhados e levantamento de peso que parecem imaginados especificamente para causar-lhe a maior dor possível.

— Os agentes curativos só ajudam até certo ponto — diz o fisioterapeuta, um halterofilista de voz grave com o improvável nome de Kenny. — O resto tem de partir de você.

Ele está convencido de que esse terapeuta gosta de vê-lo sofrer.

Graças a Roberta, aqueles que não o chamam de “senhor” agora o chamam de Camus, mas, quando ele pensa no nome, tudo o que vem à mente é uma grande baleia preta e branca.

— Não, isso é *Shamu*, a orca do parque aquático — informa Roberta durante o almoço. — Você é *Camus*; os nomes rimam, mas o S é mudo.

— Cam — diz ele, não querendo nada que lembre um mamífero marinho. — Que seja Cam.

Roberta ergue a sobrancelha, avaliando o pedido.

— Podemos fazer isso. Certamente podemos. Vamos avisar todo mundo. Então, como estão seus pensamentos hoje, Cam? Um pouco mais coerentes?

Ele dá de ombros.

— Tenho nuvens na cabeça.

Ela suspira.

— Talvez tenha, mas eu consigo perceber seu progresso, mesmo que você não perceba. Seus pensamentos estão ficando um pouco mais claros a cada dia. Você consegue juntar linhas mais longas de significados e entende quase tudo o que eu digo, não entende?

Cam assente.

— A compreensão é o primeiro passo rumo à comunicação clara, Cam. — Roberta hesita por um segundo, depois diz: — *Comprends-tu maintenant?*

— *Oui, parfaitement* — responde Cam, sem saber que há algo de diferente nas palavras até que saiam de sua boca. Ele percebe que mais uma porta de mistério se abriu dentro da cabeça.

— Bem — diz a mulher, um sorrisinho travesso no rosto —, por enquanto, vamos com um idioma de cada vez, certo?

Novas atividades são acrescentadas ao dia. Os cochilos da tarde são adiados para abrir espaço para sessões de uma hora sentado diante de um computador do tamanho de uma mesa cheio de imagens digitais: um veículo vermelho, um edifício, um retrato em preto e branco — dezenas de figuras.

— Selecione as imagens que você reconhece — diz Roberta no primeiro dia desse ritual — e diga a primeira palavra que cada uma delas trazer à sua mente.

Cam está confuso.

— Múltipla escolha?

— Não — responde ela —, não é um teste, só um exercício mental para descobrir do que você se lembra e o que ainda precisa aprender.

— Certo — diz ele. — Múltipla escolha. — Porque a resposta dela foi a exata definição do que é um teste, não?

Cam olha para as imagens e faz como ela disse, arrastando para si os objetos que reconhece. O retrato: Lincoln. A torre: Eiffel. O veículo vermelho: caminhão

de bomba. Não. Caminhão de bombeiro. E outros, e outros. A cada vez que ele afasta uma imagem, outra surge para substituí-la. Algumas ele não tem problema em identificar, outras não despertam nenhuma memória, e outras ainda repuxam os limites da mente, mas ele não consegue encontrar palavras para ligar a elas.

Finalmente, quando ele termina, sente-se ainda mais exausto do que depois de fazer fisioterapia.

— Gasto — diz. — Gasto, terminado.

— Acabado — responde Roberta, sorrindo. — Você se sente acabado.

— Acabado — repete Cam, guardando a palavra na mente.

— Não estou surpresa... nada disso é fácil, mas você se saiu bem, não foi? E deve ser premiado!

Ele assente, mais do que pronto para um cochilo.

— Nota dez pra mim.

A cada dia, mais e mais é exigido dele, tanto física como mentalmente, mas nada disso recebe explicação.

— Seu sucesso é uma recompensa por si só — afirma Roberta. Mas como é que ele pode saborear o sucesso se não há um contexto no qual possa medi-lo?

— A pia da cozinha! — diz ele a Roberta uma noite, durante o jantar. Os dois estão a sós. Estão sempre a sós nessas horas. — A pia da cozinha! Agora!

Ela nem precisa investigar para entender do que ele está falando.

— No momento certo você vai saber tudo o que há para saber sobre si mesmo. Agora não é esse momento.

— É, sim!

— Cam, esta conversa está terminada.

Ele sente a ira brotar dentro de si e não sabe o que fazer com ela, não sabe juntar palavras suficientes para expressá-la.

Em vez disso, a raiva vai para as mãos. Antes que perceba o que está fazendo, Cam está jogando um prato pela sala, depois outro, depois outro. A mulher é forçada a se abaixar, e o mundo se transforma em pratos, talheres e copos voadores. Em um instante, os guardas estão sobre ele, puxando-o de volta para o

quarto, amarrando-o à cama — algo que já não fazem há mais de uma semana.

Ele se debate furioso por uma eternidade. Depois, exausto, acalma-se. Roberta entra. Ela está sangrando. É só um cortezinho abaixo do olho esquerdo, mas não importa quão pequeno seja. Ele fez isso. Foi culpa dele.

Subitamente, todas as outras emoções são sobrepujadas pelo remorso, que ele acha ainda mais doloroso que a raiva.

— Quebrei o cofre de porquinho da minha irmã — diz Cam em lágrimas. — Bati o carro do meu pai. Maldade. Maldade.

— Sei que você sente muito — diz Roberta, soando tão cansada quanto ele. — Eu também sinto muito. — Ela segura sua mão gentilmente. — Você vai ficar contido até de manhã por aquele acesso de raiva — informa. — Seus atos têm consequências.

Ele assente, entendendo. Quer enxugar as lágrimas, mas não consegue, pois as mãos estão presas à cama. Roberta faz isso por ele.

— Bem, pelo menos nós sabemos que você é mesmo tão forte quanto imaginamos que fosse. Eles não estavam brincando quando disseram que foi lançador de beisebol.

De imediato, a mente de Cam vasculha a memória em busca do esporte. Será que ele já jogou? Sua mente pode estar desconjuntada e fragmentada, tornando sempre difícil encontrar o que ela contém, mas é fácil perceber quais memórias simplesmente não existem.

— Nunca fui lançador — responde ele. — Nunca.

— Claro que não — diz ela calmamente. — Não sei por que eu disse isso.

Pouco a pouco e dia após dia, enquanto mais coisas tomam seus lugares na mente de Cam, ele começa a perceber sua terrível singularidade. É noite agora. A fisioterapia, pela primeira vez, o fez sentir-se mais animado que exausto — mas há algo que o terapeuta Kenny disse...

— Você é forte, mas seus grupos musculares não trabalham bem uns com os outros.

Cam sabia que era apenas uma piada improvisada, mas houve uma verdade nela que ficou presa na goela, assim como a comida ficava às vezes. Da mesma forma que a garganta nem sempre concordava em engolir o que a língua

empurrava para ela.

— O seu corpo vai acabar aprendendo as alianças que precisa fazer consigo mesmo — Kenny havia dito. Como se Cam fosse uma fábrica cheia de operários propensos à greve, ou pior, um punhado de escravos forçados a trabalhar.

Nessa noite, ele olha para as cicatrizes ao longo dos próprios pulsos, como pulseiras da finura de fios de cabelo, visíveis agora que as bandagens foram removidas. Baixa o olhar para a linha grossa, semelhante a uma corda, descendo pelo centro do peito, depois serpenteando para a esquerda e para a direita acima dos abdominais perfeitamente esculpidos. Esculpidos. Como um pedaço de mármore talhado em forma humana — a ideia de perfeição de um artista. Esta mansão sobre um rochedo, Cam agora percebe, não passa de uma galeria, e ele é a obra em exibição. Talvez devesse sentir-se especial, mas tudo o que sente é solidão.

Ele ergue a mão para o rosto, que lhe disseram que não deveria tocar. É quando Roberta entra. Ela sabe que ele andou analisando o próprio corpo, pois o espiou pela câmera à espreita no canto do quarto. Está acompanhada de dois guardas, pois eles já sabem que as emoções de Cam estão começando a se erguer, ameaçando transbordar.

— O que há de errado, Cam? — pergunta a mulher. — Me conte. Encontre as palavras.

As pontas dos dedos dele roçam a própria face, que está cheia de texturas estranhas, mas ele teme *sentir* realmente o rosto, por receio de que, em sua fúria, ele chegue a rasgá-lo.

Encontre as palavras...

— Alice! — diz ele. — Carol! Alice! — As palavras estão erradas, ele sabe que estão, mas são as mais próximas que ele encontra para dizer o que quer. Tudo o que consegue fazer é girar, girar e girar em torno da questão, perdido em órbita ao redor da própria mente.

— Alice! — Ele aponta para o banheiro. — Carol!

Um guarda sorri como se entendesse, mas não entende nada.

— Talvez ele esteja se lembrando de antigas namoradas.

— Quietos! — rosna Roberta. — Continue, Cam.

Ele fecha os olhos, forçando o pensamento a ganhar forma, mas a única ridícula forma que ele ganha é a de uma...

— *Morsa!* — Seus pensamentos são inúteis. Sem sentido. Ele despreza a si mesmo.

Mas então Roberta diz:

— ... e o Carpinteiro?

Ele olha bruscamente para ela.

— Isso! Isso!

De alguma forma, por mais aleatórias que essas coisas pareçam, fazem todo o sentido.

— “A Morsa e o Carpinteiro” — completa a mulher —, um poema absurdo que faz ainda menos sentido que você!

Ele espera que ela ligue pelo menos alguns dos pontos para ele.

— Foi escrito por Lewis Carroll. Que também escreveu...

— Alice!

— Sim, ele escreveu *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do...*

— *Espelho!* — Cam aponta para o banheiro. — *Através do Espelho!* — Mas ele sabe que “através” não é a palavra que procura. A palavra certa é... — *No espelho!* — grita. — Meu rosto! No espelho! Meu rosto!

Não há um único espelho em nenhum lugar da casa, ou, pelo menos, nas salas onde ele tem permissão para entrar. Nem uma única superfície refletora. Não pode ser por acaso.

— Espelho! — grita ele, triunfante. — Eu quero olhar num espelho. Quero olhar agora! Me mostre! — É a frase mais clara e o mais alto nível de comunicação que ele já obteve. Certamente Roberta o recompensará por isso! — Me mostre agora! *Ahora! Maintenant! Ima!*

— Chega! — diz a mulher com firmeza calculada na voz. — Hoje, não. Você não está pronto!

— Não! — Ele toca o rosto com os dedos, desta vez com força suficiente para começar a machucar. — É o Homem da Máscara de Ferro, não Narciso no lago!

Ver vai aliviar o fardo, não quebrar as costas do camelo!

Os guardas olham para Roberta, prontos para saltar sobre ele, imobilizá-lo, amarrá-lo mais uma vez à cama, onde ele não possa se ferir. Mas ela não dá a ordem. Ela hesita. Pondera. Então, finalmente, diz:

— Venha comigo. — Ela se vira e sai do quarto, deixando que Cam e os guardas a sigam.

Eles saem da ala da mansão que foi cuidadosamente projetada para a proteção dele, passando por lugares de aparência muito menos hospitalar. Salas com piso de madeira aquecido em vez de frio linóleo. Obras de arte em molduras em vez de paredes brancas, vazias.

Roberta manda os guardas esperarem à porta e o leva para uma sala de estar. Há pessoas aqui: Kenny e outros membros da equipe terapêutica, assim como outros que Cam não conhece; profissionais de algum tipo que trabalham nos bastidores da sua vida. Quando o veem, eles se levantam das poltronas e sofás de couro, alarmados pela presença.

— Está tudo bem — afirma Roberta. — Deixem-nos a sós por alguns minutos.

Eles largam o que quer que estivessem fazendo e saem às pressas. Cam perguntaria a ela quem são essas pessoas, mas já sabe. São como os guardas à porta, e os guardas nas rochas, e o homem que limpa a sujeira, e a mulher que esfrega loção em suas cicatrizes. Todas essas pessoas estão aqui para servi-lo.

Roberta o leva até um espelho de corpo inteiro em uma das paredes. Ele pode se ver da cabeça aos pés. Deixa cair o camisolão de hospital e fica ali parado de shorts, olhando-se. A forma do corpo é bela; as proporções são perfeitas, musculosas e elegantes. Por um momento, pensa que talvez seja Narciso afinal, absorto na vaidade — mas, quando se aproxima mais do espelho e da luz, pode ver as cicatrizes. Sabia que estavam lá, mas vê-las todas de uma vez é avassalador. São feias e estão por toda parte — mas em nenhum lugar são mais acentuadas que no rosto.

O rosto é um pesadelo.

Faixas de pele, todas de cores diferentes, como uma colcha de retalhos viva esticada sobre ossos, músculos e cartilagens. Até mesmo a cabeça — totalmente rapada quando ele acordou, mas agora enchendo-se de uma penugem de pêssago

— tem cores e texturas diferentes brotando como plantações irregulares de vegetais misturados. Os olhos doem perante a visão de si mesmo, e lágrimas os turvam.

— Por quê? — é tudo o que consegue pensar em dizer. Ele dá as costas ao reflexo, tentando desaparecer atrás do próprio ombro, mas Roberta gentilmente toca esse ombro.

— Não desvie o olhar — diz ela. — Tenha força para ver o que eu vejo.

Ele se obriga a olhar outra vez, mas tudo o que pode ver são cicatrizes.

— Monstro! — diz. A palavra vem de tantos fragmentos diferentes de memórias que ele precisa de ajuda para encontrá-la: — Frankenstein!

— Não — nega a mulher asperamente. — Nunca pense assim! Aquele monstro era feito da carne dos mortos, mas você é feito da dos vivos! Aquela criatura era uma violação de todas as coisas naturais, mas você, Cam, você é uma nova maravilha do mundo!

Agora ela olha no espelho, apontando para as muitas partes milagrosas do corpo.

— Suas pernas pertenceram a um jovem corredor — conta ela — e seu coração, a um menino que poderia ter sido um nadador olímpico, caso não tivesse sido fragmentado. Seus braços e ombros já pertenceram ao melhor jogador de beisebol já visto em qualquer campo de colheita, e suas mãos? Elas tocavam guitarra com um talento raro e glorioso! — Ela sorri e o encara no reflexo. — Quanto aos seus olhos, vieram de um garoto capaz de derreter o coração das meninas com um único olhar.

Há certo orgulho na maneira como ela fala dele. Um orgulho que o próprio Cam é incapaz de sentir.

Roberta coloca um dedo na têmpora dele.

— Mas o melhor de tudo está bem aqui! — Ela move o dedo em meio à penugem multitexturizada do cabelo dele, apontando para diferentes pontos no crânio, como destinos de viagem em um globo. — Seu lobo frontal esquerdo tem as habilidades analíticas e computacionais de sete jovens considerados gênios em matemática e ciência. O lobo frontal direito combina os núcleos criativos de quase uma dúzia de poetas, artistas e músicos. O lobo occipital contém feixes de neurônios de incontáveis fragmentários com memórias fotográficas, e seu centro

de linguagem é uma concentração internacional de nove idiomas, todos esperando para ser despertados.

A mulher toca o queixo dele, fazendo-o olhar para ela. Os olhos dela, que pareciam tão distantes no espelho, agora estão a meros centímetros dos dele. São hipnóticos e avassaladores.

— *Anata wa randamu de wa nai*, Cam — diz ela. — *Anata wa interijento ni sekkei sa rete imasu*.

E Cam sabe o que ela está dizendo. *Você não é aleatório, Cam. Foi projetado de maneira inteligente*. Ele não tem ideia de que língua é essa, mas, mesmo assim, entende o que significa.

— Cada parte de você foi escolhida a dedo dentre as melhores e as mais brilhantes — explica Roberta —, e eu estava lá, a cada fragmentação, para que você pudesse me ver, me ouvir e me reconhecer quando todas as partes fossem unidas. — Ela para por um momento para pensar nisso e balança a cabeça tristemente. — Aqueles pobres jovens eram problemáticos demais para saber como usar os dons que receberam... mas, agora, mesmo divididos, eles podem finalmente alcançar a plenitude em você!

Agora que ela fala em fragmentação, fragmentos de memórias o inundam.

Sim, ele a viu!

Parada ao lado da mesa de operações sem nem mesmo uma máscara cirúrgica para proteger o rosto, pois o motivo de ela estar lá, ele agora percebe, era que precisava ser vista e lembrada. Mas não foi apenas uma sala de cirurgia, foi?

Uma memória idêntica

em dezenas de lugares na mente.

Mas não é a mente dele, é?

É a mente deles.

Todos eles.

Gritando.

Por favor, por favor, faça parar,

até ele não ter mais voz para implorar,

nem mente para gritar.

Naquele momento singular

em que “eu sou” se torna “não sou”...

Ele inspira fundo, estremecendo. Aquelas últimas lembranças são uma parte dele agora, costuradas juntas, como a pele de seu rosto. São impossíveis de suportar, e ainda assim ele as suporta. Só agora percebe quão forte deve ser para conter a memória de uma centena de fragmentários sem desmoronar e extinguir-se.

Roberta pede que ele olhe para os ricos mimos da mansão litorânea ao seu redor.

— Como pode ver pelo que nos cerca, temos um patrocínio muito poderoso para apoiar você, para que possa continuar a crescer e prosperar.

— Patrocínio? De quem?

— Não importa de quem. De amigos. Não só amigos seus, mas amigos de um mundo no qual todos queremos viver.

E, embora as peças pareçam estar se juntando, toda a vida de Cam começando a se encaixar no lugar, há uma coisa que ainda o atormenta.

— Meu rosto... é horrível...

— Não se preocupe — responde Roberta. — As cicatrizes vão sarar... Na verdade, os agentes curativos já estão surtindo efeito. Logo essas marcas desaparecerão completamente, deixando linhas quase imperceptíveis onde os enxertos se unem. Confie em mim; eu vi a projeção de qual será a sua aparência, Cam, e é espetacular!

Ele traça com os dedos as cicatrizes na face. Não são tão aleatórias quanto havia pensado. São simétricas, os diferentes tons de pele formam um padrão. Um desenho.

— Foi uma escolha que fizemos para te dar uma parte de cada etnia. Do mais pálido siena caucasiano até o mais escuro tom umber da África intocada, e tudo o que houver no meio. Hispânico, asiático, insular, nativo, australoide, indígena, semítico. Um mosaico glorioso da humanidade! Você é todos os seres humanos, Cam, e essa verdade é evidente no seu rosto. Eu prometo que, quando essas cicatrizes sararem, você se tornará a nova definição de belo! Será como um farol

luminoso, a maior esperança da raça humana. Você mostrará a todos eles, Cam! Pela mera virtude de sua existência, você mostrará a eles!

Enquanto ele pensa nisso, o coração acelera, martelando poderosamente no peito. Ele imagina todas as raças que esse coração recebeu — e, embora não tenha recordações de ter sido um nadador olímpico, o coração sabe o que a mente desconhece. Ele deseja uma vez mais saltar na piscina, assim como as longas pernas anseiam pela pista de corrida.

Neste momento, porém, essas pernas cedem debaixo do corpo e ele se vê caído no chão, imaginando como é que foi parar lá.

— Estímulo de mais para um dia só — comenta Roberta.

Os guardas, que estiveram observando-os da porta, correm para ajudá-lo a se levantar.

— O senhor está bem? Devemos chamar ajuda, senhora?

— Não vai ser preciso. Eu cuido dele.

Eles o levam até um sofá macio. Ele está tremendo agora, não só pelo frio do ar, mas pela revelação de conhecer as próprias verdades. Roberta pega um cobertor de sofá e o cobre. Ordena que a sala seja aquecida e senta-se ao lado dele como uma mãe confortando o filho febril.

— Há grandes planos pra você, Cam. Mas não precisa se preocupar com isso agora. Neste momento, tudo o que precisa fazer é edificar esse potencial maravilhoso; reunir todas as partes de sua mente que ainda estão desgarradas; ensinar cada pedaço de seu corpo a trabalhar em equipe. Você é o regente de uma orquestra viva, e sua música será mais que espetacular!

— E se não for? — pergunta ele.

A mulher se inclina e beija-o gentilmente na testa.

— Isso está fora de questão.

ANÚNCIO

“Quando perdi meu emprego, as contas e as dívidas começaram a se acumular e eu não sabia o que fazer. Não achei que houvesse um jeito de sustentar minha família. Cheguei a pensar em ir até uma unidade de colheita no exterior e me dividir no mercado negro para pagar as despesas da minha família, mas o mercado negro me assustava. Bom, pelo menos há uma proposta em votação para legalizar a fragmentação voluntária de adultos — algo que daria à minha família dinheiro suficiente

para sobreviver. Imagina só! Eu poderia entrar no estado dividido com paz de espírito, sabendo que minha família ficaria confortável — e, ao legalizar isso, seria o fim da linha para os fragmentadores do mercado negro. Vote sim na Proposta 58! Ajude famílias como a minha e dê um fim à pirataria de órgãos!”

Pago pela Aliança Nacional dos Advogados Doadores

Os sonhos de Cam são sempre lúcidos. Ele sempre sabe o que está sonhando, e até agora os sonhos têm sido uma fonte de intensa frustração. Não seguem a lógica onírica — não seguem lógica nenhuma. São desconjuntados, desconectados e confusos. Recortes de aleatoriedade encadeados pela teia da mente inconsciente. Sonhar, para ele, é como surfar por canais mentais diferentes tão rápido que é impossível entender o conceito de qualquer um dos pensamentos. Enlouquecedor! No entanto, agora que conhece a natureza do próprio ser, Cam descobre que é capaz de ficar na crista da onda.

Esta noite, ele sonha que está em uma mansão. Não a que dá vista para o oceano, mas uma nas nuvens. Enquanto vai de um cômodo a outro, não é só a decoração que se altera, mas o mundo também — ou, antes, a vida que ele vive dentro desse mundo. Em uma cozinha, há irmãs e irmãos que ele reconhece sentados a uma mesa, esperando o jantar. Em uma sala, um pai pergunta algo em uma língua que não chegou a seu cérebro, então ele não consegue responder.

E há os corredores — longos corredores com quartos de cada lado, contendo pessoas que ele conhece, mas apenas superficialmente. São quartos nos quais ele nunca entrará, e essas pessoas jamais serão mais que imagens enclausuradas nesses cômodos. Não existe nenhuma outra lembrança delas, ou, pelo menos, não dentro do tecido cortical que ele recebeu.

Em cada recinto e corredor pelo qual passa, Cam sente uma intensa onda de perda, mas esta é equilibrada pela expectativa das muitas salas adiante.

No fim do sonho, ele encontra uma última porta que se abre para uma varanda sem parapeito. Fica parado na borda, olhando para as nuvens ondulantes lá embaixo, esfarrapadas e reformadas pelas forças de algum vento senciante. Dentro dele, uma centena de vozes — as vozes daqueles que são parte de Cam — falam com ele, todas de uma vez, mas suas muitas palavras se tornaram um rumor ininteligível. Ainda assim, ele sabe o que estão tentando dizer. *Pule, Cam, pule!*, é o que dizem. *Pule, pois sabemos que você pode voar!*

De manhã, ainda estimulado pelo sonho, ele se esforça mais do que nunca na

fisioterapia. Agora, sente mais o ardor nos músculos do que a tensão nos cortes em processo de cura.

— Você está na sua melhor forma hoje — diz Kenny enquanto trata as juntas de Cam com um ciclo repetido de gelo e calor para acelerar a cura. Cam soube que Kenny já foi um grande treinador da Liga Nacional de Futebol, mas os amigos poderosos dos quais Roberta falou o contrataram para treinar um único cliente, oferecendo-lhe um grande salário.

— O dinheiro fala mais alto — admite o treinador. — Além disso, não é todo dia que a gente tem a chance de fazer parte da história em formação.

É isso que eu sou?, pensa Cam. *A história do futuro?* Tenta imaginar o nome Camus Primeiro-Composto ensinado nas futuras salas de aula, mas não funciona. É o nome. Soa clínico demais, como o tema de um experimento em vez do resultado. Ele deveria encurtar. Camus PriCom. Camus ComPri. Imagens de carros de corrida acelerando em uma curva pairam na mente. O Grand Prix. É isso! *Camus Comprix*. Com s mudo e x mudo — um nome que contém tantos segredos quanto ele!

Ele faz uma careta quando Kenny lhe põe gelo no ombro, mas, hoje, até mesmo essa dor é boa.

— Maratona mole, sem problema! — diz ele. Depois, pigarreia e permite que o pensamento se consolide, reunindo as palavras certas. — Esta maratona na qual estou... é moleza. Não me sinto mais exausto.

Kenny ri.

— Eu não falei que ficaria mais fácil?

Esta tarde, Cam senta-se na varanda com Roberta e os dois recebem o almoço em bandejas prateadas. A cada dia a comida tem uma variedade maior, mas sempre vem em pequenas porções. Coquetel de camarão. Salada de beterraba. Frango ao curry com cuscuz. Desafios deliciosos às suas papilas gustativas, espalhando micromemórias e forçando conexões neurais a acompanhar o paladar e o olfato aguçados.

— É tudo parte de sua cura — explica Roberta enquanto comem. — Tudo é parte de seu crescimento.

Depois do almoço, eles se sentam para o ritual diário diante da mesa digital, usando imagens para estimular a memória visual. Agora, as fotos são mais

complicadas. Nada tão fácil quanto a Torre Eiffel ou um caminhão de bombeiros. Há obras de arte obscuras que Cam precisa identificar — se não a obra em si, então, pelo menos, o artista. Cenas de peças de teatro.

— Quem é essa personagem?

— Lady Macbeth.

— O que ela está fazendo?

— Não sei.

— Então, invente alguma coisa. Use a imaginação.

Há imagens de pessoas de várias profissões e classes sociais, e Roberta pede que Cam imagine quem poderiam ser. No que poderiam estar pensando. A mulher não deixa que ele fale até que encontre as palavras certas.

— Homem num trem. Pensando no que tem em casa pra jantar. Provavelmente, frango de novo. Ele está enjoado de frango.

Então, em meio às figuras espalhadas pela tela, ele vê a imagem de uma garota que lhe chama atenção. Roberta segue o olhar dele até a foto e imediatamente tenta apagá-la, mas Cam agarra a mão dela e a detém.

— Não. Me deixa ver.

Relutante, a mulher retira a mão da imagem, que Cam arrasta para perto de si, gira e amplia. Consegue ver que a foto não foi tirada com a permissão da garota. A composição tem um ângulo estranho. Talvez tenha sido feita em segredo. Uma recordação lampeja. A mesma garota. Em um ônibus.

— Essa figura não deveria estar aqui — diz Roberta. — Podemos ir em frente agora?

— Ainda não.

Cam não consegue identificar onde a foto foi tirada. Ao ar livre. Lugar empoeirado. A garota toca um piano debaixo de algo escuro e metálico que a sombreia. Ela é linda.

— Asas podadas. Paraíso quebrado. — Cam fecha os olhos, lembrando-se da ordem de Roberta para encontrar as palavras certas antes de falar. — Ela é como... um anjo ferido quando caiu na terra. Toca música para curar a si mesma, mas nada pode curar o que se quebrou.

— Muito bem — diz Roberta, pouco convincente. — Vamos para a próxima.

Ela estica o braço e tenta arrastar a figura para longe outra vez, mas Cam a desloca para o canto da mesa, fora do alcance da mulher.

— Não. Fica aqui.

O fato de que Roberta está incomodada com isso só serve para deixá-lo mais curioso.

— Quem é ela?

— Ninguém importante. — Mas, claramente, pela reação de Roberta, a garota importa, sim.

— Vou conhecê-la.

A mulher ri amargamente.

— É pouco provável.

— Veremos.

Eles prosseguem com os exercícios mentais, mas a mente de Cam permanece na garota. Algum dia, ele descobrirá quem ela é e a encontrará. Aprenderá tudo o que precisa saber, ou, mais acuradamente, unificará e organizará todas as coisas que estão em sua mente fragmentada. Depois disso, terá autoconfiança para falar com essa garota — e, em suas próprias palavras, e em qualquer linguagem necessária, será capaz de perguntar a ela por que está tão triste, e que infeliz reviravolta do destino a colocou em uma cadeira de rodas.

Parte Dois

Íntegros

34 CRIANÇAS ABANDONADAS PROTEGIDAS PELA LEI DO REFÚGIO SEGURO NO NEBRASKA

Por Nate Jenkins, The Associated Press

Sexta-feira, 14 de novembro de 2008

LINCOLN, Nebraska. (AP) Autoridades do Nebraska se reuniram nesta sexta-feira para uma sessão legislativa especial organizada para lidar com uma “lei do refúgio seguro” singular cujas consequências não intencionais permitiram que pais abandonassem quase três dúzias de menores de até dezessete anos.

Enquanto se aproximava a hora da sessão para corrigir a lei, um menino de cinco anos foi deixado em um hospital de Omaha na noite de quinta-feira. Mais cedo, no mesmo dia, uma mulher largara dois adolescentes em outro hospital dessa cidade, mas um deles, uma garota de dezessete anos, fugiu. As autoridades ainda não a encontraram.

Na tarde de sexta-feira, trinta e quatro menores já haviam sido abandonados sob a lei do Nebraska, cinco deles vindos de outros estados.

O Nebraska foi o último estado a aprovar uma lei de refúgio, com a intenção de acolher bebês recém-nascidos indesejados. Mas, diferentemente das leis de outros estados, a do Nebraska não inclui um limite de idade.

Alguns cidadãos interpretaram a lei vigente como aplicável a crianças de até dezoito anos.

O artigo completo pode ser encontrado em: <http://www.nydailynews.com/news/world/34-children-abandoned-nebraska-safe-haven-law-article-1.334560>

4 · Pais

Eles estão juntos quando abrem a porta. Uma mãe e um pai, ambos de pijama. Linhas de preocupação se desenham na testa de ambos quando eles veem a natureza dos visitantes. Este é um momento antecipado e, por isso, inesperado.

Um policial juvenil está parado à porta com três oficiais à paisana para apoiá-lo. O principal policial é jovem. Todos parecem jovens. Hoje, são recrutados cada dia mais cedo.

— Estamos aqui para processar o fragmentário 53-990-24. Noah Falkowski.

Os pais se entreolham, alarmados.

— Vocês chegaram um dia antes — diz a mãe.

— A agenda foi adiantada — explica o principal Juvi. — Temos o direito contratual de mudar a data de coleta. Podemos, por favor, ter acesso ao jovem?

O pai dá um passo à frente para olhar o nome no uniforme do policial.

— Veja bem, oficial Mullard — diz ele em um sussurro —, ainda não estamos preparados para entregar nosso filho. Como minha esposa disse, esperávamos que vocês viessem amanhã. Vão ter de voltar amanhã.

Mas E. Robert Mullard não espera ninguém. Ele invade a casa com a equipe logo atrás.

— Meu Deus! — exclama o pai. — Tenham um pouco de decência!

Mullard solta uma gargalhada.

— Decência? O que vocês sabem sobre decência? — Então, olha para o corredor que leva aos quartos. — Noah Falkowski! — chama bem alto. — Se estiver aí, saia agora.

Um garoto de quinze anos espicha a cabeça para fora de um quarto, olha para os convidados e bate a porta com tudo. O Juvi sinaliza para o mais musculoso do time.

— É todo seu — diz.

— Estou nessa.

— Walter, faça ele parar! — implora a mulher ao marido.

Walter, pressionado, vira-se para Mullard com desejo de vingança.

— Eu exijo falar com o seu superior!

Então, o Juvi saca uma arma.

— Você não está em posição de exigir nada.

Claramente, é uma pistola de tranquilizantes, mas, considerando aquela história pavorosa com o Juvi que foi morto com a própria arma, Walter e sua esposa não pretendem se arriscar.

— Sentem-se — ordena Mullard, indicando a sala de jantar com um movimento de cabeça. O casal hesita. — Eu disse: sentem-se!

Dois homens da equipe policial forçam o casal a se sentar nas cadeiras da sala. O pai, um homem razoável, presume estar lidando com outro jovem profissional tão razoável quanto ele.

— Isso é mesmo necessário, oficial Mullard? — pergunta ele em um tom mais calmo e amável.

— Meu nome não é Mullard e eu não sou um Juvi.

De repente, o homem percebe como isso é óbvio. Ele sabia que esse rapaz era jovem demais para ter esse tipo de autoridade. As cicatrizes no rosto o fizeram parecer mais... bem... *experiente*, mas ainda assim ele é jovem demais. Como é que Walter pôde se deixar enganar tão facilmente? E não há algo familiar no rosto desse rapaz? Ele já o viu antes, talvez em um noticiário? O homem fica sem palavras diante dessa reviravolta nada profissional nos acontecimentos.

5 · Connor

A melhor parte dessas missões é a expressão no rosto dos pais quando eles percebem que alguém virou a mesa. Como os olhos se fixam na arma de tranquilizantes mirando neles, percebendo, de repente, que sua ordem de fragmentação agora não é nada mais que um pedaço de papel.

— Quem são vocês? — pergunta o pai. — O que querem?

— Nós queremos o que vocês não querem mais — responde Connor. — Queremos seu filho.

Então, Trace, o membro musculoso da equipe que ele mandou atrás de Noah, sai do quarto segurando o garoto, que se debate.

— Não se fazem mais fechaduras como antigamente — comenta Trace.

— Me solta! — grita o menino. — Me solta!

Connor vai até ele enquanto Hayden, também integrando a equipe de resgate, saca uma arma de tranquilizantes para garantir que o casal não comece a ter ideias.

— Noah, seus pais estavam prestes a te mandar pra fragmentação — diz Connor. — Na verdade, os Juvis vão chegar amanhã... mas, para sua sorte, nós chegamos primeiro.

Há uma expressão horrorizada no rosto do garoto. Ele balança a cabeça, negando a possibilidade.

— Mentira! — Então, ele olha para os pais, já sem muita certeza. — Ele tá mentindo, né?

Connor não deixa que os pais respondam.

— A verdade. Vocês devem isso a ele.

— Vocês não têm o direito de fazer isso! — grita a mãe.

— A verdade! — exige Connor.

Então, o homem suspira e diz:

— Sim, ele está dizendo a verdade. Sinto muito, Noah.

Agora, Noah lança um olhar furioso aos pais, depois se volta para Connor. Este consegue ver as lágrimas ocultas sob a fúria.

— Vocês vão machucar eles? — pergunta o menino.

— Você quer que a gente os machuque?

— Sim. Sim, eu quero.

Connor balança a cabeça, negando.

— Desculpa, não é assim que a gente trabalha. Algum dia você vai ser grato por isso.

Noah baixa o olhar.

— Não vou, não.

Trace não tem mais de segurar Noah com tanta força e o escolta de volta ao quarto para que o menino possa enfiar algumas coisas na mochila; o pouco que ele pode levar desses quinze anos de vida.

Enquanto o resto da equipe sai da casa, certificando-se de que não haja mais ninguém presente para chamar a polícia ou sabotar a missão de outra forma, Connor entrega um bloco de notas e uma caneta ao pai.

— Pra que isso?

— Vocês vão anotar as razões pelas quais decidiram mandar seu filho para a fragmentação.

— Por quê?

— Nós sabemos que vocês têm motivos — responde o rapaz. — Tenho certeza de que são motivos estúpidos; tenho certeza de que são egoístas e totalmente distorcidos, mas, ainda assim, são motivos. No mínimo, vão nos ajudar a saber que tipo de pé no saco o Noah é, e daí talvez nós possamos lidar com ele melhor do que vocês lidaram.

— Você fica dizendo “nós” — intervém a mãe. — “Nós” quem?

— “Nós” somos as pessoas que salvaram a vida do seu filho. Isso é tudo que vocês precisam saber.

O pai olha pateticamente para o bloco de notas nas mãos.

— Escrevam — diz Connor. Nem ele nem a mãe se atrevem a olhar enquanto

Trace escolta Noah para fora da casa rumo a um carro estacionado.

— Odeio vocês! — grita o menino ao sair. — Eu nunca falei sério quando disse isso antes, mas agora, sim!

Connor percebe que isso fere os pais profundamente, mas não tão profundamente quanto os bisturis de um Ferro-Velho.

— Algum dia, se ele chegar aos dezessete anos, talvez ele tente perdoar vocês. Se ele fizer isso, não joguem essa chance fora.

Eles nada respondem. O pai apenas olha para o bloco, escrevendo e escrevendo. Quando ele termina, entrega-o a Connor. Mais do que uma declaração, o homem anotou seus pretextos em eficientes tópicos. Connor os lê em voz alta, como se cada um fosse uma acusação contra eles.

— “Desrespeito e desobediência.”

Essas são sempre as primeiras razões. Se todos os pais fragmentassem os filhos devido ao desrespeito, a raça humana se extinguiria em uma única geração.

— “Comportamento destrutivo contra si mesmo e contra patrimônios.”

Connor sabe um pouco sobre comportamento autodestrutivo e já teve sua cota de vandalismo em momentos de frustração. Mas a maioria dos jovens supera isso, não é? Nunca deixa de surpreendê-lo a maneira como tudo — até mesmo a fragmentação — é orientado para uma solução rápida. Ele olha para o terceiro tópico e cai na risada.

— “Falta de higiene pessoal”?

A mulher lança ao marido um olhar furioso por ter escrito isso.

— Aah, eu gosto deste! — diz Connor. — “Expectativas reduzidas para o futuro.” Parece um relatório de ações!

A cada missão de resgate, ele lê os motivos em voz alta, e a cada vez imagina se essa é a mesma lista que seus pais teriam escrito. Desta vez, o último motivo o deixa um tanto chocado.

— “Nosso próprio fracasso como pais.”

Connor fica zangado consigo mesmo. Esses pais não conquistaram sua simpatia. Se o fracasso é *deles*, então por que o filho é quem deveria pagar por

isso?

— Amanhã, quando os patrulheiros Juvis vierem buscar o Noah, vocês vão dizer que ele fugiu e que não sabem aonde ele foi. Não vão falar sobre nós nem sobre o que aconteceu aqui, porque, se fizerem isso, nós vamos saber. Monitoramos as frequências policiais.

— E se nós não concordarmos? — pergunta o pai, exibindo o mesmo tipo de desobediência pela qual condenou o próprio filho.

— Caso vocês pensem em nos denunciar, nós já preparamos um belo coquetel de identidade para vocês dois, só falta jogar na rede.

Isso faz com que os dois pareçam ainda mais nauseados do que já estão.

— Que tipo de coquetel?

É Hayden quem responde, orgulhoso porque foi o autor da ideia:

— Nós enviamos um único código por toda a rede e, bingo, seus nomes ficam vinculados a uma dúzia de células conhecidas dos batedores. Suas impressões digitais ficarão tão ligadas ao terrorismo que vocês levarão anos pra conseguir tirar a Segurança Nacional da sua cola.

O casal assente em solene aceitação.

— Tudo bem — diz o homem. — Vocês têm a nossa palavra.

A ameaça de coquetéis de identidade é sempre muito eficiente — e, além disso, quer esses jovens vão embora com Connor, quer sejam fragmentados, os pais conseguem o que buscam. O filho intratável se torna problema de outra pessoa. Denunciar Connor e sua equipe só faria com que Noah voltasse a ser problema deles.

— Vocês têm de entender, nós ficamos desesperados — diz a mulher com um alto quociente de hipocrisia na voz. — Todo mundo disse que a fragmentação era a melhor coisa a fazer. Todo mundo.

Connor rasga a lista de pretextos e a joga no chão, travando o olhar no dela.

— Então, em outras palavras, vocês decidiram fragmentar seu filho por causa de pressão social?

Finalmente, os dois desmoronam, sentindo o peso apropriado da vergonha. O pai, que no começo foi tão desafiador, subitamente irrompe em lágrimas. É a

mãe quem se controla o bastante para oferecer a Connor um último pretexto:

— Nós tentamos ser bons pais... mas há um ponto em que você desiste de tentar.

— Não, não há — responde Connor. Então, ele se vira para sair, deixando-os entregues ao pior castigo de todos: ter de viver consigo mesmos.

Connor e o resto da equipe partem em uma minivan de aparência propositadamente comum com uma placa falsa. Noah Falkowski tem uma expressão compreensivelmente sombria enquanto olha pela janela, vendo a vizinhança ficar para trás pela última vez. Ele não parece saber quem são eles. Não parece se importar. Connor está feliz que Noah não o reconheça. Embora o Desertor de Akron tenha uma reputação lendária em certos círculos, o rosto dele apareceu muito menos nos noticiários que o de Lev. Além disso, com todos achando que ele está morto, é mais fácil passar despercebido.

— Relaxa — diz ele. — Você está entre amigos.

— Eu não tenho amigos — retruca Noah. E, por enquanto, Connor deixa que ele sinta pena de si mesmo.

O Cemitério faz jus ao nome a esta hora da noite. As aletas das caudas dos aviões erguem-se monumentais e silenciosas como lápides. Jovens estão montando guarda com rifles carregados de tranquilizantes, mas, tirando isso, não há sinal de que o lugar seja o lar de mais de setecentos fragmentários desertores.

— Então, por que estamos aqui? — pergunta Noah quando a equipe de resgate para na via principal, a “rua” mais movimentada do Cemitério, flanqueada por uma série de grandes aeronaves que compõem o núcleo do espaço onde eles vivem. Cada um dos aviões foi batizado por fragmentários que já partiram há muito tempo. Nomes como Mama Ruína, para um dos principais alojamentos das garotas; o ComBom, um bombardeiro veterano da Segunda Guerra Mundial que se tornou o centro de comunicação e computadores do local; e, é claro, CIP, a Casa Internacional do Purgatório, onde recém-chegados como Noah ficam até receber um trabalho e ser integrados no Cemitério.

— O Cemitério é onde você vai viver até fazer dezessete anos — Connor conta a Noah.

— Nem ferrando que eu vou — retruca o garoto.

Típico. Connor apenas o ignora.

— Hayden, arranje um saco de dormir pra ele e leve-o pra *CIP*. De manhã, nós vamos ver que tipo de trabalho ele é capaz de fazer.

— Então, o que eu sou agora, um fedido de um desertor? — pergunta Noah.

— Desertores é como *eles* nos chamam — responde Hayden. — Nós nos chamamos de íntegros. Quanto a você ser fedido ou não, creio que todos podemos concordar que você precisa visitar nossas salas de banho assim que for conveniente, e logo.

O menino grunhe como um touro vagamente irritado e Connor sorri. Foi Hayden quem propôs o termo “íntegros”, porque “fragmentários” e “desertores” eram rótulos negativos que o mundo colocara neles.

— Você deveria trabalhar com relações públicas — disse Connor a Hayden nessa ocasião, e o rapaz jocosamente respondeu:

— Certas relações me dão náuseas. Eu vomitaria no público.

Hayden, Connor e Risa foram os únicos íntegros que restaram dentre os que haviam se abrigado no esconderijo de Sonia muito tempo atrás. A experiência os unira como se fossem amigos de longa data.

Noah, hesitante, segue Hayden até a Casa Internacional do Purgatório, e Connor se dá alguns momentos para apreciar a raridade da calma e quietude. Ele olha para o AcMac, o avião onde Risa dorme. As luzes estão apagadas, assim como as dos outros, mas ele suspeita que ela já tenha olhado para fora quando ouviu o som da chegada deles, para certificar-se de que Connor voltou para casa são e salvo.

— Não sei se essas suas missões são nobres ou idiotas — disse ela uma vez.

— Por que não podem ser as duas coisas? — respondeu ele. O fato é que salvar jovens individualmente é, de alguma forma, mais satisfatório para ele do que administrar o Cemitério diariamente. Essas excursões o mantêm são.

Quando ele foi deixado no comando, deveria ser apenas temporário. A Resistência Antidivisional deveria ter encontrado um substituto adequado para o Almirante — alguém que fosse capaz de oferecer uma imagem que levaria o público a acreditar que estava administrando uma operação de recuperação de aviões. Mas, depois, perceberam que não precisavam disso. Possuíam gente no

escritório do Cemitério — um trailer perto da entrada —, e esses empregados cuidavam dos negócios com o mundo exterior. Enquanto Connor mantivesse jovens ocupados, alimentados e quietos, a RAD não via nenhum motivo para contratar outra pessoa.

— Inspeccionando seus domínios?

Connor se vira e vê Trace aproximar-se.

— Não são meus, eu só trabalho aqui — responde. — O novato está acomodado?

— Sim... e é bem reclamão. Ele diz que o cobertor é curto demais.

— Ele vai superar. Todos nós superamos.

Trace Neuhauser é um recruta que desistiu da força aérea para se juntar à resistência quando sua irmã foi fragmentada. Agora, já faz seis meses que ele desertou da unidade, mas ainda é um recruta em todos os sentidos. Todo volumoso por causa dos esteroides, com uma educação restrita às ciências marciais.

Connor nunca gostou de recrutas. Talvez porque eles conheçam seu propósito no mundo e normalmente o cumpram bem. Olhar para eles sempre fez com que ele se sentisse inútil. O fato de um recruta ter se tornado um amigo tão próximo prova que as pessoas mudam. Trace tem vinte e três anos, mas parece não ver o menor problema em receber ordens de um menino de dezessete.

— A cadeia de comando não tem restrições de idade — disse ele a Connor uma vez. — Você poderia ter seis anos, mas, se fosse meu superior, ainda assim eu obedeceria.

Talvez seja por isso que Connor goste dele. Porque, se um cara desses consegue respeitar a liderança de Connor, talvez ele não seja um líder tão ruim, afinal.

O dia seguinte começa como todos os dias no Cemitério. Com coisas a fazer. “Rotina de Bombeiro”, era como o Almirante a chamava: um galope interminável para eliminar estorvos.

— Liderança tem a ver com manter a descarga do banheiro funcionando — dissera o homem uma vez. — A não ser no campo de batalha. Aí, tem a ver com continuar vivo. Nenhum dos dois casos é agradável.

Na via principal, jovens já estão vadiando sob o avião de recreação, vendo TV ou jogando videogame. Muitos mais já começaram os turnos de trabalho, desmantelando ou reconstruindo peças de aeronaves, de acordo com as ordens que chegam do escritório. Às vezes, é mais fácil para Connor pensar que tudo está correndo bem apesar dele, em vez de por causa dele.

Assim que ele é visto na via principal, a barreira começa.

— Ei, Connor — diz um menino que vem correndo até ele. — Não é pra reclamar, mas, tipo, será que dá pra gente conseguir uma comida melhor aqui? Quero dizer, sei que de cavalo dado não se olha os dentes e tal, mas, se eu tiver que comer ensopado sabor carne sem carne nenhuma de novo, acho que vou vomitar.

— É, você e todo o resto — responde Connor.

— Senhor Akron — diz uma garota de uns catorze anos. Ele não consegue superar o fato de que tantos desses adolescentes, principalmente os mais novos, não são apenas ridiculamente respeitosos, mas acham que Akron é parte do nome dele e não o lugar de onde veio. — Eu não sei se o senhor sabe, mas os ventiladores na Mama Ruína não estão mais funcionando e à noite fica quente demais.

— Vou mandar alguém consertar — afirma ele. Então, uma terceira pessoa chega reclamando que há lixo de mais, e será que ele não pode fazer nada a respeito?

— Eu juro, na metade do tempo me sinto como um zelador — diz ele a Trace. — Preciso de mais uns dez pares de mãos pra me ajudar a manter este lugar funcionando.

— Você tem dez pares de mãos — o amigo o lembra. — Mas precisa estar disposto a usá-los.

— É, é — responde Connor, que já ouviu isso antes. Não deveria se zangar com o comentário; afinal, é para isso que ele mantém Trace por perto: para aconselhá-lo sobre como liderar. Connor já aceitou a estranha realidade de que ele é algum tipo de líder, mas, como já disse o Almirante, é um trabalho bem ingrato.

Depois que o Almirante o deixou no comando, Connor estabeleceu uma estrutura de poder: um círculo interno, um círculo externo e todo o resto.

Aqueles que fazem parte do círculo interno têm o dever de garantir que coisas como suprimento de comida e saneamento estejam sendo fornecidas, pois Connor tem assuntos muito mais urgentes com os quais lidar. Tais como manter todos esses jovens inteiros.

— Vou convocar uma reunião depois de me encontrar com o representante da resistência — diz ele a Trace. — E vou me certificar de que as tarefas sejam delegadas.

— Talvez — responde Trace — você precise dar uma olhada nas pessoas a quem está delegando.

Connor nunca soube que poderia lidar com esse tipo de responsabilidade, mas, agora que sabe, gostaria de poder voltar ao tempo em que era responsável apenas por si mesmo. Há tantas coisas que ele ainda precisa fazer. Graças a Lev e à sua célula de batedores desencaminhados, Connor evitou ser fragmentado, mas ainda não se sente totalmente íntegro.

6 · Risa

Há apenas uma moradora permanentemente incapacitada no Cemitério. Já que os incapacitados são uma classe protegida, nunca correm o risco de serem fragmentados, então nunca aparecem no Cemitério com todos os outros adolescentes fugindo das ordens de fragmentação. É um testemunho de que a natureza da compaixão pública é a mesma de um queijo suíço. Têm sorte aqueles para os quais a graça se estende, mas azar daqueles que acabam caindo nos buracos.

Risa é incapacitada por escolha própria. Isto é, ela recusou a cirurgia que repararia sua coluna partida, pois isso envolveria receber a coluna de um jovem fragmentado. Antigamente, lesões na coluna como a que ela sofreu eram irreversíveis, e, se fosse o seu caso, você passaria o resto da vida nesse estado. Ela imagina se seria mais difícil viver assim ou viver sabendo que você poderia ser consertada, mas escolheu não ser.

Agora, ela mora em um velho McDonnell Douglas MD-11, para o qual construíram uma rampa de madeira para acessar a porta principal. O avião foi apropriadamente batizado de Mac Acessível, ou AcMac, para encurtar. Há mais ou menos dez pessoas com tornozelos torcidos ou outras condições temporárias que atualmente dividem o AcMac com Risa, cada uma em compartimentos separados por cortinas, oferecendo a ilusão de espaço pessoal. Ela ficou com a antiga cabine da primeira classe, que é a primeira junto à entrada. Isso lhe dá um espaço maior, mas ela não suporta o fato de que isso a coloca em destaque. Toda a porcaria do avião a coloca em destaque — e, embora a coluna partida seja um ferimento de guerra merecido, não muda o fato de que ela está condenada a receber tratamento especial constante.

A única outra aeronave com uma rampa é a da enfermaria, onde ela trabalha. Isso dá a Risa uma escolha bem limitada de espaços interiores, então ela passa as horas vagas do lado de fora, quando consegue suportar o calor.

Todo dia, às cinco da tarde, espera Connor debaixo do bombardeiro furtivo que eles apelidaram de Calma Aí. Todo dia, Connor se atrasa.

As extensas asas negras do bombardeiro criam uma sombra imensa em forma de cunha, e a fuselagem resistente a radares refresca o calor no ar. É um dos

pontos mais agradáveis do Cemitério, em mais de um aspecto.

Finalmente, ela o vê se aproximar: uma figura em trajes azuis camuflados, que o distinguem de todas as outras pessoas no Cemitério.

— Pensei que você não vinha — diz Risa quando ele chega à sombra do Calma Aí.

— Eu estava supervisionando a desmontagem de um motor.

— Sei — responde a garota com um sorriso. — É o que todos dizem.

Connor traz consigo a tensão a esses encontros diários com Risa. Ele diz que só quando está com ela é capaz de sentir-se normal, mas nunca consegue relaxar. Na verdade, desde que se conheceram, ela nunca o viu relaxar. Não ajuda em nada o fato de a lenda dos dois já ter se espalhado e criado vida própria. Histórias sobre Risa e Connor já lançaram raízes profundas no folclore moderno, pois poucas coisas são mais atraentes do que um romance fora da lei. Eles são Bonnie e Clyde de uma nova era; personagens em adesivos de para-choque e camisetas.

É difícil imaginar que tanta notoriedade surgiu do mero fato de terem sobrevivido à explosão no Campo de Colheita Happy Jack. Simplesmente porque Connor teve sorte o bastante para ser o primeiro fragmentário a sair inteiro do Ferro-Velho. É claro que, até onde o resto do mundo sabe, ele morreu e Risa está desaparecida — ou igualmente morta, ou muito bem escondida em algum país simpático aos desertores, se é que esse tipo de lugar ainda existe. Ela imagina como é que sua lenda se sustentaria se as pessoas soubessem que está bem aqui, no deserto do Arizona, queimada de sol e suja.

Uma brisa sopra sob o ventre do Calma Aí, lançando ainda mais sujeira nos olhos da garota. Ela os protege piscando.

— Você está pronta? — pergunta Connor.

— Sempre.

Ele se ajoelha diante da cadeira de rodas e começa a massagear as pernas de Risa, tentando estimular a circulação a voltar nas porções do corpo que ela não consegue mais sentir. Esse contato físico é parte do ritual diário dos dois. É frio e clínico, mas ao mesmo tempo estranhamente íntimo. Hoje, porém, Connor está alheio. Distante.

— Tem alguma coisa te incomodando mais do que o normal — comenta Risa. É uma afirmação da verdade, não uma pergunta. — Vai em frente, desembucha.

Ele suspira, olha para ela e faz a grande pergunta:

— Por que nós estamos aqui, Risa?

Ela analisa a questão.

— Você quer dizer por que estamos aqui filosoficamente, como espécie, ou por que estamos aqui, fazendo isso à vista de qualquer um que queira olhar?

— Eles que olhem — responde Connor. — Eu não ligo.

E está claro que ele não liga, pois privacidade é a primeira baixa quando se vive no Cemitério. Nem mesmo o pequeno avião particular que ele reivindicou como seu alojamento tem cortinas nas janelas. Não, Risa sabe que isso não tem nada a ver com o ritual diário nem com a grande questão da humanidade. Tem a ver com sobrevivência.

— O que eu quero dizer é: por que ainda estamos aqui, no Cemitério? Por que os Juvis não vieram dar tranco em todo mundo e nos arrancar daqui?

— Você mesmo disse: eles não nos veem como uma ameaça.

— Mas deveriam — aponta Connor. — Eles não são burros... o que quer dizer que tem algum outro motivo para ainda não terem atacado este lugar.

Risa estica o braço, esfregando o ombro tenso do garoto.

— Você pensa demais.

Ele sorri ao ouvir isso.

— Quando a gente se conheceu, você me acusou de não pensar o bastante.

— Bom, seu cérebro está compensando o tempo perdido.

— Depois de tudo o que nós passamos, tudo o que vimos... você consegue me culpar?

— Gosto mais de você como um cara de ação.

— Ações têm de ser muito bem pensadas. Você me ensinou isso.

Risa suspira.

— É, acho que ensinei. Eu criei um monstro.

A garota percebe que ambos foram profundamente transformados pela revolta no Campo de Colheita Happy Jack. Ela gosta de pensar que seus espíritos foram galvanizados como ferro em uma fornalha, mas às vezes parece que foram apenas danificados pelas chamas brutais. Ainda assim, ela está feliz por ter sobrevivido para ver os efeitos de longo prazo daquele dia. Como a Max-17.

Mesmo antes de Happy Jack, já havia uma lei em discussão no Congresso sobre a redução do limite legal de fragmentação para o aniversário de dezessete anos de uma pessoa, em vez do de dezoito. Ninguém esperava que a proposta “Max-17” fosse aprovada — na verdade, a maioria das pessoas nem sabia dela até Happy Jack tomar conta dos noticiários — e até o rosto do pobre Lev Calder ser gravado na capa de cada grande revista do país: o menino inocente todo vestido de branco. Um jovem de olhos brilhantes, limpo e asseado, sorrindo em uma fotografia escolar. Como a criança perfeita se tornara um batedor era uma pergunta que fazia com que pais em toda parte parassem e pensassem... porque, se isso pôde acontecer com Lev, quem diria que seus próprios filhos não poderiam também tornar o próprio sangue explosivo um dia e se detonar em um estouro de fúria? E o fato de que Lev escolheu *não* se detonar perturbava as pessoas ainda mais, pois elas não podiam simplesmente classificá-lo como mau. Tinham de aceitar que ele tinha uma alma — uma consciência —, o que significava que talvez a sociedade o tivesse influenciado a se tornar um batedor. E então, de repente — como se para amenizar o sentimento generalizado de culpa cultural —, a Max-17 tornou-se lei. Ninguém seria fragmentado após completados dezessete anos.

— Você está pensando no Lev de novo, né? — pergunta Connor.

— Como é que você sabe?

— Porque, sempre que você faz isso, o tempo para e os seus olhos vão parar no lado escuro da Lua.

Ela baixa as mãos para tocar as dele, que pararam de massagear, e ele volta a estimular a circulação problemática.

— É por causa dele que a lei Max-17 foi aprovada, sabe — comenta Risa. — Eu me pergunto o que é que ele acha disso.

— Aposto que tem pesadelos com isso.

— Ou — sugere ela — talvez ele veja o lado bom da coisa.

— Você vê? — pergunta ele.

Risa suspira.

— Às vezes.

A Max-17 deveria ter sido uma coisa boa, mas, com o tempo, ficou claro que não era. Claro que o dia seguinte teve uma manhã de glória, quando os noticiários mostraram milhares de jovens de dezessete anos sendo libertados dos campos de colheita. Foi um triunfo da compaixão humana e uma grande vitória para os ativistas antifracturação, mas o mesmo sentimento de vitória permitiu que as pessoas fizessem vista grossa ao verdadeiro problema. A fracturação ainda estava lá, mas agora as pessoas podiam desviar o olhar, acreditando estar de consciência limpa.

E depois veio o cerco da mídia, uma inundação de propagandas destinadas a “relembrar” o povo de como as coisas haviam ficado “melhores” desde o Acordo de Fracturação. “Fracturação: a solução natural”, diziam os anúncios, ou “Adolescente problemático? Ame a ponto de aceitar a separação”, e, é claro, o favorito de Risa: “Experimente um mundo fora de si mesmo: abraça o estado dividido”.

A triste verdade sobre a espécie humana, a garota percebeu depressa, é que as pessoas acreditam no que ouvem. Talvez não da primeira vez, mas, na centésima vez, a mais maluca das ideias simplesmente se torna fato.

O que a traz de volta à pergunta de Connor. Com uma enorme escassez de fragmentários no sistema após a Max-17 e um público acostumado a receber todos os órgãos que deseja sempre que quiser, por que o Cemitério não foi atacado? Por que eles ainda estão aqui?

— Estamos aqui — responde Risa — porque estamos. E deveríamos simplesmente ser gratos por isso enquanto durar. — Então, ela toca gentilmente o ombro dele, sinalizando que é hora de terminar a massagem. — É melhor eu voltar pro avião da enfermaria. Tenho certeza de que tem muitos arranhões, olhos roxos e febres pra tratar. Obrigada, Connor. — Não importa quantas vezes ele faça isso por ela, Risa sempre fica constrangida por precisar.

Ele desenrola as barras das calças folgadas cáqui da garota e recoloca os pés dela nos apoios da cadeira de rodas.

— Nunca agradeça a um cara por botar as mãos em você.

— Só numa parte de mim — responde Risa timidamente.

Connor lança a ela um sorrisinho malicioso, deixando-o expressar o que quer que ele pudesse ter respondido.

— Acho que eu gostaria ainda mais do tempo que passamos juntos — diz ela — se você estivesse aqui de verdade.

Ele ergue a mão até o rosto dela, mas se detém, troca de mão e a toca com a esquerda, em vez da direita. Aquela com a qual nasceu, não a transplantada.

— Me desculpa, é só que...

— ... seu cérebro está compensando o tempo perdido. Eu sei. Mas estou ansiosa pelo dia em que vamos ficar juntos sem todas essas ideias sombrias. Aí, sim, vamos saber que vencemos.

Então, ela se retira rumo ao avião da enfermaria, manobrando a cadeira pelo chão irregular, sozinha, recusando-se a jamais ser empurrada por alguém.

7 · Connor

Um representante da Resistência Antidivisional aparece na tarde seguinte — três dias após a reunião que marcou com Connor. Está desganhado, barrigudo e ensopado de suor.

— E nem chegou o verão — diz Connor, esperando deixar claro que o verão sufocante do Arizona é logo dali a poucos meses. É melhor a RAD dar um jeito nas coisas, ou haverá uma porção de desertores bem zangados. Isto é, os que sobreviverem ao calor.

Eles se encontram no Força Aérea Um aposentado, que costumava ser o alojamento particular do Almirante, mas agora funciona como sala de reuniões. O homem se apresenta como Joe Rincon.

— Mas me chame de Joe. Nada de formalidades na RAD.

Ele se senta à mesa de reuniões, tirando um bloco de papel e uma caneta para tomar notas. Já está olhando para o relógio, como se houvesse algum outro local onde preferiria estar.

Connor tem toda uma lista de queixas de cada canto do Cemitério. Por que os carregamentos de comida são tão poucos e tão distantes uns dos outros? Onde estão os suprimentos médicos solicitados? E quanto ao ar-condicionado e às peças de geradores? Por que eles não têm sido avisados quando aviões trazem recém-chegados — e, aliás, por que os números têm sido tão baixos? Cinco ou dez por vez, quando os aviões costumavam vir com cinquenta ou até mais. Sendo o fornecimento de comida um problema constante, Connor não acha que os números baixos sejam um problema, mas no fundo isso o incomoda. Se menos desertores estão sendo encontrados pela resistência, significa que os Juvis — ou pior, os chamados piratas de órgãos — devem estar encontrando os fragmentários primeiro.

— O que há com vocês? Por que a RAD continua ignorando todos os nossos pedidos?

— Não tem nada com que se preocupar, sério — responde Rincon, o que acende um alerta vermelho em Connor, pois ele nunca disse nada sobre estar preocupado. — As coisas ainda estão sendo reorganizadas.

— Ainda? Ninguém nunca nos disse que as coisas tinham sequer começado a ser reorganizadas. O que você quer dizer com reorganizadas?

O homem enxuga a testa suada com a manga da camisa.

— Sério, não tem nada com que se preocupar.

Ao longo de um ano, Connor passou a entender a Resistência Antidivisional melhor do que gostaria. Quando ele era só um desertor, não tinha escolha a não ser confiar no fato de que a RAD era uma máquina de resgate muito funcional — mas não era nada do tipo. A única coisa que funcionava numa boa era o Cemitério — o Almirante garantia isso, e Connor, seguindo os passos dele, mantém o lugar em ordem.

Ele deveria ter percebido que as coisas na RAD não eram o que pareciam assim que aceitaram a sugestão do Almirante de dar a Connor o comando do lugar, em vez de instalar um adulto mais experiente. Se estavam tão dispostos a deixar um adolescente administrar seu santuário de fugitivos, havia algo errado ali.

Houve uma época louca em que mais jovens chegavam a cada poucos dias. O Cemitério continha mais de dois mil adolescentes, e a RAD mandava regularmente carregamentos de tudo o que eles precisassem. Então, quando a Max-17 foi aprovada, Connor recebeu ordem de liberar imediatamente todos os que tivessem dezessete anos — que eram uma alta porcentagem da população do Cemitério —, mas ele tomou a decisão de fazer isso lentamente, soltando-os em pequenas quantidades, de forma que não inundassem a cidade mais próxima, Tucson, com mais de novecentos adolescentes sem teto. O fato de que queriam que ele simplesmente mandasse todos embora de uma vez deveria ter sido um sinal de que a liderança da RAD estava com problemas.

Connor os liberou durante um período de dois meses, mas a RAD cortou os suprimentos imediatamente, como se aqueles jovens tivessem de repente deixado de ser problema deles. Entre os maiores de idade soltos, os enviados para programas de trabalho que haviam sido estabelecidos pelo Almirante e os que desertaram quando já não havia comida suficiente, a população do Cemitério baixou para cerca de setecentas pessoas.

— Estou vendo que vocês plantaram um belo jardim... e estão criando galinhas também, né? — comenta Rincon. — Devem ser totalmente autossustentáveis agora.

— Nem perto disso. O Corredor Verde produz só cerca de um terço da comida de que precisamos, e, com a RAD reduzindo nossos carregamentos de alimento, tivemos de recorrer a assaltos a caminhões de entrega de mercadorias em Tucson.

— Ai, Deus — responde o homem. Só isso: “ai, Deus”, e ele começa a mastigar a tampa da caneta.

Connor, cuja paciência vem se desgastando desde o primeiro dia, está cansado de rodeios e vai direto ao assunto:

— Você vai me contar alguma coisa útil ou só vai ficar aqui desperdiçando o meu tempo?

Rincon suspira.

— O caso é o seguinte, Connor: nós achamos que o Cemitério foi descoberto.

O garoto não consegue acreditar no que esse tonto está dizendo.

— É claro que foi descoberto! Fui eu quem disse a vocês que ele foi descoberto! Os Juvis sabem de nós, e eu estou dizendo que precisamos mudar de local desde o dia em que assumi o comando!

— Sim, estamos trabalhando nisso, mas nesse meio-tempo não podemos ficar mandando recursos valiosos para uma instalação que poderia ser tomada pelos Juvis a qualquer momento.

— Então, vocês vão deixar a gente apodrecer aqui, é isso?

— Eu não disse isso. Você parece ter tudo sob controle. Com sorte, os Juvis nunca vão ver necessidade de invadir...

— Com sorte? — Connor se levanta e se afasta bruscamente da mesa. — A resistência deveria ser sinônimo de ação, não de sorte. Mas vocês agem? Não! Eu mando pra vocês meus planos de infiltração em campos de colheita e ideias de como libertar os adolescentes de formas não violentas, que não irritem as pessoas nem gerem um retrocesso... mas tudo que ouço da RAD é “estamos trabalhando nisso, Connor”, ou “vamos levar isso em consideração, Connor”. E agora você me diz para confiar nossa sobrevivência à sorte? Pra que diabo serve a RAD, então?

Rincon toma o momento como sua deixa para acabar com a reunião — algo que ele claramente queria fazer desde que chegou.

— Ei, eu sou só o mensageiro... não desconte a raiva em mim!

Mas há algumas coisas que Connor simplesmente não consegue evitar, e ele se percebe enfiando o punho de Roland na cara de “me chame de Joe” de Rincon. O soco acerta o olho, e o homem cambaleia para trás, colidindo com a divisória da sala. Ele olha para o rapaz não com desprezo, mas com medo, como se ele pretendesse continuar batendo. Já eram as “formas não violentas”. Connor recua.

— Tá aí minha mensagem — diz ele. — Por favor, leve-a para as pessoas que te mandaram aqui.

Há um Boeing 747 sem asas que foi esvaziado, exatamente como todos os outros aviões do Cemitério, e recheado com equipamentos de ginástica. Ganhou o nome de GimBo, embora alguns o chamem de “cabine de luta”, já que tantas brigas parecem estourar dentro dele.

É onde Connor vai para descarregar as frustrações.

Há um enorme saco de pancadas diante dele, e ele o martela como um lutador premiado determinado a fazer um nocaute no primeiro round. Imagina o rosto de todas as pessoas que o irritaram durante o dia. Todas as que vêm com desculpas para não fazer o que deveriam. E estende sua raiva a pessoas como Rincon, os Juvis que precisou encarar, os conselheiros sorridentes no campo de colheita que tentaram fazer com que a fragmentação parecesse um tipo de atividade saudável com a família e os amigos, e finalmente o rosto de seus pais, que colocaram para funcionar os mecanismos que o trouxeram até aqui. Pensando neles, não há soco forte demais, e ainda assim ele não consegue digerir a culpa que sente por essa vontade de socá-los.

Os golpes da mão esquerda não são nada comparados aos da direita. Ele olha para a tatuagem de tubarão que o encara do antebraço; o tubarão-tigre desenhado é ainda mais feio do que o bicho verdadeiro. Ele precisa admitir que se acostumou com isso, mas nunca gostará. Os pelos que crescem naquele braço também são mais grossos e escuros do que no outro. *Ele está aqui*, diz Connor a si mesmo. *Roland está aqui, em cada soco que eu dou com a mão dele*. E a pior parte disso é que desferir esses socos é gostoso — como se o próprio braço estivesse curtindo a experiência.

Ele vai na direção de um aparelho de supino, e uns jovens que se revezavam na máquina abrem espaço para ele — um privilégio por estar no comando. Olha para o peso, acrescenta mais dois quilos de cada lado e se deita, pronto para

empurrar. Faz isso todo dia, e todo dia esta é a parte que mais odeia... porque em nenhum outro momento a diferença entre o braço esquerdo e o direito é mais clara do que durante o supino. O braço com o qual ele nasceu luta para erguer a barra. E, de repente, ele percebe que, mesmo agora, ainda está lutando com Roland.

— Precisa de ajuda? — pergunta um cara atrás dele. Connor vira o pescoço para ver, acima, o garoto que todos chamam de Starkey.

— Sim, claro — responde ele. — Valeu. — Ele começa outra série de exercícios, já sentindo o braço original doer, mas não querendo ceder... só que, depois de sete repetições, ele começa a esmorecer, e Starkey tem de ajudá-lo a recolocar a barra no suporte.

O garoto aponta para o tubarão no braço dele.

— Você ganhou isso no Happy Jack?

Connor senta-se ereto, esfregando o ardor nos músculos, e olha para a tatuagem.

— Veio com o braço.

— Na verdade — diz Starkey —, eu estava falando do braço mesmo. Imagino que, se um cara que é contra a fragmentação tem o braço de um fragmentário, provavelmente não foi por escolha própria. Eu adoraria ouvir como foi que aconteceu.

Connor ri, pois ninguém jamais fez essa pergunta de forma tão direta. Chega a ser um alívio falar sobre isso.

— Tinha esse cara... um sujeito bem durão. Ele tentou me matar uma vez, mas não conseguiu ir até o fim. De todo jeito, ele foi o último a ser fragmentado no Happy Jack. Eu deveria ser o próximo, mas foi aí que os batedores explodiram o Ferro-Velho. Perdi um braço e acordei com este. Pode acreditar, não foi escolha própria.

Starkey absorve a história e assente, sem julgar.

— Medalha de honra, cara — diz ele. — Exiba com orgulho.

Connor tenta conhecer cada pessoa que chega, pelo menos um pouco, para que ninguém sinta que é apenas um número esperando ser capturado e fragmentado. Então, o que ele sabe sobre Starkey? Tem personalidade e um

sorriso um pouco difícil de desvendar. Tem cabelo ondulado e vermelho — tingido, como demonstram as raízes escuras que cresceram alguns centímetros desde que ele chegou, um mês atrás. É um pouco baixinho, mas forte, não magricela. Atarracado, essa é a palavra — como um lutador — e, ainda assim, tem uma autoconfiança que o faz parecer mais alto. Também há rumores de que ele matou um ou dois Juvis durante a fuga, mas são só rumores.

Connor lembra-se do dia em que Starkey chegou. Cada grupo de recém-chegados vem com pelo menos uma pessoa que acha que explodir campos de colheita é uma boa ideia. Na verdade, a maioria provavelmente pensa assim, mas está intimidada demais ao chegar para gritar opiniões. Os que fazem isso acabam sendo ou problemas ou acima da média. Starkey, porém, vem sendo discreto desde que chegou. Recebeu a tarefa de servir comida no refeitório, e toda noite ele sai fazendo pequenos truques de mágica para quem quer que se interesse. Isso faz Connor pensar em sua própria primeira noite como desertor. Foi abrigado por um caminhoneiro que mostrou a ele um braço transplantado até o cotovelo. Era o braço de um fragmentário que veio com a habilidade de fazer truques com cartas.

— Você vai ter que me mostrar alguns dos seus truques de mágica, Starkey — diz Connor, e o garoto parece um pouco surpreso.

— Você sabe o nome de todo mundo aqui?

— Só daqueles que impressionam. Vem, vamos trocar — propõe Connor. — Eu te ajudo. — Eles trocam de posição, e Starkey tenta erguer o peso dos halteres, mas mal consegue duas repetições.

— Acho que pra mim já deu.

O garoto se senta, dando-lhe uma longa olhada. A maioria das pessoas não consegue sustentar o olhar de Connor. Ou pelas cicatrizes ou pela lenda, que é intimidadora demais para eles. Starkey, contudo, não desvia o olhar.

— É verdade que você se arriscou a ser pego pra salvar um bebê da cegonha?

— É — responde Connor. — Não foi uma das minhas ideias mais brilhantes.

— Por que você fez isso?

Connor dá de ombros.

— Pareceu uma boa ideia na hora. — Tenta rir, mas Starkey não o

acompanha.

— Eu fui um bebê da cegonha — diz o menino.

— Sinto muito em saber disso.

— Não, tudo bem. Só quero que você saiba que eu te respeito pelo que fez.

— Valeu. — Lá fora, alguém chama por Connor naquele tom de meu-problema-é-uma-calamidade que ele ouve regularmente. — O dever chama. Pega leve, Starkey. — E ele sai, sentindo-se um pouco melhor do que quando entrou.

Mas o que ele não vê é o que acontece depois de sua saída: Starkey deitado no aparelho de supino, fazendo vinte repetições com aquele mesmo peso sem nem sequer suar.

Após o pôr do sol, Connor convoca uma reunião do círculo interno — um grupo de sete que Hayden apelidou de os Íntegros dos Íntegros, e o nome pegou. Eles se encontram no avião particular de Connor, no lado norte do corredor principal, em vez de no velho Força Aérea Um, que ainda fede à última reunião com Me-Chame-de-Joe, o representante da resistência.

Não foi ideia de Connor ter seu próprio avião particular, tanto quanto não foi sua ideia usar o uniforme azul. Ambas foram sugestões de Trace para ajudar a solidificar a imagem do comandante destemido.

— Mas que diabo de exército usa camuflagem azul? — resmungou quando Trace sugeriu isso pela primeira vez.

— É para ataque aéreo com propulsores a jato — informou o ex-recruta. — Nunca aconteceu de verdade, mas funciona na teoria.

A ideia era destacar Connor de todo o resto. O Almirante tinha um uniforme, todo enfeitado por medalhas de guerra; o rapaz precisava de algo que combinasse com seu próprio estilo de liderança, qualquer que fosse ele. Embora Connor não ficasse muito feliz em administrar o lugar como um campo de treinamento, o Almirante já havia estabelecido a coisa como uma ditadura militar. Funcionava, então o rapaz preferiu não mexer nela.

Foi sugerido que ele reivindicasse o Força Aérea Um, mas esse era o estilo do Almirante, não o de Connor. Em vez disso, ficou com um jato particular, pequeno e esguio, tirado da periferia do Cemitério, e mandou rebocá-lo até o

lado norte do corredor principal.

Às vezes, ele ouve as pessoas resmungarem:

— Olha pra ele lá, vivendo feito um rei, enquanto o resto de nós não tem nada além de um saco de dormir.

— É a natureza da fera — Trace sempre o lembra. — Respeito não vem sem um pouco de ressentimento.

Connor sabe que ele está certo, mas não tem de gostar disso.

Quase todos os Íntegros dos Íntegros chegam dentro do horário marcado. Lá dentro, sentam-se e ficam girando de um lado a outro nas poltronas de couro, só porque podem. Eles aproveitam muito mais o jato do que Connor.

Seis dos sete membros estão presentes. Risa, que é a médica-chefe do Cemitério, se recusa a entrar nesse avião até ser capaz de rodar sozinha para dentro dele — e uma rampa para cadeiras de rodas apenas para acessar o avião de Connor parece meio que uma extravagância.

Trace, sempre o primeiro a chegar, é o chefe de segurança, assim como conselheiro estratégico do líder.

Hayden é o mestre do ComBom, administrando os computadores e as transmissões via rádio, monitorando o mundo exterior, as frequências policiais e toda a comunicação com a resistência. Ele também tem uma emissora de rádio dos íntegros, com um sinal que mal chega a um quilômetro. Ele a chama de “Rádio Livre do Hayden”.

Há uma garota enorme e forte que todos chamam de Bam, encarregada dos serviços alimentares. Seu verdadeiro nome é Bambi, mas qualquer um que a chame assim acaba tendo de ir para a enfermaria para ser tratado por Risa.

Há Drake, um menino do interior que é o Chefe de Sustentabilidade, que é só um termo chique para o cara que administra a fazenda, ou o Corredor Verde, uma ideia de Connor. A comida que o lugar produz já aliviou mais de uma vez as dores da fome quando os carregamentos de alimento da RAD foram pequenos demais ou inexistentes.

O próximo é John, um garoto que sempre masca chiclete e tem uma perna inquieta, encarregado da manutenção e manejo de resíduos. Depois, Ashley, que alega ser muito “orientada a pessoas” e lida com “problemas” — e, já que

praticamente todo jovem destinado à fragmentação tem problemas, ela é provavelmente a mais ocupada do grupo.

— Então, qual é o assunto? — pergunta Bam. — Porque eu tenho umas coisas pra fazer.

— Em primeiro lugar — começa Connor —, eu falei com o cara da RAD hoje. Só podemos esperar mais do mesmo.

— Mais de nada ainda é nada — responde Drake.

— Isso mesmo. A gente meio que já sabe que está por conta própria há um tempo... agora, é oficial. Se vira.

— E quanto aos suprimentos e às coisas que a gente não pode tirar de outros aviões? — pergunta John, a perna balançando mais ferozmente do que o normal.

— Se não conseguirmos dinheiro do escritório de administração pra comprar essas coisas, vamos ter de encontrar maneiras criativas de consegui-las. — “Maneiras criativas” é o eufemismo de Connor para roubo. Ele já teve de mandar pessoas até Phoenix para obter de forma criativa as coisas que a RAD não fornece. Coisas como medicamentos difíceis de encontrar e maçaricos de solda.

— Acabei de receber a notícia de que um novo avião vai ser trazido pra cá na próxima terça-feira — conta Hayden. — Tenho certeza de que, quando o esvaziarmos, vamos encontrar muitas coisas de que precisamos. Refrigeradores de ar, parafernália hidráulica e todo tipo de coisas mecânicas pesadas e técnicas.

— O compartimento de bagagem vai estar lotado de íntegros? — pergunta alguém.

— Nenhum avião chega sem carne nova — responde Hayden. — Mas não dá pra saber quantas pessoas virão.

— Espero que desta vez não venham em caixões — diz Ashley. — Vocês têm alguma ideia de quantas pessoas aqui têm pesadelos com isso até hoje?

— Ah, por favor, caixões estão tão fora de moda! — retruca Hayden. — Desta vez, serão barris de cerveja!

— A questão mais importante — interrompe Connor — é ter um plano de fuga. Não podemos confiar na RAD pra nos salvar se os Juvis decidirem que é

hora de arranjar órgãos novos.

— Por que não evacuamos a área agora — pergunta Ashley — e encontramos um lugar novo pra ficar?

— Não é assim tão fácil deslocar setecentas pessoas... e fazer isso seria como gritar “oi” pra cada Juvi do Arizona. A equipe do Hayden tem feito um ótimo trabalho ao definir o nível de ameaça, então, pelo menos, vamos receber algum aviso antes de um ataque. Mas, se não tivermos uma estratégia de evacuação, aí estamos ferrados.

Bam lança um olhar a Trace, que nunca fala muito nessas reuniões.

— O que *ele* acha?

— Eu acho que vocês deveriam fazer o que o Connor mandar vocês fazerem — responde Trace.

Bam bufa.

— Falou como um verdadeiro recruta do exército.

— Força aérea — diz Trace. — Seria bom você se lembrar disso.

— A questão é — começa Connor, intrometendo-se antes que Ashley possa iniciar um discurso sobre controle da raiva — que nós todos temos de pensar em como dar o fora daqui bem rápido a qualquer momento, se precisarmos.

O resto da reunião lida com minúcias administrativas. Connor imagina como é que o Almirante conseguia aguentar conversas sobre o suprimento de absorventes femininos quando a sombra dos campos de colheita era um perigo mais claro e presente a cada minuto de cada dia.

— É questão de saber delegar — Trace havia dito; e esta era a verdadeira razão pela qual Connor convocara essa reunião.

— Vocês todos podem ir — diz ele aos Íntegros dos Íntegros, finalmente —, menos a Bam e o John. Nós ainda temos coisas pra resolver.

Todos saem, e Connor faz John esperar do lado de fora enquanto conversa em particular com Bam. Ele sabe o que precisa fazer, apenas não quer fazer. Algumas pessoas ficam felizes em entregar más notícias, mas ele nunca gostou. Sabe muito bem o que é ser pego de surpresa, ouvir alguém dizer que você é inútil, que é melhor ser fragmentado.

Bam fica parada de braços cruzados, cheia de atitude.

— Então, qual é?

— Me fala do bolo de carne estragado.

A garota dá de ombros, como se não fosse nada.

— Que é que tem? O gerador de um dos refrigeradores pifou. Agora, já está consertado.

— Por quanto tempo ele ficou sem energia?

— Não sei.

— Então, você não tem ideia de quanto tempo a coisa ficou desligada, mas serviu a comida que estava dentro dela mesmo assim?

— Como é que eu ia saber que as pessoas iam ficar doentes? Elas comeram, então problema delas.

Connor imagina o saco de pancadas e fecha o punho da mão direita. Então, olha para o tubarão e força a mão a relaxar.

— Mais de quarenta pessoas passaram mal por mais de dois dias... e sorte a nossa que não foi pior.

— Tá, falou, não vou deixar isso acontecer da próxima vez. — Bam usa um tom de voz rude, e Connor consegue imaginá-la falando do mesmo jeito com os professores, os pais, os Juvis e cada figura de autoridade em sua vida. O garoto odeia o fato de que, agora, ele é uma dessas figuras de autoridade.

— Não vai ter próxima vez, Bam. Sinto muito.

— Você vai se livrar de mim por causa de uma única mancada besta?

— Ninguém vai se livrar de você — responde Connor. — Mas você não vai mais administrar o serviço de alimentação.

Ela o queima com um olhar longo e cheio de ódio. Então, diz:

— Beleza. Vai pro inferno. Não preciso dessa merda.

— Obrigado, Bam — diz o rapaz, sem ter a menor ideia do que deu nele para agradecer a ela. — Na saída, manda o John entrar.

A garota abre a porta com um chute e sai apressada. Ela se vira para John, que espera nervosamente lá fora, completamente encolhido de medo após a saída

raivosa dela.

— Vai, entra — rosna Bam. — Ele vai te despedir.

Esta noite, Connor encontra Starkey fazendo truques mágicos para um punhado de íntegros debaixo do avião de recreação.

— Como é que ele faz isso? — perguntam os jovens, enquanto ele faz pulseiras desaparecerem de pulsos e aparecerem nos bolsos de outras pessoas. Quando ele termina, Connor se aproxima.

— Você é bom pra caramba. Mas, como o cara no comando, eu deveria te pedir pra me contar como é que se faz.

Starkey apenas sorri.

— Um mágico nunca revela seus segredos, nem mesmo para o cara no comando.

— Escuta — diz Connor, indo direto ao assunto —, tem uma coisa sobre a qual quero conversar com você. Decidi mudar um pouco as coisas no grupo dos Íntegros dos Íntegros.

— Mudar pra melhor, eu espero — responde o garoto, agarrando o estômago. Connor ri, pois já sabe que Starkey percebe onde isso vai dar, mas tudo bem.

— O que você acharia de ficar encarregado da comida?

— Eu adoro comida — responde Starkey. — E não é só forma de dizer.

— Você acha que conseguiria comandar uma equipe de trinta pessoas e botar comida na mesa três vezes por dia para o resto da turma?

O garoto acena com a mão e faz um ovo aparecer do ar, entregando-o a Connor. Ele já viu o truque do ovo alguns minutos antes, mas agora sua relevância o torna ainda mais interessante.

— Ótimo — diz Connor. — Agora, faça aparecerem mais setecentos desses pro café da manhã. — E ele se afasta, rindo consigo e sabendo que Starkey realmente tem o que é preciso para fazer com que as coisas aconteçam, e fazer com que aconteçam do jeito certo.

Pela primeira vez, ele tem certeza de que tomou a decisão correta.

8 · Risa

No início de cada noite, quando o deserto começa a refrescar, Risa toca piano sob a asa esquerda do Força Aérea Um. Ela toca obras que conhece de cor e outras de partituras que acabaram indo parar no Cemitério.

Quanto ao piano em si, é um Hyundai preto de cauda, tipo *baby grand*, que a fez rir quando o viu pela primeira vez. Ela não pensou que a Hyundai fizesse pianos — mas, até aí, por que isso deveria surpreendê-la? Multinacionais podem fazer o que quiserem, basta que as pessoas comprem. Uma vez, ela leu que a Mercedes-Benz investira pesado em corações artificiais antes de o Acordo de Fragmentação tornar esse tipo de tecnologia inútil. “O Pulsar Ômega”, dizia a propaganda. “Leve luxo ao coração.” Puseram uma fortuna no produto, apenas para perder cada centavo assim que a fragmentação começou e os corações artificiais se tornaram tão relevantes quanto pagers ou CDs.

Esta noite, ela toca uma sonata de Chopin, poderosa, mas sutil. A melodia se espalha como nevoeiro, ecoando dentro das fuselagens ocas onde vivem os íntegros. Ela sabe que isso os conforta. Até mesmo os jovens que alegam desprezar música clássica vêm perguntar por que ela não está tocando quando ela pula uma noite. Então, ela toca para eles também, mas na verdade é para si mesma que toca. Às vezes, ela tem uma plateia sentada diante de si, na areia. Em outras, como hoje, está sozinha. Às vezes, Connor vem. Senta-se ao lado dela, mas ainda assim distante, como se temesse invadir seu espaço musical. As vezes que Connor vem são suas favoritas, mas ele não vem o suficiente.

— Ele está com coisas demais na cabeça — Hayden dissera a ela, dando as desculpas que o próprio Connor deveria dar. — Ele é um homem do povo. — E acrescentara com um sorrisinho: — Ou, pelo menos, *feito* do povo.

Hayden nunca deixa passar uma chance de atirar farpas verbais sobre o braço indesejado de Connor. Isso irrita Risa, pois certas coisas não deveriam ser assunto de piada. Às vezes, ela percebe Connor olhando para o braço com uma expressão tão opaca que a assusta. Como se talvez estivesse prestes a pegar um machado e cortar a coisa fora na frente de todo mundo. Muito embora ele também tenha um olho substituto, a combinação é perfeita, e a fonte, desconhecida. O olho não tem poder sobre ele... mas o braço de Roland é

diferente. Carrega uma pesada bagagem emocional no punho poderoso.

— Você fica pensando se ele vai te morder? — perguntou ela uma vez enquanto ele olhava para o tubarão.

Surpreso, Connor enrubesceu um pouco, como se tivesse sido pego fazendo algo que não deveria. Então, encolheu os ombros.

— Não, estava só pensando quando e por que o Roland fez essa tatuagem besta. Se um dia eu topar com a pessoa que recebeu o neurônio responsável por isso, talvez eu pergunte. Depois, ele se afastou dela, finalizando a conversa.

Se não fosse por aquelas massagens diárias nas pernas, Risa pensaria que Connor a esquecera completamente. Mas mesmo as massagens não eram a mesma coisa. Pareciam descuidadas agora. Como se a única razão para ele estar ali fosse o fato de ter prometido a si mesmo que estaria — não por querer estar.

Pensar em Connor faz com que ela erre uma nota — a mesma maldita nota que errou naquele recital de vida-ou-morte que a mandou para um ônibus rumo à fragmentação. Ela rosna, depois tira os dedos das teclas e respira fundo. A música ecoa, o que significa que sua frustração está sendo transmitida com a mesma clareza da Rádio Livre do Hayden.

O que a incomoda mais é o fato de se importar. Risa sempre foi capaz de se cuidar, tanto física quanto emocionalmente. Na Casa Estatal, ou você desenvolve várias camadas de armadura pessoal ou é devorada viva. Quando é que isso mudou? Terá sido quando ela foi forçada a tocar música enquanto jovens eram levados para dentro do edifício abaixo dela para serem fragmentados? Terá sido quando fez a escolha de aceitar a coluna partida, em vez de deixar que a substituíssem pela coluna saudável de um fragmentário? Ou talvez tenha sido antes disso, quando ela percebeu que, contra todo bom-senso e razão, estava apaixonada por Connor Lassiter?

Risa termina a sonata porque, não importa como se sinta, não consegue deixar uma obra musical incompleta. Então, quando finaliza, luta contra o terreno seco e íngreme sob as rodas e segue na direção de certo avião particular.

9 · Connor

Connor está cochilando em uma poltrona confortável demais para alguém ficar totalmente acordado nela, mas não confortável o bastante para um sono profundo. Ele é colocado em alerta por um golpe contra a lateral do avião. Quando o segundo golpe vem, ele percebe que é à sua esquerda. Quando chega o terceiro, percebe que alguém está jogando coisas contra o avião.

Ele espia por uma janela, mas, na escuridão, vê apenas o próprio reflexo. Outro golpe. Ele coloca as mãos em concha ao redor dos olhos, apertando o rosto no vidro. A primeira coisa que vê são os arcos azuis refletindo o luar. Uma cadeira de rodas. Então, ele vê Risa apanhando outra pedra, que acerta logo acima da janela.

— Mas que diabo?

Ele abre a porta, esperando que ela cesse o ataque.

— O que foi? O que aconteceu?

— Nada — responde ela. — Eu só estava tentando chamar sua atenção.

Ele dá uma risadinha, ainda sem entender o estado de espírito dela.

— Há modos melhores de fazer isso.

— Não ultimamente.

Ela se move um pouco para a frente e para trás na cadeira de rodas, esmagando um torrão de terra que a deixara levemente inclinada para um lado.

— Não vai me convidar pra entrar?

— Você está convidada. Está sempre convidada.

— Bom, então, talvez você devesse ter colocado uma rampa.

E, embora saiba que vai se arrepender de dizer isso, ele diz mesmo assim:

— Talvez você devesse deixar alguém te carregar.

Ela roda para um pouco mais perto, mas não perto o bastante para eliminar o espaço entre eles — só o suficiente para torná-lo dolorosamente constrangedor.

— Eu não sou idiota. Sei o que está rolando.

Risa pode querer essa conversa agora, mas Connor não está a fim. Depois de demitir Bam e John, ele só quer chegar ao fim do dia e encontrar um sono sem sonhos até o dia clarear e trazer mais um novo inferno.

— O que está rolando é que eu estou tentando manter todos nós vivos — responde ele com uma voz um pouco irritada demais —, e não acho que isso seja um problema.

— Sim, você está tão ocupado nos mantendo vivos. Mesmo quando não está ocupado, você está ocupado... e, quando fala comigo, é só sobre a RAD, e sobre como é difícil pra você, e sobre o peso do mundo nos *seus* ombros.

— Ah, pelo amor de Deus, Risa, você não é o tipo de menina frágil que precisa da atenção de um cara pra se sentir completa.

Então, a lua sai novamente de detrás de uma nuvem e ele consegue ver lágrimas brilhando no rosto dela.

— Existe uma diferença entre precisar de atenção e ser intencionalmente ignorada.

Connor abre a boca para dizer alguma coisa, mas o cérebro falha. Ele poderia falar sobre as massagens circulatorias diárias, mas ela já disse que, mesmo nesses momentos, ele está mentalmente distante.

— É a cadeira de rodas, né?

— Não! — responde ele. — Não tem nada a ver com isso.

— Então, você admite que existe um motivo.

— Eu não disse isso.

— Então, o que é?

O garoto desce do avião. Três passos que separam seu mundo do de Risa. Ele se ajoelha diante dela, tentando olhá-la nos olhos, mas eles estão ocultos nas sombras.

— Risa, eu gosto tanto de você quanto sempre gostei. Você sabe disso.

— Gosta de mim?

— Amo você, tá? Eu amo você. — As palavras não saem facilmente para

Connor. Não sairiam de jeito nenhum se não fossem verdadeiras, por isso ele sabe que são. Ele a ama profundamente; esse não é o problema. E a cadeira de rodas não é o problema, nem seu trabalho de administrar o Cemitério.

— Você não age como um menino apaixonado.

— Talvez porque eu não seja um menino — responde ele. — Já tem um bom tempo que não sou.

Ela pensa nisso e diz em voz baixa:

— Então, me mostre o que é que você sente como homem. E me faça acreditar.

O desafio paira pesado. Por um momento, ele se imagina tomando-a nos braços e carregando-a para dentro do avião, até o quarto nos fundos, e gentilmente deitando-a na cama, sendo para ela o homem que ele alega ser.

Mas Risa não quer ser carregada. Sob nenhuma circunstância. Nunca. E Connor imagina que isso talvez não seja culpa inteiramente dele. Talvez ela seja parcialmente culpada por essa brecha invisível entre os dois.

Sem nenhuma outra forma de provar seus sentimentos, ele estende a própria mão e tira o cabelo do rosto dela. Depois, inclina-se, dando-lhe um beijo poderoso. Coloca todo o peso do relacionamento e toda a frustração acumulada nesse único beijo super-heroico. Deveria bastar para dizer tudo o que ele não consegue... mas, quando ele se afasta, sente as lágrimas dela nas próprias bochechas. E ela diz:

— Se você me quisesse por perto, teria construído uma rampa.

De volta ao avião, Connor se deita na cama, no escuro, o luar pintando barras frias de luz por cima do leito. Ele está furioso. Não com Risa, porque ela tem razão. Não teria sido nada de mais construir uma rampa até o avião. Ele poderia ter feito isso em meio dia.

Mas e se tivesse feito?

E se Risa pudesse mesmo estar com ele de todas as formas possíveis — e se o tubarão em seu braço tivesse mesmo personalidade própria? Roland havia atacado Risa — havia tentado violentá-la, e ela devia ter ficado olhando para aquela maldita tatuagem naquele momento. Ela disse que isso não a incomodava, mas incomoda Connor o bastante para mantê-lo acordado noite

após noite. Pois e se eles estivessem sozinhos, juntos, no calor daquele momento apaixonado que ambos queriam... e se ele perdesse o controle? E se aquela mão a segurasse com força demais, se fosse rude com ela... e se batesse nela, e batesse de novo, e de novo, e não parasse? E como é que ele poderia estar ali com ela, de verdade, se tudo em que conseguia pensar era nas coisas que aquele braço havia feito, e em todas as coisas que ainda poderia fazer?

Melhor não deixar isso acontecer.

Melhor garantir que ela nunca se aproxime tanto assim.

Então, você não constrói uma rampa. Você não a visita no avião dela, e, quando os dois têm contato físico, é a céu aberto, onde é seguro. E, quando ela vai embora chorando, você a deixa ir, pensando o que quer que ela deseje pensar, porque isso é melhor do que assumir para ela que você é fraco demais para sentir-se seguro com o próprio braço. Então, sozinho na escuridão do seu jato particular, você soca furiosamente a parede até os nós dos dedos ficarem feridos e sangrando, mas você não liga, porque, embora consiga sentir a dor, sabe que, no final das contas, esses não são os *seus* dedos.

10 · Starkey

Starkey passa os dias trabalhando em seu tipo especial de magia — e ele sabe que os melhores truques mágicos exigem prática, paciência e despistamento muito cuidadoso. Movimentos indetectáveis das mãos. Por mais de um mês ele não traiu suas ambições. Fazer isso teria levado Connor a suspeitar dele. Em vez disso, criou redes de contatos entre os íntegros, estudando as alianças, as amizades, a estrutura de poder — e, finalmente, por meio de cauteloso planejamento, Starkey se inseriu no lugar certo, na hora certa, para ganhar a confiança de Connor sem que este jamais soubesse que era tudo parte do plano de longo prazo de Starkey.

Agora, ele está no mais alto escalão do Cemitério e, embora seja apenas o serviço de alimentação, isso o mantém em contato direto com todos os setecentos jovens do lugar. Ele tem mais poder, mais acesso, e começa a fazer coisas que antes teriam sido consideradas suspeitas, mas agora são parte do privilégio de ser um dos Íntegros dos Íntegros.

Uma tarde, Starkey vaga inocentemente para dentro do ComBom, o centro de computadores e comunicações do Cemitério, administrado por Hayden. O equipamento de rádio foi inicialmente projetado para captar e decodificar frequências inimigas — o que ele ainda faz, embora agora o inimigo seja a Autoridade Juvenil Nacional. A todo momento, é operado por meia dúzia de íntegros que Hayden escolheu a dedo por suas habilidades em informática.

— Não sou o *geek* de tecnologia que todo mundo acredita que eu seja — conta Hayden. — Sou apenas muito bom em levar crédito pelo trabalho dos outros. Acho que puxei ao meu pai. Ele tinha uma habilidade especial de pisar nos dedos das pessoas enquanto subia a escada empresarial.

Por um momento, ele analisa Starkey, que simplesmente sorri para ele.

— Algo errado?

— Não — responde Hayden. — Eu estava só imaginando se você está pensando em roubar meu posto. Não que eu me importe. Não ligaria detrabalhar no serviço de alimentação por um tempo, mas ajudaria saber quais são as suas intenções.

— Eu só quero saber como as coisas funcionam por aqui, é isso.

— Ah, você é um *daqueles*.

Starkey não sabe de que tipo de “aqueles” ele está falando, mas não se importa, desde que Hayden conte o que ele quer saber.

— Tenho uma equipe etnicamente diversificada aqui — conta orgulhosamente o chefe de comunicações, passeando pela sala. — O Tad é japonês, a Hailey é umber, o Jeevan é indiano... e a Esme é metade hispânica. Acho que a outra metade dela deve ser extraterrestre, porque ela é inteligente demais pra ser humana. — A garota se empertiga envaidecida por um instante, depois volta a trabalhar na decodificação de comunicações. — Nós temos o Nasim, que é muçulmano, trabalhando lado a lado com a Lizbeth, que é judia, e adivinha só? Eles estão apaixonados.

— Não enche — responde Nasim, e Lizbeth o empurra só um pouco, o bastante para deixar claro que é verdade.

Hayden aponta para os vários consoles de monitoramento.

— Há um programa de monitoramento de comunicações funcionando neste aqui. Ele pode detectar palavras-chave em qualquer coisa, de e-mails a conversas telefônicas. Meio que um sistema de aviso prévio desenvolvido originalmente pra combater o terrorismo, mas não é legal saber que podemos usá-lo para propósitos civis?

— Então, o que a gente faz se esse negócio disser que as coisas vão ficar perigosas?

— Bem que eu queria saber — responde Hayden. — Isso é o departamento do Connor.

Há um console que ele usa para criar listas de reprodução e transmitir entrevistas em seu programa na Rádio Livre do Hayden.

— Você percebe que a transmissão não chega mais longe que um grito — comenta Starkey com um sorrisinho.

— É claro que não — diz ele. — Se chegasse, os Juvis conseguiriam captá-la.

— Se ninguém está ouvindo, então, pra quem é?

— Em primeiro lugar — explica Hayden —, sua suposição de que ninguém está ouvindo é incorreta. Minha estimativa é de que eu tenha pelo menos cinco

ou seis ouvintes a qualquer momento.

— É — diz Tad. — Ele quer dizer nós.

— E, segundo — continua o rapaz, sem negar —, é uma preparação para minha carreira na radiodifusão, que eu planejo seguir assim que fizer dezessete anos e sair deste lugar.

— Não vai ficar por aqui pra ajudar o Connor, hein?

— Minha lealdade tem a duração do leite não pasteurizado — responde Hayden. — Eu tomaria um tiro pelo Connor, e ele sabe disso. Mas só até eu fazer dezessete.

Tudo isso parece bem sincero até Esme dizer:

— Achei que você já tivesse essa idade.

Hayden remexe os ombros, desconfortável.

— O ano passado não contou.

Perto de Jeevan há uma folha impressa. Uma lista de nomes, endereços e datas. Starkey a pega.

— O que é isto?

— O nosso bom Jeeves aqui é responsável por conseguir uma lista de todos os adolescentes já destinados à desfragmentação daqui até Phoenix.

— São as pessoas que vocês buscam nas missões de resgate?

— Nem todas — explica Hayden. — Nós escolhemos aqui e ali. Não podemos salvar todos, mas fazemos o possível. — Ele aponta para os nomes sublinhados, os escolhidos para ser resgatados, e, enquanto olha para a lista, Starkey começa a sentir raiva. Há informações sobre cada pessoa, incluindo datas de nascimento; exceto aqueles que não têm data de nascimento. Em vez disso, datas de abandono estão listadas. Nenhuma das “crianças da cegonha” está sublinhada.

— Então você e o Connor não salvam o pessoal da cegonha? — pergunta Starkey, nem mesmo tentando ocultar a frieza na voz.

Hayden parece genuinamente perplexo quando pega a lista para olhá-la.

— Hum, eu não tinha percebido. De todo jeito, isso não faz parte dos nossos

critérios. Nós procuramos filhos únicos em bairros suburbanos e mal iluminados. Significa que há menos gente pra gritar conosco e menos probabilidade de sermos vistos. Veja, irmãos e irmãs não conseguem ficar de boca fechada, não importa com que você os ameace. Acho que as mães que entregam os filhos pra cegonha os dão principalmente a pessoas que já tenham filhos. É difícil encontrar alguém da cegonha que seja filho único.

— Bom — retruca Starkey —, talvez a gente precise mudar os critérios.

Hayden encolhe os ombros como se não fosse nada de mais, como se não importasse. Isso só deixa Starkey ainda mais zangado.

— Fala com o Connor — diz ele, prosseguindo com a grande turnê pelo centro de comunicações. Mas Starkey não está mais ouvindo.

A revelação no ComBom dá a Starkey uma ideia transformadora. Uma por uma, ele identifica todas as crianças da cegonha no Cemitério. Não é tarefa fácil, porque a maioria dos abandonados prefere guardar o fato como um segredo vergonhoso. Starkey, no entanto, não esconde o fato de que foi deixado na porta de alguém, e logo os outros abandonados começam a segui-lo, vendo-o como seu campeão.

No final das contas, todo um quarto da população é de jovens entregues pela cegonha. Ele guarda a informação para si.

A garota chamada Bam, que no começo o odiou por ele ter assumido seu posto entre os Íntegros dos Íntegros, logo passa a gostar dele porque também é uma abandonada.

— Se você quer se vingar do Connor, seja paciente — diz ele. — A hora certa vai chegar.

Relutante, ela aceita a palavra dele.

Um dia, Starkey se aproxima de Connor quando este está ocupado supervisionando a desmontagem de um motor.

— Isso aí já tem um comprador ou eles vão colocar à venda? — pergunta Starkey simpaticamente.

— O escritório pediu as peças, é tudo o que sei.

— Tem uma etiqueta dizendo Rolls-Royce... achei que eles só fizessem carros.

— Não.

Starkey segue batendo papo sobre coisas sem importância até ter certeza de que Connor está irritado por ter de dividir a atenção entre o motor e a conversa. É aí que Starkey puxa a carta que esteve escondendo na manga.

— Escuta, andei pensando... você sabe que eu sou da cegonha, né? E, bom, sabe, não é nada de mais, mas achei que poderia ser legal criar um tipo de momento especial reservado só para os abandonados no Centro de Recreação. Só pra mostrar que eles não vão mais sofrer discriminação.

— Tá, tá, claro — responde Connor olhando para o motor, feliz em acabar com a conversa. Ele nem mesmo percebe com o que acabou de concordar.

Starkey chama seu grupinho de Clube da Cegonha e reserva um horário entre as sete e as oito de cada noite. Enquanto a atenção de todos está voltada para outras coisas, uma nova distinção de classe surge dentro do Cemitério. O Clube da Cegonha é a única minoria com um momento reservado só para os membros no Cen Rec. É um gostinho de privilégio que esses jovens nunca experimentaram antes — e Starkey quer que eles comam e se lambuzem. Quer que se acostumem com isso. Quer que todos esperem por isso — e que saibam que Starkey é quem proporciona isso.

Já que ele administra o serviço de alimentação, os membros do Clube da Cegonha começam a substituir outras pessoas nas funções da cozinha, entregando porções maiores a outros abandonados com uma piscada. Entre os Íntegros dos Íntegros, os únicos que parecem perceber essas alianças insidiosas são Ashley, cujo trabalho é erradicar pontos de tensão social, e aquele detestável do Ralph Sherman, que substituiu John como chefe de higiene e destinação de resíduos. Mas foi fácil subornar Ralphy para fazer vista grossa, e, em relação a Ashley, Starkey tem tudo sob controle.

— E se dar tratamento especial aos abandonados criar ressentimento na população em geral? — pergunta a garota uma noite, enquanto ele supervisiona o jantar.

— Bom — responde Starkey com um sorriso levemente sedutor —, a população em geral pode falar com a minha mão.

Isso faz Ashley ruborizar um pouquinho.

— Só tente ser discreto, tá?

Ainda irradiando charme, ele diz:

— É o que eu faço de melhor. — E serve a ela uma porção bem generosa, calculando o tempo todo como é que essa menina poderia secretamente servir a seus planos.

— Você é um cara difícil de desvendar — comenta ela. — Eu realmente queria entender o que se passa na sua cabeça.

Ao que ele responde:

— O sentimento é mútuo.

Toda noite, durante a “hora da cegonha” no Cen Rec, Starkey planta sementinhas de descontentamento em meio aos jogos de sinuca e pingue-pongue. Nada tão descarado quanto fomentar uma revolução, apenas sugestões inocentes que encorajam certas linhas de pensamento.

— Eu acho que o Connor fez um bom trabalho pra um cara que nem é assim tão esperto — diz ele espontaneamente. Ou: — Eu gosto muito do Connor. Ele não é grande coisa como líder, mas é um cara legal pra caramba, né?

Starkey nunca demonstra um claro desafio; isso seria contraproducente. Não é questão de arrancar Connor de onde está, mas erradicar suas raízes aos poucos. Ele nem mesmo insinua que deveria estar no lugar do líder. A sugestão vai acabar partindo de um dos outros abandonados — e por conta própria, sem nenhum incentivo de Starkey. Ele sabe que isso vai acontecer, pois entende que cada um dos jovens entregues pela cegonha, no fundo, sonha com um mundo onde eles não serão considerados cidadãos de segunda classe. Isso faz de Starkey mais do que apenas o chefe de um clube. Faz dele a esperança de salvação dos abandonados.

Parte Três

Janelas da Alma

Copiado da internet em outubro de 2011:

Os preços de rins e outros órgãos nos mercados criminosos globais baseiam-se em relatórios disponíveis ao público e estão cotados em dólares americanos. Cada preço representa ou a quantia paga ao fornecedor do órgão ou o preço pago pelo comprador do órgão.

Valor médio pago pelo comprador do rim: \$150.000

Valor médio pago ao vendedor do rim: \$5.000

Negociante de rim no Iêmen: \$60.000

Negociante de rim nas Filipinas: de \$1.000 a \$1.500

Comprador de rim em Israel: de \$125.000 a \$135.000

Comprador de rim na Moldávia: de \$100.000 a \$250.000

Comprador de rim em Cingapura: \$300.000

Comprador de rim nos Estados Unidos: \$30.000

Comprador de rim na China: \$87.000

Comprador de rim na Arábia Saudita: \$16.000

Vendedor de rim em Bangladesh: \$2.500

Vendedor de rim na China: \$15.000

Vendedor de rim no Egito: \$2.000

Vendedor de rim no Quênia: \$650

Vendedor de rim na Moldávia: de \$2.500 a \$3.000

Vendedor de rim no Peru: \$5.000

Vendedor de rim na Ucrânia: \$200.000

Vendedor de rim no Vietnã: \$2.410

Vendedor de rim no Iêmen: \$5.000

Vendedor de rim nas Filipinas: de \$2.000 a \$10.000

Comprador de fígado na China: \$21.900

Vendedor de fígado na China: \$3.600

Cortesia de www.havocscope.com

11 · Fumante

O garoto tem certeza de que vai morrer.

Ele torceu o tornozelo ao cair no poço, talvez até o tenha quebrado. Agora, está inchado e azul, e já está assim há dias. Isso é ruim, mas não é o pior de seus problemas.

O poço tem mais de três metros de profundidade e, mesmo que o tornozelo não estivesse ferido, ele nunca seria capaz de sair escalando. Durante cinco dias ele gritou por socorro, e agora sua voz não passa de um chiado seco.

E tudo por causa daqueles cigarros idiotas.

Já faz semanas desde que ele fumou pela última vez. O fornecedor foi preso outra vez, e, embora houvesse outras pessoas na escola que se gabassem de fumar, nenhuma lhe ofereceu um cigarro, nem mesmo o nome de um traficante. Foi por isso que ele veio para este lado da cidade — um bairro industrial cheio de edifícios arruinados, vazios, muitos dos quais foram condenados, mas ninguém quis gastar o dinheiro ou a energia necessários para demoli-los.

Ele sabia que, se quisesse arranjar cigarros de novo, este era o lugar certo. Mesmo que fosse só um ou dois de algum vagabundo viciado em nicotina, valeria a pena. Aquele dia foi a terceira vez que ele se desviou do caminho de volta da escola para casa passando pela zona dos armazéns, e nada. Ninguém. Parece que nem os viciados em nicotina acharam o bairro industrial digno de atenção.

Então, imagine a surpresa dele quando viu uma porta aberta e pontas de cigarro espalhadas pelo chão na frente dela, como se não houvesse lugar melhor para estarem.

Entrou no prédio arruinado. O espaço enorme cheirava a mofo em crescimento, e lascas de tinta das paredes forravam o chão como folhas caídas.

Então, ele viu — lá no fundo do armazém, havia um colchão. Estava sujo, esfarrapado, provavelmente largado ali por algum sem-teto. Não havia nada de notável nele. O que era notável era o maço fechado de cigarros deixado em cima do colchão.

Não conseguia acreditar na própria sorte! Olhou ao redor para ter certeza de que não havia ninguém ali, correu para o colchão e, pisando nele, esticou a mão para o maço.

Antes mesmo de tocar no objeto, o colchão cedeu sob os pés e mergulhou no poço. Embora o colchão tenha amortecido a queda, o tornozelo direito atingiu o chão desprotegido. Ele quase desmaiou de dor, e, quando a visão clareou, percebeu o que havia acontecido.

Ficou furioso. Seu primeiro pensamento foi de que isso era algum tipo de pegadinha — como se os colegas da escola fossem olhar para ele lá do alto a qualquer momento, apontando e rindo, chamando-o de idiota. Mas rapidamente entendeu que não era nenhuma brincadeira. Era uma armadilha.

Mas, se era uma armadilha, por que ninguém apareceu em cinco dias?

Havia um jarro de água e uma caixa de biscoitos no fundo do poço no dia em que ele caiu, ao lado de um pote de cerâmica para ele se aliviar. Quem quer que tivesse criado a armadilha não queria que ele morresse de fome, mas ele não se saiu bem com o racionamento. A comida e a água acabaram em três dias, e agora não resta nada além de um maldito pacote de cigarros, que ele não pode fumar porque não tem fósforos. Em certo momento ele tentou comer o tabaco dos próprios invólucros, achando que talvez tivesse algum valor nutricional, mas só conseguiu ter ânsia de vômito.

Agora, com o quinto dia chegando ao fim, está convencido de que ninguém virá buscá-lo. Ninguém virá encontrá-lo até ser tarde demais.

Então, pouco antes do escurecer, ele ouve passos triturando as lascas de tinta no piso do armazém.

— Ei — ele tenta gritar —, aqui embaixo!

A voz mal passa de um chiado, mas é o bastante. Um rosto surge na borda, olhando-o.

— Meu Deus, o que é que você está fazendo aí? Você está bem?

— Socorro...

— Aguenta firme — diz o homem. Ele se afasta e volta alguns momentos depois com uma escada de alumínio, que baixa até o poço. Embora o menino não tenha forças nem para ficar em pé, alguma reserva secreta de adrenalina

impulsiona os membros e o ajuda a suportar a dor de ter de colocar peso sobre o tornozelo quebrado. Em meio minuto ele sai do buraco, jogando os braços ao redor do estranho que o salvou.

O homem o coloca sentado.

— Aqui, beba alguma coisa — diz ele, oferecendo uma garrafa de água. O garoto se empanturra como se fosse a única água no mundo. — Há quanto tempo você estava lá embaixo?

— Cinco dias. — Ele engasga quando tenta engolir a água, quase vomitando-a, mas consegue fazê-la descer.

O homem se ajoelha diante dele, balançando a cabeça.

— Fragmentários desertores sempre se metem em encrenca. Você precisa ter mais cuidado.

O menino balança a cabeça.

— Não sou fragmentário.

O estranho sorri e assente, com ar entendido.

— Sei, sei, é o que todos dizem. Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

Então, o garoto sente uma súbita picada no braço.

— Ai! — Vê uma gota de sangue no antebraço, que o homem coleta com um pequeno dispositivo eletrônico. — O que você tá fazendo?

O estranho o ignora, olhando para a tela do dispositivo. A tia do menino é diabética e verifica a quantidade de açúcar no sangue com algo parecido, mas ele suspeita que esse dispositivo tenha um propósito diferente, embora não imagine qual seja.

— Hum — fala o homem, erguendo uma sobrancelha —, parece que você está dizendo a verdade. Seu DNA não combina com o de ninguém no banco de dados dos fragmentários desertores.

— Ah, entendi. Você é um Juvi! — Ele está aliviado, pois estar com um Juvi é seguro. O policial o levará para casa, até seus pais, que devem estar mortos de preocupação.

— Bom... eu *fui* um Juvi — responde o estranho —, mas não estou mais nesse

ramo de trabalho. — Então, ele estende a mão para cumprimentá-lo. — Meu nome é Nelson. E você, quem é?

— Bennett. Bennett Garvin. — Só agora que bebeu um pouco de água e teve alguns instantes de descanso ele dedica atenção suficiente à aparência de Nelson. Não está barbeado, as unhas estão sujas e ele parece não andar cuidando muito bem de si mesmo. Mas o mais impressionante são os olhos. Há uma intensidade estranha e desconectada neles que não combina com o resto do homem. Na verdade, os olhos nem combinam um com o outro. Dois tons diferentes de azul. É enervante.

— Você pode ligar pros meus pais? — pergunta Bennett. — Avisar que você me achou?

O leve sorriso não abandona o rosto de Nelson.

— Ah, acho que isso não vai rolar hoje.

O menino nada diz enquanto se esforça para entender a situação — mas, sem comida, e ainda esperando que a água hidrate o organismo, tudo parece um pouco vago para ele.

— Não posso deixar você ir agora que me viu. — Então, Nelson o agarra rudemente, apertando-lhe o braço, apalpando-lhe o lado do corpo e colocando uma mão suja na boca de Bennett para ver os dentes, como se faz com um cavalo. — Tirando o tornozelo machucado, você é um espécime de alta qualidade. Um pouco desidratado, mas nada que mais umas garrafas de água não possam consertar. E os ceifadores do mercado negro não ligam se você é um fragmentário oficial ou não... pagam a mesma coisa.

— Não! — Bennett tenta se libertar, mas não tem forças. — Por favor, não me machuca!

Nelson ri.

— Te machucar? Eu nem pensaria nisso. Quanto melhor for a sua condição, mais você vale pra mim.

— Meus pais têm dinheiro. Eles podem te pagar.

— Não aceito resgates — responde ele. — Mas vou te dizer uma coisa... gosto dos seus olhos, são muito expressivos. E, porque gosto dos seus olhos, vou te dar uma chance de lutar. — Nelson aponta para a entrada. — Se conseguir chegar à

porta antes de eu te acertar com um tranco, eu te deixo ir embora. Diabos, eu te dou até uma vantagem de dez segundos. — Ele coloca Bennett de pé. — Preparar, apontar, vai!

O garoto não precisa de um segundo incentivo. Sai correndo pelo espaço do armazém, sentindo-se zozinho, sentindo como se os pés não se movessem. Mas, de alguma forma, ele os força a isso.

— Um!

O tornozelo lateja, mas ele o ignora. Os pulmões doem, mas ele não liga. Sabe que isso é questão de vida ou morte. A dor é só temporária.

— Dois!

Lascas de tinta estalam sob os pés como cascas de ovo.

— Três!

A água chacoalha em seu estômago, tornando a dor ainda pior, mas ele não deixa que isso o atrase.

— Quatro!

A porta do armazém está escancarada. O crepúsculo visível depois dela é tão glorioso quanto a luz brilhante do sol do meio-dia.

— Cinco!

Mais alguns metros... ele está quase lá!

— Seis-sete-oito-nove-dez!

Mesmo antes de ele perceber que foi enganado, o dardo tranquilizante o acerta bem na nuca, jogando uma dose completa diretamente no tronco encefálico. As pernas cedem debaixo dele e, de repente, aquela porta que estava tão próxima parece estar a um milhão de quilômetros. Os olhos giram, a visão fica turva e ele sente um cheiro azedo de tóxico quando a cabeça atinge o chão. Luta para manter-se consciente, enquanto assoma sobre ele a sombra de Nelson, um fantasma escuro em um campo de visão indistinto... E, um momento antes de perder a consciência, ele ouve o homem dizer:

— Eu gosto mesmo dos seus olhos. Gosto muito mais deles que dos que tenho agora.

12 · Nelson

J. T. Nelson sabe que nunca ficará rico vendendo adolescentes descuidados para os ceifadores do mercado negro. Mesmo na época em que suas capturas eram legítimas, não havia muito dinheiro a ganhar — mas, não importava. Quando ele era um Juvi, estava disposto a aceitar um salário estável, plano de saúde e a promessa de uma aposentadoria. Estava mais que satisfeito com seu lugar no mundo, mantendo a ordem e levando desertores à justiça.

Tudo isso mudou no dia em que o Desertor de Akron o derrubou com a própria pistola de tranco. Quase um ano depois, ele ainda não consegue tirar a imagem de Connor Lassiter da cabeça; aquela expressão convencida e arrogante no rosto dele quando disparou a bala tranquilizante na perna do policial.

Para Nelson, foi um tiro que se ouviu por todo o mundo.

Daquele momento em diante, sua vida foi um inferno. Virou motivo de piada — não só em seu departamento, mas em todo o país. Foi exposto ao ridículo como o policial responsável por deixar o infame fragmentário escapar. Então, Connor Lassiter tornou-se lenda e Nelson perdeu o emprego, assim como o amor-próprio. Até mesmo a esposa o deixou.

Mas ele só ficou na pior por um tempo. Estava cheio de ódio, mas sabia como pegar o ódio e transformá-lo em algo útil. Se a Autoridade Juvenil não o queria mais, ele poderia muito bem entrar no negócio sozinho. As pessoas no mercado negro não riem dele por ter deixado Connor Lassiter fugir. E não fazem perguntas.

No começo, eram só os desertores. Caíam rapidamente em suas armadilhas como os moleques burros que eram. Depois, ele capturou seu primeiro fugitivo, um garoto cujo DNA não aparecia no banco de dados dos fragmentários desertores. Achou que os comerciantes do mercado negro rejeitariam a oferta, mas eles não se importaram. Contanto que o sujeito fosse saudável, pagavam o preço. Houve até jovens como o menino que ele pegou hoje, que simplesmente tiveram azar. Ele fica feliz em levá-los também. A consciência não o incomoda.

O que o incomoda são os olhos.

É com eles que ele tem mais problemas. A forma como o olham. Aquelas

expressões amedrontadas e suplicantes, sempre esperançosas até o último segundo, como se talvez ele fosse mudar de ideia. Esses olhos o atormentam em sonhos. São as janelas da alma, não são? Mas, naqueles primeiros tempos como pirata de órgãos, quando ele via os próprios olhos no espelho, não enxergava neles o que via nos olhos dos outros. Suas “janelas” não demonstravam nenhuma emoção, e, quanto mais olhava nos próprios olhos vazios, mais inveja sentia. Queria um pouco daquela inocência, daquela esperança desesperada. Então, um dia, ele falou com seu contato no mercado negro e pediu os olhos da última presa como parte do pagamento. Só foi capaz de negociar um único olho, mas já era melhor que nada. Depois dessa primeira operação, quando olhava para si no espelho, via naquele olho um laivo de humanidade e, por algum tempo, teve grandes esperanças. O olho o lembrava do jovem idealista que ele já fora, muitos anos atrás. Só havia um problema: agora, ele tinha um olho azul e outro castanho. Isso não servia.

Então, ele pediu outro, mas aquele olho não combinou exatamente com o primeiro. Daí, pediu outro, e outro, e a cada operação sentia recuperar uma fibra de inocência. Sabe que, um dia, encontrará os olhos que o tornarão perfeito, e aí poderá finalmente descansar... pois, ao ver o mundo através dos olhos de outrem, Nelson, aos poucos, torna-se completo.

O homem do mercado negro usa um terno europeu caro e dirige um Porsche. Parece mais um legítimo homem de negócios do que uma figura suspeita que comercializa carne. Ele não esconde o fato de que seu negócio o tornou rico. Em vez disso, ostenta a riqueza com o descaso típico da realeza. Nelson inveja seu estilo.

Ele se apresenta como Divan, como algum tipo de designer de moda, e não se refere a si mesmo como um comerciante ilegal, mas como um “fornecedor independente”. Seu campo de colheita no exterior é oculto e misterioso. Nem mesmo Nelson sabe onde fica, e suspeita que a operação não siga nenhuma das normas estritas dos campos de colheita dos Estados Unidos.

Ele encontra Nelson em Sarnia, uma cidade canadense do outro lado da ponte de Port Huron, Michigan. Divan não pode pisar em solo americano. Há numerosos mandados de prisão para ele. Mas os canadenses, benditos sejam, têm sido muito mais tolerantes.

Divan toma posse do garoto com o tornozelo ferido nos fundos de uma concessionária de carros que ele usa como fachada. Enquanto examina o rapaz,

franze o cenho ao ver o tornozelo inchado e balança o dedo para Nelson — tudo parte de seu estratagema para pechincar. O garoto, agora consciente, mas ainda grogue pela alta dose de tranquilizantes, resmunga algo incoerente. Embora Nelson o ignore, Divan dá-lhe uma palmadinha gentil na bochecha.

— Não se preocupe com nada — diz ele ao menino. — Não somos bárbaros. — É uma das frases que sempre usa. Não transmite informação real, mas de alguma forma conforta o jovem. É calculado, como tudo em Divan.

O garoto é levado, um preço é negociado e, como é de costume, o homem paga Nelson com notas de um grampo prendedor de dinheiro cheio de incontáveis cédulas. Então, dá um tapinha jovial nas costas do vendedor. Nelson é mais respeitado como pirata de órgãos do que jamais foi por seus superiores quando era um oficial da lei.

— Sempre posso contar com você para me trazer o que preciso. Nem todos os meus parceiros são tão constantes. Agora que a Autoridade Juvenil está oferecendo recompensas por fragmentários desertores, cada vez menos aparecem pelo meu caminho.

— É a porcaria da lei Max-17 — diz Nelson.

— Sim. Vamos esperar que isso não seja um sinal de que a sociedade está voltando aos velhos costumes menos civilizados.

— Sem chance — responde Nelson. — As pessoas não vão voltar para aquele tempo.

Ele era só uma criança quando o Acordo de Fragmentação foi aprovado e a guerra acabou — mas a guerra não é sua grande lembrança dessa época. É o medo dos “selvagens”. Com o fracasso do sistema escolar público, a nação fora tomada por adolescentes sem trabalho, sem estudo e sem nada a fazer antes mesmo da guerra. Na verdade, esse medo desencadeara a guerra mais do que qualquer outra coisa. Um lado alegava que os selvagens haviam sido criados pelo colapso dos valores familiares, enquanto o outro dizia que os selvagens eram um produto de crenças rígidas que já não supriam as necessidades do mundo. Ambos os lados estavam certos. E ambos estavam errados — mas isso não importava quando as pessoas ficavam apavoradas com a ideia de sair às ruas à noite por medo dos próprios filhos.

— A fragmentação não acabou só com a guerra — comenta Nelson para Divan. — Eliminou as ervas daninhas. Impediu que elas sufocassem o resto de

nós. O medo que as pessoas têm dos desertores vai manter você e eu no negócio.

— Sinceramente, espero que você esteja certo. — O homem abre a boca como se pretendesse dizer mais, mas muda de ideia.

— Há algo que você não está me contando?

— Nada com que se preocupar. Só boatos. Vamos conversar mais na nossa próxima reunião. E, se puder, por favor mantenha em mente que estou passando por uma escassez de garotas. Principalmente as ruivas. E *umbers* também... de qualquer gênero. E, é claro, sempre pago um preço alto pelo “Povo da Sorte”.

— Vou manter isso em mente — responde Nelson, já imaginando uma maneira de atender ao pedido de Divan. Ele ainda não capturou nenhum jovem indígena, mas qualquer dia alguém desse chamado “Povo da Sorte” apareceria e premiaria Nelson não só com uma mão vencedora, mas com todo um corpo vencedor.

Passando por cima da ponte ao dirigir de volta ao solo americano, ele se sente muito autoconfiante. Não há razão para Divan se preocupar. Embora Nelson tenha escolhido, recentemente, viver fora do sistema oficial, ele sente que ainda tem ampla compreensão da situação atual. Com uma parte tão grande do mundo civilizado adotando a prática da fragmentação, como é que alguém poderia negá-lo como alternativa viável para lidar com os problemáticos, inúteis e indesejados? Como dizem os anúncios, “a fragmentação não é apenas uma boa ideia — é a escolha certa”.

Foi justamente a retidão dessa escolha que fez Nelson tornar-se um Juvi, para começar. A ideia de que faria do mundo um lugar mais limpo e brilhante ao retirar a escória das ruas foi o que o impeliu a ir para a academia de polícia. No fim, suas ideias foram substituídas por um ódio permanente por aqueles destinados à fragmentação. Eles eram todos iguais, esses fragmentários; sugando recursos valiosos dos mais merecedores e agarrando-se à sua patética individualidade em vez de aceitar a pacata divisão. Insistiam em viver vidas que ninguém mais considerava dignas do esforço. Como oficial da lei, as regras de conduta o continham — mas, como pirata de órgãos, ele podia cuidar das coisas de maneira muito mais efetiva. Então, por mais que culpe Connor Lassiter por arruinar sua vida, talvez o moleque lhe tenha feito um favor. Ainda assim, é supremamente satisfatório saber que o Desertor de Akron morreu uma morte ignóbil no Campo de Colheita Happy Jack. Isso dá a Nelson esperança de que talvez realmente exista justiça no universo.

13 · Connor

Um 787 aposentado chega com apenas catorze íntegros embalados em barris vazios de cerveja no compartimento de carga. Connor imagina se alguém na resistência está apenas ficando entediado ou se os barris são realmente a forma menos suspeita de transportá-los. Todos os jovens saem da aeronave amarrotados e curvados da viagem, e Connor faz o discurso animador de sempre, incomodado pelo número cada vez mais reduzido de pessoas que chegam com cada avião.

Então, depois que todos são levados ao avião da CIP para ser avaliados e preparados para a vida no Cemitério, ele vai ao 787 com Trace. É um velho Boeing Dreamliner, o primeiro do tipo a chegar aqui. Outrora, já foi anunciado como a salvação da indústria aeronáutica e certamente serviu a seu propósito, mas sempre há algo mais novo, mais rápido e mais eficiente no uso do combustível pronto para tomar o lugar de qualquer avião.

— Ele ainda é impressionante — comenta Trace enquanto eles atravessam o compartimento de passageiros, que já está ficando abafado sob o sol do Arizona.
— Uma beleza clássica.

— Você acha que conseguiria pilotar este avião se precisasse? — pergunta Connor enquanto dá uma boa olhada no Dreamliner.

Trace sorri.

— Eu tenho pilotado Cessnas desde que tinha dezesseis anos, depois pilotei equipamentos militares por um ano antes de me unir à RAD. Então, sim, eu poderia pilotar uma aeronave comercial. Diabo, poderia fazer acrobacias com ela.

— Ótimo. Talvez você precise fazer mesmo acrobacias se nós nos tornarmos um alvo.

O rapaz pensa nisso por um segundo, depois sorri.

— Avião de fuga?

— Se tirarmos toda a parafernália de dentro dele, podemos fazer todo mundo caber aqui. Não vai ser confortável, mas vai funcionar.

— Vou pesquisar as especificações e ver se ele aguenta o peso.

— Vamos esvaziar a cabine e depois pedir pros caras do escritório colocarem tudo à venda — propõe Connor. — Vamos incluir as peças do motor e o console da cabine na lista de vendas, mas não vamos desmantelar nenhuma das partes realmente funcionais do avião.

Trace entende sem que ele precise dizer mais.

— Então, pra todo mundo que estiver nos vigiando, vai parecer que o avião foi totalmente desmontado e só nós vamos saber que ele ainda funciona.

— Exatamente. Depois, vamos rebocá-lo pro corredor principal... fazer com que pareça estar sendo usado como avião-dormitório.

— Brilhante.

— Não — responde Connor —, desesperado. Agora, vamos sair daqui antes que a gente cozinhe.

Trace dirige ao lado de Connor de volta ao corredor principal da pista. Além de ser o chefe de segurança do Cemitério, ele é o guarda-costas e motorista do líder. Não foi ideia de Connor, não mais do que o jato particular e o uniforme azul, mas ajudou a criar aquele pedestal ilusório da liderança. Desde o começo, contudo, Connor odiou a ideia de se destacar.

— Vai se acostumando — disse-lhe Risa. — Você não é mais um fragmentário qualquer; para essas pessoas, você é a própria resistência. Precisa projetar a imagem de alguém que está no comando.

Ele imagina se ela ainda pensa assim, agora que estar no comando não deixa espaço suficiente na vida dele para estar verdadeiramente ao lado dela. Imagina se deveria inventar alguma doença só para poder visitá-la na enfermaria. Seria esse um comportamento apropriado para um líder?

— O lance do Dreamliner é uma boa ideia — comenta Trace, trazendo-o de volta ao aqui e agora. — Mas sei que você tem outras coisas em mente.

— Sempre — responde Connor.

— Sei que está preocupado com os Juvis e com o motivo de eles nos deixarem em paz. — Ele espera um instante e depois acrescenta: — Eu acho que sei por que, mas você não vai gostar.

— Quando foi que eu gostei de alguma coisa a respeito dos Juvis?

— Não tem tanto a ver com eles, mas com *você*.

— Não entendi.

— Vai entender. — Eles acertam uma saliência na estrada, e Connor agarra a alça da porta por reflexo. Trace não se desculpa pelo modo como dirige. — Olha, Connor, as pessoas aqui, mesmo que tenham se tornado legalmente insignificantes, isso não significa que não valham nada. São tão valiosas quanto diamantes. Você sabe por que diamantes são tão caros?

— Sei lá... por serem raros?

— Não, eles *não* são raros. Na verdade, existem tantos que poderiam ser tão baratos quanto os diamantes falsos. Mas há esse negócio chamado consórcio dos diamantes. Todos os proprietários de todas as minas de diamantes do mundo se juntam, e sabe o que eles fazem? Escondem os diamantes em um cofre enorme em um banco enorme na Suécia ou na Suíça ou sei lá onde. Milhares e milhares de pedras. E escondê-los cria a ilusão de que diamantes são raros, jogando os preços lá no alto.

O jipe passa por outro buraco na estrada, e desta vez Connor absorve o impacto sem tentar se proteger. Ele segue a linha de pensamento de Trace, começando a se preocupar com o lugar para onde ela o levará.

— Então — continua Trace —, depois que aprovaram a lei Max-17, houve uma escassez de fragmentários, certo? O preço de cada tipo de transplante duplicou, até triplicou. Mas as pessoas pagam, porque estão todas acostumadas a conseguir os órgãos que quiserem, na hora que quiserem. Topam até ficar sem comida, mas sem órgãos elas não ficam.

— Então, o que é que isso tem a ver comigo?

— Me diz *você*.

Connor analisa o que Trace disse e a verdade o atinge.

— Nós somos o cofre! E, enquanto estivermos tirando desertores das ruas, isso mantém os preços altos. É isso que *você* está dizendo?

— É melhor que todos esses desertores fiquem aqui, são e salvos, do que serem pegos por piratas de órgãos e vendidos no mercado negro. Isso só serviria para baixar os preços.

Connor lembra-se do dia em que foi pego e arrastado para o Campo de

Colheita Happy Jack. Foi um choque quando os Juvis que o interrogaram admitiram que sabiam tudo sobre o Cemitério, mas fingiam ignorância, porque vir atrás dos fugitivos aqui não valia o esforço.

Mas isso é diferente.

Isso faz de Connor uma parte funcional do sistema. Saber que ele na verdade desempenha um papel em algum tipo de plano de consórcio de fragmentação faz com que se sinta sujo. Pior que sujo.

E então, quando a maior revelação lhe surge, é como um golpe de levar a nocaute. O soco final que o deixa estirado na lona.

— Há quanto tempo — pergunta ele a Trace — você vem trabalhando pros Juvis?

Trace apenas dirige o carro, mantendo o olhar adiante, e não responde por pelo menos dez segundos. Finalmente, diz:

— Não faça perguntas para as quais não quer respostas.

14 · Dolores

Enquanto aeronaves da Segunda Guerra Mundial desfrutam do privilégio de ser peças permanentes de museu, a maior parte dos ultraleves da Guerra da Coreia é indesejada e esquecida. Já que foi a primeira guerra caracterizada pelo amplo uso de helicópteros, são estes que recebem toda a atenção.

Há um infeliz bombardeiro da Guerra da Coreia estacionado a duas filas do corredor principal. O Almirante o colocou ali e, embora Connor tenha movimentado aeronaves ao redor desta, Dolores, como é chamada, nunca se move e nunca está aberta. A porta foi trancada com um cadeado, e Connor tem a única chave, que mantém pendurada ao redor do pescoço como um pingente.

Dolores é o arsenal. Está cheia de todo tipo de armas às quais adolescentes problemáticos não devem ter acesso sob nenhuma circunstância. A não ser, é claro, que estejam de uniforme. A ideia de que o Cemitério um dia precisaria se defender como o Gueto de Varsóvia pairou sobre a cabeça do Almirante e agora paira sobre a de Connor. Não há um dia em que ele não pense nisso. Não há um dia em que não cutuque a chave ao redor do pescoço como uma cruz. Hoje, no entanto, ele visita Dolores por outro motivo; não para defender o Cemitério contra um ataque, mas contra uma infiltração. Hoje, ele entra para apanhar uma pistola calibre .22 e um cartucho de balas.

15 · Connor

Trace dorme em um DC-3 velho e enferrujado, vigiando os garotos mais problemáticos e difíceis. É uma sala de detenção não oficializada, com Trace como guarda não oficializado. O velho avião de hélice tem um lavatório que não funciona, então os ocupantes têm de usar um banheiro portátil, deixado ao pé da escada do corredor. A fechadura está quebrada. Connor a quebrou algumas horas atrás.

Após o toque de recolher, ele e dois dos íntegros mais durões que pôde arranjar aguardam nas sombras de um avião vizinho, observando.

— Explica de novo por que a gente vai pegar o Trace?

— Shh! — responde Connor. Depois, sussurra: — Porque eu disse que vamos.

Ele é o único com uma arma. Está carregada. Os valentões são só um reforço, pois ele sabe que não consegue dominar Trace sozinho. O plano é cercá-lo, algemá-lo e mantê-lo como um tipo de prisioneiro de guerra... mas Connor decidiu que usará a arma se for necessário.

Nunca empunhe uma arma a não ser que esteja disposto a usá-la, disse-lhe uma vez o Almirante. Se Connor quer manter a ordem neste lugar, tem de seguir o manual do Almirante.

A cada vinte minutos, mais ou menos, uma pessoa sai para usar o banheiro. Trace não é uma delas.

— É pra gente esperar aqui a noite inteira? — reclama o garoto durão que segura as algemas.

— Sim, se precisar. — Connor começa a imaginar se o treinamento militar que Trace recebeu incluía controle sobre-humano da bexiga, até que, alguns minutos depois da meia-noite, ele aparece.

O grupo espera a porta do banheiro se fechar, depois se aproxima em silêncio, com Connor na frente. Ele coloca a pistola na mão direita — a mão de Roland —, sentindo a frieza do cabo e a firmeza do gatilho. Tira a trava de segurança, respira fundo e depois empurra a porta, escancarando-a.

Trace está parado ali, olhando bem para ele, nem um pouco surpreso. Em um

único movimento, ele chuta as pernas de Connor, arranca a arma da mão dele, torce-o de lado e o joga de cara no chão, puxando-lhe o braço dolorosamente atrás das costas. Connor sente os pontos do transplante ameaçando se rasgar.

Com Connor sofrendo demais para se mover, Trace derruba os outros dois rapazes antes mesmo que possam correr, deixando-os inconscientes no chão. Depois, volta a atenção para o líder.

— Primeiro de tudo — diz ele —, emboscar um homem que está no banheiro não é digno de você. Segundo, nunca respire fundo antes de atacar alguém, porque isso te denuncia.

Connor, ainda dolorido, gira para encará-lo, e, quando o faz, sente o cano da arma encostar na testa. Com expressão dura, Trace aponta a arma para a cabeça dele por mais um momento, depois a afasta.

— Não se sinta tão mal — diz Trace. — Não sou só um recruta da força aérea, fui agente de operações especiais. Poderia ter te matado de nove maneiras antes de você chegar ao chão.

Ele ejeta o pente de balas, mas, quando o faz, Connor agarra seu pulso, tirando-lhe o equilíbrio, recupera a arma e a aponta novamente para Trace enquanto se levanta.

— Ainda tem uma bala na câmara — lembra-o Connor.

Trace recua, mãos erguidas.

— Bem pensado. Acho que estou enferrujado.

Os dois ficam ali parados por um momento, até Trace dizer:

— Se vai me matar, mata logo... porque eu *vou* te derrubar de novo.

Mas a determinação de Connor se foi, e ambos sabem disso.

— Você matou os outros dois? — pergunta ele, olhando para como aqueles rapazes, antes tão durões, jazem retorcidos e inconscientes no chão.

— Só nocauteei. Não há muita honra em matar os indefesos.

Connor abaixa a arma. Trace não avança.

— Quero que você vá embora — diz Connor.

— Me expulsar vai ser uma péssima manobra.

Ouvir isso só serve para enraivecer Connor.

— Até onde eu sei, você é o inimigo. Trabalha para *eles*.

— Também trabalho para você.

— Não pode trabalhar pros dois lados!

— É aí que você se engana — responde Trace. — Trabalhar para dois lados é uma estratégia historicamente consagrada.

— Não sou sua marionete!

— Não — diz Trace. — Você é meu comandante. Aja de acordo.

Outro garoto desce a escada às pressas para usar o banheiro. Ele avista Trace e Connor e os dois outros ainda estatelados no chão.

— O que tá pegando? — pergunta o menino enquanto analisa a situação.

— Quando for da sua conta eu te aviso — responde Connor.

Então, ele vê a arma na mão do líder.

— Tá, claro, sem problema — diz ele, voltando pela escada.

Connor percebe que a distração teria dado a Trace tempo mais que suficiente para virar a mesa novamente, mas ele não o fez. Isso os deixa a mais um passo da verdade. Connor gesticula para ele, acenando com a arma.

— Anda.

Mas, a esta altura, a arma é só um acessório, e os dois sabem disso. Ambos se afastam do corredor principal, seguindo por um cheio de caças cheirando a naftalina. Não há íntegros aqui para escutar a conversa às escondidas.

— Se você trabalha para eles — pergunta Connor —, então por que me contou todas aquelas coisas?

— Porque sou os olhos e ouvidos deles, mas meu cérebro é só meu... e, quer acredite ou não, eu gosto do que você está fazendo aqui.

— O que já contou a eles sobre este lugar?

Trace encolhe os ombros.

— Na maior parte, o que eles já sabiam. Que as coisas aqui estão sob controle. Que um novo carregamento de desertores chega a cada poucas semanas. Eu

garanto a eles que o lugar não é uma ameaça e que ninguém está planejando explodir mais nenhum campo de colheita. — Então, ele para de andar e se volta para Connor. — O que mais importa são as coisas que eu *não* conto a eles.

— Quais?

— Não conto sobre suas missões de resgate. Não conto sobre seu plano de fuga... e não conto que você ainda está vivo.

— Quê?

— Até onde eles sabem, este lugar é administrado por um tal Elvis Robert Mullard, ex-guarda da segurança do Happy Jack. Porque, se alguém soubesse que *você* está no comando, os Juvis atacariam o Cemitério na mesma hora. O Desertor de Akron é uma ameaça grande demais para ser ignorada. Então, eu os faço pensar que isto aqui é um berçário e você é a babá. Isso os mantém felizes e mantém todo mundo aqui vivo.

Connor olha ao redor. Agora, os dois estão longe do corredor principal. Se Trace quisesse, provavelmente poderia quebrar o pescoço dele e enterrá-lo, e ninguém jamais saberia. Isso significa que Connor confia nele, apesar da traição óbvia? Já não tem certeza de nada, nem mesmo das próprias motivações.

— Nada disso muda o fato de que você está trabalhando para os Juvis.

— Errado de novo. Eu não trabalho para os Juvis. Trabalho para as pessoas a quem eles pertencem.

— A Autoridade Juvenil não pertence a ninguém.

— Beleza, então, talvez não, mas há alguém que a controla. Você quer falar de marionetes? Cada um dos Juvis está pendurado em fios que eles próprios ignoram. É claro que eu não sei quem puxa os fios. Tudo o que sei é que fui tirado de um futuro promissor na força aérea e mandado pra cá.

Connor sorri, apesar do que sente.

— Que pena arruinar seu plano de carreira.

— A questão é que não me reporto a ninguém na força aérea; eu me reporto a civis de terno, e isso me irrita. Então, pesquisei um pouco e descobri que trabalho para uma empresa chamada Cidadãos Proativos.

— Nunca ouvi falar.

Trace baixa a voz até um sussurro.

— Não me surpreende... eles são discretos, e isso dá aos militares a cobertura necessária para negar envolvimento. Pense nisso; já que os mandachuvas do exército não sabem para quem estão trabalhando, se alguma coisa der errado, eles sempre podem alegar ignorância, me mandar para a corte marcial e lavar as mãos.

Agora as coisas estão ficando um pouco mais claras para Connor, pelo menos em relação ao motivo por que Trace decidiu jogar em ambos os times. Eles se viram e começam a voltar pelo corredor principal.

— Estou desiludido, Connor. Pra mim, você foi mais digno e mais confiável do que as pessoas para quem estou trabalhando, quem quer que sejam. Caráter conta muito neste mundo, e, em se tratando dos Cidadãos Proativos, “desonesto” nem começa a descrever o deles. Então, trabalho para eles, mas deposito minha confiança em você.

— Como posso saber que você não está mentindo agora?

— Não pode. Mas até aqui você sobreviveu graças aos seus instintos. O que esses instintos te dizem agora?

Connor pensa e percebe que a resposta é fácil.

— Meus instintos me dizem que estou ferrado, não importa o que eu faça. Mas no meu caso isso é normal.

Trace aceita a resposta.

— Temos mais coisas a conversar, mas acho que já chega por hoje. Você provavelmente deveria pôr gelo nesse ombro aí. Eu torci bem forte.

— Eu nem tinha notado — mente Connor.

Trace estende a mão para apertar a de Connor, e este imagina o que significa aceitar o gesto. Pode ser a criação de sua própria sociedade secreta para combater os Cidadãos Proativos, quem quer que sejam... ou pode significar que Connor foi completamente enganado. No fim, ele aperta a mão de Trace, desejando que, só desta vez, houvesse um caminho claro a tomar.

— Antes de hoje você era apenas um peão fazendo o que *eles* queriam que fizesse — diz Trace. — No fundo, você sabia disso... sentia. Espero que a verdade tenha te libertado.

16 · Risa

Antes de começar seu turno, a cada manhã, Risa fica por um tempo sob a asa do Centro de Recreação, conversando com pessoas que se tornaram suas amigas. Ela tem mais amigos aqui do que jamais teve na Casa Estatal, mas ao mesmo tempo sente-se mais como irmã mais velha que amiga. Eles a reverenciam como algum tipo de anjo da misericórdia — não só porque é a autoridade médica, mas por ser a lendária Risa Ward, comparsa no crime do Desertor de Akron. Ela suspeita que eles pensem, no fundo, que ela possa curar coisas quebradas por dentro.

Ela costumava ficar no Cen Rec à noite, depois do turno, mas o Clube da Cegonha acabou com isso. Está tentada a exigir um período semelhante para os tutelados do Estado, mas sabe que fomentar a divisão do Cemitério em facções não trará nada além de problemas. Graças a Starkey, já há problemas suficientes sem que ela ajude a criá-los.

Ao longe, pode ver Connor descer do avião onde dorme. Ele caminha pelo corredor principal, cabisbaixo, mãos nos bolsos, imerso em quaisquer que sejam os pensamentos sombrios de hoje. É rodeado imediatamente por pessoas que precisam de sua atenção por uma razão ou outra. Risa imagina se ele ainda encontra tempo para si mesmo. Certamente, para ela não tem.

Connor ergue os olhos e a percebe. Ela desvia o olhar, sentindo-se culpada, como se o estivesse espionando, e censura-se por sentir isso. Quando volta a erguer o olhar, percebe que ele está vindo em sua direção. Atrás dela, as pessoas começaram a se reunir em torno da TV. Algo no noticiário captou as atenções. Ela imagina se Connor está vindo para saber o motivo da comoção ou para vê-la. Fica feliz quando percebe que é a segunda opção, embora tente não demonstrar.

— Vai ser um dia cheio? — ela pergunta, oferecendo um leve sorriso, ao qual ele corresponde.

— Nada, só vou ficar deitado vendo TV e comendo salgadinho. Preciso arranjar uma vida.

O rapaz fica parado ali, de mãos nos bolsos, olhando ao redor, embora Risa saiba que sua atenção está nela. Finalmente, ele conta:

— A RAD diz que vai mandar aqueles suprimentos médicos que você pediu nos próximos dias.

— Devo acreditar nisso?

— Provavelmente não.

Ela sabe que este não é o motivo pelo qual ele se aproximou, mas não sabe mais como arrancar informações dele. Só sabe que precisa fazer alguma coisa antes que essa distância entre eles se torne ainda maior.

— Então, qual é o problema da semana? — pergunta ela.

Ele coça o pescoço e desvia o olhar para não ter de encará-la.

— Meio que o de sempre, e meio que você-não-quer-saber.

— Mas — diz Risa — é grande o bastante pra você vir me dizer que não pode me contar.

— Exatamente.

A garota suspira. Já está ficando quente, e ela não quer ter de rodar até a enfermaria no pico do calor. Ela não tem paciência para os enigmas de Connor. Está prestes a mandá-lo voltar quando tiver algo verdadeiro a dizer, mas sua atenção é fisgada pelo burburinho que vem do grupo reunido diante da TV. Há mais gente desde que ela olhou pela última vez. Ela e Connor são atraídos pela gravidade da multidão.

O noticiário exhibe uma entrevista com uma mulher de aspecto um tanto severo. Até o jeito de falar é severo. Chegando à metade, Risa não consegue entender do que ela está falando.

— Dá pra acreditar? — comenta alguém. — Estão dizendo que essa coisa é uma nova forma de vida.

— O que estão chamando de nova forma de vida? — pergunta Connor.

Hayden está ali e se volta para os dois. Parece quase nauseado.

— Finalmente construíram o monstro perfeito. O primeiro ser humano composto.

Não há imagens, mas a mulher está descrevendo o processo: como pedaços e partes de quase uma centena de diferentes fragmentários foram usados para criar a coisa. Risa percebe um calafrio descendo pela espinha até onde ela consegue

sentir. Connor deve ter tido a mesma reação, pois agarra o ombro dela e ela estica a mão para tocar a dele, não lhe importando que mão é essa.

— Por que fazer uma coisa dessas? — pergunta ela.

— Porque eles podem — responde Connor amargamente.

Ela sente o peso da atmosfera ao redor como se todos estivessem observando um evento global pavoroso se desenrolar diante de seus olhos.

— Precisamos aprontar o avião de fuga — afirma Connor. Risa sabe que ele está falando mais consigo mesmo que com ela. — Não podemos fazer testes, porque os satélites espiões captariam o sinal, mas todo mundo precisa saber o que fazer quando chegar a hora.

Ela sente a mesma onda de intuição coletiva. Subitamente, dar o fora do Cemitério parece uma ideia muito boa. Mesmo sem um destino seguro.

— Humano composto... — resmunga alguém. — Como será que é isso?

— Ah, para! Você nunca viu o Sr. Cabeça de Batata?

Risadas nervosas correm soltas, mas não aliviam os ânimos.

— Qualquer que seja a aparência — diz Risa —, espero nunca ver.

17 · Cam

Com um dedo, ele traça as linhas do rosto, descendo pelo lado do nariz até a bochecha. Esquerda, depois direita. Saindo da estrela formada no encontro dos diferentes tons de pele da testa até as linhas que se espalham pelo couro cabeludo. Ele mergulha os dedos novamente no creme cicatrizante de enxertos e o espalha pelas linhas, correndo pela nuca, ombros, peito e cada parte do corpo ao seu alcance. Sente o formigamento enquanto os microrganismos do creme trabalham.

— Acredite ou não, esse material é semelhante a iogurte — informou o dermatologista. — Só que, claro, ele devora tecido cicatricial. — E cada frasco custa cinco mil dólares, mas, como disse Roberta, dinheiro não é problema quando se trata de Cam.

Garantiram-lhe que, quando o tratamento acabar, não restará nenhuma cicatriz, apenas algumas emendas semelhantes a fios de cabelo onde cada parte dele se une às outras.

O ritual de espalhar o creme leva meia hora, duas vezes por dia, e ele passou a apreciar a natureza zen do gesto. Só gostaria que houvesse algo capaz de curar as cicatrizes na mente, que ele ainda pode sentir. Enxerga a própria mente agora como um arquipélago cujas ilhas ele tenta unir construindo pontes — e, apesar de ter tido grande sucesso em projetar a mais espetacular das pontes, suspeita que ainda haja algumas ilhas que jamais alcançará.

Alguém bate à porta.

— Está pronto? — É Roberta.

— Sessenta formam um — responde ele.

Uma pausa. Depois:

— Muito engraçado — disse ela. — Você quis dizer “só um *minuto*”.

Cam ri. Ele não precisa mais falar usando metáforas — já criou pontes mentais suficientes para trazer alguma normalidade à fala —, mas gosta de provocar Roberta e tentar confundi-la.

Ele veste uma camisa feita sob medida e uma gravata. Os tons da gravata,

neutros, mas ousados, em um padrão fractal, foram escolhidos especificamente para passar uma sensação de composição estética; uma sugestão subliminar de que um todo artístico é sempre maior do que a soma das partes. Ele se atrapalha com a gravata. Enquanto o cérebro sabe o que fazer, os dedos virtuosos obviamente nunca aprenderam a dar um nó Windsor. É preciso focar-se e superar a falta frustrante de memória muscular.

Roberta bate à porta outra vez, agora mais insistente.

— Está na hora.

Por um momento, ele se admira no espelho. O cabelo tem cerca de dois centímetros agora. Uma pelagem de muitas cores; mechas que nascem do ponto focal dos múltiplos tons de pele na testa. A parte loira fica no meio, mesclando-se ao âmbar de ambos os lados. Tons de vermelho e castanho arqueiam-se nas têmporas até a parte de trás, depois dão lugar ao negro absoluto sobre as orelhas e cachos escuros nas costeletas.

— Os cabeleireiros famosos vão pisar uns em cima dos outros para chegar até você — dissera Roberta.

Finalmente, ele abre a porta antes que a mulher comece a bater freneticamente. O vestido dela é um pouco mais elegante do que as calças sociais e blusas que normalmente usa, mas ainda é muito discreto. Tudo foi calculado para manter o foco nele. Por um momento, ela parece exasperada, mas, depois de dar uma boa olhada nele, a irritação se esvai.

— Você está espetacular, Cam. — Ela alisa a camisa dele e endireita a gravata.
— Está exatamente como a estrela que é! Brilhante!

— Vamos esperar que eu não libere elementos complexos.

Ela lhe lança um olhar interrogativo.

— Supernova — diz ele. — Se sou uma estrela brilhante, vamos esperar que eu não exploda. — Desta vez, nem estava tentando confundi-la. — Desculpe... é só a forma como minha mente funciona.

Ela o pega gentilmente pelo braço.

— Venha, estão esperando por você.

— Quantos?

— Não queríamos que você se sentisse soterrado em sua primeira coletiva de

imprensa, então limitamos o acesso a trinta repórteres.

O coração de Cam bate forte, e ele precisa respirar fundo algumas vezes para acalmá-lo. Nem sabe por que está tão nervoso. Eles já o prepararam com três coletivas de imprensa falsas, nas quais perguntas foram lançadas em múltiplas linguagens. Em cada uma delas ele se saiu muito bem — e, desta vez, será apenas em inglês, então há uma variável a menos com que se preocupar.

Esta, no entanto, é real. Desta vez ele será oficialmente apresentado a um mundo que não está preparado para isso. Os rostos que viu naquelas entrevistas falsas eram amigos fingindo ser outra coisa, mas hoje ele deve encarar estranhos de verdade. Alguns estarão apenas curiosos, outros, maravilhados, e alguns podem estar francamente horrorizados. Roberta o aconselhou a esperar isso. O que o preocupa são as coisas que nem mesmo ela é capaz de prever.

Caminham pelo corredor até uma escada em espiral que leva à sala de estar principal — uma escada que ele não teve permissão de usar nas primeiras semanas, até que sua coordenação motora melhorasse. Agora, porém, ele conseguiria até descer dançando se quisesse. Roberta pede que espere até seu nome ser anunciado. Ela desce primeiro, e Cam ouve o burburinho dos repórteres esmorecer. As luzes diminuem e ela começa a apresentação:

— Desde tempos imemoriais, a humanidade sonha em criar vida — inicia Roberta, a voz amplificada, maior que a vida. Clarões de luz chegam ao topo da escada. Cam não consegue ver as imagens da apresentação, mas sabe quais são. Já viu todas antes. — Mas o grande mistério da própria vida sempre foi fugaz — continua ela — e cada sonho de criação terminou em fracasso humilhante. Há uma boa razão para isso. Não podemos criar o que não entendemos, então, até entendermos o que é a vida, como é que poderíamos criá-la? Não; em vez disso, é tarefa da ciência tomar aquilo que já temos e, a partir disso, construir. Não criar a vida, mas aperfeiçoá-la. Então, propusemos a questão: como podemos combinar tanto a evolução intelectual quanto a física na melhor versão de nós mesmos, o melhor de todos nós em um só? No final, a resposta é simples quando se faz a pergunta certa. — Ela pausa para criar suspense. — Senhoras e senhores, eu lhes apresento Camus Comprix, o primeiro ser humano completamente composto!

Ao som dos aplausos, Cam começa a descer os degraus da espiral, a postura orgulhosa, mas o andar casual. Os repórteres ainda estão nas sombras enquanto ele desce, e todas as luzes se concentram nele. Sente o calor das lâmpadas e,

embora esteja em um lugar familiar, é como se tivessem transformado a sala em um teatro. Ele hesita no meio do caminho, respira fundo e continua, fazendo parecer que a pausa foi intencional — uma provocação, talvez, já que esta é uma coletiva de imprensa na qual câmeras fotográficas estão proibidas. Sua apresentação ao público está sendo cuidadosamente orquestrada.

Os aplausos dão lugar ao espanto quando a multidão consegue visualizá-lo de perto. Há ofegos e sussurros quando ele se aproxima do microfone. Roberta sai de lado, deixando-o no centro, e, quando ela o faz, o silêncio na sala é absoluto. Todos olham para ele, tentando processar o que veem: um jovem que é, como a mulher disse, “o melhor de todos nós”. Ou, pelo menos, o melhor de vários adolescentes fragmentados.

No silêncio carregado de expectativa, ele se inclina para o microfone e diz:

— Ora, preciso dizer que vocês são um grupo muito bem constituído.

Risadinhas por toda parte. Ele se surpreende com o timbre amplificado da própria voz, um barítono ecoante que o faz soar mais confiante do que é. As luzes se acendem sobre o grupo de repórteres e, com a tensão rompida, as primeiras mãos se erguem com perguntas.

— Prazer em conhecer você, Camus — diz um homem vestindo um terno gasto. — Pelo que entendi, você é feito de quase cem pessoas diferentes... É verdade?

— Noventa e nove, para ser exato — responde Cam com um sorriso. — Mas há espaço para mais uma.

O grupo ri novamente, menos nervoso que da última vez. Ele gesticula para uma mulher de cabelo volumoso, a próxima a falar:

— Você é claramente... hã... uma criação única. — Cam sente a desaprovação na voz dela como uma onda de calor. — Qual é a sensação de saber que, em lugar de nascer, você foi inventado?

— Eu nasci, só que não todo ao mesmo tempo — explica ele. — E não fui inventado, mas sim reinventado. Há uma diferença.

— Sim — comenta alguém. — Deve ser uma grande responsabilidade saber que você é o primeiro a ser desse jeito...

Esse tipo de questionamento foi abordado nas entrevistas simuladas, e Cam

sabe as respostas de cor.

— Todo mundo sente como se fosse o único a ser do jeito que é, não? Isso não me torna diferente de ninguém.

— Senhor Comprix... sou especialista em dialetos, mas não consigo saber qual é o seu. Sua pronúncia varia muito.

Cam nunca pensou nisso antes. Já é difícil o bastante traduzir pensamentos em palavras sem ter de pensar em como elas saem.

— Bem, acho que tudo depende de quais células cerebrais estou usando no momento.

— Então, sua eloquência verbal é predeterminada?

Novamente, o tipo de pergunta que ele espera.

— Se eu fosse um computador, seria predeterminada, mas não sou. Sou cem por cento orgânico. Humano. Mas, para responder à sua pergunta, algumas das minhas habilidades vêm de antes, outras surgiram depois, e tenho certeza de que continuarei a evoluir como ser humano.

— Mas você não é um ser humano — grita alguém nos fundos. — Pode vir de seres humanos, mas é tão humano quanto uma bola de futebol é um porco.

Algo nessa afirmação — nessa acusação — o atinge em um ponto desprotegido. Ele não estava preparado para a emoção que sente agora.

— Touro vê vermelho! — diz Cam. A frase sai antes que ele possa filtrá-la em seu centro de linguagem. Ele limpa a garganta e encontra as palavras: — Você está tentando me provocar. Talvez haja uma lâmina escondida atrás da sua capa, mas ela não impedirá que você seja espetado pelos chifres.

— Isso é uma ameaça?

— Não sei... aquilo foi um insulto?

Murmúrios na multidão. Ele tornou a situação mais interessante. Roberta lança-lhe um olhar de aviso, mas Cam de repente vivencia a raiva de dezenas de jovens fragmentados erguendo-se dentro dele. Essa raiva precisa de voz:

— Há mais alguém aí que ache que eu não sou humano?

E, quando olha para os trinta repórteres, mãos se erguem. Não só a da mulher de cabelo volumoso e a do provocador nos fundos, mas outras também. Uma

dúzia. Eles realmente pensam assim? Ou são só toureiros balançando a capa?

— Monet! — grita ele. — Seurat! Se olharem perto da tela, as pinturas deles parecem borrões de tinta. Mas de longe vocês veem a obra de arte. — Alguém controlando as imagens da apresentação fornece um Monet espontaneamente, mas, em vez de apoiar suas palavras, isso faz com que pareçam ensaiadas. — Vocês são pessoas de mente limitada, incapazes de enxergar de longe!

— Você parece bem cheio de si — comenta alguém.

— Quem disse isso? — Ele vasculha a multidão com o olhar. Ninguém assume a frase. — Eu estou cheio de muitas pessoas... e isso é espetacular.

Roberta se aproxima e tenta tomar-lhe o microfone, mas Cam a empurra.

— Não! — diz ele. — Eles querem saber a verdade? Vou contar a verdade!

E, subitamente, perguntas são disparadas como balas:

— Eles te mandaram dizer tudo isso?

— Há uma razão para você ter sido feito?

— Você sabe o nome de todos eles?

— Sonha os sonhos deles?

— Sente a fragmentação deles?

— Se você foi feito dos indesejados, o que te faz pensar que é melhor que eles?

As perguntas são tão rápidas e intensas que Cam sente a mente começando a se fracionar. Ele não sabe a qual responder — se é que consegue responder a alguma.

— Que direitos legais um ser feito deveria ter?

— Você pode se reproduzir?

— Será que ele *deve* se reproduzir?

— Será que ao menos está vivo?

Cam não consegue acalmar a respiração. Não consegue conter os próprios pensamentos. Não consegue enxergar claramente. Vozes não fazem sentido, e ele vê apenas partes, mas não o quadro maior. Rostos. Um microfone. Roberta segurando-o, tentando focá-lo, tentando fazer com que olhe para ela, mas a

cabeça de Cam não para de balançar.

— Luz vermelha! Pedal de freio! Muro de tijolo! Já chegou! — Ele respira fundo, estremecendo. — Parar? — É uma súplica a Roberta. Ela pode acabar com tudo isso. Ela pode fazer qualquer coisa.

— Parece que não o costuraram direito — diz alguém, e todos riem.

Ele agarra o microfone mais uma vez, apertando-o contra os lábios. Guinchando. Distorcido.

— Eu sou mais do que as partes das quais sou feito!

— Sou mais!

— Sou...

— Eu...

— Eu...

Então, uma única voz fala, simples, calma:

— E se não for?

— ...

— Já basta agora — diz Roberta à multidão inquieta. — Obrigada por terem vindo.

Ele chora, incapaz de parar. Não sabe onde está, aonde Roberta o trouxe. Não está em lugar nenhum. Não há ninguém no mundo além dos dois.

— Shhh — diz ela, balançando-o suavemente para a frente e para trás. — Está tudo bem. Tudo vai ficar bem.

Mas isso não o acalma. Ele quer expulsar a memória daqueles rostos reprovadores. Será que ela pode cortá-la de sua mente? Substituir a lembrança com algum pensamento aleatório de outro fragmentário aleatório? Alguém pode fazer isso por ele? Alguém pode, por favor?

— Este foi só um primeiro encontro com um mundo que ainda precisa entender você — afirma Roberta. — O próximo vai ser melhor.

Próximo? Como é que ele vai sobreviver ao próximo?

— Fim! — diz ele. — Sinal fechado. Créditos na tela.

— Não — responde ela, abraçando-o com ainda mais força. — Não é o fim, é só o começo, e eu sei que você estará à altura do desafio. Só precisa de uma casca mais dura...

— Então, me enxerte uma!

Ela ri baixinho, como se fosse uma piada, e a risada o faz rir também, o que a leva a rir ainda mais alto, e de repente, no meio das lágrimas, ele percebe que está gargalhando, apesar de estar furioso por isso. Nem entende por que está rindo, mas não consegue parar, assim como não consegue deixar de chorar.

Finalmente, ele se controla. Está exausto. Tudo o que quer é dormir. E será assim por um longo tempo.

ANÚNCIO DE UTILIDADE PÚBLICA

“Você já parou para pensar em todas as pessoas que foram ajudadas pela fragmentação? Não só as que receberam os tecidos e órgãos muito necessários, mas as centenas empregadas no ramo médico e indústrias de apoio. Os filhos, os maridos e esposas das pessoas cuja vida é salva por enxertos e transplantes. E quanto aos soldados feridos no cumprimento do dever, curados e restaurados pelas partes preciosas que recebem? Pense nisso. Todos nós conhecemos alguém que foi tocado positivamente pela fragmentação. Mas agora a assim chamada Resistência Antidivisional ameaça nossa saúde, segurança, empregos e economia ao desconsiderar uma lei federal que precisou de uma guerra longa e dolorosa para ser criada.

Escreva para o seu deputado hoje. Diga aos seus legisladores o que você pensa. Exija que eles tomem uma atitude contra a RAD. Vamos manter nossa nação e nosso mundo no caminho certo.

Fragmentação. Não é só um bom remédio, é a solução certa.”

— Pago pelo Consórcio dos Contribuintes Conscientes

Cam está em completa regressão mental e emocional. Todo tipo de teoria sobre esse retrocesso é postulado e debatido. Talvez as partes transplantadas estejam rejeitando umas às outras. Talvez as novas conexões neurais estejam sobrecarregadas com informações conflitantes e tenham entrado em colapso. O fato é que ele simplesmente parou de falar, deixou de reagir a elas — parou até mesmo de comer e agora está sendo alimentado por via intravenosa.

Todos os exames possíveis estão sendo realizados, mas Cam sabe que eles não demonstrarão nada, pois não podem sondar sua mente. Não podem quantificar sua vontade de viver — ou a falta dela.

Roberta anda de um lado para o outro no quarto dele. No começo ela se mostrou muito preocupada, mas, nas últimas semanas, a preocupação degenerou

para frustração e raiva.

— Você acha que não sei o que está fazendo?

Ele responde arrancando o tubo de soro do braço.

A mulher corre para ele e rapidamente o reconecta.

— Você está agindo como uma criança teimosa e obstinada!

— Sócrates — diz ele. — Cicuta! Um brinde.

— Não! — grita Roberta. — Não vou deixar que tire sua própria vida! Você não tem esse direito!

Ela se senta em uma cadeira ao lado dele, acalmando-se.

— Se não quer viver por si mesmo — implora —, então viva por mim. *Prosper* por mim. Você se tornou a minha vida, sabe disso, não sabe? Se você morrer, vai me levar consigo.

Ele nem mesmo a olha nos olhos.

— Injusto.

Roberta suspira enquanto Cam observa o implacável gotejar do tubo de soro que o mantém vivo. Ele está faminto. Está faminto há muito tempo, mas isso não basta para convencê-lo a comer. Para que manter-se vivo quando a simples ideia de estar vivo é questionável?

— Sei que a coletiva de imprensa foi um erro — admite Roberta. — Foi cedo demais... você não estava pronto. Mas eu tratei de conter os danos. Mexi uns pauzinhos. Da próxima vez que você encarar o público, vai ser diferente.

Somente agora ele a olha nos olhos.

— Não haverá próxima vez.

Roberta sorri levemente.

— Ah! Então você *consegue* formar um pensamento coerente.

Cam se remexe e desvia o olhar.

— É claro que consigo. Só escolhi não fazê-lo.

De olhos úmidos, ela acaricia a mão dele.

— Você é um bom menino, Cam. Um menino sensível. Vou garantir que não

nos esqueçamos disso. Também vou garantir que você receba qualquer coisa que deseje ou precise. Ninguém vai forçar você a fazer nada que não queira.

— Não quero falar com o público.

— Vai querer, quando o público for seu — responde Roberta. — Quando eles estiverem pisando uns em cima dos outros só para poder te ver. Não como uma excentricidade, mas como um astro. Um astro celebrado. Você precisa mostrar ao mundo aquilo de que eu sei que é capaz. — Ela hesita por um momento, preparando-se para contar alguma coisa. Talvez algo que Cam não esteja pronto para ouvir. — Andei pensando muito nisso e acredito que você precisa é de alguém que apareça ao seu lado. Alguém que tenha te aceitado completamente e possa atrair a curiosidade do público de maneira mais positiva. Que amortença o senso crítico deles.

Ele ergue o olhar para a mulher, mas ela dispensa a ideia antes mesmo que ele a proponha.

— Não, não pode ser eu. Sou vista como sua treinadora. Isso não serve. O que você precisa é de um belo planetinha girando em torno da sua estrela...

A ideia o intriga. Faz com que perceba o próprio desejo por mais que mero sustento. Ele anseia por conexão. Não vê ninguém de sua idade desde que foi criado. Sua idade, ele decidiu, é de dezesseis anos. Ninguém pode dizer o contrário. Ter uma companhia — alguém que tenha nascido, não sido feito — o colocaria um passo mais próximo de ser verdadeiramente humano. Desta vez, Roberta calculou certo. Isso dá a ele uma motivação suficiente. Mais uma vez, ele estende a mão para o tubo de soro.

— Cam, não faça isso — implora a mulher. — Por favor, não.

— Não se preocupe. — Ele desliga a alimentação intravenosa e se levanta da cama pela primeira vez em semanas. As juntas doem quase tanto quanto as costuras. Ele caminha até a janela e espia o exterior. Não tinha nem ideia do horário até agora. É crepúsculo. O sol poente se esconde sob uma nuvem logo acima do horizonte. O mar tremula e o céu é uma tela brilhante de cor. Será que Roberta tem razão? Ele tem direito a este mundo tanto quanto qualquer outra pessoa? Ele pode possuir mais?

— Livre-arbítrio — decreta ele. — Vou tomar minhas próprias decisões agora.

— É claro, é claro — responde Roberta. — E eu vou estar aqui para

aconselhar você.

— Aconselhar, não comandar. Não controlar. Eu vou escolher o que faço e quando faço. E vou escolher minhas próprias companhias.

Ela assente.

— Concordo.

— Ótimo. Estou com fome — diz ele. — Peça para que me tragam um bife.
— Depois, reconsidera: — Não... peça para que me tragam uma lagosta.

— Qualquer coisa que te faça feliz, Cam. — E Roberta sai apressada para fazer a vontade dele.

18 · Risa

Ela acorda no meio da noite com o som de pés batendo na rampa do AcMac. Espera que essa visita tardia não seja para ela, mas sempre é. Ninguém vem até aqui no meio da noite a não ser que haja uma emergência médica precisando de sua atenção.

Kiana surge de trás da cortina, puxando-a.

— Risa, acabaram de trazer uns meninos. A coisa tá bem feia.

Kiana tem dezesseis anos, cumpre o turno da noite na enfermaria, vive fazendo drama e exagera as proporções das coisas o tempo todo. Tendo saído de uma família de médicos, está sempre ocupada em provar que é uma ótima médica assistente, então, seus exageros normalmente são só uma tentativa de fazê-la parecer melhor quando resolve uma emergência. O fato de que ela veio falar com Risa e não está tentando ficar com toda a glória para si quer dizer que a situação deve ser realmente muito séria...

— Uns meninos estavam mexendo com a turbina de um motor — conta Kiana — e o motor inteiro desabou...

Risa sai da cama para a cadeira de rodas.

— Pra que é que eles estavam mexendo com uma turbina de motor no meio da noite?

— Acho que foi algum tipo de desafio.

— Inacreditável.

Metade dos ferimentos que Risa vê é autodestrutiva ou simplesmente idiotice. Ela frequentemente imagina se isso está na natureza dos íntegros ou se no mundo exterior é a mesma coisa.

Quando chega à enfermaria, todos os médicos, tanto os de plantão quanto os de folga, já estão lá. Enquanto uns poucos são mais velhos e ficaram para trás após completarem dezessete anos, o resto são só adolescentes treinados para cuidar de ferimentos menores, nada mais. A visão do sangue já não assusta Risa. O que a assusta são as próprias limitações — e, no momento em que entra, ela sabe que a situação está muito além de sua capacidade.

No canto, um garoto contorce o rosto de dor e geme, com um ombro obviamente deslocado — mas está recebendo só a mínima atenção, pois o rapaz na mesa está muito pior. O lado do corpo tem uma ferida enorme e denteada através da qual Risa consegue ver pelo menos uma costela saliente. Ele estremece e grunhe. Várias pessoas tentam freneticamente estancar o sangramento aplicando pressão a artérias-chave, e um menino de mãos trêmulas tenta encher uma seringa.

— Lidocaína ou epinefrina? — pergunta ela.

— Lidocaína? — responde ele fazendo outra pergunta.

— Eu aplico. Tem injeções de epinefrina já preparadas.

Ele a olha como se tivesse sido pego no corredor da escola matando aula.

— Adrenalina! — diz Risa. — É o mesmo que adrenalina.

— Certo! Isso eu sei onde está.

A garota tenta se concentrar, não se permitindo abalar pela situação geral, e dá ao menino ferido a primeira injeção para aliviar a dor.

— Alguém chamou o médico? — pergunta ela.

— Umas três vezes já — responde Kiana.

Há um médico que vem ao Cemitério quando eles têm nas mãos um caso que não conseguem resolver. Ele trabalha de graça, sem fazer perguntas, pois é partidário da resistência. O problema é que só atende o telefone quando quer. Mas, mesmo que consigam falar com o homem, Risa já sabe o que ele dirá:

— Ele precisa ir para um hospital.

Depois que ela diz isso, todos na sala ficam visivelmente aliviados, pois agora a vida do menino não estará mais em suas mãos. Apesar de todos os ferimentos que ocorrem no Cemitério, só duas vezes antes foi preciso levar alguém a um hospital. Em ambas, o ferido morreu. Risa está decidida a não deixar que isso aconteça novamente.

— Dói muito — diz o garoto entre ofegos e caretas.

— Shh — responde Risa, vendo os olhos dele começarem a virar. — Concentre-se em mim. — Ela aplica a injeção de epinefrina, que deve desacelerar o sangramento e, espera-se, impedir que ele entre em choque. —

Diga seu nome.

— Dylan — arfa ele. — Dylan Ward.

— Sério? Eu fui tutelada também. Casa Estatal de Ohio, número vinte e três.

— Magnólia, na Flórida. As Casas Estatais da Flórida não têm números. Têm nome de flores.

— Faz sentido.

Dylan Ward tem treze anos, talvez catorze. Tem lábio leporino bem marcado, e olhar para ele a enfurece, pois, assim como ela, este menino foi um tutelado do Estado — e, apesar de os pais não mandarem um filho para a fragmentação só pela aparência, as Casas Estatais não veem problema em fragmentar crianças para as quais não querem olhar. Para Risa, salvá-lo agora é uma questão de honra. Ela manda Kiana trazer a ambulância.

— Está com um pneu furado — diz a menina.

Risa rosna de frustração.

— Troca o pneu! — manda ela.

— Não vá embora — pede Dylan, depositando nela toda a sua confiança.

— Não vou — garante Risa.

A RAD vive prometendo mandar um médico permanente para o Cemitério, mas isso não aconteceu. Ela sabe que a resistência tem outras prioridades, mas, quando um jovem está sangrando até a morte, essa é uma desculpa esfarrapada.

— Eu vou morrer? — pergunta Dylan.

— Claro que não — responde Risa. Na verdade, ela não tem nem ideia se ele vai viver ou morrer, mas não seria algo reconfortante a dizer, e ninguém quer saber a verdade quando faz essa pergunta.

Ela passa com a cadeira por cima de quaisquer que sejam os detritos no chão e vai até a rampa traseira do avião, onde um bando de pessoas se reuniu, aflito.

Um garoto dá um passo à frente. É Starkey. Desde que Connor o encarregou de administrar o serviço de alimentação, ele acha que pode meter o nariz em tudo.

— Tem algo que eu possa fazer? — pergunta ele.

— Nada, a não ser que tenha poderes de teletransporte e possa nos levar pro hospital.

— Sinto muito — diz ele. — Meus truques são só truques.

É quando Connor aparece.

— Me falaram do acidente. Está todo mundo bem?

Risa balança a cabeça, negando.

— De um deles nós podemos cuidar, mas o outro... — novamente, o temor da lembrança — ... precisa ir para um hospital.

Os lábios de Connor se apertam e as pernas começam a tremer como quando ele passou pelos esconderijos. Ele detém a reação de medo ao bater o punho contra a mão e assente.

— Tá legal — diz. — Tá legal, vamos fazer o que precisa ser feito. — Só então parece perceber a presença do outro rapaz. — O Starkey está te ajudando?

— Na verdade, não — responde Risa. Então, só para se livrar dele, diz: — Ele pode ajudar a trocar o pneu da ambulância.

Starkey parece ofendido por um instante. Depois, sorri.

— Claro, sem problema. — E sai correndo.

A ambulância é uma minivan sem assentos, aparelhada de equipamentos médicos. Dylan é levado rapidamente escada abaixo e para dentro do veículo. Um dos outros médicos fica ao volante, e Kiana cuidará do paciente na traseira. O menino chama por Risa, mas ela não consegue entrar com ele. Mais uma vez, amaldiçoa a cadeira de rodas em silêncio.

Starkey ainda está por perto. Ele se volta para Connor.

— Quer dizer que você não vai? — pergunta ele.

— O Almirante nunca saiu do Cemitério, só quando foi carregado — responde Connor. — Eu sigo o exemplo dele.

Starkey dá de ombros.

— Isso te faz parecer covarde.

Connor o fulmina rapidamente com o olhar.

— Ei, só tô dizendo.

— Não ligo pro que parece — diz Connor vigorosamente. — Faço o que preciso fazer pra manter este lugar vivo.

— Desculpa, cara. Não quis te desrespeitar. Acho que tenho muito a aprender sobre estar no comando.

Starkey acena a cabeça respeitosamente para Risa e sai. Mas o que ele disse gruda na mente dela como chiclete na sola do sapato — ou, pelo menos, como costumava grudar nos sapatos dela quando elas os punha no chão. Connor tem razão, é claro. Se ele fosse para o hospital, seria uma demonstração imprudente de valentia — o sinal de um líder arrogante, não de um líder responsável. Risa, por outro lado, não tem nada que a segure aqui a não ser a cadeira. E quando é que deixou que isso a detivesse?

— Eu vou junto desta vez — informa ela a Connor.

Ele ergue as mãos.

— Risa, ninguém espera que você vá. Ninguém vai pensar que é covarde se não for. — Ele olha de relance para a minivan. — E levar você até lá vai ser um...

— Um fardo? — Risa finaliza a frase.

— Eu ia dizer um esforço muito grande, quando cada segundo conta.

Mas ela está decidida:

— Depois do que aconteceu das outras vezes, eu *preciso* ir.

— Isso não vai mudar o resultado — assinala ele.

— Eu sei — responde ela, embora não esteja inteiramente convencida do que o garoto diz. Ele recua enquanto dois dos médicos erguem a cadeira dela e a colocam na van. — Mesmo que os Juvis me peguem, não podem me fragmentar — lembra ela. — Tenho dezessete. Além disso, incapacitados não podem ser fragmentados.

— E se te reconhecerem?

— Ah, por favor — diz Risa. — As pessoas conhecem nosso nome muito mais do que nossa aparência. Vou ficar bem.

Então, ela oferece a ele um sorriso pequeno, mas sincero, ao qual o garoto responde relutante. Isso não diminui a distância entre eles, mas pelo menos

marca a intenção de cruzá-la. Ela fecha a porta de trás da van sem se despedir, pois os dois compartilham da superstição secreta de nunca dizer adeus um para o outro.

Risa logo se arrepende disso.

É um caminho acidentado que sai do Cemitério, sem estradas asfaltadas, só o solo duro do deserto achatado pelas rodas dos aviões. São quase dois quilômetros até o portão. Na traseira, Dylan geme a cada tranco. Quando se aproximam, os guardas, avisados da emergência, abrem rapidamente o portão.

Quando chegam à estrada asfaltada, é mais suave rodar, e Dylan se acalma. Risa o conforta e monitora os sinais vitais.

Da primeira vez que precisaram levar uma pessoa ao hospital, Kiana foi com um dos outros médicos — um garoto que entrava em pânico quando um Band-Aid não colava, mas era a única outra pessoa com experiência médica disposta a se arriscar fora do Cemitério em uma missão potencialmente suicida. Daquela vez, um recém-chegado havia aceitado um desafio e escalado a cauda de um avião cargueiro. Ele caíra e rachara o crânio. Risa teria ido ao hospital, mas todos a convenceram de que não existia razão para isso e não era nada prático. Kiana e o médico nervoso haviam levado o menino com toda uma história falsa do que havia acontecido e documentos para apoiar a identidade falsa. O paciente morreria no hospital. Da segunda vez, fora uma garota com o apêndice rompido. Novamente, ela fora levada às pressas para o hospital, e de novo Risa havia ficado para trás e a paciente acabou morrendo.

Risa não sabe o que sua presença no hospital pode fazer. Tudo o que sabe é que não pode ficar para trás e esperar a notícia da morte de mais uma criança.

Kiana ajuda Risa a descer da minivan. Depois, sozinha, carrega Dylan para a sala de espera do pronto-socorro, com Risa logo atrás. Agora, Risa precisa exhibir suas habilidades teatrais. Ela pensa nos amigos da banda que tocava no teto do Ferro-Velho quando ele explodiu — aqueles que morreram — e a lembrança traz as lágrimas necessárias a seus olhos. Então, ela traz de volta uma personagem que já salvou sua vida antes: a garota bobinha que fala em tom de pergunta.

— Oi, alguém pode ajudar a gente? Meu irmão estava em cima da casa consertando telhas, sabe? E caiu do telhado e se machucou feio, viu? E a gente não sabia o que fazer! Então a gente trouxe ele pra cá, mas tem um monte de

sangue e a gente tá com medo, sabe? Alguém ajuda a gente?

Ela espera que as lágrimas e a pretensa tolice possam confundir o faro para mentiras das pessoas aqui assim como o Calma Aí antes confundia radares. Há rumores de que os Juvis começaram a usar decodificadores de DNA em campo. Ela pode apenas esperar que ainda não tenham começado a usá-los nos hospitais.

A equipe do pronto-socorro larga tudo o que está fazendo e corre para eles. Em um segundo Dylan está sobre uma maca, passando pelas portas que dizem SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO.

— Ele vai ficar bem? — pergunta Risa em um pânico apenas parcialmente fingido. — Porque os nossos pais estão fora da cidade, sabe? E a gente não sabia o que fazer!

— Nós vamos cuidar dele, querida — responde uma enfermeira em tom reconfortante. — Não se preocupe. — A mulher olha de relance para Kiana, que tem o sangue de Dylan nas roupas, e sai rumo à sala de emergência.

As portas se fecham. Risa leva a cadeira até o balcão de recepção com uma carteira cuidadosamente planejada, cheia de falsas informações, organizada para parecer desorganizada e intencionalmente projetada para fazer com que a proprietária pareça desamparada e confusa.

— A gente resolve isso depois — diz a atendente, desistindo e chamando a próxima pessoa na fila.

Uma hora de espera sem notícias. Kiana ficou andando de um lado para outro, não importa quantas vezes Risa a tenha mandado se acalmar. Mas talvez esse nervosismo ajude a sustentar a história falsa. Por fim, a enfermeira volta à sala de espera. A mulher está de olhos ligeiramente marejados, e Risa sente o estômago afundar, como se Dylan, que ela nem conhecia antes de hoje, fosse realmente seu irmão.

— Querida, receio não ter boas notícias. Você vai ter de se preparar.

Risa agarra as rodas da cadeira, sentindo uma onda de emoção começar a borbulhar no íntimo. Kiana põe a cabeça nas mãos.

— Sinto muito — diz a enfermeira —, mas seu irmão estava machucado demais. Fizemos tudo o que pudemos...

Risa apenas olha para ela, incrédula e chocada. A mulher põe a mão sobre a de

Risa, acariciando-a gentilmente.

— Não posso imaginar o que você deve estar sentindo agora, mas nós vamos ter de avisar os seus pais. Estivemos tentando, mas ninguém atendeu os números que você nos deu. Há alguma outra forma de entrar em contato com eles?

Risa, o cabelo pendendo sobre o rosto, balança a cabeça.

— Tudo bem... — diz a enfermeira. — Então, vamos ter de continuar tentando. Enquanto isso, se houver mais alguém para quem você possa ligar...

— Pode nos dar um momento? — pede Risa em voz baixa.

— Claro, querida. — A enfermeira aperta a mão dela de forma tranquilizadora e volta para a sala de emergência, onde o corpo de Dylan espera para ser reivindicado por pais que não existem.

Risa enxuga as lágrimas, tentando se consolar com o fato de que fez o melhor que pôde.

Então, Kiana diz:

— Foi exatamente como das outras vezes.

Isso faz com que Risa erga o olhar, e um pensamento lhe ocorre. Ela imagina *como exatamente* foi.

— Kiana... você *sabe* que a cada vez a gente tem de ir a um hospital diferente, né?

Pela expressão da menina, Risa percebe que ela nunca assimilou esse protocolo em especial.

— Em caso de emergência, não deveria ser o hospital mais próximo? — pergunta Kiana.

O pavor súbito que Risa sente é contrabalanceado por igual quantidade de esperança.

— Das outras vezes que você veio aqui, viu aquela mesma enfermeira?

— Acho que sim. Pelo menos uma vez. Isso é ruim, né?

— Sim e não. Volto já.

Risa ruma para as portas de PESSOAL AUTORIZADO e abre caminho. Ela se vê em um corredor muito mais iluminado e ainda menos convidativo que a sala de

espera.

Centenas de pessoas passam por salas de emergência, mas poucas delas são adolescentes cujos pais estão misteriosamente fora de alcance e cujos “irmãos” desaparecem ao ouvir a notícia da morte. Essa enfermeira deve ter reconhecido Kiana — Risa não tem a menor dúvida quanto a isso. Significa que há mais que um lado enganando o outro aqui.

— Com licença — diz alguém do outro lado do corredor. — Você não deveria estar aqui.

Mas Risa não liga. Ela entra em uma sala maior cuja placa diz RECUPERAÇÃO. Está subdividida por cortinas em cubículos com camas de hospital, e ela começa a puxar as cortinas, uma por uma. Um leito vazio. Uma velha. Outra cama vazia. E, finalmente, Dylan Ward. Os ferimentos estão cobertos por ataduras; um tubo de soro está ligado ao braço. Ele está inconsciente, mas um monitor mostra batimentos cardíacos regulares. De morto, não tem nada.

É nessa hora que a enfermeira surge atrás de Risa e vira sua cadeira. A mulher não está mais lacrimejante como antes.

— Você precisa ir embora agora. Senão eu chamo a segurança.

Risa trava o freio da cadeira para que não possam empurrá-la.

— Você disse que ele tinha morrido!

— E você disse que ele era seu irmão.

— Nós vamos pegar o Dylan e sair daqui — afirma Risa, com autoridade suficiente na voz para fazer acreditar que ela tem algum tipo de reforço. Infelizmente, não tem.

— Ele não está em condição de viajar. E, mesmo que estivesse, eu nunca entregaria um fragmentário desertor a ninguém senão à Autoridade Juvenil.

— Foi isso que você fez com os outros? Entregou para os Juvis?

— Isso é assunto meu — responde a enfermeira friamente.

— Pelo menos faça a gentileza de me dizer se os outros dois ainda estão vivos.

A mulher olha para ela com ódio. Então, diz:

— Estão vivos. Mas, a esta hora, provavelmente em estado dividido.

Risa gostaria de poder levantar da cadeira de rodas e jogar essa mulher na parede. Olhares furiosos incendeiam o ar entre as duas como micro-ondas.

— Você acha que não sei o que acontece lá no Cemitério? Pois eu sei. Meu irmão é um Juvi. É incrível que eles não peguem todos vocês e os coloquem onde deveriam estar! — E ela aponta para a distância, como se soubesse a exata direção do campo de colheita mais próximo. — Há gente morrendo por falta de partes, mas você e seus amigos egoístas da resistência preferem que pessoas boas morram.

Então, aí está, pensa Risa. A brecha entre duas versões completamente diferentes de certo e errado. A mulher vê Risa como uma fora da lei imunda, e nada jamais mudará isso.

— E você faz isso pra ajudar a sociedade mesmo — rosna a menina — ou pelo dinheiro da recompensa?

A mulher desvia o olhar e Risa sabe a verdade. A moral da enfermeira ruiu sob seus pés e ela caiu no abismo.

— Volte e cuide da sua horda imunda — diz a mulher. — Faça isso e vou fingir que você nunca esteve aqui.

Mas Risa não pode partir. Não pode deixar Dylan ir para a fragmentação.

É quando um Juvi entra na sala de emergência.

— Aqui! — chama a enfermeira, voltando a olhar para Risa. — Vá embora agora e eu deixo você e sua amiga na sala de espera se safarem. Talvez você não possa ser fragmentada, mas com certeza pode ser presa.

Mas Risa não vai a parte alguma.

A enfermeira cumprimenta o policial, que, pela aparência, obviamente é o irmão do qual ela falou. Ele lança um olhar longo e curioso à garota antes de olhar para o menino na cama.

— É ele? — pergunta.

— Nós o estabilizamos, mas ele perdeu muito sangue. Vai demorar um pouco para poder ser transportado.

— Mantenha ele sedado — diz o policial. — É melhor que não acorde até estar no campo de colheita.

Risa agarra-se à cadeira, sabendo o que fará pelo menos dez segundos antes de fazer. Dez segundos de terror pessoal silencioso, mas sem nenhuma hesitação.

— Me leve — diz. — Me leve no lugar dele.

Ela sabe que Connor não aprovará. Sabe que ele ficará furioso, mas não pode deixar que sua determinação seja afetada por pensar nele. Precisa salvar Dylan Ward.

O policial a avalia — está claro que ele sabe exatamente quem é ela e o que essa oferta significa.

— No meu entendimento, senhorita Ward, tem dezessete anos e, considerando que está em uma cadeira de rodas, não poderíamos mesmo fragmentá-la. Então, qual é seu possível valor para nós?

Ela sorri, sabendo que é dona da vantagem.

— Tá brincando? Um membro notório da Resistência Antidivisional que sabe exatamente o que aconteceu em Happy Jack aquele dia?

O homem leva um momento para pensar nisso.

— Não sou idiota — diz ele. — Você nunca vai cooperar. Preferiria morrer a cooperar.

— Talvez — admite Risa. — Mas por que isso deveria importar pra você? Não importa o pouco que eu coopere, você ainda vai ganhar crédito por me prender, não vai?

Ela quase consegue ouvir as engrenagens da mente dele estalando e zumbindo.

— O que vai me impedir de capturar tanto você quanto o menino na cama?

— Se tentar — responde Risa calmamente —, vai perder o prêmio. Eu tenho uma pílula subcutânea de cianureto na palma da mão. — Ela estende a mão para ele ver. — Está aí, bem debaixo da pele. Tudo o que preciso fazer é juntar as mãos e bater palma pra abri-la. — Então, ela finge preparar um amplo bater de palmas, parando pouco antes de uma tocar a outra. — Está vendo? — diz sorrindo. — Existe mais de um tipo de batedor.

É claro que não existe tal pílula sob a pele, mas o homem não precisa saber disso. Mesmo que suspeite do blefe, ele não vai querer arriscar.

— Se eu morrer aqui e agora — completa Risa —, você não vai ficar conhecido como o policial que me capturou, mas como o policial que me deixou morrer sob sua custódia. — Ela volta a sorrir. — Isso é quase tão ruim quanto levar um tiro na perna com sua própria pistola de tranco, hein?

O homem franze o cenho ao pensar em ser relacionado de qualquer maneira àquele outro Juvi azarado.

A enfermeira não está nada feliz com isso. Ela cruza os braços.

— E quanto ao dinheiro da recompensa? — pergunta ela.

O irmão se volta para ela como fazem os irmãos mais velhos e diz:

— Cala a boca, tá, Eva? Só cala a boca.

E, com isso, o negócio é fechado.

O prontuário de Dylan continuará marcado com os dados falsos, e, quando ele estiver pronto para viajar, será entregue a Kiana, sem perguntas.

Quanto à Risa, sua vida agora seguirá um caminho diferente.

19 · Cam

Uma parceira adequada para Camus Comprix — alguém com todas as qualidades certas — não é fácil de encontrar. Mais de duzentas garotas passam pelo processo de entrevista. Todas elas têm boas credenciais. Há atrizes e modelos, acadêmicas e debutantes da alta sociedade. Roberta não deixou pedra sobre pedra ao procurar o planeta perfeito para orbitar esse sol.

As últimas vinte são trazidas na frente de Cam para uma avaliação diante da lareira na grande e confortável sala de estar. Estão todas bem-vestidas, são bonitas e inteligentes. A maioria fala do próprio histórico como se fosse candidata a um emprego. Algumas o encaram sem desconforto, enquanto outras nem conseguem olhá-lo nos olhos. Há uma garota caidinha por ele, e o que diz esquenta a sala mais que a lareira:

— Eu adoraria ser a sua primeira. Você consegue fazer *aquilo*, não é? Quero dizer... você é *completo*, certo?

— Mais que completo — responde ele. — Na verdade, tenho três.

Ela apenas o olha, estarecida. Ele decide não revelar que está só brincando.

Percebe-se atraído por algumas delas e indiferente a outras — mas em nenhuma delas encontra a fagulha de afinidade pela qual esperava. Quando chega à última garota, uma estudante de Boston vestida como uma fashionista de Nova York, tudo o que quer é chegar ao fim do dia. Esta garota é uma das que ficaram intrigadas pelo rosto de Cam. Mas não apenas olha para ele; ela o estuda como se fosse um espécime sob um microscópio.

— Então, o que você vê quando olha para mim? — pergunta ele.

— Não é o que está no exterior... é o interior que importa — responde ela.

— E o que você acha que há no interior?

Ela hesita, depois diz:

— É uma pergunta capciosa?

Roberta fica exasperada quando ele se recusa a aceitar qualquer uma delas. O jantar dos dois esta noite é um silêncio cortado apenas pelos talheres tilintando e

o intenso cortar da carne. Mal olham um para o outro por cima da mesa. Finalmente, Roberta diz:

— Não estamos procurando a sua alma gêmea, Cam, só alguém para cumprir um papel. Uma consorte para te ajudar a entrar na vida pública.

— Talvez eu não queira me contentar com isso.

— Ser prático não é o mesmo que se contentar.

Cam soca a mesa com o punho.

— A decisão é minha! Você não vai me forçar.

— É claro que não vou... mas...

— A conversa acabou.

E o jantar volta a resumir-se ao som dos talheres. No fundo, ele sabe que ela está certa, o que só o enfurece. Tudo de que precisam para fazer o plano de Roberta funcionar é uma garota atraente e agradável segurando a mão dele, convencendo o público de que há muito a amar em Cam. Mas ele não se vê como um ator. Talvez possa fingir, mas teme os momentos de solidão quando terá de encarar o vazio de um relacionamento falso.

Vazio.

É o que a maioria das pessoas acredita que há dentro dele. Um grande vazio. E, se não puder encontrar uma alma gêmea entre as garotas que desfilam diante dele, significará que essas pessoas têm razão? Que ele não tem alma?

— Incompleto — diz ele. — Se sou completo, por que sinto como se não fosse?

E, como sempre, Roberta diz alguma banalidade pronta para tranquilizá-lo, mas, com o passar do tempo, essa sabedoria mecânica começa a deixá-lo frio e desapontado.

— A completude vem de criar experiências que sejam unicamente suas, Cam — afirma ela. — Viva sua vida e logo perceberá que a vida daqueles que vieram antes de você não importa. Aqueles que te deram origem não são nada comparados ao que você é.

Mas como ele pode viver a própria vida quando não está convencido de que tem uma? Os ataques na coletiva de imprensa ainda o atormentam. Se um ser

humano possui alma, então onde está a dele? E, se a alma humana é indivisível, como a dele pode ser a soma das partes de todos os jovens que lhe deram origem? Cam não é um deles, não é todos eles. Então, quem é?

Suas perguntas esgotam a paciência de Roberta.

— Sinto muito — diz ela —, mas não lido com o que não pode ser respondido.

— Então você não acredita em almas? — pergunta ele.

— Eu não disse isso, mas não tento responder a questões que não têm dados tangíveis. Se as pessoas têm alma, então você deve ter uma, provada pelo mero fato de que está vivo.

— Mas e se não houver um “eu” dentro de mim? E se eu for apenas carne em movimento, com nada mais dentro?

Roberta considera a pergunta, ou pelo menos finge considerar.

— Bom, se fosse esse o caso, eu duvido que você estaria fazendo essas perguntas. — Ela pensa por um instante. — Se precisa de um construto filosófico, então pense nisto: quer a consciência seja implantada em nós por uma força divina, quer seja criada pelos esforços de nosso cérebro, o resultado é o mesmo. Nós *somos*.

— Até não sermos mais — acrescenta Cam.

A mulher concorda.

— Sim, até não sermos mais.

E deixa-o sem respostas para nenhuma das perguntas.

A fisioterapia evoluiu para sessões de treinamento completo com máquinas, levantamento de pesos e exercícios cardiorrespiratórios. Kenny é o que Cam tem de mais parecido com um amigo, sem contar Roberta e os guardas que o chamam de “senhor”. Os dois conversam abertamente sobre coisas que Roberta provavelmente quereria monitorar.

— Então, a procura pela namorada perfeita foi um fiasco, hein? — pergunta Kenny enquanto Cam se exercita na esteira ergométrica.

— Ainda não encontramos uma consorte para a criatura — responde Cam, imitando o sotaque de Roberta.

Kenny ri.

— Você tem direito de ser exigente — diz ele. — Não deveria aceitar nada inferior ao que quer.

Cam chega ao fim da série e a máquina começa a desacelerar.

— Mesmo que eu não possa ter o que quero?

— Mais motivo ainda para exigir — aconselha Kenny. — Porque aí talvez chegue mais perto do alvo.

Talvez esta seja uma lógica sólida, embora Cam suspeite que não fará nada além de causar mais decepção.

Esta noite, ele vai sozinho até o computador de mesa na sala de estar e começa a vasculhar arquivos fotográficos. A maioria são temas aleatórios — as imagens que Roberta ainda usa para testá-lo, embora com menor frequência que antes. Nenhuma delas é a que ele procura. Encontra um arquivo que mostra o rosto de todas as garotas entrevistadas. Duzentas faces bonitas e sorridentes, com currículos anexados. Depois de um tempo, todas começam a parecer iguais.

— Você não vai encontrá-la aí.

Ele se vira para ver Roberta parada na escada espiral, observando-o. Ela desce os degraus restantes.

— Deletada? — pergunta Cam.

— Deveria — responde Roberta —, mas não.

Ela toca a tela, faz o login e abre arquivos cujo acesso é proibido a Cam. Em poucos segundos, exhibe não só uma, mas três fotos, e suspira.

— É esta que você estava procurando?

Ele olha para as imagens.

— Sim.

As outras duas fotos, como aquela que ele já vira, parecem ter sido tiradas sem que a fotografada soubesse. Ele imagina por que agora Roberta aceita mostrar-lhe essas imagens da garota na cadeira de rodas, quando antes fora totalmente contra isso.

— Ônibus — diz Cam. — Ela estava em um ônibus.

— O ônibus dela nunca chegou ao destino. Saiu da estrada e bateu em uma árvore.

Ele balança a cabeça.

— Não tenho essa lembrança. — Então, olha para Roberta. — Fale-me sobre ela.

20 · Nelson

O Juvi que virou pirata se superou desta vez! Não um, mas dois desertores!

Nelson atribui o sucesso à engenhosidade de suas táticas. Ele pegou a garota em uma praça de alimentação ao fingir que era um membro da resistência. A credulidade alheia sempre foi sua maior aliada. O cabelo da menina não é exatamente ruivo, como Divan pediu, mas pode ser considerado avermelhado sob certa luz. Quanto ao garoto, Nelson usou a ruivinha como isca, amarrando-a a uma calha perto de uma fábrica abandonada em uma vizinhança umber que se sabia infestada de desertores. Ele esperou até que os gritos dela atraíssem alguém dos recantos escuros da fábrica e viu o menino libertá-la. Depois, do alto de um edifício do outro lado da rua, Nelson deu tranco nos dois enquanto corriam.

Seu analisador de DNA identificou ambos como desertores conhecidos, o que sempre é melhor para a consciência do que capturar jovens que têm uma vida de verdade à qual voltar.

Nelson faz o percurso de volta à concessionária de carros de Divan cheio de expectativa. Ele nunca fez o tipo acima da média, então fazer o dobro do trabalho com metade do esforço é de fato uma coisa rara!

Quando ele chega, Divan fica surpreso e entusiasmado ao vê-lo voltar tão rápido após a última entrega.

— Bela pescaria! — exclama ele, e, pela primeira vez, não tenta pechinchar, pagando o preço que Nelson pede. Talvez porque o pirata não peça os troféus de sempre desta vez. Os olhos da garota têm injeções de pigmento púrpura que já estão desbotando e os deixam bem feios, e Nelson nem chegou a ver os do menino. Ele raramente cobiça o que não viu.

Em um raro momento de gratidão, Divan leva o pirata para jantar em um tipo de restaurante que ele não frequenta há muito tempo.

— O negócio deve estar crescendo — comenta Nelson.

— O negócio anda estável — responde o outro —, mas as perspectivas são boas.

Nelson consegue notar que o comerciante tem algo em mente. Ele observa e espera enquanto Divan leva uma colher à xícara de café, mexendo lenta e metodicamente.

— Na nossa última reunião — diz ele —, eu te falei de uns rumores, não falei?

— Sim, mas não me contou quais eram — responde Nelson, bebendo o próprio café muito mais rapidamente que Divan. — Esses rumores são algo que vou gostar de ouvir?

— Não a princípio, tenho certeza. Já ouvi falar disso mais de uma vez agora. Eu não queria trazer o assunto à sua atenção até ouvi-lo de mais de uma fonte. — Ele continua a mexer o café. Não bebe, apenas pensa enquanto o líquido rodopia. — Estão dizendo que o Desertor de Akron ainda está vivo.

Nelson sente os pequeninos cabelos da nuca se arrepiarem e se cravarem no colarinho.

— Isso é impossível.

— Sim, sim... você provavelmente tem razão. — Então, Divan abaixa a colher. — No entanto, alguém chegou realmente a ver ou identificar o corpo?

— Eu não estava em Happy Jack. Imagino que tenha sido uma bagunça.

— Exatamente — responde o homem vagarosamente. — Uma bagunça. — Ele ergue a xícara e toma um gole longo e lento. — O que significa que todo tipo de coisa poderia ter acontecido. — Então, abaixa o café e se inclina para a frente. — Acredito que esses rumores sejam verdade. Você tem alguma ideia de quanto valeriam as partes do Desertor de Akron? As pessoas pagariam quantias obscenas por um pedaço dele. — O homem sorri. — Eu te pagaria dez, talvez vinte vezes o que paguei pela mercadoria de hoje.

Nelson tenta não reagir, mas sabe que, ao não dizer nada, deixa que a ganância se expresse. Para ele, porém, esse momento especial de ganância não tem a ver com o pagamento. Capturar Connor Lassiter não só traria dinheiro como também equilibraria um placar desigual.

É como se Divan pudesse ler sua mente.

— Estou dizendo isso a você antes de contar a qualquer um dos meus outros fornecedores. Seria um grande prazer para mim se você o capturasse,

considerando sua história com ele.

— Obrigado — diz Nelson, genuinamente grato pela informação.

— Dizem por aí que há uma população relativamente grande de desertores escondida. Seria sensato encontrar esses esconderijos, já que há uma grande chance de ele estar trabalhando para a Resistência Antidivisional.

— Se estiver vivo, eu vou pegá-lo e trazê-lo pra você — afirma Nelson. — Só tem uma coisa.

Divan ergue a sobrancelha.

— Sim?

O pirata firma o olhar, deixando claro que esta é uma questão inego-ciável, e diz:

— Eu quero os olhos dele.

Parte Quatro

Leviatã

CIRURGIÃO COLETA ÓRGÃOS APÓS EUTANÁSIA

Por Michael Cook, 14 de maio de 2010, jornal virtual BioEdge

Com que frequência isso vem acontecendo na Bélgica e na Holanda? O blogueiro de bioética Wesley Smith atraiu nossa atenção para uma comunicação científica feita por cirurgiões belgas a respeito da aquisição de órgãos após a eutanásia. Conforme os médicos do Hospital da Universidade de Antuérpia explicaram no Congresso Mundial de Transplante de 2006 (em uma seção chamada “economia”), eles mataram, com o consentimento da paciente, uma mulher de quarenta e seis anos com uma doença neurológica e retiraram seu fígado, os dois rins e amostras do pâncreas.

Em um relatório de 2008, os médicos explicaram que três pacientes haviam sido eutanasiados entre 2005 e 2007...

Na época em que escreveram o artigo, eles estavam entusiasmados com o potencial para doação de órgãos em países onde a eutanásia é legalizada...

O mais curioso é a pouca publicidade que o assunto recebeu, embora os médicos belgas tenham publicado seus feitos no maior jornal dedicado a procedimentos de transplante: *Transplantation*, 15 de julho de 2006; *Transplantation*, 27 de julho de 2008.

O artigo completo está disponível em:

http://www.bioedge.org/index.php/bioethics/bioethics_article/8991

21 · Lev

É muito raro que um batedor não bata palmas, pois, quando a pessoa chega ao estágio em que está disposta a tornar o próprio sangue explosivo o bastante para detonar todo um edifício, não há mais volta para sua alma.

No entanto, ainda havia uma fagulha de luz em Levi Jedediah Calder. Fora o suficiente para acender uma poderosa mudança de ideia.

O batedor que não bateu.

Isso o tornou famoso. Seu rosto passou a ser conhecido por todo o país e além. POR QUÊ, LEV, POR QUÊ?, perguntavam as manchetes, com a história de sua vida escancarada feito uma revista, pronta para ser devorada e digerida por um mundo sedento de imundície e tragédias pessoais.

“Ele sempre foi o filho perfeito”, disseram seus pais, citados mais de uma vez. “Nunca entenderemos.” Se visse as entrevistas lacrimejantes dos dois, você pensaria que Lev havia mesmo se explodido e estava realmente morto. Bem, talvez, de certa forma, ele esteja. Pois o Levi Calder que ele fora no dia em que o enviaram para ser dizimado não existe mais.

Quase um ano após sua captura no Campo de Colheita Happy Jack, Lev está na sala de jogos de um centro de detenção em uma manhã chuvosa de domingo. Ele não é um residente do centro de detenção; é um visitante em missão de misericórdia.

Diante dele está sentado um menino de macacão laranja e braços cruzados. Entre eles estão os restos lamentáveis de um quebra-cabeça deixado pela última pessoa a usar a mesa, um dos muitos projetos inacabados que afligem este lugar. É fevereiro, e decorações desanimadas do Dia dos Namorados pendem das paredes, pretendendo criar uma sensação de festa, mas simplesmente parecendo sádicas; em um centro de detenção só para meninos, apenas uns poucos seletos viverão um romance este ano.

— Então, era pra você ter alguma coisa útil pra me dizer? — pergunta o garoto de macacão laranja, cheio de atitude, tatuagens e odor corporal. — Você tem tipo uns doze anos?

— Na verdade, tenho catorze.

O garoto ri com desdém.

— Bom pra você. Agora, some da minha frente. Não preciso de orientação espiritual do menino Jesus. — Então, ele estica a mão e bagunça o cabelo de Lev, que, no último ano, cresceu até os ombros ao estilo bem “Jesus”.

Lev não se incomoda. As pessoas fazem isso o tempo todo.

— Ainda temos meia hora. Talvez possamos conversar sobre por que você está aqui.

— Estou aqui porque fui pego — diz o rebelde. Seus olhos se estreitam e ele dá uma boa olhada em Lev. — Você parece familiar. Eu te conheço?

Lev não responde.

— Imagino que você tenha dezesseis, né? Você caiu na categoria “risco divisional”. Sabe disso, não sabe? Significa que você corre o risco de ser fragmentado.

— O quê, você acha que minha mãe mandaria me fragmentar? Ela não se atreveria. Quem pagaria as porcarias das contas dela? — Ele enrola uma manga do macacão, revelando que as tatuagens visíveis sobem até o ombro. Ossos e brutalidade desenhados na pele. — Além disso, quem vai querer *estes* braços?

— Você ficaria surpreso — responde Lev. — Na verdade, as pessoas pagam mais caro por tatuagens bem-feitas como as suas.

O rebelde fica impressionado com a afirmação. Depois, analisa Lev outra vez.

— Tem certeza de que eu não te conheço? Você mora aqui, em Cleveland?

O menino suspira.

— Você não me conhece, só *ouviu falar* de mim.

Mais um momento e os olhos do prisioneiro se arregalam de percepção.

— Não brinca! Você é aquele díizimo! Quero dizer, batedor! Quero dizer, aquele que não explodiu! Eu te vi em tudo quanto é noticiário!

— Isso mesmo. Mas não estamos aqui para falar de mim.

De súbito, o prisioneiro parece um garoto totalmente diferente.

— Sim, sim, eu sei. Me desculpe por ter sido babaca antes. Então, tipo, por que você não está na cadeia?

— Acordo jurídico. Não tenho permissão para comentar — responde Lev. — Digamos apenas que falar com você é parte da minha punição.

— Cara! — diz o rebelde, sorrindo. — Você ganhou um apê de cobertura também?

— Sério, não tenho permissão para comentar... mas posso ouvir tudo que você quiser me dizer.

— Bom, tudo bem. Quero dizer, se quiser mesmo ouvir.

E o prisioneiro começa a confessar uma história de vida que provavelmente nunca contou a ninguém. Esse é o único aspecto positivo da notoriedade de Lev: conquista o respeito de pessoas que geralmente não respeitam ninguém.

Esses jovens detentos sempre querem saber tudo sobre ele, mas os termos do acordo foram muito claros. Ao gerar tanta simpatia em certas pessoas e tanta raiva em outras, “pelo bem do público” Lev foi retirado dos noticiários tão rápido quanto possível e impedido de tornar-se a voz nacional contra a fragmentação. No fim, foi sentenciado a prisão domiciliar, recebendo até um chip rastreador implantado no ombro e 520 horas anuais de trabalho comunitário até completar dezoito anos. O serviço consiste em recolher lixo em parques locais e conversar com jovens desobedientes sobre os males das drogas e do comportamento agressivo. Em troca da sentença relativamente branda, ele concordou em revelar todas as informações que tivesse sobre as atividades de batedores e outros terroristas. Essa parte foi fácil — ele sabia muito pouco sobre qualquer coisa além de sua própria célula de batedores, e os outros membros estavam todos mortos. Também recebeu uma ordem de sigilo permanente. Nunca poderá falar em público sobre fragmentários, dízimos e o que aconteceu em Happy Jack. Basicamente, foi condenado a desaparecer.

— Deveríamos chamar você de “pequeno sereio” — havia zombado seu irmão Marcus —, pois eles te deixam magicamente livre para andar em troca da sua voz.

Então, agora, a cada domingo o Pastor Dan pega Lev na casa de Marcus e os dois compartilham seu próprio tipo de espiritualidade com adolescentes na detenção juvenil.

No começo, foi dolorosamente embaraçoso. Mas dentro de poucos meses Lev tornou-se muito bom em tocar o coração dos estranhos, descobrindo o que o fazia bater e depois neutralizando-o antes que essas batidas se tornassem a

contagem regressiva de uma bomba-relógio.

— Deus escreve por linhas maliciosas — dissera-lhe uma vez o Pastor Dan, pegando o velho ditado e adaptando-o à necessidade.

Se Lev tivesse heróis, seriam o Pastor Dan e seu irmão Marcus. Este, não só por enfrentar os pais, mas também por aceitar a responsabilidade de acolher Lev em sua casa, ainda que isso o tenha afastado de toda a família. Agora, ambos haviam sido banidos de uma família tão rígida em suas crenças que preferiam fingir que Marcus e Lev estavam mortos a encarar as escolhas que os dois haviam feito.

— Quem perde são eles — diz Marcus com frequência, mas não consegue fazê-lo sem desviar o olhar para esconder o sofrimento que isso lhe causa.

Quanto ao Pastor Dan, é um herói para Lev por ter a coragem de perder as convicções sem perder a fé.

— Ainda acredito em Deus — dissera uma vez o pastor —, só não creio em um Deus que tolere o dízimo humano. — E, em lágrimas, Lev perguntara se *ele* poderia acreditar nesse Deus também, nunca tendo percebido que podia fazer essa escolha.

Dan, que ninguém mais além de Lev chama de “pastor”, identificou-se como clérigo não confessional no formulário que eles precisaram preencher no dia em que começaram a se reunir com os jovens dos centros de detenção.

— Então, de que religião nós somos? — pergunta Lev a cada semana, quando os dois entram. A pergunta tornou-se uma piada recorrente, e a cada vez o Pastor Dan tem uma resposta diversa.

— Somos pentecostais, porque estamos cansados de toda a hipocrisia.

— Somos ideantes, porque finalmente tivemos uma ideia.

— Somos presbíterodáctilos, porque estamos fazendo esta ideia voar contra todas as chances.

Mas a preferida do menino é:

— Somos Leviatãs, pois o que aconteceu com você, Lev, é o coração deste trabalho.

Ele se sente terrivelmente desconfortável e ao mesmo tempo um pouco abençoado por estar no núcleo de um movimento espiritual, mesmo que não seja

um movimento de verdade.

— O Leviatã não é um monstro grande e feio? — perguntou ele um dia.

— Sim — disse o Pastor Dan. — Então, vamos esperar que você nunca se torne um.

Lev nunca se tornará *nada* grande. A razão pela qual não parece ter catorze anos é mais do que apenas a aparência muito jovem. Nas semanas depois de sua captura, ele suportou transfusão após transfusão para limpar o sangue, mas o fato de ter envenenado o próprio corpo com compostos explosivos o danificou. Durante semanas o corpo de Lev ficou embrulhado em gaze grossa de algodão como uma múmia, mas com os braços bem esticados e distantes um do outro para impedir que ele se autodetonasse.

— Você foi cruciafocado — dissera o Pastor Dan, brincando. Na época, Lev não achara a menor graça.

O médico tentara disfarçar o desdém que sentia pelo menino escondendo-o sob uma atitude fria e profissional.

— Mesmo depois que limpamos seu organismo — dissera ele —, os produtos explosivos terão cobrado um preço. — Então, rira amargamente. — Você vai viver, mas nunca vai ser fragmentado. Causou dano suficiente a seus órgãos só para torná-los inúteis a qualquer outra pessoa que não você.

O dano também cancelou seu crescimento e desenvolvimento físico. Agora, o corpo de Lev está perpetuamente preso nos treze anos. É o saldo de ser um batedor que não bate. A única coisa que ainda cresce é seu cabelo — e ele tomou a decisão consciente de simplesmente deixá-lo crescer, nunca mais tornando-se o garoto alinhado e facilmente manipulado que já foi.

Por sorte, as piores previsões não se concretizaram. Disseram-lhe que ele teria tremores permanentes nas mãos e fala arrastada. Isso não aconteceu. Disseram-lhe que seus músculos se atrofiariam e ele se tornaria cada vez mais fraco. Também não aconteceu. Na verdade, exercícios regulares, embora não o tenham feito ganhar massa, deram-lhe tônus muscular razoavelmente normal. É verdade que ele nunca será o rapaz que poderia ter sido — mas, até aí, ele nunca teria sido, de todo modo. Teria sido fragmentado. Considerando-se tudo, a atual opção é melhor.

E ele não se importa de passar os domingos falando com jovens dos quais, em

outros tempos, teria sentido medo.

— Cara — sussurra o rebelde tatuado, inclinando-se sobre a mesa da sala de jogos e empurrando algumas peças soltas do quebra-cabeça para o chão. — Só me diz uma coisa... como foi no campo de colheita?

Lev ergue o olhar, percebendo uma câmera de segurança direcionada à mesa. Há uma focando cada mesa, cada conversa. Nesse sentido, não é nem um pouco diferente do campo de colheita.

— Como eu disse, não posso falar sobre isso — responde ele. — Mas acredite em mim: você vai preferir pegar leve até os dezessete anos, porque não vai querer descobrir pessoalmente.

— Pode deixar — diz o prisioneiro. — Pegar leve até os dezessete... esse vai ser o meu lema. — Ele se inclina para trás, encarando Lev com o tipo de admiração que o menino não sente merecer.

Quando a hora das visitas termina, Lev vai embora com seu ex-pastor.

— Produtivo? — pergunta Dan.

— Não sei dizer. Talvez.

— “Talvez” é melhor do que “de jeito nenhum”. Um bom dia de trabalho para um bom menino ideante.

Há uma pista de corrida no centro da cidade de Cleveland que passa ao longo da marina no Lago Erie. Faz uma curva ao redor do Great Lakes Science Center e corre por trás do Rock and Roll Hall of Fame, onde estão imortalizadas as memórias daqueles que foram notórios por uma rebeldia muito mais descolada que a de Lev. O menino passa correndo por ali todo domingo, imaginando como seria ser tanto famoso quanto infame, e ainda assim mais adorado que odiado, alvo mais de admiração que de pena. Estremece ao pensar que tipo de exposição de museu o retrataria — e espera nunca descobrir.

Está relativamente quente para fevereiro. Temperaturas em torno dos cinco graus. De manhã, choveu em vez de nevar, e à tarde cai uma garoa triste em lugar de flocos. Marcus corre ao lado dele, resfolegando, o ar saindo da boca em lufadas de vapor.

— Você tem que correr tão rápido? — pergunta ele, atrás de Lev. — Não é uma competição. E, de todo modo, está chovendo.

— O que é que isso tem a ver?

— Você poderia escorregar e perder o controle... ainda tem umas poças de lama.

— Eu não sou um carro.

Lev pisa uma poça de lama, espirrando em Marcus, e sorri quando o irmão xinga. Anos de fast-food e consultas intermináveis aos livros na faculdade de direito deixaram Marcus não exatamente flácido, mas certamente fora de forma.

— Eu juro que, se continuar se exibindo, não corro mais com você. E ainda chamo os federais de volta. Eles sempre conseguem te acompanhar.

Ironicamente, fora ideia de Marcus que Lev começasse uma rotina de exercícios após ser colocado sob a custódia do irmão. Naqueles primeiros dias de recuperação, quando o sangue ainda estava envenenado, subir e descer as escadas na casa de Marcus já era um exercício pesado para Lev — mas o irmão fora capaz de ver que a reabilitação da alma de Lev estava intimamente ligada à reabilitação do corpo. Por muitas semanas, foi Marcus quem pressionou o menino a seguir por só mais um quarteirão. E, sim, quando ele começou, havia agentes do governo escoltando-o. No princípio, escoltavam-no aonde quer que fosse aos domingos, talvez para mostrar que não havia leniência na prisão domiciliar. Com o tempo, começaram a confiar no chip rastreador e permitiram que Lev saísse sem uma escolta oficial, desde que Dan ou Marcus estivessem com ele.

— Se eu tiver um ataque cardíaco, a culpa vai ser toda sua! — grita Marcus vários metros atrás.

Lev nunca foi um corredor de distâncias. Há muito, muito tempo, foi um bom jogador de beisebol; um verdadeiro membro do time. Agora, um esporte mais individualista lhe serve melhor.

Quando a chuva se torna mais pesada, ele para, apenas na metade do caminho, e deixa que Marcus o alcance. Compram garrafas de água de um vendedor veterano perto do Rock and Roll Hall of Fame, um sujeito que provavelmente ainda estará vendendo água engarrafada e Red Bull no Dia do Juízo Final.

Marcus recupera o fôlego enquanto bebe, depois menciona casualmente:

— Chegou uma carta pra você ontem do Primo Carl.

Lev segura a reação no íntimo, não demonstrando nenhum sinal de que isso seja importante.

— Se chegou ontem, por que está me contando hoje?

— Você sabe como fica com essas cartas.

— Não — responde o menino, um tanto friamente. — Me diga como eu fico.

Mas não é preciso, pois Lev sabe exatamente o que Marcus quer dizer.

A primeira carta do Primo Carl foi um mistério total no começo, até Lev perceber que era uma mensagem codificada de Connor. Com a possibilidade de a correspondência de Lev estar sendo monitorada por uma ou outra agência governamental, foi a única forma de Connor mandar notícias e esperar que Lev fosse esperto o bastante para entendê-las. Recebe uma dessas cartas a cada poucos meses, sempre com carimbo de algum lugar diferente, para que não possa ser rastreada até o Cemitério.

— Então, o que ele diz? — pergunta Lev ao irmão.

— Está endereçada a você. Acredite ou não, eu não abro sua correspondência.

Quando chegam em casa, Marcus estende a carta para ele, mas a mantém fora do alcance por um momento.

— Prometa que, depois de ler, não vai entrar naquele buraco negro e passar uma semana só jogando videogame e sendo ranzinza.

— Quando é que eu faço isso?

O irmão entrega a carta.

— Tá me zoando? — zomba ele.

É justo. Estar em prisão domiciliar dá a Lev muito pouco com que ocupar o próprio tempo. Mas é verdade que receber notícias de Connor sempre o deixa pensativo, e pensar faz com que entre em parafuso, e entrar em parafuso joga sua mente em lugares aos quais seria melhor não ir.

— Essa é uma parte da vida que você precisa deixar pra trás — lembra-o Marcus.

— Você está certo e errado — responde Lev. Não tenta se explicar, pois nem tem certeza do que quer dizer, mesmo sabendo que é verdade. Ele abre a carta. A letra é a mesma, mas ele suspeita que não seja de Connor, para impedir que seja

analisada e relacionada a ele. A paranoia que os engolfou não tem fim.

Querido Primo Levi,

Aqui está seu cartão de aniversário atrasado. Sei que fazer catorze anos significa mais para você que para outras pessoas, com tudo o que você passou. Andamos bem ocupados no rancho. Os grandes criadores de gado estão sempre ameaçando tomar nossa terra, mas isso ainda não aconteceu. Temos um plano de negócio que pode nos salvar disso, caso seja necessário.

Tenho trabalhado duro desde que passei a tomar conta do rancho, e os vizinhos não ajudam muito. Queria poder largar tudo de uma vez, mas quem mais cuidaria do pessoal aqui?

Sei da sua situação atual e que você não pode vir nos visitar. Não quero que se arrisque. Tem muita vaca louca por aqui. Melhor ficar longe e esperar dias melhores.

Cuide-se. Mande um abraço ao seu irmão. Ele é um salva-vidas quase tanto quanto você.

*Sinceramente,
Primo Carl*

Lev lê a carta quatro vezes, tentando analisar os vários significados possíveis. A ameaça constante dos Juvis de tomar o lugar. A dificuldade de administrar um santuário sem ajuda suficiente da resistência. A vida diária de Lev se distanciou tanto desse submundo de almas desesperadas que ler sobre isso é como ouvir o gelo estalar e se romper sob os próprios pés. Isso o faz querer correr — não importa para onde. Correr para Connor ou para longe dele. Ele não sabe qual é a direção certa, só que não suporta correr parado no lugar. Gostaria de poder escrever para ele também, mas sabe que isso seria imprudente. Uma coisa é receber uma carta aleatória de um “primo” genérico; já mandar uma carta ao Cemitério seria o mesmo que pintar um alvo nas costas de Connor. Para frustração de Lev, a comunicação com o “Primo Carl” tem de ser unilateral.

— Como vão as coisas no “rancho”? — pergunta Marcus.

— Complicadas.

— A gente faz o que pode, certo?

O menino assente. Marcus é muito eficiente quando o assunto é a resistência. Faz trabalho voluntário tirando desertores das ruas e levando-os a esconderijos, além de doar boa parte do dinheiro que ganha como assistente jurídico à causa.

Lev lhe entrega a carta, e, ao lê-la, o irmão fica tão incomodado quanto ele.

— Vamos ter de esperar e ver onde isso vai dar.

Lev anda de um lado a outro na sala. Não há barras na janela. Ainda assim, é como se o tivessem colocado na solitária, tal é a claustrofobia súbita que sente.

— Eu deveria falar em público contra a fragmentação — diz ele, dispensando toda a linguagem cifrada que normalmente usam. Não há mais ninguém ouvindo, de todo jeito. Agora que sua vida se estagnou nesta versão reclusa de algo normal, a vigilância parece algo sem importância. Os Juvis têm coisa melhor a fazer do que ficar de olho em um menino que nada faz além de ficar na casa do irmão, tentando desaparecer.

— Se eu falar, as pessoas vão me ouvir... elas simpatizaram antes, não foi? Vão me ouvir!

Marcus joga a carta na mesa com um tapa.

— Para alguém que passou por tudo o que você passou, você é ingênuo demais! As pessoas não têm simpatia por você, têm simpatia pelo menininho que virou batedor. Olham pra você como se fosse o cara que matou esse menino.

— Estou cansado de ficar sentado aqui não fazendo nada!

Lev corre para a cozinha, tentando distanciar-se da verdade nas palavras de Marcus, mas o irmão o segue.

— Você não está fazendo nada... ainda tem suas intervenções de fim de semana com o Dan.

Pensar nisso só faz deixar Lev furioso.

— Isso é a minha punição! Você acha que gosto de ser parceiro dos Juvis? De manter os jovens na linha pra eles? — Se há uma coisa de que ele sabe é que Connor nunca faria o trabalho sujo dos Juvis.

— Você fez mais do que qualquer outra pessoa pra mudar as coisas, Lev. É

hora de ter sua própria vida, e isso é mais do que você poderia ter esperado um ano atrás. Então, se quer que isso signifique alguma coisa, viva sua vida e deixe o resto de nós cuidar das coisas.

Lev passa por ele correndo outra vez.

— Aonde você vai?

O menino pega os fones de ouvido e o controle remoto do videogame.

— Pra minha cabeça. Quer me seguir até lá também?

Em um momento ele está se despistando em Firepower and Magic — um jogo que o leva para longe da vida e das memórias —, mas ainda assim sabe que Marcus de fato o seguiu cabeça adentro. Assim como Connor, e Risa, e Mai e Blaine, e Talho e CyFi, todos brigando por espaço. Ele nunca os despistará, nunca deixará nenhum deles para trás, e nem tem certeza de que quer isso.

Tudo muda no dia em que a Escoteira chega.

É uma manhã gelada de segunda-feira, após outro domingo de conversa com jovens em risco divisional e corrida, apesar do frio. Dan, que teve problemas para ligar o carro, passou a noite na casa em lugar de pegar a estrada no domingo. Ele está preparando o café da manhã enquanto Marcus se arruma para trabalhar.

— Você sabe que sou contra a fragmentação, mas a RAD é meio subversiva demais para o meu gosto — diz Dan a Lev enquanto serve ovos mexidos. — Estou velho demais para lutar contra o sistema. Só sei resmungar contra ele.

Mas Lev sabe que ele faz um pouco mais que isso. O homem fala contra a fragmentação para qualquer pessoa disposta a ouvir — algo que o próprio Lev não tem permissão de fazer e, de acordo com Marcus, de nada adiantaria.

— A resistência já entrou em contato comigo, é claro — conta Dan —, mas para mim já basta de instituições, não importa quão boa seja a causa. Prefiro ser um agitador social sem afiliação.

— Então... — pergunta o menino — ... o que você acha que eu devo fazer?

O ex-pastor pondera com restos de ovos que se agarram tenazmente à sua espátula.

— Acho que deve limpar seu quarto. Eu o vi e parece estar se fragmentando

em sabe lá Deus o quê.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Ele abaixa a espátula e senta-se ao lado dele. — Você tem catorze anos, Lev. A maioria dos meninos da sua idade não está ativamente tentando consertar o mundo. Dê-se uma folga e tente lidar com coisas normais dos catorze anos. Acredite em mim: comparado a salvar o mundo, limpar o quarto vai ser como tirar férias.

Lev cutuca a comida.

— Antes de tudo aquilo acontecer, meu quarto era impecável.

— Isso também não é necessariamente uma coisa boa.

Marcus vem sentar-se à mesa ao mesmo tempo que a campainha toca. Ele suspira e olha para Lev, que já acabou de comer.

— Você atende?

O menino imagina que seja Darcy, sua tutora designada pelo Estado — pois até ex-terroristas precisam aprender equações de segundo grau. Mas normalmente ela não chega tão cedo.

Ele abre a porta e encontra uma escoteira parada ali, com uma embalagem cheia de caixinhas multicoloridas de biscoitos.

— Oi, quer comprar biscoitos das escoteiras?

— Você não é um pouco velha pra ser escoteira? — pergunta Lev com um sorrisinho malicioso.

— Na verdade — diz a garota —, a gente nunca é velha demais, e além disso eu só tenho catorze anos. Mas, sim, normalmente são as meninas mais novas que vendem biscoitos, então de certa forma você tem razão. Estou ajudando minha irmã mais nova, se quer saber. Então, posso entrar? Está frio aqui fora.

A garota até que é bonitinha, e até que é engraçada, e Lev tem mesmo uma queda por esses biscoitos, assim como por meninas bonitinhas e engraçadas.

— Claro, entra... vamos ver o que tem aí.

Ela passa dançando pela porta e coloca a caixa na mesa da sala de jantar, tirando dela todo tipo de doces.

— Ei, Marcus — chama Lev —, quer uns biscoitos das escoteiras?

— Lógico — responde o irmão na cozinha. — Pega um de manteiga de amendoim pra mim.

— Pegue dois — pede Dan.

Lev se volta para a menina.

— Tá legal, então são dois de manteiga de amendoim e uma caixa desses de baunilha com chocolate.

— Nham, nham! — diz ela. — Os de baunilha são meus favoritos também. — Ela entrega as caixas a ele. — São dezoito dólares... tem certeza que não quer nenhum de menta com chocolate? São os que mais vendem!

— Não, obrigado. — Ele tira a carteira do bolso, sabendo que não tem dinheiro suficiente, mas quer verificar antes de pedir a Marcus. Enquanto vasculha a carteira, a garota tem tempo de observá-lo.

— Eu conheço você, né? — diz ela.

O menino reprime um suspiro. Lá vem.

— É... você é aquele cara... o batedor! Uau, eu tô vendendo biscoitos pra um batedor!

— Eu não bati — responde Lev, entediado, e felizmente encontra uma nota de vinte na carteira, entregando-a a ela. — Aqui. Obrigado pelos biscoitos. Fique com o troco.

Mas ela não aceita o dinheiro. Em vez disso, coloca as mãos na cintura, continuando a olhá-lo descaradamente.

— Um batedor que não bate. Isso é meio sem propósito, não acha?

— É melhor você ir embora agora.

Ele estende o dinheiro para ela, que continua não aceitando.

— Fique com seu dinheiro. Os biscoitos são meu presente pra você.

— Não. Pegue o dinheiro e vá logo.

Os olhos da garota se cravam nos dele.

— Um batedor que não bate. Imagino que isso realmente irrite certas pessoas poderosas. Pessoas que investem tempo e dinheiro em garantir que cada missão

de batedor seja cumprida sem falha.

De repente, Lev tem uma sensação na boca do estômago que desce por todo o resto do corpo.

— Eles são muito proativos, esses organizadores, e um batedor que não completa a missão dá a todos nós uma má reputação.

Então, ela sorri e abre os braços... como se fosse bater palmas.

— Marcus! Dan! — berra Lev. — Se abaixem!

— Aqui está outro presente — diz a menina. — Deixa que eu desembrulho pra você. — E ela junta as mãos de uma vez.

Lev salta para trás do sofá para se proteger. Só é necessária uma única palma. A explosão joga o menino contra a parede e o sofá por cima dele, prendendo-o ali. Estilhaços de vidro, lascas de madeira — e uma dor lancinante nos ouvidos, tão forte que ele acha que o crânio se partiu. Depois, em alguns instantes, os sons da explosão esmorecem, deixando para trás um zumbido intenso nos ouvidos e a clara sensação de que o mundo acabou.

A fumaça começa a queimar-lhe os pulmões e fazer os olhos arderem. Ele empurra o sofá para se libertar e, quando olha pela sala, vê a própria cama, que estava no andar de cima poucos momentos antes, agora caída no meio da sala como um navio naufragado. Não há mais andar de cima — nem telhado, apenas o céu nublado, enquanto ao redor dele as chamas ávidas lutam para consumir os destroços.

Dan, que estava a caminho da sala quando a garota bateu, foi jogado de costas contra a parede. Uma enorme mancha de sangue na forma esboçada do corpo dele marca o local do impacto, e agora ele é um volume sem vida no chão. O Pastor Dan — o homem que mandou Lev fugir no dia de sua dizimação, o primeiro a visitá-lo quando estava sob custódia da polícia, aquele que se tornou mais pai para ele que seu próprio pai — está morto.

— Não!

Lev rasteja pelas ruínas em direção ao corpo de Dan, mas então vê o irmão na cozinha. Uma viga caiu no meio do cômodo, despedaçando o tampo de vidro da mesa e se enterrando na barriga do irmão. Há sangue por toda parte — mas Marcus ainda vive. Está consciente e estremece quando tenta falar, engasgando no próprio sangue.

Lev não sabe o que fazer, mas sabe que, se não clarear a cabeça o bastante para agir, seu irmão morrerá também.

— Tá tudo bem, Marcus, tá tudo bem — diz ele, embora não seja verdade.

Lev reúne todas as forças para erguer a viga. Marcus grita de dor, e o menino, segurando a viga acima do ombro, empurra o irmão para fora do caminho antes de soltá-la. Tudo o que resta da viga cai, esmagando o que sobrou da mesa com estardalhaço. Lev tira do bolso de Marcus um telefone celular banhado em sangue e, rezando para que ainda funcione, chama o serviço de emergência.

Coberto de fuligem e com os ouvidos ainda zunindo, Lev rejeita uma ambulância só para si. Ele insiste em ir com Marcus e cria tanto caso que os paramédicos acabam concordando.

O ouvido esquerdo palpita a cada som, como se uma mariposa o tivesse invadido. A visão está turva, e o próprio tempo parece alterado. É como se Lev e Marcus tivessem sido jogados em uma dimensão alternativa onde causa e efeito se confundem. Lev não consegue entender se está aqui porque a garota explodiu ou se a garota explodiu porque ele está aqui.

Os paramédicos cuidam de Marcus enquanto a ambulância acelera rumo ao hospital, injetando nele sabe Deus o quê.

L-L-Lev — diz Marcus, seus olhos lutando para manterem-se abertos.

Lev agarra sua mão, pegajosa e marrom do sangue seco.

— Mantenha-o acordado — diz o paramédico a ele. — Nós não queremos que ele entre em choque.

— Es-escuta — diz Marcus, lutando para pronunciar as palavras. — Escuta.

— Estou ouvindo.

— Eles vão querer... me dar coisas. Coisas dos fragmentários.

Lev faz uma careta, preparando-se. Já sabe o que o irmão dirá. Marcus preferiria morrer a receber transplantes de fragmentários.

— Eles vão... vão querer me dar rins... fígado... sei lá... partes de fragmentários...

— Eu sei, Marcus, eu sei.

Então, ele abre mais os olhos semicerrados, trava o olhar no de Lev, agarra a mão dele com mais força e diz:

— *Deixe fazerem isso!*

— Quê?

— Deixe fazerem isso, Lev. Não quero morrer. Por favor, Lev — implora Marcus. — Deixe eles me darem partes de fragmentários...

O menino aperta a mão do irmão.

— Tá bom, Marcus. Tá bom. — E ele chora, grato porque o irmão não se condenou à morte e odiando a si mesmo por sentir tal gratidão.

No hospital, os médicos examinam Lev de cima a baixo e descobrem que ele tem um tímpano rompido, várias lacerações e contusões e possivelmente uma concussão. Enfaixam-lhe os ferimentos, que são superficiais, dão-lhe antibióticos e o mantêm sob observação. Ele não recebe notícias de Marcus, que foi levado à sala de cirurgia no momento em que chegaram. Exceto pela enfermeira que mede sua pulsação e pressão sanguínea de hora em hora, ninguém aparece para ver Lev, a não ser a polícia, que faz perguntas, perguntas e mais perguntas.

— Você conhecia a autora do ataque?

— Não.

— Reconheceu a garota do seu treinamento com os batedores?

— Não.

— Ela era parte da sua célula batedora?

— Eu já disse que não a conheço!

E, é claro, a pergunta mais idiota de todas:

— Sabe de alguma razão pela qual você seria um alvo deles?

— Não é óbvio? Ela disse que era uma retribuição por eu não ter batido... que as pessoas no comando não estavam felizes com isso.

— E quem são as pessoas no comando?

— Não sei. As únicas que conheci foram um bando de adolescentes que agora estão mortos porque explodiram, tá? Eu nunca conheci ninguém do comando!

Satisfeitos, mas não muito, os policiais vão embora. Depois, o FBI aparece para fazer as mesmas perguntas que a polícia — e ele continua sem notícias de Marcus.

Finalmente, nas últimas horas da tarde, durante uma das checagens de rotina, a enfermeira sente pena dele.

— Me disseram pra não falar com você sobre seu irmão, mas vou falar mesmo assim. — Ela se senta em uma cadeira perto dele, mantendo a voz baixa. — Ele sofreu muitos danos internos. Mas, por sorte, temos um dos melhores estoques de órgãos do Estado. Ele recebeu um pâncreas, um fígado e um baço, e vários centímetros de intestino delgado. Um dos pulmões dele foi perfurado e, em vez de deixá-lo sarar, seus pais optaram por substituí-lo também.

— Meus pais? Eles estão aqui?

— Sim — responde a enfermeira. — Estão na sala de espera. Você quer que eu vá buscá-los?

— Eles sabem que eu estou aqui? — pergunta Lev.

— Sabem.

— Pediram pra me ver?

Ela hesita.

— Sinto muito, querido, não pediram.

O menino desvia o olhar, mas não há nada ali para olhar. A TV neste quarto de hospital foi desligada, pois a explosão está sendo amplamente coberta pela imprensa.

— Então, não quero vê-los.

A mulher lhe dá um tapinha amistoso na mão e oferece um sorriso pesaroso.

— Lamento que haja tanto rancor, querido. Lamento que tudo isso tenha acontecido com você.

Ele imagina se ela conhece a história toda e percebe que provavelmente sim.

— Eu deveria ter sabido que eles viriam atrás de mim um dia. Os batedores, quero dizer.

A enfermeira suspira.

— Quando você se mistura com gente ruim, não dá para escapar *inteiro*. — Então, ela se contém. — Desculpe... foi uma péssima escolha de palavras, não? Eu deveria mandar costurar a minha boca.

Lev se força a sorrir.

— Tudo bem. Depois que a gente quase explode duas vezes, fica menos sensível à escolha das palavras.

Ela sorri ao ouvir isso.

— E agora, o que acontece?

— Bem, sei que seu irmão é seu guardião legal. Há mais alguém que poderia se apresentar para ajudar? Há alguém a quem você possa recorrer?

Lev balança a cabeça. O Pastor Dan era a única outra pessoa com a qual ele podia contar. Não consegue nem pensar nele agora. Simplesmente dói demais.

— Eu estava em prisão domiciliar. Não posso ir a lugar nenhum sem a permissão da Autoridade Juvenil, mesmo que houvesse alguém a quem recorrer.

A enfermeira fica de pé.

— Bom, isso está totalmente fora do meu departamento, querido. Por que você não relaxa por enquanto? Sei que querem te manter aqui durante a noite. Então, tudo vai se resolver amanhã.

— Talvez a senhora possa me dizer em que quarto meu irmão está?

— Ele ainda está na sala de recuperação. Mas, assim que o mandarem para um quarto, prometo que você será o primeiro a saber.

Ela se retira e um detetive entra, com outras maneiras de fazer as mesmíssimas perguntas.

Fiel à palavra, a enfermeira conta a Lev que Marcus está no quarto 408. Então, depois do anoitecer, quando todos os interrogatórios terminam e os corredores silenciam, ele se aventura a sair do quarto, ignorando as dores que tomam quase todo o corpo. Do lado de fora, vê que o policial designado para guardá-lo está do outro lado do corredor, flertando com uma jovem enfermeira. Lev se esgueira para fora em silêncio para ver o irmão.

Quando empurra a porta do quarto 408, a primeira coisa que vê é a mãe sentada em uma cadeira, de olhos fixos em Marcus, que está inconsciente,

entubado e respirando por meio de uma máquina sibilante. O pai está ali também, com cabelos mais grisalhos do que eram um ano atrás. Lev sente lágrimas ameaçando aflorar, mas ele as barra, pegando as emoções e guardando-as bem escondidas.

A mãe o vê primeiro. Ela estende a mão para chamar a atenção do pai. Ambos se entreolham por um momento, comunicando-se em sabe-se lá que pseudotelepatia as pessoas casadas têm. Então, a mãe se levanta, caminha até Lev e, sem nem mesmo olhar para ele, abraça-o desajeitadamente e sai do quarto.

O pai também não o encara. Não no começo, pelo menos. Ele olha apenas para Marcus, observando o peito do filho subir e descer em um ritmo lento, firme, regulado pela máquina.

— Como ele está? — pergunta Lev.

— Está em coma induzido. Disseram que vão mantê-lo assim por três dias, para que os nanos possam acelerar a cura.

Lev já ouviu dizer que a dor da nanocura é insuportável. É melhor que Marcus passe por ela adormecido. Lev tem certeza de que seus pais deram a Marcus só órgãos de díizimos. Os mais caros. Ele sabe disso, mas não se atreve a perguntar.

Finalmente, o pai olha para ele.

— Está satisfeito agora? Está feliz com os resultados das suas ações?

Lev já imaginou esta conversa entre ele e o pai uma centena de vezes. Em cada um desses confrontos mentais, foi sempre Lev quem fez as acusações, não o contrário. Como ele ousa? *Como ele ousa?! O menino quer retrucar, mas se recusa a morder a isca. Então, nada diz.*

— Você tem alguma ideia do que fez nossa família passar? — continua o pai.
— A vergonha? O ridículo?

Lev não consegue mais ficar em silêncio.

— Então, talvez vocês não devessem se cercar de pessoas tão prontas a julgar quanto você.

O homem volta a olhar para Marcus.

— Seu irmão vai pra casa conosco — decreta ele. E, agora que os órgãos de Marcus foram pagos com o dinheiro do pai, o irmão não terá muita escolha.

— E eu?

Novamente, o pai não o olha.

— Meu filho foi dizimado um ano atrás — responde ele. — É desse filho que escolho me lembrar. Quanto a você, pode fazer o que quiser. Não é problema meu. — E não diz mais nada.

— Quando o Marcus acordar, diga a ele que eu o perdoo — pede Lev.

— Perdoa pelo quê?

— Ele vai saber.

E o menino sai sem se despedir.

Do final do corredor, vê a mãe outra vez, e outros membros da família, na sala de espera do quarto andar. Um irmão e duas irmãs com os maridos. No fim, eles vieram para ver Marcus. Nenhum deles veio para vê-lo. Ele hesita, imaginando se deve entrar lá. Será que eles se comportarão como o pai, amargo, rígido e frio? Ou como a mãe, oferecendo um abraço dolorido, mas recusando-se ao menos a olhá-lo nos olhos?

Então, nesse momento indeciso, ele vê uma das irmãs se abaixar e pegar no colo um bebê. É um novo sobrinho que Lev nem sabia que tinha.

E o bebê está todo vestido de branco.

Lev corre de volta ao quarto, mas mesmo antes de entrar ele sente a erupção começar. Ela se inicia no fundo das entranhas, soluços subindo com tamanha fúria inesperada que o abdômen se trava em um espasmo. Ele é obrigado a percorrer os últimos passos até o quarto dobrado ao meio, quase incapaz de tomar fôlego enquanto lágrimas jorram de seus olhos.

No fundo do canto mais irracional da mente de Lev — talvez o lugar aonde vão os sonhos de infância —, ele guardara a esperança secreta de que poderia ser aceito de volta. Que, um dia, receberia as boas-vindas na casa da família. Marcus lhe dissera para esquecer isso — que era impossível, mas nada fora capaz de extinguir a teimosa esperança que se escondia nele.

Até hoje.

Ele sobe na cama de hospital e enfia o rosto no travesseiro enquanto os soluços crescem, virando gemidos. Todo um ano de angústia suprimida se derrama da alma como as águas do Niágara, e ele não liga se morrer afogado na

brancura letal das águas revoltosas.

Lev acorda sem nem se lembrar de ter pegado no sono. Sabe que deve ter dormido, pois a luz da manhã está raiando pelo quarto.

— Bom dia, Lev.

Ele vira a cabeça na direção da voz bruscamente, e o quarto gira ao redor dele. Um efeito remanescente da explosão. Os ouvidos ainda estão zunindo, mas pelo menos a vibração no ouvido esquerdo já sumiu.

Sentada em uma cadeira ao pé da cama está uma mulher um pouco bem-vestida demais para ser da equipe do hospital.

— Você é do FBI? Da Segurança Nacional? Está aqui pra me fazer mais perguntas? Porque eu não tenho mais nenhuma resposta.

A mulher ri levemente.

— Não sou de nenhuma agência governamental. Eu represento a Fundação Cavanaugh. Já ouviu falar dela?

O menino balança a cabeça, negando.

— Eu deveria?

Ela lhe entrega um folheto colorido, para o qual ele olha e estremece.

— Parece um folheto de campo de colheita.

— De jeito nenhum — diz ela, claramente ofendida. É a reação certa, na opinião de Lev. — Para explicar de maneira simples, a Fundação Cavanaugh é um monte de dinheiro fornecido pelo que já foi uma família muito rica para ajudar jovens rebeldes. E não conseguimos pensar em muitos jovens tão rebeldes quanto você.

A mulher dá um sorrisinho torto, achando-se engraçada. Só que não é.

— Seja como for — continua ela —, sabemos que você não tem para onde ir depois que for libertado. Em vez de te deixarmos à mercê do Serviço de Proteção à Criança, que certamente não pode te proteger de nenhum futuro ataque de batedores, nós estamos preparados para te oferecer um lugar onde viver, com a total aprovação da Autoridade Juvenil, é claro, em troca dos seus serviços.

Lev dobra os joelhos para cima sob os cobertores e se encolhe, afastando-se dela. Não confia em gente bem-vestida que faz ofertas com segundas intenções.

— Que tipo de serviços?

Ela sorri calorosamente para ele.

— Só a sua presença, Sr. Calder. Sua presença e sua personalidade cativante.

E, embora não consiga pensar em nada que sua personalidade tenha cativado, ele responde:

— Claro, por que não?

Pois percebe que não lhe resta absolutamente nada a perder. Lembra-se dos dias depois de ter deixado CyFi e antes de chegar ao Cemitério. Dias sombrios, certamente, mas pontuados por réstias de luz quando ele se viu em uma reserva indígena, acolhido pelo Povo da Sorte. Esse povo lhe ensinou que, quando não se tem nada a perder, não existem escolhas ruins. Então, algo lhe ocorre. Algo que esteve no fundo da mente por um tempo, mas hoje se ergueu à superfície.

— Só tem uma coisa — diz Lev.

— Sim?

— Eu quero mudar legalmente meu sobrenome. Vocês podem fazer isso?

Ela ergue as sobrancelhas.

— Claro, se é o que você quer. Posso perguntar para qual nome você gostaria de mudá-lo?

— Não importa — responde ele. — Basta que não seja Calder.

22 · Fundação

Há uma casa em uma rua no norte de Detroit. Agora, é a residência oficial de um certo Levi Jedediah Garrity. É uma casa pequena, mas adequada, fornecida pela generosidade da Fundação Cavanaugh, dedicada a ajudar jovens rebeldes. Há um empregado trabalhando em tempo integral para cuidar das necessidades de Lev e um novo tutor para tratar de suas lições. A fundação colocou até mesmo um segurança permanente na frente da casa para intimidar quaisquer visitantes indesejados e pedintes suspeitos. Nenhum batedor conseguirá se aproximar desta porta.

Seria uma situação perfeita para Lev, exceto pelo fato de que na verdade ele não mora aqui. É claro que há aquele chip subcutâneo implantado no pescoço jurando que ele mora, sim, mas foi fácil sabotar o chip. Agora, ele pode emitir um sinal de qualquer lugar onde eles desejarem que Lev *pareça* estar.

Ninguém sabe que ele foi levado à mansão Cavanaugh, a quase sessenta e cinco quilômetros de lá.

A mansão é uma monstruosidade de edifício que jaz reservada em setenta e cinco acres na vila de Lake Orion, Michigan. Foi projetada para parecer o Palácio de Versalhes e construída com dinheiro da venda de carros antes que a indústria automotiva americana imitasse os batedores à sua própria moda e se aplaudisse até a extinção.

A maioria das pessoas não sabe que a mansão ainda está aqui. Elas meio que têm razão, pois pouco resta dela. Com a exposição aos elementos no decorrer dos anos, bastaria uma tempestade forte para lançá-la ao chão.

O lugar serviu como quartel-general no Meio-Oeste para a Brigada da Escolha durante a Guerra de Heartland, até ser conquistado e tornar-se quartel-general do Exército da Vida. Aparentemente, tanto os vidistas quanto os escolhistas tinham em alta conta a ideia de ter seu próprio Versalhes.

A casa esteve sob ataque constante até o dia em que o Acordo de Fragmentação acabou com todas as batalhas, selando o pior compromisso possível e, ainda assim, o único com o qual ambos os lados poderiam concordar: a santidade da vida vai desde a concepção até os treze anos, com a opção de

fragmentar adolescentes cuja vida tenha sido considerada um erro.

Por muitos anos após a guerra, a mansão Cavanaugh esteve em ruínas, cara demais para ser restaurada e grande demais para ser demolida, até que Charles Cavanaugh Jr., para amenizar sua culpa por ainda possuir dinheiro antigo em novos tempos, doou a mansão a um fundo de auxílio, propriedade de outro fundo de auxílio, fachada de mais outro fundo de auxílio, pertencente à Resistência Antidivisional.

23 · Lev

Charles Cavanaugh Jr. recebe Lev pessoalmente na entrada da mansão arruinada. Veste-se como quem é rico demais para se preocupar com a forma como se veste. Mesmo que a fortuna da família já tenha acabado há tempos, Lev imagina que exista uma riqueza residual suficiente para manter pelo menos a geração de Charles vivendo como parte da elite. A única coisa que denuncia a aliança desse homem com a resistência é a calvície. Hoje em dia, nenhum rico sofre queda de cabelo. Se isso acontecer, eles simplesmente o substituem pelo cabelo de outrem.

— Lev, é uma honra conhecer você! — Ele agarra a mão de Lev com ambas as suas, apertando-a com força e mantendo um contato visual firme que o menino acha embaraçoso.

— Obrigado. Igualmente. — O menino não sabe o que mais dizer.

— Lamentei muito ouvir sobre a perda do seu amigo e os ferimentos do seu irmão. Não posso evitar a ideia de que, se tivéssemos entrado em contato com você antes, essa tragédia nunca teria acontecido.

Lev ergue o olhar para a mansão. Mal resta uma janela intacta. Aves voam pelas vidraças quebradas.

— Não se deixe enganar — diz Cavanaugh. — Esta casa ainda tem vida... e sua aparência na verdade é uma vantagem. Camuflagem para qualquer um que queira olhar muito de perto.

O menino não consegue imaginar ninguém olhando muito de perto. O lugar está dentro de setenta e cinco acres cercados, no meio de um campo repleto de mato que já foi um gramado, rodeado de todos os lados por bosques fechados. A única forma de ao menos *ver* a mansão é de cima.

Cavanaugh empurra uma porta apodrecida, abrindo-a, e guia Lev até o que já foi um grande saguão. Um cômodo sem teto. Dois lances de escada levam ao segundo andar, mas a maior parte da madeira nas escadas desabou, e ervas crescem por entre as rachaduras no chão, deslocando os ladrilhos de mármore em ângulos e alturas irregulares.

— Por aqui. — O homem o leva mais para o fundo da construção arruinada, passando por um corredor sombreado em condições igualmente terríveis. O

cheiro de mofo faz o ar parecer gelatinoso. Lev está prestes a concluir que Cavanaugh é doido e quase pronto a fugir no sentido oposto quando o homem destranca uma pesada porta à frente deles, abrindo-a para revelar uma enorme sala de jantar.

— Nós restauramos a ala norte da casa. Por enquanto, é só do que precisamos. É claro que tivemos de cobrir todas as janelas... Luzes em uma ruína abandonada, à noite, seriam suspeitas demais.

O estado do lugar é bem diferente do que já deve ter sido. Ainda há tinta descascando e manchas de umidade no teto, mas é bem mais habitável do que o resto da imensa propriedade. A sala de jantar tem dois candelabros descombinados que provavelmente foram recuperados de outras áreas da mansão. Três mesas longas com bancos sugerem que muitas pessoas façam suas refeições aqui.

No outro extremo do cômodo há uma lareira enorme e, acima dela, um impressionante retrato em tamanho natural. De início, Lev pensa que é a pintura de um dos Cavaughs quando criança, até olhar mais atentamente.

— Espera. Sou... eu?

Cavanaugh sorri.

— Idêntico, não?

Enquanto cruza o salão rumo ao retrato, Lev percebe que a semelhança é imensa. Ou, pelo menos, uma ótima versão de como ele era um ano atrás. No retrato, ele veste uma camisa amarela que parece brilhar como ouro. Na verdade, o retrato foi pintado de maneira que a própria pele irradiasse um tipo de luminosidade divina. A expressão no rosto fala de sabedoria e paz — o tipo de paz que Lev ainda não encontrou — e na base do retrato há trajes brancos de dízimo metaforicamente amarrotados sob os pés do menino.

A primeira reação é o riso.

— Qual é a razão disso? — pergunta ele.

— É a causa pela qual você lutou, Lev. Tenho prazer em informar que nós a assumimos do ponto onde você saiu.

Na cornija, logo abaixo do quadro, há de tudo: de flores a bilhetes escritos à mão, pingentes e outras bugigangas.

— Essas coisas começaram a aparecer espontaneamente depois que penduramos o retrato — explica Cavanaugh. — Não esperávamos por isso, mas talvez fosse óbvio.

Lev ainda se esforça para entender. Novamente, tudo o que consegue fazer é rir.

— Você tá brincando, né?

Então, à sua direita, a uma saída que dá para um corredor adjacente, uma mulher os chama.

— Sr. Cavanaugh, os jovens estão ficando inquietos. Posso deixá-los entrar?

Lev consegue ver jovens atrás da mulher corpulenta, espichando o pescoço para enxergar a sala.

— Só um momento, por favor — responde Cavanaugh para ela. Depois, sorri para Lev. — Como pode imaginar, eles estão muito animados para ver você.

— Quem?

— Os dízimos, é claro. Fizemos uma competição e sete deles foram escolhidos para te conhecer pessoalmente.

O homem fala como se tudo isso fossem coisas das quais Lev já deveria saber. É demais para sua mente computar.

— Dízimos?

— Na verdade, ex-dízimos. Resgatados antes de chegarem aos respectivos campos de colheita.

Então, as peças se juntam e fica claro para Lev como isso é possível.

— Piratas de órgãos... os que caçam dízimos!

— Oh, certamente há piratas de órgãos — responde Cavanaugh —, mas, até onde sei, nenhum deles jamais entregou um dízimo. É uma boa história de fachada, contudo. Faz com que a Autoridade Juvenil continue latindo para a árvore errada.

A ideia de que dízimos estejam sendo resgatados em vez de vendidos no mercado negro é algo que jamais ocorreu a Lev.

— Está pronto para conhecer nosso pequeno esquadrão de embaixadores?

— Claro, por que não?

Cavanaugh sinaliza para que a mulher os traga. Os jovens entram em uma procissão organizada que não esconde os altos níveis de agitação em seus passos. Estão todos vestidos em cores vivas — e isso é intencional. Não há uma peça branca em todo o grupo. Lev fica parado ali, pasmado, enquanto cada um deles o cumprimenta. Alguns só o encaram e meneiam a cabeça, fascinados demais para dizer alguma coisa. Outros apertam sua mão com tanta força que o ombro de Lev tem de absorver o choque. Um menino está tão nervoso que tropeça e quase cai aos pés de Lev, depois fica vermelho como pimentão e se afasta.

— Seu cabelo está diferente — comenta uma garota, que em seguida entra em pânico como se o tivesse insultado e tenta consertar: — Mas está bonito! Eu gostei, eu gostei!

— Sei tudo sobre você — anuncia outro garoto. — Sério, pode perguntar qualquer coisa.

E, embora Lev fique um tanto incomodado com essa ideia, diz:

— Tá legal, qual é meu sorvete favorito?

— Cereja! — exclama o menino sem a menor hesitação. A resposta, é claro, está correta. Lev não sabe como se sentir quanto a isso.

— Então... todos vocês foram dízimos?

— Sim — responde uma menina vestida de verde vivo —, até sermos resgatados. Agora nós sabemos que dizimar é errado.

— É isso aí — confirma outro. — Aprendemos a ver como você vê!

Lev se vê abobalhado e envaidecido por toda essa adoração. Desde a época em que era um dízimo ele não se sente assim, “importante”. Depois de Happy Jack, todos o viam ou como uma vítima da qual sentir pena ou como um monstro a ser punido. Mas estes jovens o reverenciam como herói. Ele não pode negar que, depois de tudo que passou, a sensação é boa. Muito boa.

A garota de violeta berrante não consegue se conter e joga os braços ao redor dele.

— Eu te amo, Lev Calder! — grita ela.

Um outro garoto a puxa de volta.

— Desculpa, ela é meio intensa.

— Tá tudo bem — responde Lev —, mas meu nome não é mais Calder. É Garrity.

— Em homenagem ao Pastor Daniel Garrity! — exclama aquele menino sabido. — O que morreu na explosão da batedora duas semanas atrás. — Ele está tão orgulhoso de ter todas essas informações que não percebe como a morte de Dan ainda dói em Lev. — A propósito, como vai o seu tímpano?

— Melhorando.

Cavanaugh, que esteve afastado esse tempo todo, agora se aproxima para reuni-los e mandá-los sair.

— Já chega por enquanto — diz ele. — Mas todos vocês vão ter chance de uma audiência particular com o Lev.

— Audiência? — pergunta Lev, rindo da ideia. — Quem sou eu, o papa?

Mas ninguém mais ri, e ocorre a ele que sua piada interna com o Pastor Dan acaba de se tornar realidade. Todos estes jovens são o Leviatã.

Sessenta e quatro. É essa a quantidade de dízimos que vem sendo abrigada e protegida na mansão Cavanaugh. Isso dá a Lev uma esperança que ele não sente desde a aprovação da lei Max-17, que acabou sendo um retrocesso em vez de um avanço.

— No final, vamos dar a eles nova identidade e acomodá-los com famílias nas quais confiamos para manter o segredo — conta Cavanaugh. — Chamamos isso de Programa de Relocação Plenitude.

O homem dá a Lev uma turnê completa da ala norte, reutilizada. Nas paredes, há fotos e reportagens emolduradas a respeito dele. Uma faixa em um corredor proclama: VIVAM COMO LEV! A emoção começa a se transformar em nervosismo. Como ele pode estar à altura de toda essa expectativa? Será que vale a pena tentar?

— Você não acha que isso é meio... exagerado? — pergunta ele a Cavanaugh.

— Nós percebemos que, ao livrarmos esses jovens da dizimação, nós tiramos também o foco da vida deles; a única coisa imutável na qual acreditavam. Precisávamos preencher esse vazio com alguma coisa, pelo menos temporariamente. Você foi o candidato natural.

Pintadas com estêncil na parede estão citações e expressões atribuídas a Lev. Coisas como: “Celebrar uma vida sem divisão é o mais belo objetivo de todos” e “Seu futuro é ‘integralmente’ seu”. São afirmações com as quais ele concorda, mas nunca saíram de sua boca.

— Deve ser estranho sentir que é o foco de uma atenção tão grandiosa — diz Cavanaugh. — Espero que você aprove a forma como usamos sua imagem para ajudar essas crianças.

Lev não está em condições de aprovar, nem reprovar, nem mesmo julgar a sabedoria do gesto. Como é possível julgar o brilho de uma luz quando você é a fonte dela? Um farol não é capaz de enxergar as sombras que projeta. Tudo o que ele consegue fazer é seguir o fluxo e assumir seu lugar como algum tipo de símbolo espiritual. Há coisas piores. Por ter experimentado muitas delas, não há dúvida de que isto é melhor.

No segundo dia, começam a agendar as audiências particulares com os ex-dízimos — só alguns por dia, para não exauri-lo. Lev ouve as histórias de vida de cada um e tenta aconselhá-los, da mesma forma que fazia com os jovens encarcerados em “risco divisional” que costumava visitar aos domingos com o Pastor Dan. Para esses adolescentes, no entanto, qualquer coisa que Lev diga é encarada como fruto de inspiração divina. Poderia afirmar que o céu é cor-de-rosa que eles encontrariam algum significado simbólico e místico na afirmação.

— Tudo o que eles querem é validação — comenta Cavanaugh. — E validação vinda de você é o maior presente que jamais poderiam esperar.

No fim da primeira semana, Lev já entrou no ritmo do lugar. Nenhuma refeição começa antes de ele chegar. Normalmente ele é convocado a conduzir preces não confessionais. As manhãs são gastas em audiências, e à tarde ele tem tempo para si mesmo. Cavanaugh encoraja Lev e a equipe a escrever a biografia do menino, o que parece um pedido absurdo considerando-se que ele tem apenas catorze anos, mas o homem está falando sério. Até o quarto de Lev é absurdo — um aposento majestoso, grande demais para ele, e um dos poucos com uma janela de verdade sem tábuas cobrindo-a. É um quarto maior que a própria vida; a imagem de Lev é maior que a vida e a morte juntas; e tudo isso serve apenas para fazê-lo sentir-se cada vez menor.

Para piorar, a cada refeição aquele retrato o encara. O Lev que acreditam ser ele. Ele pode viver esse papel, é claro, mas os olhos do retrato, que o seguem pela sala, carregam uma acusação. *Você não sou eu*, dizem eles. *Nunca foi*,

nunca será. Mas ainda assim flores, bilhetes e tributos aparecem sobre a lareira abaixo da pintura, e Lev começa a perceber que não é apenas um retrato... é um altar.

Durante a segunda semana, ele é chamado para receber os recém-chegados — os primeiros desde que ele próprio chegou. Acabam de sair da van sequestrada, e tudo o que sabem é que foram raptados e atingidos por trancos. Ainda não sabem por quem.

— Nós gostaríamos — diz Cavanaugh a Lev — que você fosse a primeira coisa na qual eles pusessem os olhos quando tirarmos os véus.

— Por quê? Pra saírem me seguindo feito patinhos atrás da mãe?

Cavanaugh expira fundo, levemente exasperado.

— Claro que não. Até onde eles sabem, você é a única pessoa que escapou da dizimação. Não percebe o efeito visceral que sua presença tem sobre outro jovem destinado ao mesmo fim.

Lev é guiado até o salão de festas, que continua em estado lamentável e provavelmente está além de qualquer recuperação. Ele tem certeza de que há alguma razão psicologicamente embasada para receber as pessoas aqui, mas na verdade não quer perguntar.

Quando ele entra, os dois recém-chegados já estão aqui. Uma menina e um menino. Estão amarrados a cadeiras e vendados, esclarecendo o que Cavanaugh quis dizer com “tirar o véu”. O homem é teatral demais.

O menino está soluçando e a garota tenta acalmá-lo.

— Tá tudo bem, Timothy — diz ela. — O que quer que esteja acontecendo, vai ficar tudo bem.

Lev senta-se diante deles, sentindo-se embaraçado e afetado pelo medo deles. Sabe que precisa oferecer confiança e conforto, mas encarar duas vítimas aterrorizadas de um sequestro é bem diferente de falar com ex-dízimos em adoração.

Cavanaugh não está presente, mas dois adultos que trabalham para ele estão à disposição. Lev engole em seco e agarra os braços da cadeira para impedir que as mãos tremam.

— Tá bem. Podem tirar as vendas dos dois.

Os olhos do menino estão vermelhos de tanto chorar. A menina já está olhando ao redor, inspecionando a situação.

— Sinto muito por termos precisado fazer desse jeito — diz Lev. — Não podíamos correr o risco de machucar vocês ou de deixar que descobrissem aonde viríamos. Foi o único jeito seguro de resgatá-los.

— Nos resgatar? — repete a garota. — É assim que vocês chamam isto?

Lev tenta ignorar a acusação na voz dela, mas não consegue. Ele se força a sustentar o olhar como Cavanaugh faz, esperando assim parecer autoconfiante.

— Bom, pode não parecer um resgate no momento, mas, sim, foi exatamente o que fizemos.

A garota o fulmina com o olhar, absolutamente desafiadora, mas o menino arfa e arregala os olhos.

— Você é ele! Você é o dízimo que virou batedor! Você é o Levi Calder!

Lev oferece um sorriso sutil e pesaroso, nem se incomodando em corrigir o nome.

— Sim, mas meus amigos me chamam de Lev.

— Eu sou Timothy! — responde o menino. — Timothy Taylor Vance! O nome dela é Ma... Mi... não consigo lembrar direito, mas começa com M, né?

— Meu nome é assunto meu e vai continuar assim — afirma ela.

Lev olha para o papelzinho com anotações que lhe deram.

— Seu nome é Miracolina Roselli. É um prazer te conhecer, Miracolina. Posso te chamar de Mira?

O olhar pesado e contínuo da garota deixa claro que não.

— Tudo bem, Miracolina então.

— O que te dá esse direito? — diz ela. É quase um rosnado.

Lev faz contato visual novamente. Ela sabe quem ele é, mas o odeia. Até mesmo o detesta. Ele já viu esse olhar antes, mas surpreende-o vê-lo aqui.

— Talvez você não tenha me ouvido — responde ele, um tanto zangado. — Acabamos de salvar vocês.

— A partir de quem se define “salvar”?

E, por um instante, só um, ele se vê pelos olhos da garota. E não gosta do que vê.

— Estou feliz por vocês dois estarem aqui — diz ele, tentando esconder o tremor na voz. — Vamos conversar de novo mais tarde. — Então, sinaliza para que os adultos levem os adolescentes.

Lev se senta no salão sozinho por uns bons dez minutos. Há algo perturbadoramente familiar no comportamento de Miracolina. Ele tenta lembrar-se de quando Connor o tirara da limusine no dia da dizimação. Ele fora assim tão agressivo? Recusara-se a colaborar? Há tantas coisas daquele dia que sua memória bloqueou. Em que ponto passou a perceber que Connor não era o inimigo?

Ele vai conquistá-la. Precisa. Todos os ex-dízimos são conquistados no fim. Desprogramados. A lavagem cerebral é desfeita.

Mas e se essa garota for a exceção? E daí? De repente, toda esta operação de resgate, que parecia uma ideia grande e gloriosa, parece muito pequena. E muito pessoal.

24 · Miracolina

Nascida para salvar a vida do irmão e ser devolvida a Deus como um presente, Miracolina não vai tolerar essa violação — essa corrupção de seu destino sagrado na vida profana de uma fugitiva. Até mesmo seus pais foram fracos no fim, dispostos a romper o pacto feito com Deus e salvá-la da dizimação. Será que ficariam felizes, a garota se pergunta, por ela ter sido capturada e forçada a viver em estado completo? Por ser-lhe negado o mistério sagrado do estado dividido?

Ela não só deve padecer dessa indignidade, mas sofrê-la nas mãos do garoto que na sua opinião é praticamente Satã encarnado. Miracolina nunca foi propensa ao ódio e ao julgamento injusto — mas ser colocada diante desse menino prova que ela não é nem de longe tão tolerante quanto pensava ser.

Talvez seja por isso que fui colocada neste caminho, pensa ela. Para tornar-me humilde e me fazer perceber que sou capaz de odiar, assim como qualquer outra pessoa.

Naquele primeiro dia, tentam enganá-la colocando-a em um quarto confortável em estado muito melhor que a maior parte da mansão.

— Você pode descansar aqui até o efeito do tranco passar completamente — diz uma mulher rechonchuda e gentil, que também lhe traz uma refeição de carne salgada e cozida em fogo lento com repolho e um copo alto de cerveja preta.

— É Dia de São Patrício, sabe — diz a mulher. — Coma tudo, querida. Se quiser repetir, tem mais.

É uma tentativa descarada de conquistá-la. Ela come, mas se recusa a apreciar a comida.

Há vídeos e livros no quarto para entretê-la, mas Miracolina sente vontade de rir, pois, assim como a van do campo de colheita tinha apenas filmes felizes para toda a família, os títulos à escolha aqui também foram selecionados a dedo. Todos são sobre jovens que foram maltratados, mas superaram as dificuldades, ou jovens conquistando o poder em um mundo que não os compreende. Tudo, desde Dickens a Salinger — como se Miracolina Roselli pudesse ter alguma

coisa em comum com Holden Caulfield.

Também há gavetas cheias de roupas em cores chamativas — todas do tamanho certo, e ela estremece ao pensar que eles tiraram suas medidas e prepararam um guarda-roupa enquanto ela estava inconsciente. Seus trajes brancos de dízimo estão sujos, mas ela não dará a essa gente a satisfação de mudar de roupa.

Finalmente, um homem calvo de meia-idade entra com uma prancheta e um crachá que diz apenas BOB.

— Eu era um psiquiatra respeitado até falar publicamente contra a fragmentação — diz Bob depois de se apresentar. — Mas ser condenado ao ostracismo foi uma bênção disfarçada, pois permitiu que eu viesse para cá, onde sou realmente necessário.

Miracolina mantém os braços cruzados, nada oferecendo. Ela sabe qual é a finalidade dessa visita. Chamam isso de “desprogramação”, que é um termo educado para “desfazer a lavagem cerebral com mais lavagem cerebral”.

— Você *costumava ser* respeitado, o que significa que não é mais — comenta ela. — E eu também não tenho nenhum respeito por você.

Depois de uma breve avaliação psiquiátrica, que a garota se recusa a levar seriamente, Bob suspira e tampa a caneta com um clique.

— Acho que vai descobrir — diz ele — que nossa preocupação com você é genuína e realmente queremos que você floresça.

— Não sou uma planta em um vaso! — retruca ela, e joga o copo da cerveja preta já choca na porta depois que ele a fecha.

Miracolina rapidamente descobre que a porta não está trancada. Outro truque? Ela sai para explorar os corredores da mansão. Não pode negar que, mesmo em sua ira por ter sido sequestrada, está curiosa a respeito do que ocorre aqui. Quantas outras pessoas foram privadas da dizimação? Quantos outros captores há? Quais são as chances de fuga?

Acaba descobrindo que há dezenas de outros jovens. Ficam por aí, nos dormitórios e áreas públicas. Trabalham para reparar os danos e a podridão irreparáveis da mansão e têm aulas com pessoas semelhantes a Bob.

Ela vaga por uma área social com piso vergado e uma mesa de sinuca

escorada em tocos de madeira para manter-se nivelada. Uma garota a olha de relance, repara nela e se aproxima. O nome em seu crachá é JACKIE.

— Você deve ser a Miracolina — diz Jackie, pegando-lhe a mão para cumprimentá-la, já que Miracolina não a oferece. — Sei que a adaptação é difícil, mas acho que vamos ser grandes amigas. — Essa menina tem a aparência de um dízimo, assim como todos os outros jovens aqui. Um ar de pureza e elevação acima das coisas mundanas. Ainda que ninguém use nenhum pedacinho de roupa branca, não conseguem esconder o que já foram.

— Você está designada a me acompanhar? — pergunta Miracolina.

Jackie dá de ombros como que se desculpando.

— É, mais ou menos.

— Obrigada por ser honesta, mas não gosto de você e não quero ser sua amiga.

Jackie, que não é uma psiquiatra respeitada, mas apenas uma menina comum de treze anos, fica claramente magoada com essas palavras. Miracolina se arrepende delas na mesma hora. Não deve se permitir ficar dura e insensível. Precisa estar acima disso.

— Desculpe. Não é de você que eu não gosto, mas do que eles estão te forçando a fazer. Se quer ser minha amiga, tente de novo quando isso não for uma obrigação a cumprir.

— Tudo bem, é justo — responde Jackie. — Mas, amigas ou não, eu tenho que te ajudar a seguir o programa, quer você goste ou não.

Após as duas se entenderem, Jackie volta para seu grupo de amigos, mas fica de olho em Miracolina enquanto ela está na sala.

Timothy, o menino com o qual ela foi raptada, está ali também, acompanhado de um ex-dízimo que aparentemente foi designado para ele. Os dois conversam como se fossem grandes amigos. Claramente, Timothy já está “seguindo o programa” e, considerando que não estava mesmo muito ansioso para ser fragmentado, tudo o que foi preciso para desprogramá-lo foi mudar de roupa.

— Como é que você pôde ser tão... raso? — pergunta ela quando o pega sozinho mais tarde, no mesmo dia.

— Se é assim que você quer chamar — responde ele, todo sorridente, como se

tivesse acabado de ganhar um cachorrinho. — Se é “raso” querer uma vida, então que se dane, sou raso feito piscina infantil!

Desprogramação! Isso a deixa doente. Ela despreza Timothy e se pergunta como é possível que ele troque a fé de toda uma vida por carne cozida e repolho.

Jackie a procura mais tarde — depois de Miracolina ter descoberto que sua “liberdade” termina em uma porta trancada, que mantém todos os ex-dízimos em uma única ala da mansão.

— O resto ainda está inabitável — explica Jackie. — É por isso que só nos deixam ficar na ala norte.

Ela explica que todos passam os dias em aulas planejadas para ajudá-los a se ajustarem.

— O que acontece com quem não se ajusta? — pergunta Miracolina com um sorriso de desdém.

Jackie nada diz. Apenas a olha como se essa fosse uma ideia que ela nunca considerou.

Dentro de alguns dias, Miracolina já aguentou tudo o que pôde das aulas. As manhãs começam com uma longa e emotiva terapia de grupo na qual pelo menos uma pessoa irrompe em lágrimas e é aplaudida pelas outras por ter feito isso. A garota normalmente nada diz, pois a defesa dos dízimos é repreendida pelos professores.

— Você tem direito à sua opinião — é o que todos dizem quando ela se atreve a falar contra a desprogramação. — Mas esperamos que um dia enxergue as coisas de outra forma. — O que na verdade significa que ela não tem direito nenhum a uma opinião.

Há uma aula de história moderna — algo que poucas escolas chegam a ensinar. Isso inclui a Guerra de Heartland, o Acordo de Fragmentação e todos os temas correlatos, até os dias atuais. Há debates a respeito dos grupos dissidentes dentro de muitas grandes religiões que tomaram para si o ato do dízimo humano, tornando-se “cultos dizimistas” sancionados pela sociedade.

— Não houve movimentos sociais espontâneos — explica a professora. — Isso começou com famílias muito ricas, executivos e acionistas em grandes corporações, como uma forma de dar o exemplo às massas: se até os ricos

aprovam a fragmentação, então todos deveriam aprovar. Os cultos dizimistas foram parte de um plano calculado para fixar a fragmentação na psique nacional.

Miracolina não consegue evitar que sua mão se erga.

— Com licença — diz ela à instrutora —, mas eu sou católica e não pertenço a um culto dizimista. Como é que a senhora explica isso?

Ela pensou que a mulher responderia: *Você é a exceção que comprova a regra*, ou algo igualmente insípido, mas ela não o faz. Em vez disso, diz:

— Hum, isso é interessante. Aposto que o Lev adoraria falar com você sobre isso.

Para Miracolina, essa é a pior ameaça que a professora poderia fazer, e ela sabe disso. São palavras que silenciam a garota. Mesmo assim, sua resistência à resistência é bem conhecida na mansão, e ela é convocada para uma audiência indesejada com o menino que não explodiu.

Acontece em uma manhã de segunda-feira. Ela é tirada da insuportável terapia de grupo e levada a uma parte da mansão que ainda não conhece — escoltada não por um, mas dois membros da resistência. Embora não tenha certeza, suspeita que pelo menos um deles esteja armado. Eles a levam a uma estufa cheia de plantas, toda de vidros curvos e raios de sol, com temperatura controlada e instalações restauradas à sua glória original. No centro há uma mesa de mogno com duas cadeiras. Ele já está lá, sentado em uma delas, o garoto no centro desse bizarro culto a um herói. Miracolina senta-se na frente dele e o espera falar primeiro. Mesmo antes que ele abra a boca, ela percebe que ele está genuinamente interessado nela: a única peça em toda a mansão que insiste em ser quadrada e não se encaixar em uma forma redonda.

— Então, o que há com você? — diz ele após analisá-la por alguns momentos. A garota se sente ofendida pela informalidade da pergunta, como se seu comportamento em relação a tudo o que ocorre neste lugar fosse uma questão de “haver algo” com ela. Bem, hoje ela deixará claro para ele que sua postura desafiadora é mais que uma simples atitude.

— Está mesmo interessado em mim, batedor, ou sou só o inseto que você não consegue esmagar debaixo de sua bota de ferro?

Ao ouvir isso, o garoto ri.

— Bota de ferro... essa é boa. — Ele ergue o pé para mostrar a sola de seu tênis Nike. — Admito que pode haver uma aranha esmagada entre um passo e outro, mas só isso.

— Se você vai me interrogar — diz ela —, vamos logo com isso. É melhor me recusar comida ou água. Água provavelmente é melhor. Vou ter sede antes de ter fome.

Ele balança a cabeça, negando, incrédulo.

— Você acha mesmo que eu faria isso? Por quê?

— Eu fui trazida à força e você está me mantendo aqui contra a minha vontade — responde ela, inclinando-se para a frente sobre a mesa. Considera cuspir no rosto dele, mas decide guardar o gesto como ênfase para um momento mais apropriado. — Prisão ainda é prisão, não importa em quantas camadas de algodão você a embrulhe.

Isso o faz reclinar-se para trás, e ela sabe que o atingiu em cheio. Lembra-se de ver aquelas fotos dele na época em que estavam em todos os noticiários, todo embrulhado em algodão e mantido em uma cela à prova de bombas.

— Eu realmente não te entendo — responde ele, desta vez com uma pontada de raiva na voz. — Nós salvamos a sua vida. Você poderia estar pelo menos um pouco agradecida.

— Vocês me privaram do meu propósito, assim como o de todas as pessoas aqui. Isso não é salvação. É danação.

— Lamento que você se sinta assim.

Agora é a vez dela de se enfurecer.

— É, você lamenta que eu me sinta assim, todo mundo lamenta que eu me sinta assim. Vão continuar assim até eu não me sentir mais desse jeito?

Ele se levanta subitamente, empurrando a cadeira para trás, e começa a andar de um lado a outro, folhas de samambaia roçando-lhe as roupas. Ela sabe que o afetou. Ele parece prestes a sair correndo da estufa, mas em vez disso respira fundo e se volta para ela.

— Eu sei o que você está passando — afirma. — Sofri lavagem cerebral da minha família para *querer* ser fragmentado... e não só da minha família, mas dos meus amigos, minha igreja e todo mundo que eu tinha como referência. A única

pessoa que deu voz à razão foi meu irmão Marcus, mas eu fui cego demais para ouvi-lo até o dia em que fui sequestrado.

— Você quer dizer *surdo* — interrompe ela feito uma lombada no meio do caminho.

— Hein?

— *Cego* demais para ver, *surdo* demais para ouvir. Entenda os seus sentidos. Ou talvez você não consiga, porque não faz sentido.

Ele sorri.

— Você é boa.

— E, de todo modo, não preciso ouvir a história da sua vida. Já a conheço. Você foi pego em um engavetamento na estrada e o Desertor de Akron te usou como escudo humano. Muito nobre. Depois ele te fez mudar de lado feito um vira-casaca.

— Ele não me fez mudar de lado. Foi escapar da minha dizimação e enxergar fragmentação como o que é. Foi isso que me fez mudar de lado.

— Porque ser um assassino é melhor do que ser um dízimo, não é mesmo, batedor?

O garoto volta a se sentar, mais calmo, e ela fica frustrada ao notar que ele está se tornando imune às suas alfinetadas.

— Quando você vive a vida sem se questionar, está despreparado para os questionamentos quando eles surgem — afirma ele. — Você sente raiva e não tem a menor habilidade para lidar com essa raiva. Então, sim, eu me tornei um batedor, mas só porque era inocente demais para saber quão culpado estava me tornando.

Há uma intensidade nele agora, uma umidade nos olhos. Miracolina percebe que está sendo sincero e que isso não é apenas uma encenação para convencê-la. Talvez ele esteja até dizendo mais do que pretendia dizer. Ela começa a se perguntar se o julgou mal, depois se zanga consigo mesma por pensar algo assim.

— Você acha que sou como você, mas não sou — diz Miracolina. — Não sou parte de uma religião que exige o dízimo. Meus pais fizeram isso apesar das nossas crenças, não por causa delas.

— Mas ainda assim você foi educada para acreditar que esse era o seu propósito, não foi?

— Meu propósito era salvar a vida do meu irmão como doadora de medula óssea. Então, meu propósito foi cumprido quando eu tinha seis meses de vida.

— E não te incomoda que a única razão pela qual você está aqui tenha sido ajudar outra pessoa?

— De jeito nenhum — responde ela, um tanto rápida demais. Franze os lábios e se reclina para trás na cadeira, retorcendo-se um pouco. A cadeira parece muito dura. — Tá legal, talvez eu fique incomodada de vez em quando, mas entendo por que eles fizeram isso. Se eu fosse eles, teria feito a mesma coisa.

— Tudo bem — diz ele. — Mas, depois que seu propósito foi cumprido, sua vida não deveria ser apenas sua?

— Milagres são propriedades de Deus — responde ela.

— Não — discorda o menino. — Milagres são *dádivas* de Deus. Chamá-los de propriedades é um insulto à intenção com a qual foram dados.

Ela abre a boca para retrucar, mas percebe que não tem resposta, pois ele está certo. Maldito seja por estar certo... *Nada* a respeito dele deveria ser certo!

— Vamos conversar de novo amanhã, quando você tiver se superado — finaliza ele, gesticulando para que um guarda a leve embora.

No dia seguinte, uma aula é acrescentada à agenda de Miracolina, para impedir que sua mente fique ociosa. Chama-se Projeção Criativa. Acontece em um cômodo que já foi algum tipo de sala de estar, com retratos desbotados e devorados por traças em paredes descascadas. A garota imagina se os rostos enfadonhos nas pinturas olham para suas lições aqui com aprovação, desaprovação ou absoluta indiferença.

— Quero que vocês escrevam uma história — diz o professor, um homem de óculos redondos, pequeninos e irritantes. Óculos! Objetos de antiquário, dos quais ninguém hoje em dia precisa, com fácil acesso a procedimentos a laser e cirurgias de substituição de olhos. Há certa arrogância na peculiaridade dos óculos. Como se as pessoas que escolhessem usá-los se sentissem de alguma forma superiores.

— Quero que escrevam uma história sobre si mesmos... sua autobiografia.

Não a vida que viveram, mas a que ainda vão viver. Esta é a autobiografia que vocês poderão escrever daqui a quarenta ou cinquenta anos. — O professor vaga pela sala, gesticulando no ar, provavelmente imaginando a si mesmo como Platão ou alguém igualmente grandioso. — Projetem a si mesmos no futuro. Me digam quem vocês acham que vão ser. Sei que vai ser difícil para todos vocês, que nunca ousaram pensar no futuro... mas agora vocês podem. Quero que aproveitem. Sejam tão loucos quanto puderem. Escrevam e divirtam-se!

Então, ele se senta e se reclina para trás na cadeira com as mãos atrás da cabeça, muito satisfeito consigo mesmo.

Miracolina bate a caneta impacientemente na página enquanto os outros alunos escrevem. Ele quer que ela sonhe o futuro? Ótimo. Ela dará a essas pessoas uma história honesta, mesmo que não seja a que querem ouvir.

Já se passaram alguns anos, escreve ela, e minhas mãos pertencem a uma mãe que perdeu as suas em um incêndio. Ela tem quatro filhos. Ela os conforta, dá banho, escova cabelos e muda as fraldas deles com essas mãos. Ela valoriza minhas mãos porque sabe como são preciosas. Faz a manicure toda semana para mim, mesmo que não saiba quem eu sou.

Minhas pernas pertencem a uma garota que esteve em um acidente de avião. Ela já foi uma estrela das pistas de corrida, mas descobriu que minhas pernas simplesmente não foram feitas para isso. Por um tempo ela lamentou a perda de seu sonho olímpico, mas depois percebeu que minhas pernas podiam dançar. Aprendeu tango e um dia conheceu um príncipe enquanto dançava em Mônaco, e dançou até ganhar o coração dele. Eles se casaram e agora o casal real dá um grande baile todo ano. O ponto alto da festa é o tango deslumbrante que ela dança com seu príncipe.

A cada palavra que escreve, Miracolina se enfurece ainda mais profundamente com todas as possibilidades que lhe foram roubadas.

Meu coração foi para uma cientista a ponto de descobrir uma forma de captar a luz das estrelas e resolver todos os problemas de fornecimento de energia do mundo. Ela estava tão perto... mas, de repente, sofreu um grave ataque cardíaco. Graças a mim, porém, ela sobreviveu e completou o trabalho de sua vida, fazendo do mundo um lugar melhor para todos nós. Ganhou até o Prêmio Nobel.

Será tão estranho assim abrir mão de si total e completamente? Se esse é o

desejo no coração de Miracolina, por que deveria ser-lhe negado?

Quanto à minha mente — minhas memórias, repletas de uma infância amorosa —, todas foram para almas atormentadas que não têm tais lembranças por experiência própria. Mas agora, com essa parte de mim dentro delas, podem se curar das muitas mágoas em sua vida.

Miracolina entrega a redação e o professor, talvez mais curioso sobre a dela do que sobre a dos outros alunos, lê enquanto eles ainda escrevem. Ela observa o rosto dele, cheio de expressões pensativas enquanto lê. Ela não sabe por que deveria se importar, mas sempre se importou com o que seus professores pensavam. Mesmo aqueles de quem não gostava. Então, quando ele termina, aproxima-se dela.

— Muito interessante, Miracolina, mas você deixou uma coisa de fora.

— O quê?

— Sua alma — diz ele. — Quem fica com a sua alma?

— Minha alma — retruca ela, confiante — vai para Deus.

— Hum... — Ele coça os tocos das suíças grisalhas. — Então, ela vai para Deus mesmo que todas as partes do seu corpo ainda estejam vivas?

Miracolina resiste firmemente aos questionamentos do homem.

— Tenho direito de acreditar nisso se eu quiser.

— Verdade, verdade. Só tem um problema. Você é católica, não é?

— Sim.

— E quer ser voluntariamente fragmentada.

— E daí?

— Bem... se sua alma partir deste mundo, então a fragmentação voluntária não é diferente do suicídio assistido. E, na religião católica, o suicídio é um pecado mortal. O que significa que, por suas próprias crenças, você iria para o inferno.

Então ele a deixa lidando com um “A–” na redação. Ela presume que o “menos” da nota se deva à eterna danação de sua alma.

25 · Lev

Miracolina não tem ideia de quão profundamente sua obstinação o afeta. A maioria dos jovens aqui sente ou pavor ou adoração por Lev, ou ambos — mas ela não fica nem intimidada nem reverente; apenas o odeia, pura e simplesmente. Isso não deveria incomodá-lo. Ele já se acostumou a ser odiado — pois, exatamente como Marcus disse, da mesma maneira que o público lamenta o pobre e corrompido menininho Lev, também despreza o “monstro” que ele se tornou. Bem, ele foi inocente e foi um monstro, mas na mansão Cavanaugh nada disso importa, pois aqui ele está a um curto passo de tornar-se um deus. Isso é divertido de uma forma inebriante e embaraçosa, mas Miracolina é o alfinete que estoura a bolha da diversão.

Seu próximo encontro com ela é na semana seguinte, na festa da Páscoa. Dízimos são notoriamente ineptos quando se trata de interação entre os sexos. Sabendo que encontros, paqueras e tudo o mais não serão parte de seu futuro limitado, os dízimos e suas famílias não dão muita atenção às questões menino/menina. Na verdade, tais questões são menosprezadas, já que criariam o tipo de anseio ávido que um dízimo jamais deveria nutrir.

— Esses jovens são inteligentíssimos — diz Cavanaugh no encontro semanal da equipe de resgate de dízimos —, mas têm as habilidades sociais de uma criança de seis anos.

É uma descrição justa de como Lev agia em seus dias de dízimo, e ele não tem muita certeza de que melhorou de lá para cá. Até hoje ainda não teve um encontro.

Há cerca de vinte membros na equipe, e Lev é o único com menos de trinta anos. Cada um dos rostos deles está repleto de uma preocupação tão longa que parece marcada a fogo em suas expressões. Ele imagina se a paixão dessas pessoas vem de suas próprias experiências com a fragmentação. Será que elas, como o Almirante, fragmentaram os próprios filhos e vieram a se arrepender da decisão? Será que o assunto é pessoal para elas, ou sua dedicação à causa vem de uma aversão geral ao *status quo* da sociedade?

— Nós vamos dar uma festa de Páscoa — proclama Cavanaugh à cabeceira da mesa de reuniões — e encorajar nossos ex-dízimos a se comportarem como

adolescentes normais. Dentro do aceitável, é claro. — Então, ele se dirige a Lev. — Lev, podemos contar com você, como nosso embaixador da boa vontade, para participar das festividades?

Todos esperam pela resposta. Incomoda-o que todos dependam de sua reação.

— E se eu disser não?

Cavanaugh olha incredulamente para ele.

— Por que você faria isso? Todo mundo adora uma festa!

— Não mesmo — garante Lev. — As últimas festas às quais essas pessoas foram eram suas próprias festas do dízimo. Você quer mesmo lembrá-las disso?

Os outros à mesa murmuram entre si, pesando o que o menino acaba de dizer, até Cavanaugh dispensar suas palavras.

— Festas do dízimo são despedidas — diz ele. — A nossa terá a ver com recomeços. Estou contando com a sua presença.

Lev suspira.

— Claro.

Não há como desafiar ideias na mansão Cavanaugh quando essas ideias vêm do homem a quem pertence a casa.

Decide-se que o salão de baile está em condições muito ruins para uma festa de gala adolescente, então usam a grande sala de jantar, removendo as mesas e cadeiras e colocando equipamentos de DJ sob o retrato. Com presença obrigatória, toda a população de ex-dízimos está aqui.

Como Lev esperava, eles se agrupam por gênero em um lado ou outro da sala, como em um jogo de queimada, meninas contra meninos. Todos se ocupam de beber ponche e comer sanduíches enquanto arriscam olhares secretos ao time adversário, como se ser flagrado olhando fosse desclassificá-los.

Um dos adultos faz o melhor que pode para bancar o DJ, e, quando o incentivo não funciona, ele exige que todos formem um círculo na pista para dançar seguindo as instruções do Hokey Pokey: primeiro a mão direita, depois a esquerda... No entanto, com dez segundos de dança, ele subitamente percebe quão inadequado é colocar ex-dízimos para esticar e recolher as várias partes de seus corpos. O DJ fica nervoso e tenta pular direto para a parte que diz “use o corpo todo”, mas os jovens acham tanta graça nisso que continuam cantando e

dançando, parte após parte, mesmo depois de a música parar. Ironicamente, isso acaba sendo o quebra-gelo perfeito, e quando a música recomeça já há pessoas dançando espontaneamente.

Lev não é uma delas. Está mais que satisfeito em ser um observador, apesar do fato de que poderia escolher entre várias parceiras de dança — embora suspeite que, se chegasse mesmo a convidar uma dessas garotas para dançar, ela talvez entrasse em combustão espontânea.

Mas então, do outro lado da sala, ele avista Miracolina apoiada à parede de braços decididamente cruzados, e decide que este é um desafio digno.

No momento em que o vê se aproximando, ela desvia o olhar, levemente em pânico, esperando que ele esteja apenas passando em busca de outra pessoa. Então, ela respira fundo, visivelmente, ao perceber que é o alvo da atenção do menino.

— E aí? — diz ele, tão casualmente quanto pode. — Quer dançar?

— Você acredita no Dia do Juízo Final? — retruca ela.

Lev dá de ombros.

— Não sei. Por quê?

— Porque o dia seguinte é quando vou dançar com você.

Ele sorri.

— Você é engraçada. Não imaginei que tivesse senso de humor.

— Vou te dizer uma coisa. Quando ficar sem garotas que idolatram o chão onde você pisa, pode me convidar de novo. A resposta ainda vai ser não, mas vou fazer a gentileza de fingir que pensei no assunto.

— Eu li sua redação — diz ele, o que causa na garota uma bela e brusca virada de cabeça. — Você sonha com um baile de princesa, não negue.

— Minhas *pernas* sonham com um baile de princesa.

— Bom, para dançar com as suas pernas, acho que vou ter de aguentar o resto de você.

— Não, não vai, porque nenhuma parte de mim vai estar aqui. — Então, Miracolina olha para o retrato de Lev, que agora está esquisitamente brilhante sob as luzes estroboscópicas coloridas. — Por que não dança com o seu retrato?

— sugere ela. — Vocês dois se merecem. — Então ela se afasta, decidida. Os adultos à porta da sala tentam impedi-la de voltar ao quarto, mas ela passa por eles mesmo assim.

Depois que Miracolina sai, Lev ouve os resmungos ao redor:

— Ela é muito cretina — diz alguém.

Ele se volta para a pessoa com desejo de vingança. É Timothy, o garoto que chegou com ela.

— Eu poderia dizer o mesmo de você! — rosna Lev. — De todos vocês. — Ele se cala antes que vá longe demais. — Não, isso não é verdade. Mas vocês não deveriam julgá-la.

— Tá certo, Lev — responde Timothy, obediente. — Não vou julgar, Lev. Desculpa, Lev.

Então, uma garota tímida, mas aparentemente menos tímida que as outras meninas tímidas, se aproxima.

— Eu danço com você, Lev.

E ele vai para a pista e concede a dança a ela e a quaisquer outras garotas que queiram dançar, enquanto o retrato vigia a todos com seu ar irritante de sagrada superioridade.

No dia seguinte, o retrato é vandalizado.

Algo grosseiro está escrito com tinta spray bem no meio dele. O café da manhã é adiado até que o retrato possa ser removido. Há uma lata de tinta spray faltando no depósito, mas nenhuma pista quanto a quem poderia ter feito isso. Todos têm uma teoria, porém, e a maior parte dessas teorias aponta para a mesma pessoa.

— Nós sabemos que foi ela! — dizem os outros jovens a Lev. — A Miracolina é a única aqui que tem alguma coisa contra você!

— Como vocês sabem que ela é a única? — retruca ele. — Ela é só a única que tem coragem de dizer isso em voz alta.

Em respeito aos desejos de Lev, os outros não acusam a garota cara a cara, e os adultos são diplomáticos o bastante para guardar suas opiniões para si.

— Talvez precisemos de câmeras de segurança — sugere Cavanaugh.

— O que precisamos — diz Lev — é de mais liberdade para expressar opiniões. Aí, coisas como essa não aconteceriam.

Cavanaugh fica verdadeiramente ofendido.

— Você fala como se isto fosse um campo de colheita. Todos são livres para se expressarem aqui.

— Bom, acho que nem todos se sentem assim.

26 · Miracolina

Depois de um dia inteiro sendo tratada com frieza por cada criatura viva na mansão, Miracolina ouve uma batida na porta. Não diz nada, pois quem quer que seja entrará de um jeito ou de outro; os quartos não têm trancas.

A porta se abre lentamente e Lev entra. O coração dispara quando a garota o vê. Ela diz a si mesma que é por raiva.

— Se você veio aqui para me acusar de vandalizar seu retrato, eu confesso. Não posso mais esconder a verdade. Fui eu. Agora, me castigue confiscando todos os filmes inspiradores deste quarto. Por favor.

Lev apenas deixa os braços caírem frouxos dos lados do corpo.

— Para com isso. Eu sei que não foi você.

— Ah... então, vocês finalmente apanharam o dízimo malvado?

— Não exatamente. Só sei que não foi você.

É meio que um alívio ter sua inocência reconhecida, embora ela tenha sentido um prazer maldoso em ser a principal suspeita.

— Então, o que você quer?

— Eu ando querendo me desculpar pela maneira como você foi trazida até aqui. Com tranquilizante, venda e tudo. Quero dizer, o que eles estão fazendo aqui é importante, mas nem sempre concordo com os métodos que usam.

Miracolina nota que esta é a primeira vez que Lev diz “eles” em vez de “nós”.

— Estou aqui há semanas — diz ela. — Por que está me dizendo isso só agora?

O menino ergue a mão e tira o cabelo dos olhos.

— Não sei. Isso tem me incomodado.

— Entããã... você vai sair pedindo desculpas pra cada pessoa aqui?

— Não — admite Lev. — Só pra você.

— Por quê?

Lev começa a andar de um lado para o outro pelo quarto, erguendo a voz.

— Porque você é a única que ainda está zangada! *Por que está tão zangada?*

— A única pessoa zangada neste quarto é você — responde Miracolina com uma calma persistente. — E há muito mais gente zangada nesta casa. Senão, por que o seu retrato teria sido vandalizado?

— Esquece isso! — grita Lev. — Estamos falando de você!

— Se não parar de gritar, vou ter de pedir pra você ir embora. Na verdade, acho que vou pedir de todo jeito. — Ela aponta para a porta. — Sai!

— Não.

Ela pega uma escova de cabelo e atira nele. A escova o atinge na cabeça e ricocheteia na parede, onde vai parar atrás da TV.

— Ai! — Ele segura a cabeça, fazendo uma careta. — Isso doeu!

— Ótimo, era pra doer mesmo.

Lev cerra os punhos, rosna, depois se vira como se fosse sair de uma vez, mas não sai. Em vez disso, volta-se para ela, abrindo os punhos e estendendo as mãos para ela, vulnerável, com se talvez estivesse exibindo estigmas. Bem, pode haver sangue em suas mãos, mas certamente não está vertendo das palmas.

— Então, é assim que vai ser? — pergunta ele. — Você vai remoendo e reclamando e tornando as coisas ruins para todo mundo aqui? Não quer mais nada da vida?

— Não — responde ela —, porque minha vida acabou no meu aniversário de treze anos. No que me diz respeito, daquele momento em diante eu deveria ser parte da vida de outras pessoas. Para mim estava ótimo. Era o que eu queria. É o que ainda quero. Por que você acha isso tão difícil de acreditar?

Ele olha para ela por um momento a mais, e Miracolina tenta imaginá-lo todo vestido de branco, como um dízimo. Poderia gostar desse menino; ainda puro e imaculado. Mas o garoto diante dela agora é alguém bem diferente.

— Sinto muito — diz ela, sem sentir nada. — Acho que fui reprovada na escola de desprogramação. — Vira as costas para o garoto e espera alguns instantes, sabendo que ele está parado ali. Depois, vira-se novamente... só para descobrir que não. Ele se foi, fechando a porta tão silenciosamente que ela nem ouviu.

27 · Lev

Lev está em mais uma reunião com a equipe de resgate de dízimos. Ele não sabe por que o incluem; Cavanaugh nunca ouve o que ele diz. Essas reuniões realmente o fazem sentir-se como uma mascote, um bichinho de estimação favorito. Desta vez, contudo, ele está determinado a fazê-los ouvir.

Antes mesmo que comecem, Lev fala alto o bastante para captar a atenção de todos, roubando a cena de Cavanaugh antes que ele tenha a chance de reivindicá-la.

— Por que o meu retrato está de volta à sala de jantar? — pergunta ele. — Ele já foi vandalizado uma vez... Por que colocá-lo lá de novo?

A pergunta silencia a todos e traz ordem ao recinto.

— Eu mandei restaurá-lo e colocá-lo de volta — responde Cavanaugh. — O conforto e o foco que ele fornece aos ex-dízimos são inestimáveis.

— Eu concordo! — diz uma das professoras. — Acho que isso atrai o foco das crianças para o que é positivo. — Ela enfatiza o comentário com um meneio de cabeça muito puxa-saco para Cavanaugh. — Eu, pelo menos, gosto e aprovo.

— Bom, *eu* não gosto e *eu* não aprovo — diz Lev, pela primeira vez expressando esses sentimentos em voz alta. — Eu não deveria ser um tipo de coisa divina. Não deveria ser colocado em um pedestal. Não sou e nunca fui essa imagem na qual vocês estão tentando me transformar.

Há silêncio na sala enquanto todos esperam para ver como Cavanaugh reagirá. Ele pensa por algum tempo e finalmente diz:

— Todos temos nossas tarefas aqui. A sua é muito clara e muito simples: ser um exemplo para os outros ex-dízimos seguirem. Já notou que os meninos estão deixando o cabelo crescer? No começo, pensei que seu cabelo seria um incômodo, mas agora eles estão se moldando à sua imagem. Na atual conjuntura, é disso que precisam.

— Eu não sou um modelo de comportamento! — grita Lev. Ele fica de pé sem nem perceber que o fez. — Fui um batedor. Um terrorista! Tomei decisões terríveis!

Mas Cavanaugh permanece calmo.

— É com as suas *boas* decisões que nós nos importamos. Agora, sente-se e deixe a reunião prosseguir.

Lev olha ao redor, mas não encontra apoio. No máximo, vê todos registrando essa explosão como uma de suas decisões ruins, que é melhor esquecer. Ele ferve com o mesmo tipo de fúria que um dia fez dele um batedor, mas a reprime, senta-se e permanece em silêncio pelo resto da reunião.

Só quando a sessão termina é que Cavanaugh segura a mão dele. Não para cumprimentá-lo, mas para virá-la e examinar-lhe os dedos — ou, mais especificamente, para olhar debaixo de suas unhas.

— É melhor se limpar direito, Lev — diz ele. — Tinta spray sai com terebintina, eu acho.

28 · Risa

Risa não tem uma festa de Páscoa. Nem tem certeza de quando cai a Páscoa — ela perdeu a noção dos dias. Na verdade, não tem nem certeza de onde está. Primeiro, é mantida pela Autoridade Juvenil em Tucson, depois transferida em um veículo blindado e sem janelas para outro centro de detenção a cerca de duas horas de distância — em Phoenix, imagina ela. É aqui que colocam interrogadores para fazer perguntas a ela.

— Quantos adolescentes há no Cemitério?

— Um monte.

— Quem envia suprimentos para vocês?

— O George Washington. Ou será o Abraham Lincoln? Eu esqueço.

— Com que frequência vocês recebem recém-chegados?

— Sempre que você espanca sua esposa.

Os interrogadores ficam furiosos com a falta de cooperação, mas ela não tem a menor intenção de contar a eles nada de útil. Além disso, sabe que estão fazendo perguntas cujas respostas eles já conhecem. As perguntas são apenas testes para ver se ela escolherá dizer a verdade ou mentir. Ela não faz nenhuma das duas coisas. Em vez disso, transforma o interrogatório em piada.

— Cooperar pode tornar as coisas mais fáceis pra você — dizem eles.

— Não quero nada fácil — responde Risa. — Tive uma vida dura. Prefiro ficar com o que já conheço.

Eles deixam que sinta fome, mas não que morra disso. Dizem que estão com Elvis Robert Mullard sob custódia e que farão um acordo com ele para obter informações — mas ela sabe que mentem, pois, se o tivessem, saberiam que o nome não é Mullard coisa nenhuma, mas Connor.

Isso se arrasta por duas semanas. Então, um dia, entra um Juvi. Aponta uma arma para ela e, sem a menor cerimônia, dispara um tranco — não na perna, onde doeria menos, mas bem no meio do peito, onde arde até ela perder a consciência.

Risa acorda em uma cela diferente. Um pouco mais nova e maior, talvez, mas ainda uma cela. Não tem ideia de para onde foi trazida desta vez, ou por quê. Esta nova cela não foi nem um pouco adaptada para uma paraplégica, e os captores não lhe ofereceram ajuda desde que chegou. Não que ela fosse aceitar se oferecessem, mas é como se quisessem que ela lutasse só para passar pela porta do banheiro, ou para subir na cama, que é anormalmente alta — só o bastante para fazer com que usá-la seja um martírio.

Ela suporta por uma semana a comida trazida por um guarda silencioso em uniforme de segurança. Sabe que não está mais nas mãos da Autoridade Juvenil, mas a identidade de seus novos captores é um mistério. Esses carcereiros não fazem perguntas, e isso a preocupa da mesma forma que Connor está sempre preocupado com o fato de que o Cemitério nunca foi atacado. Serão eles tão insignificantes no grande esquema das coisas que a Autoridade Juvenil nem sequer a tortura para obter a informação que quer? Será que andaram se iludindo ao pensar que estão fazendo a diferença?

Durante todo esse tempo ela se forçou a não pensar em Connor, porque pensar nele simplesmente dói demais. Quão horrorizado ele deve ter ficado ao saber que ela se entregou. Horrorizado e aturdido. Bem, ótimo, ele que fique; vai superar. Ela fez isso por ele tanto quanto pelo menino ferido, pois, por mais doloroso que seja admitir, Risa sabe que se tornou apenas uma distração para Connor. Se ele vai mesmo liderar toda aquela gente do Cemitério como o Almirante já liderou, não pode ficar massageando as pernas da garota e se preocupando em suprir as necessidades emocionais dela. Talvez ele de fato a ame, mas é óbvio que não há espaço em sua vida neste momento para mais que falar de amor da boca para fora.

Risa não tem ideia do que o futuro lhe reserva agora. Tudo o que sabe é que precisa se concentrar nesse futuro e não em Connor, não importa quanto isso doa.

Alguns dias depois, ela finalmente recebe uma visita de verdade: uma mulher bem-vestida com ar de autoridade.

— Bom dia, Risa. É um prazer finalmente conhecer a garota por trás de toda essa algazarra.

A garota imediatamente decide que qualquer pessoa que use a palavra “algazarra” não pode ser sua amiga.

A mulher senta-se na única cadeira da cela. É um móvel que nunca foi usado, pois não foi exatamente projetado para uma paraplégica. Na verdade, parece especificamente criado para *não* ser usado por Risa, como quase tudo neste lugar.

— Acredito que você venha sendo bem tratada.

— Eu não tenho sido “tratada” de jeito nenhum. Tenho sido ignorada.

— Você não está sendo ignorada — replica a mulher. — Só estavam te dando um tempo para se acomodar. Um tempo para ficar sozinha e pensar.

— Por algum motivo eu duvido que tenha ficado sozinha... — Risa olha de relance para um enorme espelho na parede, através do qual consegue às vezes ver sombras. — Então, sou algum tipo de prisioneira política? — pergunta ela, indo direto ao assunto. — Se vocês não vão me torturar, planejam simplesmente me deixar apodrecer aqui? Ou talvez vão me vender a um pirata de órgãos. Para usar pelo menos as minhas partes funcionais.

— Nada disso. Estou aqui para te ajudar. E você, querida, vai nos ajudar.

— Duvido.

Risa empurra a cadeira, afastando-se, embora não possa ir muito longe. A mulher não se levanta. Nem mesmo se move; apenas fica sentada ali, confortavelmente. Risa gostaria de estar no controle da situação, mas essa estranha controla tudo somente com a voz.

— Meu nome é Roberta. Represento uma organização chamada Cidadãos Proativos. Nosso propósito, entre outras coisas, é fazer o bem neste mundo. Nós procuramos apoiar tanto as causas da ciência como da liberdade, assim como prover uma sensação de iluminação espiritual.

— E o que isso tem a ver comigo?

Roberta sorri e para por um momento, sustentando o sorriso antes de falar.

— Eu vou fazer com que as acusações contra você sejam retiradas, Risa. Mais importante que isso, porém, vou tirar você dessa cadeira de rodas e te dar uma nova coluna.

A garota se volta para ela, tomada de emoções confusas demais para entender.

— Não vai, não! Eu tenho o direito de recusar a coluna vertebral de um fragmentário.

— Sim, você tem — confirma Roberta, muito calma. — Porém, eu acredito firmemente que vai mudar de ideia.

Risa cruza os braços, acreditando com mais firmeza que Roberta que *não* vai mudar de ideia.

Ela volta a ser tratada com silêncio total — mas eles devem estar ficando impacientes, pois desta vez é só por dois dias em vez de uma semana. Roberta volta à cela e mais uma vez senta-se na cadeira projetada para pessoas capazes de andar. Agora ela traz consigo uma pasta, embora Risa não consiga ver o que há dentro dela.

— Você já pensou na minha oferta? — pergunta a mulher.

— Não preciso. Já te dei minha resposta.

— É muito nobre ser fiel a seus princípios e recusar a coluna de um fragmentário — diz Roberta. — No entanto, isso representa uma mentalidade injusta, que não é nem produtiva nem adaptativa. Na verdade, é retrógrada, e transforma você em parte do problema.

— Eu pretendo ficar com minha “mentalidade injusta” e minha cadeira de rodas.

— Muito bem. Não vou te negar essa escolha. — Roberta se remexe na cadeira, talvez um pouco irritada, ou quem sabe só ansiosa. — Há alguém que eu quero te apresentar.

Ela fica de pé e abre a porta. Risa sabe que, quem quer que seja, é alguém que esteve observando a cela através do espelho.

— Pode entrar agora — diz Roberta alegremente.

Um rapaz aparece cauteloso na porta. Parece ter uns dezesseis anos. Tem pele multicolorida e mechas multicoloridas nos cabelos. De início ela imagina que seja algum tipo de modificação corporal extrema, mas logo percebe: é mais do que isso. Há algo profundamente errado com ele.

— Oi — diz ele, sorrindo hesitante com seus dentes perfeitos. — Eu sou Cam. Estava ansioso pra te conhecer, Risa.

A garota recua, a cadeira de rodas batendo na parede. Agora ela percebe exatamente o que está vendo — exatamente por que esse garoto parece tão diferente. Ela já viu uma reportagem na TV sobre essa criação. Sente arrepios

rastejando na pele. Se pudesse, rastejaria com eles para fora daqui pelos dutos de ar para fugir do que está vendo.

— Tira isso da minha frente! É nojento! Tira!

A expressão dele espelha o horror de Risa. Ele recua e também bate na parede.

— Está tudo bem, Cam — diz Roberta. — Sabe que as pessoas sempre precisam de um tempo pra se acostumarem com você. Ela também vai.

A mulher oferece a cadeira a ele, mas subitamente Cam não quer mais estar aqui. Quer fugir tanto quanto Risa.

A garota olha para Roberta para não precisar encarar Cam.

— Eu disse: tira isso daqui.

— Não sou “isso” — insiste Cam.

Risa balança a cabeça, negando.

— Você é, sim. — Ainda não quer olhar diretamente para ele. — Agora, tira isso daqui, ou juro que arranco do corpo dele cada parte roubada dos outros com minhas próprias mãos.

Ela tenta não cruzar olhares com ele, mas não consegue evitar. A coisa começou a chorar lágrimas de dutos lacrimais roubados de outrem, e isso só deixa a garota ainda mais zangada.

— Faça cravada bem fundo — diz ele. Risa não tem ideia do que ele está falando, nem se importa.

— Tira isso da minha frente — repete gritando para Roberta — e, se tiver um mínimo de decência, mata essa coisa!

A mulher olha para ela duramente. Depois, volta-se para o garoto.

— Pode ir agora, Cam. Me espere lá fora.

Ele sai rápido, desajeitado, e ela fecha a porta. Está furiosa agora. Se Risa consegue ver algo de positivo nisso, é o fato de que levou a melhor sobre Roberta.

— Você é uma menina cruel — diz ela.

— E você é um monstro por criar uma coisa assim.

— A história há de julgar quem somos e o que fizemos. — Agora, ela coloca

um pedaço de papel na mesa. — Isto é um formulário de consentimento. Assine e poderá ter uma coluna funcional até o fim da semana.

Risa pega o documento, rasga em pedaços e joga os restos pelo ar. Roberta deve ter esperado por isso, pois instantaneamente tira um segundo formulário da pasta e o coloca sobre a mesa com um tapa.

— Você *vai* se curar e *vai* compensar o Cam por tê-lo tratado mal hoje.

— Nem nesta vida, nem na próxima.

Roberta sorri como se soubesse de algo que Risa não sabe.

— Bem, então... Vamos esperar por uma repentina mudança de ideia.

Então, ela sai da cela, deixando a caneta e o formulário de consentimento na mesa.

Risa olha para o documento por muito tempo depois de Roberta ter partido. Ela sabe que não vai assinar, mas o fato de quererem que ela o faça é intrigante. Por que é tão importante para eles que o corpo quebrado da garota seja reparado? Só há uma resposta: por alguma razão, Risa é muito mais importante do que jamais sonhou ser.

Para ambos os lados.

29 · Cam

Ele está sentado na sala de observação. Esteve aqui com mais frequência do que gostaria de admitir, espionando Risa — embora não se diga “espionagem” quando se trata de um espelho falso. Diz-se “vigilância”.

Do outro lado do vidro, a garota olha para o contrato que Roberta deixou diante dela. O rosto está duro, a mandíbula travada. Finalmente, ela pega o papel... e o dobra na forma de um avião, jogando-o no espelho. Surpreso, Cam dá um salto. Sabe que Risa não pode vê-lo, mas ainda assim ela olha para o espelho quase no ponto exato onde faria contato visual com ele. Por um momento, Cam sente que ela é capaz não apenas de enxergar além do vidro, mas além dele também. É forçado a desviar o olhar.

Ele odeia saber que ela o odeia. Deveria ter esperado isso, mas ainda assim as palavras da garota o magoam profundamente e o fazem querer magoá-la também. Mas não. Esta é apenas a reação dos vários fragmentários em sua cabeça; jovens que responderiam à menor provocação. Ele não cederá a esses impulsos. Há partes sensatas suficientes nele para equilibrar as coisas e permitir o controle sobre as partes que ameaçam perturbar a paz. Lembra-se de que, como Roberta disse, ele é o novo paradigma: o novo modelo do que a humanidade poderia — e deveria — ser. O mundo se acostumará com ele, e com o tempo há de reverenciá-lo. Assim como Risa.

Roberta entra na sala por trás dele e fala em voz baixa:

— Não há razão para estar aqui.

— Jericó — responde ele. — Ela é uma muralha, mas vai desmoronar. Sei que vai.

A mulher sorri para ele.

— Não tenho dúvida de que você vai conquistá-la. Na verdade, suspeito que ela vá mudar de ideia mais cedo do que você imagina.

Cam tenta ler nas entrelinhas desse sorriso, mas ela nada revela.

— O gato que comeu o canário... Não gosto quando você guarda segredos.

— Não há segredo — responde Roberta. — Só uma fé inabalável na natureza

humana. Agora, venha. Já está quase na hora da sua sessão de fotos.

Cam suspira.

— Mais uma?

— Você prefere uma coletiva de imprensa?

— Injeção na testa? Não, obrigado!

Cam precisa admitir que essa nova abordagem da mídia é muito melhor do que conferências e entrevistas. Roberta e seus amigos da Cidadãos Proativos criaram uma campanha publicitária de primeira classe. Outdoors, cartazes, panfletos e tudo o mais. Só com fotos, mas mesmo assim os anúncios são poderosos.

A primeira rodada de anúncios mostrará closes fechados de várias partes dele. Um olho; mechas do cabelo multicolorido; a estrela formada por tons de pele na testa. Cada imagem será acompanhada de uma legenda marcante, porém enigmática, como “A Hora Chegou” ou “Um Futuro Brilhante”, sem nenhuma outra pista do que estiver sendo anunciado. Assim, com a curiosidade do público despertada, passarão à segunda fase, na qual as propagandas mostrarão o rosto, o corpo e finalmente a figura completa.

— Vamos criar uma atmosfera de mistério ao seu redor — explicou Roberta.
— Brincar com o fascínio pueril que as pessoas têm pelo exótico até elas estarem loucas para ver mais.

— Striptease — disse Cam.

— Uma versão elevada do mesmo conceito, creio eu — admitiu ela. — Depois que a campanha publicitária estiver concluída, você surgirá aos olhos do público não como uma esquisitice, mas como uma celebridade... e, quando finalmente decidir conceder entrevistas, será nos nossos termos.

— Meus termos — corrigiu Cam.

— Sim, é claro. Seus termos.

Agora, enquanto observa a garota através do espelho falso, ele imagina o que poderia fazê-la viver pelos seus termos também. Roberta disse que Cam pode ter tudo o que desejar, mas e se o que ele mais desejar for que Risa escolha estar com ele por livre e espontânea vontade?

— Cam, por favor... venha agora, ou vamos nos atrasar.

Ele se levanta, mas, antes de sair, relanceia um olhar pela última vez à garota do outro lado do espelho, que subiu com esforço na cama. Agora ela está deitada de costas, mal-humorada, olhando para o teto. Então ela fecha os olhos.

A princesa eternamente adormecida, pensa Cam. Mas eu libertarei você dos espinheiros venenosos que cercam seu coração. E então você não terá escolha senão me amar.

30 · Nelson

O Juvi que virou pirata de órgãos faz um rápido desvio no caminho para verificar uma de suas armadilhas mais bem-sucedidas. No entanto, ela está em um local infeliz. Infeliz porque é um campo que inunda durante tempestades. Não há nada mais irritante que um desertor afogado. Exceto, talvez, ter de jogá-lo fora. Ele preferiria continuar procurando esconderijos, na esperança de encontrar Connor Lassiter em um deles, mas, com grandes tempestades previstas por todo o Meio-Oeste, verificar essa armadilha em especial vale o esforço.

A armadilha é um pedaço de cano de esgoto — um cilindro de concreto com um metro e meio de altura e seis metros de comprimento, jogado em um terreno que ninguém cultiva há muitos anos. Há meia dúzia de canos desse tipo jogados no campo, cercados de mato — todos abandonados quando alguma obra pública foi cancelada. É um bom esconderijo para fragmentários fugitivos — e, de fato, um dos trechos de túnel contém um estoque de comida enlatada bem no meio. A superfície interior do mesmo cilindro, porém, está pintada com resina superadesiva que se gruda às roupas e até à pele com tamanha tenacidade que qualquer um que entre ali ficará pregado ao concreto. Nelson se diverte ao pensar que é possível capturar fragmentários da mesma forma que as pessoas pegam baratas.

Como esperado, há um menino preso no cano.

— Socorro! — grita ele, feito a mosca preta na teia da aranha. — Alguém me ajuda, por favor! — O jovem é magricela e coberto de acne, com dentes tortos e amarelados de tanto mascar tabaco, ou talvez só pela genética ruim. De um jeito ou de outro, não é um espécime de primeira linha e não valerá muito no mercado negro. O cabelo está emplastrado de cola, embora Nelson suspeite que não tenha um aspecto muito melhor quando limpo.

— Meu Deus! O que aconteceu com você? — diz o pirata, fingindo preocupação.

— É tipo uma cola ou coisa assim! Não consigo sair!

— Tá legal — responde Nelson —, acho que consigo tirar você daí. Tenho um removedor de cola na van.

Na verdade, ele já trouxe o produto consigo. Finge correr até o carro e de volta, depois umedece um trapo fedorento com o líquido, entra no túnel e começa a aplicá-lo nas roupas e na pele do menino. Pouco a pouco, ele vai se libertando do adesivo.

— Valeu, senhor! — diz o menino. — Muito obrigado!

Nelson sai do cano e espera na borda enquanto o garoto grudento e coberto de cola desliza para fora, sujo como um bebê ao nascer. Então, quando sai à luz do dia, algo finalmente lhe ocorre.

— Ei, *perai*... por que alguém teria essa coisa de remover cola, a não ser...

O homem não lhe dá chance de finalizar o pensamento. Ele agarra o garoto, torcendo-lhe os braços atrás das costas, e passa uma tira de plástico em torno dos pulsos. Então, empurra-o para o chão e o espeta com o identificador de DNA.

— William Yotts — anuncia Nelson. O menino grunhe. — Desertor há quatro dias. Não é muito bom em se esconder, hein?

— Cê num vai me entregar! — grita Yotts. — Eu *num* vou pro campo de colheita!

— Tem razão, não vai — responde Nelson. — Você não vai ao campo, e sim ao mercado. Mais precisamente o mercado negro. *Tcharam!*

O rosto do jovem parece empalidecer e enrubescer ao mesmo tempo, ficando todo manchado. Nelson o surpreende com uma injeção. Mas não são tranquilizantes.

— Antibiótico — diz ele ao menino. — Pra limpar qualquer doença que você tenha pego enquanto estava naquele cano. E até as que já tinha antes. A maioria, pelo menos.

— Por favor, senhor, cê não tem que fazer isso. Por favor...

Nelson se ajoelha e dá uma boa olhada nele.

— É o seguinte — começa. — Gosto dos seus olhos, então vou propor um negócio.

Ele corta a tira e oferece o mesmo acordo de sempre. Uma contagem até dez. Uma chance de fugir. Esses desertores nunca percebem que o jogo é uma fraude. Nunca imaginam que Nelson pode contar tão rápido quanto quiser e não sabem que ele é um atirador muito, muito bom.

Esse menino, como todos os outros, acha que conseguirá escapar. Ele sai correndo, tropeçando e levantando enquanto Nelson conta. Ouve os sons da estrada quando o homem chega ao oito e ergue a arma.

— Nove.

Ele tem um alvo nítido: o logotipo nas costas da blusa do menino.

— Dez!

Então, Nelson abaixa a arma e não atira. Em vez disso, observa enquanto o menino atravessa correndo a estrada e quase é atingido por um carro, mas o veículo se desvia dele. Então, o jovem desaparece na mata.

Nelson aplaude o próprio autocontrole. Teria sido tão fácil derrubá-lo. Mas ele tem outros planos para esse desertor. A injeção que aplicou nele não era nenhum antibiótico, mas um veículo líquido contendo um chip de rastreamento microscópico. Do tipo que se usava para monitorar populações de espécies ameaçadas. Esse é o quarto desertor que Nelson marca e solta na natureza desde que sua missão começou. Com sorte, eles serão pegos pela resistência e fornecerão a ele um caminho claro até o santuário de desertores onde Connor Lassiter se meteu. Contudo, enquanto isso, há muitas pistas locais a seguir. Nelson sorri. É bom ter um objetivo. Uma alegria a perseguir.

31 · Miracolina

Miracolina suporta o cativeiro e a desprogramação nas mãos da Resistência Antidivisional por semanas, mas nunca se rende em seu âmago. Nunca cede às coisas que eles tentam lhe ensinar. Oh, ela aprendeu como funcionar dentro desse mundinho de ex-dízimos, fazendo o que se espera, ao menos para que a deixem em paz. Mais dízimos chegam, outros recebem novas famílias e identidades. Não há esse tipo de plano para Miracolina. Mesmo semicooperativa, ela ainda é um risco muito grande. Eles não têm ideia, porém, do que a garota realmente está planejando.

Ela se considera à altura de qualquer desafio. Mesmo sendo um dízimo, não viveu a vida superprotegida que a maioria dos outros dízimos viveu; e, embora não tenha vivido em ruas perigosas, considera-se experiente e conhecedora do mundo. Escapar do punho de ferro em luva de veludo da resistência será um desafio, mas não intransponível.

Logo cedo, Lev a avisou pessoalmente de que uma tentativa de fuga seria inútil.

— Há atiradores com rifles tranquilizantes por toda parte — disse ele em tom desanimador. Mas cada pequena informação a ajuda, pois Lev deixou escapar que, embora haja uma cerca, não é eletrificada. Bom saber.

Ela explora cada canto da enorme mansão à qual tem acesso, dando atenção especial às muitas salas e corredores em ruínas, sem uso, degradados demais para serem restaurados. A maior parte das janelas está coberta por tábuas, e todas as portas para o exterior estão trancadas. Mas, quanto mais esquecida é a área, menos confiáveis são as fechaduras — e o fecho de um cadeado é apenas tão bom quanto a madeira da porta na qual está encaixado. Assim como o cadeado na porta do jardim, que tem uma desagradável infestação de cupins. Assim que encontra a porta, ela arquiva a informação para futura referência.

As refeições dos ex-dízimos normalmente são servidas em louça trincada que deve ter sido parte da coleção de Cavanaugh em dias melhores, mas aos domingos as peças mais bonitas são usadas, incluindo travessas de prata grandes o bastante apenas para se encaixarem sob a blusa dela, como uma armadura. Novamente, ela arquiva a informação para futura referência.

Agora, tudo de que precisa é uma distração — não só dentro da mansão, mas também fora. Infelizmente, isso não é algo que ela possa criar. Então, aguarda a hora certa, confiando que uma oportunidade se apresentará. Tal como um alerta de tornado em uma noite de domingo.

O vento já está forte na hora do jantar. Conversas sobre a tempestade vindoura ressoam entre a multidão adolescente. Alguns estão receosos; outros, animados. Lev está notavelmente ausente. Talvez tenha ido embora para evitar a tempestade, levado por seus protetores para um lugar mais seguro. Quando a refeição acaba, a garota rapa o prato, levando consigo algumas travessas de prata, presumivelmente para a cozinha.

— Não precisa fazer isso, Miracolina — diz um dos professores.

— Tudo bem, não me incomoda — responde ela sorrindo, e o professor retribui o sorriso, feliz por ver que ela finalmente está se ajustando.

A tormenta chega como fazem as tempestades de primavera: um vendaval de aviso, depois um dilúvio, como se o próprio céu estivesse desabando. A chuva vaza por buracos no teto para dentro das áreas que ainda não foram reformadas. O salão de baile, onde Miracolina foi recebida pela primeira vez por Lev, está três centímetros sob a água. Panelas colocadas sob goteiras nos quartos transbordam e precisam ser esvaziadas. É como tentar escoar um navio que afunda. O Weather Channel mostra a grade dos municípios do Michigan piscando em vermelho com alertas de tornado.

— Não se preocupem — diz um dos professores. — Há um abrigo contra tempestades se houver um alerta na nossa área.

Isso acontece exatamente às 20h43.

A equipe começa imediatamente a reunir os adolescentes. Com relâmpagos a estourar e jovens agitados, é difícil ficar de olho em todo mundo. É quando Miracolina sai sorrateiramente com várias travessas e desaparece por uma passagem lateral, correndo em direção à porta corroída por cupins.

Parada diante da porta, ela enfia as duas travessas maiores sob a blusa, tanto na frente quanto atrás. São frias e desconfortáveis, mas muito necessárias. Coloca duas travessas menores na parte de trás das calças, transformando-as em protetores para o traseiro. Ela espera que um estouro mais poderoso de relâmpago encha o céu em clarões irregulares, faiscantes, e, no momento em que

soa o trovão, alguns segundos depois, ela joga o ombro contra a porta. A madeira cede na segunda tentativa, enquanto o trovão ainda está ressoando, ocultando o som da porta quando ela se parte em pedaços.

Ainda há os restos de um caminho no meio do jardim arruinado. Ela corre pela trilha, ficando ensopada e cega pela chuva na mesma hora. Depois, sai correndo do jardim para uma clareira cheia de mato que leva ao bosque, à vista de qualquer atirador. Ela se pergunta se lentes infravermelhas conseguem enxergar por entre camadas de chuva. Sabe que o metal é um condutor de eletricidade, e no fundo da mente ela teme que um relâmpago a atinja — mas precisa acreditar que isso não acontecerá. Precisa acreditar que Deus trouxe esta tempestade para ela, para ajudá-la a escapar — para ajudá-la a cumprir seu dever. E, se for atingida por um raio, bem, isso também seria um sinal dos céus, não seria? É o que ela pede em uma prece silenciosa:

— Deus, se o que estou fazendo for errado, então me fulmine agora mesmo. Do contrário, me liberte.

32 · Lev

Um relâmpago é lançado pelos céus. Não um que atinja Miracolina, mas um que a ilumina à vista de todos. Ou, pelo menos, à de quem estiver olhando.

A maior parte das pessoas já está dentro do abrigo contra tempestades, no porão, ou a caminho dele, que pode ou não suportar a força da tormenta, considerando-se quão velho é. Contudo, Lev, que sempre amou tempestades, e na verdade tem uma janela no quarto para observá-la, demora a descer. Ele espera alguns momentos, assistindo à violência crua da natureza. Uma rajada de vento sacode as velhas janelas, quase quebrando-as, e estoura o clarão particularmente longo de um relâmpago. Na claridade ele vê alguém correndo pelo gramado rumo ao bosque. É só um rápido vislumbre, mas basta para ele saber exatamente quem é, mesmo que não possa ver seu rosto.

33 · Miracolina

Ela não ouve o primeiro disparo de rifle, mas sente o dardo tranquilizante quando ele acerta a travessa de prata amarrada às costas, a ponta farpada presa ao tecido da blusa de moletom. Não sabe onde está o atirador, apenas que está atrás dela. Esperava que os atiradores tivessem deixado seus postos para se abrigarem contra a tempestade, mas pelo menos um, quem sabe mais, ainda está de vigia — talvez sabendo que um temporal como este é uma clara oportunidade de fuga para quaisquer jovens que ainda não tenham sido desprogramados.

Outro dardo passa zunindo por ela, a centímetros de distância, e vindo de outra direção. Ainda resta mais de um atirador. Ela sabe que eles vão mirar em seu corpo porque não arriscariam atirar na cabeça, então encolhe os braços, tornando-se um alvo menor. Outro dardo acerta uma das placas menores que cobrem o traseiro. Ela quase não as colocou, pois prejudicavam sua capacidade de correr. Agora, está feliz por tê-las mantido. Desta vez, o dardo não gruda, só bate e quica.

Em um instante ela está no bosque com as árvores chicoteando ao redor. Se houver algum atirador por aqui, ela ficará realmente surpresa. É mais provável que os disparos tenham vindo da própria mansão. Ela duvida que até os atiradores mais dedicados mantivessem suas posições na mata em plena ameaça de tornado. Não tem ideia para onde está correndo, mas qualquer direção é correta se for para longe dessa casa. Ela sabe que acabará chegando a uma cerca. Só pode esperar que não seja alta demais para escalar.

A única visão à frente vem de vislumbres em quadros congelados pelos estouros dos relâmpagos. Suas roupas estão rasgadas e o rosto arranhado pelos ramos agitados. A garota tropeça e cai na lama, mas se ergue e continua. Então, em um clarão, ela vê uma cerca de fios de arame entrelaçados adiante. Tem cerca de dois metros e meio de altura — não é tão difícil de escalar, mas há arame farpado no topo. Mais arranhões, mais cortes, mas ela aceita lidar com isso. Tem certeza de que quaisquer ferimentos vão sarar antes que seja fragmentada.

Sem fôlego e perto do fim de suas forças, ela se lança à cerca, mas pouco antes de chegar é atingida por alguém ainda mais rápido que ela, que a derruba, prendendo-a no chão molhado. Ela tem apenas um vislumbre de seu rosto, mas

basta para saber quem é. O garoto dourado em pessoa veio capturá-la.

— Me larga! — diz ela, empurrando Lev, arranhando-o. Ela arranca a travessa do peito e golpeia com ela. O objeto atinge a cabeça dele com um baque forte. Ele cai, mas logo volta a se levantar. — Eu juro que arranco sua cabeça se for preciso! — rosna ela. — Me deixa ir embora. Não ligo se eles te idolatram, não ligo se você é o santo padroeiro deles. Eu vou embora, e você não pode me impedir!

Então, Lev recua, respirando pesadamente, e diz:

— Me leva com você.

Não é o que ela esperava ouvir.

— Quê?

— Não posso mais fazer parte disso. Não posso ser o que querem que eu seja. Não sou santo padroeiro de ninguém, e podem resgatar díizimos muito bem sem mim. Então, também vou embora.

Miracolina não tem tempo para descobrir se isso é um truque. Não tem nem mesmo tempo para processar o que está dizendo, mas, se ele estiver falando a verdade, é uma forma de testar sua determinação.

— Me dá um impulso pra subir na cerca.

Ele obedece sem hesitar. Ajuda-a a subir e ela se arranha no arame farpado ao descer do outro lado, mas pelo menos *está* do outro lado! Depois, Lev, o menino que ela via como seu carcereiro, escala também e se junta a ela.

— Tem uma estrada — afirma ele — talvez a uns noventa metros daqui se formos por dentro do bosque. Podemos pedir carona.

— Quem estaria de carro na estrada em uma noite como esta?

— Sempre tem alguém desesperado pra chegar a algum lugar.

O vento está mais fraco quando eles chegam à estrada, mas em época de tornado isso pode ser tanto um bom quanto um mau sinal. Ainda não viram granizo, e granizo é um sinal certo de que algo pior está a caminho.

Como esperado, há tráfego na estrada de duas pistas — não muito, só um carro a cada minuto ou dois, mas um é tudo de que precisam.

— Não vão perceber que a gente saiu até a tempestade passar — diz Lev. —

Se alguém nos der carona, prometa que não vai contar sobre a mansão e sobre o que estamos fazendo lá.

— Não prometo nada — responde Miracolina.

— Por favor — implora ele. — Os outros lá não são como você. Eles não querem ser dizimados. Não os condene a uma coisa que nunca escolheram.

Embora isso vá contra seus instintos, neste momento a linha entre o certo e o errado está borrada o suficiente para a garota dizer:

— Certo. Não vou contar.

— A gente inventa uma história — propõe Lev. — Estávamos andando de bicicleta e fomos pegos pelo temporal. É só você concordar com o que eu disser. Daí, quando pararmos, se quiser mesmo ser dizimada, vá se entregar. Eu não vou impedir.

E ela concorda, embora ela duvide que ele vá facilitar tudo assim.

— E você? Aonde vai?

— Não tenho a menor ideia — responde ele. Há tal fogo em seus olhos quando diz isso que ela percebe: não ter a menor ideia é exatamente o que ele quer.

Faróis se aproximam e o vento volta a soprar forte. Eles acenam com os braços e o veículo, uma van, para no acostamento. Uma janela se abaixa e eles correm até lá.

— Meu Deus. O que vocês estão fazendo aqui fora? — pergunta o motorista.

— Estávamos andando de bicicleta... não sabíamos que tinha uma tempestade chegando — diz Lev.

— Cadê as bicicletas?

— Deixamos para trás — afirma Miracolina.

— Depois que o temporal passar a gente volta pra buscá-las — continua Lev. — Tem um alerta de tornado... só precisamos sair daqui. O senhor pode nos ajudar?

— Claro que posso.

Ele destranca o carro e Lev abre a porta de trás. Ao fazer isso, a luz do teto se

acende, iluminando o rosto do homem pela primeira vez. Embora o momento exija que aceitem qualquer ajuda possível, Miracolina não consegue evitar certo incômodo ao olhar para o rosto do homem. Há algo de estranho nele. Talvez sejam só os olhos.

34 · Lev

Lev não presta muita atenção ao motorista. Só está feliz por escapar da tempestade e ter transporte para longe de sua gaiola dourada. Ele mentiu para Miracolina. Não tem intenção de deixá-la se entregar à Autoridade Juvenil. Sabe que talvez não seja capaz de detê-la, mas não significa que não possa tentar.

Uma rajada de vento quase empurra a van para fora da estrada quando eles passam, e o homem luta com ambas as mãos no volante.

— Que temporal, hein? — comenta ele enquanto olha de relance para Lev no espelho retrovisor. O garoto desvia o olhar. A última coisa que quer é ser reconhecido como “aquele menino batedor”. — Estão confortáveis aí atrás? — pergunta o homem. Ainda não perguntou aonde eles estão indo. Lev repassa mentalmente os nomes das cidades que conhece nesta área para quando a pergunta inevitável for feita.

Do lado de fora, a chuva arremete contra o vidro em um ângulo tão violento que os limpadores de para-brisa são derrotados e acabam sendo recolhidos. O homem se vira para eles.

— Alerta de tornado, vocês disseram? Achem que vamos ser levados para Oz? — Ele parece jovial demais, considerando-se as circunstâncias.

— Quanto mais cedo chegarmos em casa, melhor — responde Miracolina.

— Sim, mas vocês não vão para casa — diz ele no mesmo tom alegre de antes. — Todos sabemos disso, não é?

Miracolina lança a Lev um olhar aflito. O homem travou o olhar no menino, e só agora Lev percebe como seus olhos são desiguais. A visão lhe causa um calafrio que nada tem a ver com a tempestade.

— Sei que não se lembra de mim, Sr. Calder, porque você estava inconsciente em nosso último encontro. Mas eu certamente me lembro de você.

Lev estica a mão para a porta da van, mas está trancada, sem nenhum modo visível de destrancá-la.

— Lev! — grita a garota, e, quando ele olha, vê que o homem sacou uma pistola de tranquilizantes que parece extremamente grande e perversa neste

espaço tão fechado. O granizo começa a surrar pesadamente a van, e o homem precisa gritar para ser ouvido acima do ruído.

— Da primeira vez que atirei em você, foi um acidente — diz ele. — Desta vez não é.

Ele dá um tranco em cada um antes que possam dizer uma palavra. Lev tem um vislumbre dos olhos de Miracolina se revirando e da garota desabando no assento antes de ele começar a se afogar em seu próprio coquetel tranquilizante, girando e caindo, caindo, caindo, enquanto lá fora o som do granizo dá lugar a um rugido como o de um trem de carga disparando pelo inferno.

35 · Nelson

No clarão de um relâmpago, o homem vê o tornado. Ele arranca árvores do lado da estrada menos de cem metros adiante. Arranca a própria estrada — pedaços de asfalto voando pelo céu. Algo — um trecho de estrada ou tronco de árvore — abre um talho no teto do carro como a pisada furiosa de um gigante. Uma janela lateral se estilhaça e a van é arrastada de lado do acostamento para o meio da estrada.

Nelson não sente medo, só espanto. A van começa a se inclinar para a esquerda. Ele percebe todo o veículo pego em um cabo de guerra entre o vento e a gravidade. Finalmente, a gravidade vence e o carro continua sendo um objeto pesado e terrestre em vez de um projétil de duas toneladas voando pelos ares. Então, em um momento, o tornado se foi, rasgando uma linha denteada rumo à desgraça de outrem. O estrondo enfraquece e logo não resta nada além de uma chuva torrencial.

Nelson sabe, este é seu segundo momento definidor. O primeiro foi a bala de tranco que lhe roubou a vida. Mas agora sua vida foi poupada. Não só poupada, mas validada, tudo no mesmo momento. A captura de Lev Calder não foi um acidente. O pirata nunca acreditou em providência divina, mas está aberto à ideia de um equilíbrio, de que existe algum tipo de justiça no grande esquema das coisas. Se for verdade, então a justiça o visitará em breve, entregando Connor Lassiter em suas mãos ansiosas.

Parte Cinco

Questões de Necessidade

Do jornal britânico *The Independent*:

“ARRUACEIROS, ENCAPUZADOS, RALÉ: COMO A MÍDIA DEMONIZA OS ADOLESCENTES”

Por Richard Garner, Editor de Educação, sexta-feira, 13 de março de 2009.

A representação dos adolescentes como desordeiros pela mídia tem tornado os garotos desconfiados dos outros adolescentes, de acordo com uma nova pesquisa.

Os números mostram que mais da metade das histórias sobre garotos adolescentes publicadas nos jornais nacionais e locais no ano passado (4.374 de 8.629) era sobre crime. A palavra mais corriqueiramente usada para descrevê-los foi “desordeiros” (591 vezes), seguida de “bandidos” (254 vezes), “doentes” (119 vezes) e “selvagens” (96 vezes). Outros termos usados com frequência foram “encapuzados”, “arruaceiros”, “impiedosos”, “malvados”, “assustadores”, “ralé”, “monstros”, “inumanos” e “ameaçadores”.

A pesquisa — encomendada pela organização Mulheres no Jornalismo — mostrou que a melhor chance que um adolescente tinha de receber uma cobertura favorável era quando ele morria.

“Encontramos algumas matérias em que os garotos adolescentes eram descritos em termos brilhantes — ‘aluno-modelo’, ‘anjo’, ‘santo’ ou mesmo ‘o filho perfeito para toda mamãe’”, a pesquisa concluiu, mas infelizmente essas palavras eram reservadas aos garotos que sofreram uma morte violenta e precoce.”

O artigo completo pode ser encontrado em:

<http://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/hoodies-louts-scum-how-media-demonises-teenagers-1643964.html>

36 · Connor

Connor descarrega a agressividade no saco de pancadas pelo menos duas vezes por dia. É preciso. Se não fizer isso, pode acabar descarregando-a na cara de alguém. O moleque preguiçoso que não limpa as latrinas. A garota idiota que trouxe um celular escondido para poder telefonar para os amigos e contar a eles onde está. E o menino que faz piadas sobre cada atentado cometido pelos batedores. Connor esmurra com tanta força, tantas vezes, que é surpreendente o saco de pancadas ainda não ter estourado.

Risa se foi.

Agora já faz quase um mês. Até onde ele sabe, ela morreu nas mãos da Autoridade Juvenil, ou da Cidadãos Proativos, ou de quem quer que tenha botado as garras nela. Não importa que tenha dezessete anos e esteja incapacitada — incapaz de ser fragmentada. O governo onividente pode ser bem míope quando se trata de examinar os resultados de suas próprias decisões.

Connor já não é o mesmo.

Sente seus velhos hábitos e padrões de comportamento voltando. Os mesmos que um dia lhe renderam uma Ordem de Fragmentação. Lembra-se de uma época antes de se tornar um desertor — quando era só um garoto-problema. Está de volta àquela época, só que agora é um garoto-problema responsável por centenas de outros jovens igualmente problemáticos. Não pode evitar pensar que esses sentimentos não são apenas seus. A raiva sempre parece se instalar na mão de Roland.

— Se quiser cair fora, ninguém vai te culpar — diz Starkey certa noite, após uma partida de sinuca. — Você deveria tentar achar a Risa. Tem outras pessoas aqui que poderiam administrar o lugar. O Trace. Até a Ashley ou o Hayden. — De forma muito evidente, ele deixa de fora o próprio nome. — Talvez a gente possa bolar uma votação depois que você sair. Tornar a coisa toda democrática.

— E você já tem pelo menos um quarto dos votos garantido, né? — responde Connor, atacando direto o ponto no qual Starkey insiste em fazer rodeios.

O garoto não desvia o olhar nem nega a afirmação.

— Eu poderia administrar este lugar se precisasse. — Então, encaçapa a bola

oito cedo demais, perdendo o jogo. — Droga, você ganhou de novo.

Connor dá uma boa olhada em Starkey, que desde o começo sempre pareceu objetivo e honesto. Mas, até aí, Trace também parecia. Só agora Connor começa a suspeitar que a motivação dele tenha a ver com um grande plano.

— Você é bom em botar comida na mesa e melhorou a autoestima dos deixados pela cegonha — diz Connor. — Mas não pense que isso te torna o presente de Deus para os fragmentários.

— Não — retruca Starkey. — Acho que esse posto está reservado pra você. — Então, larga o taco de sinuca e sai da sala.

Connor se esmurra mentalmente por ser tão paranoico. A verdade é que ele pode muito bem querer preparar Starkey para substituí-lo um dia — mas quem é ele para preparar alguém para o que quer que seja?

Ele costumava poder confessar suas inseguranças particulares a Risa. Ela era boa em firmá-lo ao fazer curativos em suas dúvidas quanto ao próprio caráter por tempo suficiente para ele se curar e cumprir suas tarefas. Poderia tentar se abrir com Hayden, mas Hayden transforma tudo em piada. Connor sabe que é um mecanismo de defesa, mas ainda assim é difícil falar com ele sobre certas coisas. Agora, seu único confidente verdadeiro é Trace. Ele odeia o fato de que Trace continua a ser seu aliado mais próximo, mesmo depois de se revelar como um traidor de ambos os lados. Mas, se Risa era um Band-Aid, Trace é álcool jogado em uma ferida aberta.

— Todos perdemos pessoas de um jeito ou de outro, e Risa não é diferente. Então, pare de se lamentar e faça seu trabalho.

— Não sou um recruta — responde Connor. — Não fui treinado para não ter sentimentos.

— Não é que nós não tenhamos sentimentos. Só sabemos como canalizá-los para objetivos específicos.

Talvez Connor pudesse fazer isso se tivesse um objetivo, mas a vida no Cemitério parece cada vez mais sem rumo. Como uma esteira ergométrica que joga as pessoas para fora quando elas completam dezessete anos.

Alguém — Connor suspeita que seja Hayden — avisa o Almirante de que ele não está reagindo bem à captura de Risa. Então, o Almirante faz uma visita-surpresa.

Ele chega ao Cemitério em uma limusine negra tão encerada e polida que a poeira levantada em seu rastro nem adere a ela. Connor mal o reconhece quando sai. O homem está magro. Não só magro, mas esquelético. A pele, antes bronzeada por anos sob o sol do Arizona, tornou-se pálida, e ele não veste o uniforme coberto de medalhas, mas calças sociais e camisa xadrez, como se tivesse saído para uma partida de golfe. Contudo, ainda é imponente e tem o porte inconfundível de um comandante.

Connor espera ser completamente desmoralizado pelo Almirante, levando uma bronca ainda mais severa que a do próprio Connor em Starkey — mas, como sempre, a estratégia do homem é imprevisível.

— Você ganhou músculo desde que te vi pela última vez — diz o Almirante.
— Espero que não esteja injetando aqueles malditos esteroides militares que eles fazem os recrutas usarem. Aquilo deixa seus testículos do tamanho de amendoins.

— Não, senhor.

— Que bom. Pois pode até ser que valha a pena passar seus genes adiante.

Ele convida o garoto a se juntar a ele no interior macio do carro, com ar-condicionado. Eles se sentam e o carro percorre lentamente a pista de pouso, como se a qualquer momento pudesse criar asas e decolar.

Por um tempo, falam de banalidades. O Almirante conta sobre a Grande Reunião de Harlan: uma festa enorme com todas as pessoas que receberam partes de seu filho.

— Vou jurar até a morte que o Harlan estava lá, vivo, naquele jardim, e ninguém pode provar que não estava.

Ele conta a Connor que, quando todas as “partes” seguiram seus caminhos, Emby, seu amigo asmático, não tinha para onde ir. Então, o Almirante o manteve consigo e agora o está criando como um neto.

— Não é o menino mais brilhante da face da Terra — afirma o homem. — Mas é muito leal.

Também conta que, devido ao coração danificado, só deveria ter seis meses de vida.

— É claro que ouvi isso quase um ano atrás. A maior parte dos médicos é

imbecil.

Connor suspeita que o Almirante ainda vá estar vivo e bem por muitos anos.

Finalmente, ele chega à verdadeira razão da visita.

— Ouvi dizer que essa coisa com a Risa está te afetando — diz o homem; depois, fica em silêncio, sabendo que o garoto acabará se sentindo compelido a falar. E ele o faz:

— O que o senhor quer que eu faça? Que viva como se nada tivesse acontecido? Como se ela nunca tivesse existido?

O Almirante mantém a postura firme, apesar da frustração de Connor.

— Não imaginei você como o tipo de jovem que perde tempo sentindo pena de si mesmo.

— Não estou sentindo pena! Estou é com raiva!

— A raiva só é uma boa arma quando sabemos qual é seu calibre e para onde apontá-la.

Isso faz o garoto soltar uma gargalhada sarcástica, alta o bastante para fazer o motorista olhar de soslaio para trás.

— Boa! Alguém deveria anotar sua frase!

— Já fizeram isso. Está na página noventa e três do *Manual Prático do Calouro da Academia Militar*, quinta edição. — O Almirante se vira para espiar a atividade no Cemitério através das janelas escurecidas. — O problema com vocês, desertores, é que usam a raiva como uma granada, que na maior parte do tempo explode suas próprias mãos. — Ele olha para o braço de Connor. — Sem querer ofender.

— Não, tudo bem.

Mas, agora que a atenção do homem foi atraída para o braço, ele o olha mais atentamente.

— Eu conheço essa tatuagem? — Ele estala os dedos. — Roland. Não era esse o nome dele? Um baita pé no saco.

— Esse mesmo.

O Almirante observa o tubarão por mais um momento.

— Imagino que esse braço não tenha sido escolha sua.

— Não escolhi receber nenhum braço de fragmentário — revela Connor. — Se tivesse escolha, teria recusado, da mesma forma que o senhor recusou um coração de fragmentário. Da mesma forma que a Risa recusou uma nova coluna. — Ele sente arrepios pelo braço com o frio quase ártico do ar-condicionado. — Mas agora já foi, e eu não vou mandar arrancar.

— E deveria mesmo ficar com ele! — responde o Almirante. — O Roland pode ter sido um canalha, mas era um canalha humano e merecia algo melhor. Tenho certeza de que ele ficaria satisfeito em saber que o braço dele está governando o Cemitério com mão de ferro.

O garoto é forçado a rir. Só o Almirante para criar sentido onde não há nenhum. Então, o homem fica quieto. E sério.

— Escute aqui — diz ele. — Essa coisa com a Risa... pelo bem de todos, você tem de superar.

Mas há coisas que Connor simplesmente não pode superar.

— Eu nunca deveria ter deixado ela ir até aquele hospital.

— Se ela não tivesse ido, pelo que entendi, um garoto inocente teria sido fragmentado.

— E daí? Fragmenta e pronto!

O Almirante está indignado.

— Vou fingir que você não disse isso — afirma ele.

Connor suspira.

— O senhor nunca deveria ter me colocado no comando. Queria que o Desertor de Akron gerenciasse este lugar, mas ele não existe. Nunca existiu. É só uma lenda.

— Reitero minha decisão. Você se vê como um fracassado, mas isso não é o que eu vejo. Claro que, quando está cercado por seu próprio sofrimento, é fácil se convencer de que você não serve para o cargo. Mas todos somos testados nesta vida, Connor. Mede-se um homem não por quanto ele sofre no teste, mas por como ele o supera no fim.

O garoto pondera essas palavras, imaginando quando é que seu “teste”

particular terminará e quantas camadas desconhecidas ainda pode haver. Isso o faz pensar nas coisas que Trace disse.

— Almirante, já ouviu falar em uma coisa chamada Cidadãos Proativos?

O homem pensa na pergunta.

— Parece familiar. Eles não patrocina alguns daqueles anúncios malditos pró-fragmentação? — Ele balança a cabeça, desgostoso. — Eles me fazem lembrar dos velhos anúncios da “geração do terror”.

Isso fisga Connor feito um anzol.

— Geração do terror?

— Você sabe... as Revoltas Juvenis? As Insurreições Selvagens?

— Não estou entendendo nada.

O Almirante o olha como se ele fosse um idiota.

— Meu Deus, não ensinam mais nada nessas porcarias de escolas? — Então ele se acalma, mas só um pouco. — Não, imagino que não ensinam. A história é escrita pelos vencedores, e, quando não há vencedores, tudo acaba indo para o triturador de papel. — Ele olha pela janela com a triste resignação de um homem que sabe ser velho demais para mudar o mundo. — O senhor precisa se instruir, Sr. Lassiter — afirma ele em tom formal. — As escolas podem não ensinar, mas não podem apagar os fatos completamente. Essa é a verdadeira razão pela qual as pessoas aceitaram o Acordo de Fragmentação com tanta facilidade. É a verdadeira razão do nosso meio de vida pervertido.

— Me desculpe por ser tão ignorante — diz Connor.

— Não se desculpe. Só faça alguma coisa para mudar isso. E, se estiver curioso sobre essa Cidadãos Proativos, instrua-se quanto a isso também. O que é que você ouviu sobre essa gente?

O garoto considera contar tudo o que ouviu de Trace, mas percebe que isso não faria bem ao coração do homem. O Almirante está aposentado, e, embora possa ser convocado para dar a Connor um breve e necessário puxão de orelha, seria errado envolvê-lo nessas coisas agora.

— Nada — responde ele. — Só uns rumores.

— Então, deixe isso para quem não tem nada melhor a fazer senão fofocar —

retruca o Almirante. — Agora, seja forte, dê o fora da minha limo e salve a vida desses jovens.

Depois que o Almirante vai embora, Trace solicita respeitosamente uma audiência particular com Connor. Apesar de ter admitido trabalhar para os Juvis e a Cidadãos Proativos, ele ainda trata o líder com todo o respeito de um comandante. Connor não sabe o que pensar disso. Não sabe dizer se é um truque ou se o ex-recruta está sendo sincero. Embora não consiga engolir o fato de que é um peão dos Juvis ao cuidar de um cofre de fragmentários para eles, ele não pode negar que receber informação privilegiada de Trace o faz sentir que é ele quem está passando a perna na Autoridade Juvenil, e não o contrário. A verdade não libertou Connor, como Trace havia sugerido, mas pelo menos deu-lhe a sensação de ter poder sobre seus captores.

Eles passam pelos corredores mais a leste, por filas de caças a jato tão empoeirados que as janelas das cabines nem parecem feitas de vidro. Estão distantes o suficiente de qualquer atividade no Cemitério para que sua reunião seja bastante privativa.

— Você precisa saber que as coisas estão tomando forma — diz Trace.

— Que tipo de coisas?

— Das informações que consegui obter, há divergências dentro da Autoridade Juvenil. Algumas pessoas querem atacar este lugar... só precisam de uma razão.

— Se estão querendo nos atacar, o fato de estarmos aqui já é razão suficiente.

— Eu disse que *algumas* pessoas querem nos atacar. Os figurões para quem trabalho não querem. E, enquanto tudo continuar tranquilo por aqui, eles conseguem manter os Juvis na rédea curta. Eu tenho sido um bom dedo-duro e continuo dizendo a eles que o Elvis Robert Mullard vem mantendo tudo em ordem.

Connor ri.

— Eles ainda não sabem que o Elvis já era?

— Sabem nada... e não dei a eles motivo para duvidar da minha palavra. — Trace para por um momento. — Você contou ao Almirante sobre mim?

— Não. Não contei a ninguém.

— Ótimo. Um líder deve saber de coisas que ninguém mais sabe e distribuir

informações só quando necessário.

— Me poupe das aulinhas militares — pede Connor. — Então, era só disso que você queria falar?

— Não. Tem mais.

Eles chegam ao fim do corredor e Trace para antes de virar no próximo. Ele tira um pedaço de papel do bolso e o entrega a Connor. Há um nome escrito à mão. *Janson Rheinschild*.

— Eu deveria saber quem é essa pessoa? — pergunta ele.

— Não. Ninguém deveria saber quem é essa pessoa.

Connor não tem paciência para esse jogo.

— Para de desperdiçar meu tempo com enigmas.

— É esse o ponto — responde Trace. — Ele é o enigma. — Ele troca a marcha do jipe e eles viram no próximo corredor. — Lembra aquela semana em que eu fui a Phoenix procurar componentes para o sistema elétrico do Dreamliner?

— Você não foi a Phoenix — conclui Connor. — Foi se encontrar com seus chefes da Cidadãos Proativos. Acha que eu não sei disso?

Trace parece um pouco surpreso. Depois, um pouco feliz.

— Não te contei porque não sabia se você confiava em mim ou não.

— Não confio.

— É justo. Em todo caso, dessa vez foi diferente. Eles não só se encontraram comigo como me levaram até o quartel-general deles em Chicago. Me fizeram dar um relatório completo em uma sala de reuniões lotada. É claro que deixei de fora alguns elementos-chave, como nosso plano de fuga. Eu disse a eles que o Dreamliner é um novo avião-dormitório e que os equipamentos da cabine foram desmantelados e vendidos.

— Ah, então não é só pra mim que você mente?

— Isso não é mentira. É desinformação — replica Trace. — Depois da reunião, eu fui xeretar. Havia uma placa de mármore no saguão homenageando ex-presidentes da organização, uns nomes que você provavelmente reconheceria, gigantes dos negócios antes e depois da guerra... mas um nome estava faltando.

Tinha sido raspado do próprio mármore, sem nenhuma tentativa de reparar o dano. No jardim também havia estátuas dos fundadores. Cinco deles, mas claramente o pedestal havia sido construído para seis. Ainda havia manchas de ferrugem no lugar onde a sexta estátua deve ter estado.

— Janson Sei-lá-o-quê?

— Rheinschild.

Connor tenta entender o que isso significa, mas não consegue.

— Não faz sentido. Se queriam que o cara desaparecesse, por que não cobriram a falha no mármore? Por que não trocaram o pedestal por um menor?

— Porque não queriam só que ele desaparecesse... Queriam garantir que os outros membros nunca esquecessem que o fizeram desaparecer.

Apesar do calor do deserto, Connor sente um frio na espinha.

— Então, o que tudo isso tem a ver com a gente?

— Antes de me mandarem de volta, dois dos figurões mais amistosos me levaram para um clube particular, um lugar que serve o tipo de álcool que você não encontra nem no mercado negro. Vodca russa de verdade. Tequila de antes da extinção do agave. Coisas que devem custar milhares de dólares a dose, e eles lá, bebendo como se fosse água. Quando já estavam pra lá de bêbados, perguntei sobre a estátua que faltava. Um deles soltou o nome do Janson Rheinschild, depois ficou preocupado por ter dito isso. No fim, eles mudaram de assunto e eu pensei que a conversa tinha acabado... — Então, Trace para o jipe para olhar bem nos olhos de Connor enquanto fala. — Mas aí, quando eu estava indo embora, um deles me disse algo que ainda não consegui tirar da cabeça. Ele pôs a mão no meu ombro, me chamou de “amigo” e me disse que a fragmentação é mais do que só um procedimento médico, é a verdadeira essência do nosso modo de vida. “A Cidadãos Proativos se dedica a proteger esse modo de vida”, disse ele, “e, se souber o que é bom pra você, vai esquecer que ouviu esse nome.”

37 · Risa

ANÚNCIO DE UTILIDADE PÚBLICA

“Eu era uma tutelada do Estado prestes a ser fragmentada, então fugi e me tornei desertora. Isso quer dizer que eu não deveria estar aqui agora. Você pode achar que tenho sorte... mas, por ter permanecido inteira, Morena Sandoval, uma estudante premiada de catorze anos, morreu por não receber o fígado que eu teria fornecido a ela. Jerrin Stein, pai de três filhos, morreu de ataque cardíaco porque meu coração não estava disponível quando ele precisou desesperadamente do transplante. E o bombeiro Davis Macy morreu vítima de asfixia pulmonar porque meus pulmões não estavam lá para substituir os dele, queimados.

Estou viva hoje porque fugi da fragmentação e meu egoísmo custou estas e muitas outras vidas. Meu nome é Risa Ward, fragmentária desertora, e agora eu preciso viver sabendo quantas pessoas inocentes já matei.”

— Patrocinado por Cidadãos pela Justiça aos Desertores

38 · Hayden

Hayden olha para a tela do computador, tentando acreditar que o “anúncio de utilidade pública” de Risa é algum tipo de piada doentia, mas sabe que não é. Ele quer se enfurecer com Tad, aquele viciado em vasculhar a rede que lhe mostrou isso, mas sabe que não é culpa do garoto.

— O que a gente faz agora? — pergunta Tad.

Hayden olha ao redor para todos no ComBom. Os oito jovens que operam os serviços de comunicação o encaram como se ele pudesse fazer o vídeo deixar de existir.

— Ela é uma traidora maldita! — grita Esme.

— Calem a boca! — rosna Hayden. — Calem a boca e me deixem pensar.

Ele tenta imaginar explicações alternativas. Talvez não seja de verdade, só uma imagem digital. Talvez seja um truque criado para desmoralizá-los... mas a verdade grita mais alto que qualquer outra conjectura. Risa está falando publicamente a favor da fragmentação. Ela passou para o outro lado.

— Connor não pode saber disso — diz Hayden.

Tad balança a cabeça duvidosamente.

— Mas passou na TV e está correndo pela rede desde hoje de manhã. E não é um anúncio só. Ela fez um monte desses pronunciamentos públicos. Tem também uma entrevista.

Hayden anda de um lado a outro no espaço abarrotado do avião, tentando alinhar um pensamento coerente.

— Tá legal — diz, forçando-se a ficar calmo. — Tá legal... Todos os computadores com acesso à internet estão aqui no ComBom e na biblioteca, certo? E as TVs do Cen Rec recebem as transmissões diretamente daqui.

— É...

— Então, podemos passar tudo por um programa de reconhecimento facial antes de transmitir e colocar uma interferência toda vez que ela aparecer? Nós temos um programa capaz de fazer isso?

Por alguns segundos, ninguém responde; então, Jeevan se pronuncia:

— Temos toneladas de velhos programas militares de segurança, deve haver algum para reconhecimento facial no meio. Aposto que consigo fazer uns arranjos para isso funcionar.

— Faça isso, Jeeves. — Então, ele se volta para Tad: — Interrompa as transmissões para o Cen Rec e a biblioteca até isso ser resolvido. Nada de notícias nem conexões à internet. Vamos dizer a todo mundo que o satélite parou de funcionar, ou que um tatu subiu na antena, ou qualquer outra coisa. Entenderam? — Todos demonstram concordar. — E, se algum de vocês deixar escapar uma só palavra disso pra qualquer um, vou garantir pessoalmente que a pessoa passe os próximos anos de vida raspando a meca das latrinas. A Bomba Risa se restringe ao ComBom. *Sacaram?*

Novamente, todos concordam — mas Tad não está pronto para encerrar o caso.

— Hayden, tem uma coisa que eu não sei se você notou. Você viu como ela...

— Não, não vi! — responde Hayden, calando-o. — Não vi coisa nenhuma. Nem você.

39 · Connor

O homem da Cidadãos Proativos disse que a fragmentação era a verdadeira essência do modo de vida do país.

As palavras se prendem à mente dele assim como à de Trace. Connor sabe que as coisas nem sempre foram como são agora — mas, quando o mundo foi de um jeito só durante toda a sua vida, é difícil imaginá-lo diferente. Anos atrás, muito antes de ele ter idade para ser fragmentado, Connor teve uma bronquite persistente. Seus pais chegaram a pensar em adquirir novos pulmões para ele, mas o problema se resolveu. Ele se lembra de sentir-se doente por tanto tempo que chegou até mesmo a esquecer como era sentir-se bem.

Será que o mesmo poderia acontecer a toda uma sociedade?

Uma sociedade doente fica tão acostumada à doença que não consegue lembrar como era ser saudável? E se a lembrança for perigosa demais para as pessoas que gostam das coisas do jeito que estão?

Connor arranja tempo para ir ao avião da biblioteca e fazer uma pesquisa, mas os computadores estão off-line. Então, ele fala diretamente com Hayden:

— Está dizendo que todo o sistema caiu?

Hayden hesita antes de responder:

— Por quê? Do que você precisa? — Parece quase desconfiado, o que não combina com ele.

— Preciso procurar uma coisa — responde Connor.

— É algo que pode esperar?

— *Pode* esperar, mas *eu* não posso.

O chefe de comunicações suspira.

— Tá bom, posso te colocar on-line no ComBom... com a condição de que você me deixe fazer a navegação.

— Que é, tem medo que eu quebre a sua internet?

— Só concorda, tá? Já tive muitos problemas com os computadores e sou o

protetor do equipamento.

Os jovens no ComBom ficam visivelmente estressados assim que veem Connor. Ele nunca imaginou que inspirasse tanto medo.

— Pega leve, gente — diz ele. — Ninguém aqui está encrencado. — E acrescenta: — Ainda.

— Dez minutos de pausa — diz Hayden a eles, e os jovens saem em fila, descendo as escadas, felizes por estarem livres, pelo menos temporariamente, de suas funções.

Hayden senta-se ao lado de Connor, e este mostra o pedaço de papel que Trace lhe deu.

— Pesquisa este nome.

O rapaz digita “Janson Rheinschild”, mas os resultados não são promissores.

— Hum... Tem um Jordan Rheinschild, um contador em Portland. Jared Rheinschild... parece ser um estudante da quarta série que ganhou algum concurso de arte em Oklahoma...

— Nenhum Janson?

— Tem uns J. Rheinschilds — responde Hayden. Ele verifica quem são. Um deles é uma mãe com um blog pouco visitado sobre os filhos; outro é um encanador. Nenhum deles parece ser o tipo de pessoa que teria uma estátua de bronze erigida em sua homenagem, depois destruída.

— Então, quem é ele?

— Quando eu descobrir, te aviso.

Hayden gira a cadeira para encarar o amigo.

— Era só isso que você queria procurar?

Então, Connor se lembra de uma coisa. O Almirante também não falou algo sobre eventos levando a “nosso modo de vida pervertido”? Sobre o que ele disse que Connor deveria se instruir?

— Também quero procurar “a geração do terror”.

Hayden digita as palavras.

— Que é isso? Um filme?

No entanto, quando os resultados começam a surgir, fica claro que não. Há toneladas de referências. O Almirante estava certo — toda a informação está bem aqui para quem quiser ver, mas enterrada entre bilhões de websites na rede. Eles acessam um artigo de jornal.

— Olha a data — diz Hayden. — Isso não é bem na época da Guerra de Heartland?

— Não sei — responde Connor. — Você conhece as datas certas da guerra?

Hayden não tem resposta para isso. Estranho, pois Connor consegue lembrar as datas-chave de outras guerras, mas a da Guerra de Heartland é confusa. Nunca lhe ensinaram nada sobre ela, nunca mostraram nada em programas de TV. Claro, ele sabe que aconteceu, e por que, mas nada além.

O primeiro artigo fala de uma reunião espontânea de jovens em Wa-shington, DC. Hayden coloca um vídeo de noticiário para reproduzir.

— Epa! Tudo isso é gente?

— Adolescentes — percebe Connor. — São adolescentes.

O vídeo mostra o que devem ser centenas de milhares de adolescentes ocupando o Washington Mall entre o edifício do Capitólio e o Lincoln Memorial, uma multidão tão densa que nem se vê a grama abaixo dela.

— Isso é parte da guerra? — pergunta Hayden.

— Não, acho que é outra coisa...

O repórter chama de “Marcha do Terror Juvenil”, já dando uma conotação negativa ao evento.

— *Este é de longe o maior tumulto já visto. A polícia foi autorizada a usar as novas e controversas balas tranquilizantes para subjugar a multidão...*

A ideia de que balas tranquilizantes possam ser controversas faz a mente de Connor girar. Essas coisas são simplesmente aceitas como parte da vida, não são?

Hayden desce a barra de rolagem.

— O artigo diz que estão protestando contra o fechamento de escolas.

Isso também deixa Connor transtornado. Que adolescente em seu juízo perfeito protestaria contra o fechamento de uma escola?

— Ali — diz ele, apontando para um link que diz “Medo do Futuro”.

Hayden clica no link e surge o editorial de algum comentarista político. Ele fala sobre a economia difícil e o colapso do sistema público de educação.

— *Uma nação de adolescentes zangados, sem trabalho, sem estudo e com todo esse tempo livre nas mãos? Pode apostar que estou com medo... e você também deveria estar.*

Mais relatos — os mesmos adolescentes zangados exigindo mudança, e, quando não as obtêm, saem às ruas, formando bandos aleatórios, queimando carros, quebrando janelas, liberando um tipo de fúria coletiva. No meio da Guerra de Heartland, o presidente Moss — poucas semanas antes de ser assassinado — decreta um estado adicional de emergência, desta vez com toque de recolher para todos abaixo dos dezoito anos.

— *Qualquer pessoa pega desobedecendo ao toque de recolher está sujeita a ser transportada aos campos de detenção juvenil.*

Há relatos de adolescentes que ou fugiram ou foram expulsos de suas casas. “Selvagens” é como são chamados pelos noticiários. Como cães de rua. Então, surge um vídeo trêmulo de três jovens batendo as mãos juntas. Subitamente, um clarão branco, e a imagem é substituída por estática.

— *Aparentemente — diz o âncora do jornal —, estes jovens suicidas alteraram a química do próprio sangue de forma que, ao bater palmas, desencadeiam a detonação.*

— Puta merda! — diz Hayden. — Os primeiros batedores!

— Tudo isso estava acontecendo durante a Guerra de Heartland — aponta Connor. — O país estava se partindo em dois entre os pró-vidas e os pró-escolhas, mas ignorando completamente os problemas dos jovens que já estavam aqui. Quero dizer, sem escolas, sem trabalho, sem nem saber se teriam um futuro. Eles simplesmente enlouqueceram!

— Acabar com tudo e começar de novo.

— Você os culpa?

De repente, fica óbvio para Connor por que não ensinam isso nas escolas. Depois de a educação ser reestruturada e privatizada, ninguém queria que os jovens soubessem quão perto estiveram de derrubar o governo. Ninguém queria

que os jovens soubessem quanto poder realmente possuíam.

Os vários links levam Connor e Hayden até uma imagem muito mais divulgada e familiar: mãos sendo apertadas após assinarem o Acordo de Fragmentação. No fundo está o Almirante, muito mais jovem. A reportagem fala sobre a paz sendo declarada entre o Exército da Vida e a Brigada da Escolha, dando a todos a esperança da normalização nacional. Em nenhum momento as revoltas adolescentes são mencionadas — mas, poucas semanas após o Acordo, a Autoridade Juvenil foi estabelecida, centros de detenção de “selvagens” tornaram-se campos de colheita e a fragmentação se tornou... um modo de vida.

É aí que a verdade atinge Connor tão brutalmente que ele se sente zozzo.

— Meu Deus! O Acordo de Fragmentação não era só para acabar com a guerra... também foi um jeito de eliminar a geração do terror!

Hayden afasta-se do computador como se ele pudesse começar a bater palmas e explodir tudo.

— O Almirante devia saber disso.

Connor balança a cabeça, negando.

— Quando o comitê dele propôs o Acordo de Fragmentação, ele não acreditava que as pessoas realmente concordariam, só que concordaram... porque tinham mais pavor dos próprios filhos que da própria consciência.

Connor sabe que Janson Rheinschild, quem quer que seja, deve ter desempenhado um papel em algum ponto desse processo, mas a Cidadãos Proativos foi extremamente minuciosa ao apagá-lo da face da Terra.

40 · Starkey

Mason Starkey não sabe nada sobre Janson Rheinschild, a geração do terror ou a Guerra de Heartland. E, se soubesse, não se importaria. A única revolta adolescente na qual tem interesse envolverá o Clube da Cegonha.

Seus motivos são uma trama complexa de interesse próprio e altruísmo. Ele realmente quer levar seus “cegonhas” à glória, contanto que todos saibam que foi *ele* quem fez isso. Que o crédito vá para quem merece, e honra ao ilusionista cujas ilusões finalmente se tornarem reais.

Starkey espera um golpe silencioso, mas está preparado para qualquer coisa. Será algo gracioso, e Connor terá a sabedoria de sair do caminho e entregar o posto a um líder mais capaz... ou será atropelado. Se chegar a tanto, Starkey não carregará nenhuma culpa por isso. Afinal, Connor, apesar de toda a sua pretensão de equidade, ainda se recusa a salvar os abandonados da fragmentação.

— Nós resgatamos as pessoas que temos mais probabilidade de conseguir salvar — explicou ele. — Não temos culpa se os abandonados vivem em famílias maiores e situações mais complicadas.

Era o mesmo pretexto que Hayden havia lhe dado, mas, na opinião de Starkey, é uma desculpa esfarrapada.

— Então, por você tudo bem deixá-los ir pra fragmentação?

— Não! Mas não há muito que a gente possa fazer!

— Praticamente nada, você quer dizer.

Connor perdeu a paciência nessa hora, algo que tem acontecido cada vez com mais frequência:

— Se dependesse de você, a gente estaria explodindo campos de colheita, né? Não é assim que essa batalha vai ser vencida! Isso só vai fazer os Juvis pegarem mais pesado com cada fragmentário, com cada desertor.

Starkey queria levar essa discussão até o fim e jogar Connor contra a parede por deixar os entregues pela cegonha sem resgate, mas, em vez disso, recuou.

— Desculpa — disse ele ao líder. — Você sabe que fico furioso quando o assunto são os abandonados.

— Sua fúria é uma coisa boa, mas só até certo ponto — disse Connor.

Ele poderia ter esmurrado Connor por isso. Mas apenas sorriu, concordou e saiu — confiante na ideia de que qualquer dia, em breve, Connor conhecerá o ponto ideal dessa fúria.

Enquanto Connor tem uma aula de história com Hayden no ComBom, Starkey relaxa no Cen Rec, ensinando truques simples de cartas aos jovens e maravilhando-os com ilusões mágicas que seria capaz de fazer até dormindo. É a Hora da Cegonha. Das sete às oito da noite. Horário nobre. Há uma brisa gostosa soprando sobre o Cen Rec. É o momento perfeito do dia. Ele pede que um dos “cegonhas”, como passou a chamar os membros do grupo, lhe traga um drinque para não precisar se levantar da cadeira confortável. Foi um longo dia servindo a gororoba — e, embora ele não sirva os pratos pessoalmente, supervisionar também é um serviço pesado.

Drake, o garoto do interior que administra o Corredor Verde, passa por ele e lança-lhe um olhar feio. Starkey devolve o olhar e faz uma anotação mental. Quando tomar o controle, os novos Íntegros dos Íntegros serão todos da cegonha. Drake será rebaixado a escolher feijão ou limpar cocô de galinha. Muitas coisas mudarão quando Starkey tomar o poder, e Deus ajude quem não estiver nas graças dele.

— Dá pra você tirar a bunda da cadeira e jogar uma partida comigo? — pergunta Bam, apontando o taco de sinuca para ele como um arpão. — Ou minhas habilidades superiores desafiam sua masculinidade?

— Cuidado, Bam — avisa Starkey. Não vai jogar com a garota, pois sabe que ela vencerá. Primeira regra da competição: nunca aceite a proposta quando a derrota for certa. Ele perde quando joga com Connor, é claro, mas é diferente. É intencional, e ele faz questão que os outros cegonhas saibam disso.

Mais adiante, no corredor principal, Connor desce as escadas do ComBom com Hayden.

— O que você acha que eles estão aprontando? — pergunta Bam.

Starkey guarda sua opinião para si.

— Acho que estão a fim um do outro — diz um dos outros cegonhas.

Starkey volta-se para ele.

— Que eu saiba, você é o único que vive de olho na bunda do Connor, Paulie.

— Mentira! — Mas, do jeito que Paulie fica vermelho, está claro que não é.

Finalmente, Starkey se levanta para visualizar melhor a situação. Connor e Hayden se despedem. Hayden vai para a latrina e Connor volta para seu próprio aviãozinho.

— Ele anda fazendo reuniões particulares com o Trace também — comenta Bam. — Mas não anda te contando nenhum segredo, né?

Starkey oculta sua raiva por ser excluído do que quer que Connor esteja tramando.

— Ele deve estar feliz com o serviço de alimentação.

— Um boi que já engordou o bastante — diz Bam com um sorriso. — Pronto pro abate.

— Não quero você falando mal do nosso comandante em chefe.

Bam vira a cabeça e cospe no chão.

— Você é hipócrita pra caramba. — E ela volta a jogar sinuca contra pessoas que nunca conseguem vencê-la.

Starkey, porém, não precisa falar mal do líder. Resmungar é para quem não tem um plano de ação — e, esta noite, ele tem algo novo guardado na manga. Um presente para Connor. Levado por Jeevan, cuja habilidade em informática o levou a trabalhar no ComBom, e que por acaso é um leal membro do Clube da Cegonha. É claro que ninguém além de Starkey sabe disso. “Jeeves” é um agente infiltrado em uma das melhores posições, cuja fidelidade é para com ele, não Connor. E que presentão Jeeves arranjou! Starkey o esteve guardando para entregar só no momento certo. Ele conclui que agora — quando Connor parece estar recuperando o equilíbrio — é a hora perfeita para fazer a entrega... e, quando ele estiver com o presente em mãos, puxar o tapete sob seus pés.

41 · Connor

Connor está sozinho em seu avião, olhando para o nada, tentando processar tudo o que acabou de aprender. *Não podemos impedir a fragmentação*, disse-lhe uma vez o Almirante. *O melhor que podemos esperar fazer é salvar tantos jovens quanto possível*. Mas de alguma forma, depois de ver todas aquelas antigas reportagens, Connor está começando a achar que talvez o homem esteja errado. Talvez *haja* uma forma de acabar com a fragmentação. Se ao menos ele pudesse descobrir como realmente aprender com o passado...

Ele ainda está pensando no fantasma sombrio da história tarde da noite quando Starkey surge à sua porta. Ele a abre.

— O que foi? Algum problema?

— Você vai ter de me dizer se é problema ou não — responde Starkey, enigmático. — Posso entrar?

Connor o deixa entrar.

— Foi um dia infernal... é bom que isso seja importante.

— Tem uma TV aqui, né?

Connor aponta para o aparelho.

— Tem, mas está sem sinal e a cor é uma porcaria.

— Não preciso de sinal, e a cor não vai importar quando você vir o que eu trouxe. — Starkey saca um microdrive e o conecta à entrada de dados da TV. — É melhor você sentar.

Connor ri.

— Obrigado, mas vou ficar de pé.

— Tem certeza?

Connor lança-lhe um olhar intrigado, continua de pé e espera que uma imagem surja na tela.

Ele reconhece o programa imediatamente. É um noticiário semanal que já viu muitas vezes antes. Uma jornalista conhecida comenta a notícia apresentada. O

logotipo exibido atrás dela diz ANJO DA DIVISÃO.

— *Pouco mais de um ano atrás — começa ela —, batedores atacaram uma instituição de fragmentação em Happy Jack, Arizona. As consequências desse evento ainda ressoam nos dias de hoje, mas uma garota, infame participante desse evento, está falando ao público. Sua mensagem, porém, não é o que imaginávamos. Você já a viu nos vários anúncios de utilidade pública que tomaram os meios de comunicação. Em pouco tempo, ela passou de uma das infratoras mais procuradas pela Autoridade Juvenil para a garota-propaganda da causa pró-fragmentação. Sim, você ouviu bem: PRÓ-fragmentação. Seu nome é Risa Ward, e você não vai se esquecer dela tão cedo.*

Connor respira fundo, estremecendo, e percebe que Starkey estava certo — ele precisa sentar. Suas pernas praticamente desabam quando ele afunda na poltrona.

A edição do vídeo corta para Risa sendo entrevistada em um local confortável pela mesma jornalista. Há algo diferente nela, mas o garoto ainda não consegue explicar o que é.

— *Risa — começa a jornalista —, você foi uma tutelada do Estado programada para a fragmentação, se tornou cúmplice do notório Desertor de Akron e até esteve presente no Campo de Colheita Happy Jack para testemunhar a morte dele. Depois de tudo isso, como é que agora está falando a favor da fragmentação?*

A garota hesita antes de responder. Depois, diz:

— É complicado.

Starkey cruza os braços.

— Ahã, aposto que é.

— Quietos! — rosna Connor.

— *Pode nos explicar como foi?* — pede a jornalista com um sorriso convidativo que Connor quer arrancar da cara dela com um soco do punho de Roland.

— *Digamos apenas que agora eu tenho uma perspectiva diferente da que tinha antes.*

— *Você passou a ver a fragmentação como uma coisa boa?*

— *Não, é uma coisa terrível* — responde ela, o que dá a Connor esperança... até ela continuar: — *Mas é o menor dos males. A fragmentação existe por uma razão, e o mundo seria um lugar muito diferente sem ela.*

— *Me perdoe por salientar isso, mas é fácil pra você dizer isso, agora que já tem dezessete anos e não pode mais ser fragmentada.*

— *Sem comentários* — diz Risa, e é como uma adaga sendo enterrada e lentamente torcida no estômago de Connor.

— *Vamos falar sobre as acusações contra você* — propõe a jornalista, olhando para suas anotações. — *Roubo de propriedade do governo, a saber, de você mesma; conspiração para cometer atos de terrorismo; conspiração para cometer assassinato... e, ainda assim, todas essas acusações foram retiradas. Isso tem alguma coisa a ver com você ter mudado de ideia?*

— *Não vou negar que me ofereceram um acordo* — responde Risa —, *mas a retirada dessas acusações não é o motivo pelo qual estou aqui hoje.* — Então, ela faz algo muito simples; algo que ninguém mais notaria, exceto aqueles que a conhecem...

Risa cruza as pernas.

Para Connor, é como se o ar tivesse acabado dentro do avião. Ele meio que espera máscaras de oxigênio caírem do teto.

— *Se você acha que isso é ruim, escuta o resto* — diz Starkey, aparentemente se divertindo.

— *Risa, você diria que sua mudança de ideia foi uma questão de conveniência ou de consciência?*

A garota leva um tempo para arquitetar a resposta, mas isso não a torna menos devastadora.

— *Nenhuma das duas* — é o que ela diz. — *Depois de tudo o que enfrentei, descobri que não tenho escolha. Para mim, apoiar a fragmentação é uma questão de necessidade.*

— *Desliga* — manda Connor.

— *Ainda tem mais... você realmente deveria ouvir o final.*

— *Eu disse: desliga!*

Starkey estica a mão e desliga a TV. A mente de Connor se fecha como uma porta corta-fogo, tentando manter do lado de fora as coisas incandescentes demais para ele manusear — mas sabe que é tarde demais; o fogo já saltou para dentro. Neste momento, ele gostaria de ter sido fragmentado um ano atrás. Gostaria que Lev não tivesse vindo salvá-lo. Assim, nunca precisaria sentir o que está sentindo agora.

— Por que você me mostrou isso?

Starkey encolhe os ombros.

— Achei que você tinha direito de saber. O Hayden sabe, mas está escondendo de você. Acho isso errado e totalmente injusto com você. Saber quem é seu amigo e quem é seu inimigo só pode te tornar mais forte, certo?

— É, é, claro — responde Connor, distraído.

O outro rapaz segura-lhe o ombro.

— Tá tudo bem. Você vai superar. Estamos todos aqui pra te apoiar. — Então, concluída sua missão de esclarecimento, ele sai do avião.

Connor fica sentado por um longo tempo sem se mover. Embora saiba que precisa ser forte o bastante para carregar esse fardo, sente-se tão em frangalhos que não sabe como sobreviverá a esta noite, muito menos como cuidar de centenas de fragmentários nos próximos dias. Todas aquelas ideias sublimes de expor a história para dar um fim à fragmentação implodem em um único pensamento desesperado.

Risa. Risa. Risa.

Ele sente-se acabado. Como Starkey poderia não saber que ele ficaria tão devastado? Ou ele é mais estúpido do que Connor pensou... ou é muito, muito mais esperto.

42 · Starkey

Jeeves traz para Starkey uma cópia da lista de ordens de fragmentação locais. Há apenas três pessoas nessa lista consideradas salváveis, e nenhuma delas foi deixada pela cegonha. Mas hoje é o dia em que as coisas mudarão. Há um garoto da cegonha na lista, ignorado e esquecido:

Jesus LaVega

287 North Brighton Lane

Bem, Connor não tem o monopólio do resgate aos fragmentários. Já passou da hora de Starkey resolver essas coisas pessoalmente.

— Ei, nós é que vamos salvar Jesus, em vez de ele nos salvar — diz alguém quando Starkey revela o plano ao Clube da Cegonha. Outra pessoa lhe dá um tapa na cabeça, explicando:

— É hispânico, pronuncia-se *Ressus*, seu tonto.

Mas não importa a pronúncia do nome, Jesus está prestes a ser salvo do sacrifício.

Às onze em ponto da noite, um dia antes da data marcada para os Juvis recolherem Jesus, Starkey e nove cegonhas invadem a casa no número 287 da North Brighton Lane. Eles têm armas, pois Starkey violou o cadeado do arsenal. Têm carros, pois o garoto encarregado da manutenção de veículos no Cemitério é um membro leal do Clube da Cegonha.

Não batem na porta. Não tocam a campainha. Arrombam as portas, a da frente e a de trás, ocupando o local como uma equipe da SWAT tomando de assalto um covil de traficantes.

Uma mulher grita e leva duas crianças menores para um quarto dos fundos. Starkey não vê ninguém da idade certa para ser o alvo do resgate. Ele entra na sala a tempo de ver um homem pegar uma haste de cortina e virá-la para ele — é a coisa mais próxima de uma arma que o sujeito consegue encontrar na hora. Starkey o desarma facilmente e o empurra contra a parede, encostando o cano de uma submetralhadora no peito dele.

— Jesus LaVega. Diga onde ele está. Agora!

Os olhos do pai olham de um lado para outro em pânico, depois se fixam em algo atrás de Starkey. Este se vira a tempo de ver um taco de beisebol vindo para cima dele. Abaixa-se e o golpe passa a poucos centímetros de sua cabeça. O garoto que segura o taco é um brutamontes.

— Não! Para! Você é o Jesus LaVega, né? A gente tá aqui pra te salvar!

Mas isso não o impede de girar o taco de novo. Ele atinge o lado do corpo de Starkey. Uma explosão de dor. Ele cai, sua arma voa para trás de um sofá, e agora o rapaz está por cima dele, erguendo o bastão mais uma vez. Starkey não consegue recuperar o fôlego. O corpo dói tanto que ele só consegue inalar o ar superficialmente.

— Juvis! Aqui! Amanhã! — arfa ele. — Seus pais vão te fragmentar!

— Bela tentativa — diz o rapaz, e ergue o bastão para trás, pronto para um novo golpe. — Foge, pai! Sai daqui!

O homem tenta sair correndo, mas é cercado pelos outros cegonhas. Esse moleque não entende? Não percebe que já assinaram sua ordem de fragmentação? Jesus LaVega retesa os músculos para golpear no mesmo momento em que um dos comparsas de Starkey vem por trás dele segurando um enorme troféu de futebol e lhe golpeia a cabeça com a base de mármore do objeto. A pedra pesada acerta a nuca de Jesus e ele desaba no chão instantaneamente. Quebrado, o troféu cai no chão.

— O que você fez? — berra Starkey.

— Ele ia te matar! — grita o cegonha.

Starkey se ajoelha ao lado de Jesus. Há sangue saindo da cabeça, encharcando o carpete. Os olhos estão semicerrados. Starkey tenta sentir o seu pulso, mas não consegue. Quando vira a cabeça do garoto, percebe o grau de estrago que seu crânio sofreu com o choque da base do troféu. Uma coisa é certa: Jesus LaVega não será fragmentado. Pois está morto.

Starkey olha para o cegonha que fez isso, que entra em pânico sob seu olhar.

— Eu não queria fazer isso! Sério! Eu juro! Ele ia te matar!

— Não é culpa sua — diz Starkey. Depois, volta-se para o pai de Jesus, que está acuado feito uma aranha. — Você fez isso! — grita ele. — Você o manteve

aqui a vida toda só pra poder fragmentá-lo. Você ao menos se importa de ele estar morto?

O homem fica horrorizado ao ouvir isso.

— M-morto? Não!

— Não finja que se importa!

Starkey não consegue mais aguentar. Não pode se conter. Esse homem — esse monstro que pretendia fragmentar o próprio filho entregue pela cegonha — tem de pagar pelo que fez!

Ignorando a dor do lado do corpo, ele gira a perna, acertando um chute no tronco do homem. *Ele é quem deveria sentir essa dor, não eu. Ele deveria sentir tudo!* Starkey chuta e chuta de novo. O homem grita, geme, mas ele continua a investir, incapaz de parar — é como se estivesse canalizando a fúria de cada bebê deixado na porta de estranhos, cada criança indesejada, todos os jovens em toda parte que foram tratados como menos que humanos só por terem nascido de mães que não os quiseram.

Finalmente, um dos outros cegonhas agarra Starkey, afastando-o.

— Já chega, cara — diz. — Ele entendeu.

O homem, dolorido e sangrando, ainda tem forças para rastejar até a porta e sair. O resto da família fugiu também, correndo para a casa dos vizinhos. Provavelmente chamaram a polícia, e Starkey percebe que não pode parar agora, pois já foi longe demais — tem de ir até o fim. Não é o que ele queria, mas de alguma maneira pode usar isso a seu favor. Sim, o garoto que eles vieram resgatar está morto, mas esta noite não pode terminar assim. Tem de significar alguma coisa. Tem de valer a pena. Não só por Starkey, mas por todos os abandonados.

— Que isso seja um aviso — grita ele pela porta da frente enquanto o homem foge cambaleando. Ele avista vizinhos nas varandas. Há estranhos ali para ouvirem suas palavras. Ótimo! É hora de as pessoas ouvirem. — Que isso seja um aviso — repete — para qualquer um que pretenda fragmentar um abandonado! Vocês todos terão o que merecem! — Então, em um lampejo de inspiração, ele corre pela casa rumo à garagem.

— Starkey! — grita um dos outros. — Que diabo você tá fazendo?

— Você vai ver.

Na garagem, ele encontra uma lata de gasolina. Está só pela metade, mas metade é o bastante. Ele corre pela casa, jogando gasolina em toda parte, e sobre a lareira encontra uma caixa de fósforos.

Momentos depois, está correndo pelo gramado em direção aos amigos que aguardam nos jipes, enquanto um clarão ameaçador se ergue dentro da casa atrás dele. Quando sobe no jipe, as chamas estão visíveis pelas janelas, e, no momento em que o carro dispara guinchando pela noite, essas janelas começam a explodir, e a fumaça se derrama do inferno crescente. Toda a casa se tornou um sinal ardente para avisar ao mundo que Mason Starkey esteve aqui, e as pessoas não de pagar.

43 · Avalanche

Assino este documento por minha livre e espontânea vontade.

Essa foi a última linha do formulário de consentimento que Risa Ward assinou, exatamente como Roberta previu que assinaria. Essa assinatura deu a ela uma nova coluna e a capacidade de usar as pernas, mas não só isso. Desencadeou uma série de eventos que Risa não poderia ter previsto, e ainda assim foram habilmente orquestrados por Roberta, seus sócios e seu dinheiro.

... por minha livre e espontânea vontade.

Risa nunca esquiou — atividades tão frívolas nunca foram oferecidas a tutelados do Estado —, mas ultimamente ela tem sonhado que desce por uma pista de dificuldade máxima, perseguida de perto por uma avalanche. Não há como parar até ela chegar ao sopé da montanha — ou a um penhasco, rumo a seu fim.

... livre e espontânea vontade.

Antes das entrevistas aos jornais, antes dos anúncios de utilidade pública, antes de ela saber o que lhe pedirão para fazer, a coluna danificada de Risa é substituída e ela desperta do coma induzido por cinco dias para sua admirável vida nova.

44 · Risa

— Diga se consegue sentir isto — pede uma enfermeira, tocando um dedo do pé de Risa com uma tira de plástico. Sem querer, a garota arfa. Sim, ela consegue sentir; e não é só uma sensação imaginária. Ela sente os lençóis roçando as pernas. Sente os dedos dos pés. Tenta movê-los, mas esse simples gesto faz com que cada parte do corpo doa.

— Não tente se mexer, querida — diz a enfermeira. — Deixe os agentes curativos trabalharem. Estamos usando agentes de última geração. Em duas semanas você vai estar de pé e andando.

Ao ouvir essas palavras, seu coração acelera. Ela gostaria que a conexão entre coração e cabeça pudesse ser mais direta — que a parte dela que deseja isso pudesse ser firmemente controlada pela parte que rejeita isso —, pois, embora sua mente queira detestar o que fizeram com ela, a parte de seu ser que não conhece a razão se enche de alegria com a expectativa de recuperar o equilíbrio e andar com as próprias pernas.

— É claro que vai precisar de muita fisioterapia. Mas não tanto quanto poderia imaginar. — A enfermeira verifica os aparelhos ligados às pernas de Risa. São estimuladores elétricos, que causam contrações musculares, despertando os músculos do estado atrofiado, restituindo-lhes o tônus ideal. A cada dia ela sente como se tivesse corrido por quilômetros, embora não tenha saído da cama.

Não está mais em uma cela. Também não é exatamente um hospital. Parece ser algum tipo de clínica particular. Pela janela, pode-se ouvir o rugido do oceano lá fora.

Risa imagina se a equipe do lugar sabe quem ela é e o que lhe aconteceu. Decide não tocar no assunto, pois é doloroso demais. É melhor só viver um dia após o outro até Roberta reaparecer para dizer-lhe o que mais ela precisa fazer para cumprir os termos do chamado contrato.

Mas não é Roberta quem vem visitá-la; é Cam. É a última pessoa que ela quer ver, se é que pode chamá-lo de pessoa. O cabelo está mais cheio desde que o viu pela primeira vez, e as marcas dos vários enxertos de pele no rosto estão mais

suaves. Mal se podem ver as emendas onde os diferentes tons se encontram.

— Eu queria ver como você estava se sentindo — diz ele.

— Com dor de estômago — responde ela. — Mas só começou quando você entrou.

Ele vai até a janela e abre um pouco mais as persianas, deixando entrar barras de luz vespertina. Lá fora, uma onda especialmente ruidosa se choca na costa.

— “O oceano é um poderoso harmonizador” — diz ele, citando algum poeta de quem ela provavelmente nunca ouviu falar. — Quando puder andar, venha conhecer a vista. Certamente ela é linda a esta hora do dia.

Risa não responde. Apenas espera que Cam vá embora, mas ele não vai.

— Preciso saber por que você me odeia — pede ele. — Não fiz nada contra você. Nem me conhece, mas me odeia. Por quê?

— Não odeio você — admite Risa. — Não existe um “você” para odiar.

Ele se aproxima da cama.

— Estou aqui, não estou? — Toca a mão dela com a sua, mas ela se retrai.

— Não me importa quem nem o que você é. Ninguém me toca.

Ele pensa por um momento. Depois, diz, com toda a seriedade:

— Você gostaria de *me* tocar, então? Pode sentir todas as marcas. Pode ver o que me torna “eu”.

Ela nem se digna a responder.

— Você acha que as pessoas que foram fragmentadas para serem parte de você queriam isso?

— Se eram dízimos, queriam — responde Cam —, e algumas delas eram. Quanto às outras, não tiveram escolha... assim como eu não tive escolha ao ser criado.

E, por um momento, em meio à fúria que sente contra as pessoas que o criaram, Risa percebe que Cam, tanto quanto todos os jovens que foram fragmentados para constituí-lo, também é uma vítima.

— Por que você está aqui? — pergunta ela.

— Tenho várias respostas para essa pergunta — diz ele orgulhosamente. —

“O único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão da mera existência.” Carl Jung.

Risa suspira, exasperada.

— Não... por que você está aqui, neste lugar, falando comigo? Tenho certeza que a Cidadãos Proativos tem tarefas mais importantes para seu protótipo humano do que falar comigo.

— Onde está o coração — diz ele. — Hã... quero dizer... estou aqui porque é a minha casa. Mas também estou aqui porque quero estar.

Ele sorri para Risa, e ela odeia o fato de que o sorriso é sincero. Precisa lembrar-se constantemente de que esse sorriso não é dele. Cam só veste a carne de outrem, e, se essa carne fosse despida, não restaria nada no interior. Ele é pouco mais que um truque cruel.

— Então, suas células cerebrais vieram programadas? Uma mente cheia de implantes de gânglios dos melhores e mais inteligentes?

— Nem todas elas — responde Cam em voz baixa. — Por que você fica me responsabilizando pelas coisas das quais não tenho controle? Eu sou como sou.

— Falou como um verdadeiro deus.

— Na verdade — retruca ele, refletindo um pouco da hostilidade dela —, Deus disse “eu sou *o que sou*”, se você for pela versão do Rei Tiago.

— Não me diga... você veio programado com a Bíblia completa.

— Em três idiomas — responde ele. — Novamente, não é culpa minha. Já veio assim.

Risa é forçada a rir da audácia dos criadores de Cam. Terão imaginado que enchê-lo de conhecimento bíblico enquanto brincavam de Deus era a maior das insolências?

— E, de todo jeito, eu *num vô ficá* regurgitando a coisa toda igualzinha, só tenho tipo um conhecimento prático de uma pá de coisa aí.

Ela olha atentamente para ele, imaginando se a súbita mudança no padrão da fala de erudito para casual-meio-caipira é uma piada, mas percebe que não. Ela supõe que, enquanto as conexões faíscam através dos muitos e variados pedacinhos do cérebro, ele solte todo tipo de palavreado.

— Posso perguntar o que fez com que você mudasse de ideia? Por que concordou com a cirurgia?

Risa desvia o olhar.

— Estou cansada — diz ela, embora não esteja, e vira-se de costas para ele. Até mesmo o ato de rolar de lado na cama era algo que ela não conseguia realizar facilmente antes da operação.

Quando fica claro que ela não responderá à pergunta anterior, ele faz outra:

— Posso vir te ver de novo?

A garota continua de costas.

— Não importa o que eu diga, você vai vir de qualquer jeito, então pra que perguntar?

— Bom — diz ele enquanto sai —, seria legal ter permissão.

Risa fica deitada naquela posição por um longo tempo, tentando não ceder a nenhum dos pensamentos que nadam por sua mente. Finalmente, pega no sono. Esta é a primeira noite em que sonha com a avalanche.

Roberta está ausente, resolvendo os assuntos do dia em algum outro lugar, quando Risa anda pela primeira vez — e só uma semana após ter acordado, em vez de duas. É um dia que traz à tona todas as suas emoções conflitantes. Ela quer que seja um momento particular, não compartilhado, mas, como sempre, Cam aparece sem ser convidado.

— Um marco! Esta é uma ocasião memorável — comemora ele alegremente.
— Tem de ser testemunhada por um amigo.

Ela lhe lança um olhar gélido, e ele faz um recuo verbal:

— Maaaas, já que nenhum amigo está presente, eu vou ter de servir.

Um enfermeiro que parece mais um recruta estufado à base de esteroides segura o antebraço e a ajuda a tirar as pernas da cama. É celestial senti-las realmente balançando rumo ao chão. Ela dobra os joelhos trêmulos até sentir as pontas dos dedos tocarem o piso de madeira.

— Deviam ter colocado um tapete no chão — diz Cam ao Enfermeiro Marombado. — Para deixá-lo mais macio para ela.

— Tapetes escorregam — responde ele.

Com o enfermeiro apoiando-a de um lado e Cam do outro, ela fica de pé. O primeiro passo é o mais difícil; é como arrastar o pé pela lama. Mas o segundo passo vem com notável facilidade.

— Boa menina! — exclama o enfermeiro, como se estivesse falando com um bebê que dá o primeiro passo; e, de certa forma, ela é um. Não tem nenhum equilíbrio e os joelhos parecem prestes a ceder a qualquer momento, mas não cedem.

— Continue — incentiva Cam. — Você está indo muito bem!

No quinto passo, ela não consegue mais conter a alegria visceral que vem reprimindo. Um sorriso ocupa seu rosto. Ela começa a arquejar e a soltar risadinhas tolas pela simples alegria de andar.

— É isso aí — diz Cam. — Você conseguiu! Está completa de novo, Risa! Tem direito de estar feliz!

E, embora ela não acredite nisso, não consegue resistir ao momento.

— A janela! — diz Risa. — Quero olhar pela janela.

Eles a viram levemente na direção da vidraça e o Enfermeiro Marombado experimenta soltá-la. Agora, Risa está apenas com o braço ao redor do ombro de Cam e o braço dele em sua cintura — e ela quer ficar furiosa por ter acabado nesta posição com ele, mas esse sentimento é suplantado pela descarga sensorial vertiginosa dos pés, tornozelos, canelas, coxas; partes do corpo que há apenas alguns dias não sentiam coisa alguma.

45 · Cam

Para Cam, isto é o paraíso. Ela se segura a ele. Apoia-se nele. Ele se convence de que este é o momento em que todas as barreiras cairão. De que ela se voltará para ele e o beijará antes mesmo de chegar à janela.

Risa agarra firmemente o pescoço dele para se apoiar. O toque repuxa a costura nesse ponto da pele, mas a sensação é boa. Ele a imagina aplicando pressão em todas as costuras, fazendo-as doer. Dor nenhuma poderia ser tão boa quanto essa.

Eles alcançam a janela. Não há beijo, mas ela também não o largou. Não pode, ou cairá, mas Cam quer acreditar que ela o seguraria mesmo que pudesse parar em pé sozinha.

O mar está bravio esta manhã. Respingos sobem alto no ar com o choque das ondas de dois metros e meio. Ao longe pode-se ver uma ilha.

— Ninguém nunca me disse onde nós estamos.

— Molokai — responde Cam. — No Havaí. A ilha costumava ser um leprosário.

— E a Roberta é dona deste lugar?

Ele detecta uma amargura indisfarçada na forma como Risa pronuncia esse nome.

— A dona é a Cidadãos Proativos. Na verdade, acho que metade da ilha pertence a ela. Isto aqui já foi a casa de veraneio de algum cara rico, mas agora é o centro de pesquisas médicas deles... e a Roberta é a chefe de pesquisas médicas.

— Você é o único projeto dela?

É uma pergunta que Cam nunca considerou antes. Até onde sabe, ele é o centro do universo de Roberta.

— Você não gosta dela, né?

— Quem, eu? Não, adoro ela. Megeras maquiavélicas são meu tipo favorito de gente.

Cam sente um súbito instinto de proteção e uma pontada inesperada de raiva.

— Alerta vermelho! — solta sem pensar. — Ela é quase uma mãe pra mim.

— Seria melhor se você tivesse sido entregue à cegonha.

— Pra você, é fácil falar. Uma tutelada do Estado nem sabe o que é uma mãe.

Risa arfa, depois ergue a mão e o estapeia com força no rosto. O impulso do tapa tira o equilíbrio da garota e ela cai de costas — mas o enfermeiro está ali para ampará-la. Ele lança a Cam um olhar acusador, depois volta a atenção para Risa.

— Por enquanto chega — diz o homem musculoso. — Volte pra cama.

Ele a ajuda a deitar-se outra vez, enquanto Cam fica parado, impotente, junto à janela, incerto quanto a quem dirigir sua raiva: a si mesmo, a ela ou ao enfermeiro, por afastá-la dele.

— O tapa doeu por igual, Cam? — pergunta Risa em tom maldoso. — Ou as pessoas no seu rosto sentem de jeitos diferentes?

— Teflon! — responde ele, recusando-se a deixar o comentário danificar seu orgulho. — Arma! — Ele não pode se deixar retrucar outra vez. Não pode! Respira profundamente e mentaliza o mar agitado tornando-se tranquilo como um lago vítreo.

— Sei que mereci aquele tapa — diz ele calmamente —, mas cuidado com o que diz sobre a Roberta. Eu não me refiro de forma rude às pessoas que você ama... Me retribua essa gentileza.

Cam dá espaço a Risa. Ele sabe que essa mudança de vida deve ser tão traumática quanto maravilhosa para ela. Ainda não entende o que fez a garota mudar de ideia quanto a permitir a operação, mas sabe que Roberta pode ser persuasiva. Ele gosta de fingir que parte disso teve a ver com ele — que, no fundo, sob a rejeição inicial, houve uma curiosidade em Risa, talvez até uma admiração pelo mosaico criado por todas as partes díspares de Cam. Não as peças escolhidas e juntadas por seus criadores, mas a forma como ele as pegou e as fez funcionar.

Um dia, eles fazem uma refeição juntos.

— Para criar um vínculo entre vocês dois — diz Roberta a Cam —, é imperativo que comam juntos. A hora das refeições é quando a psique está mais

vulnerável ao afeto.

Ele gostaria que Roberta não fizesse tudo soar tão clínico. O processo de se acostumarem à companhia um do outro não deveria ter a ver com a “vulnerabilidade ao afeto” de Risa.

Risa ainda não sabe que está aqui para ser sua companheira.

— Não apresse as coisas — recomendou Roberta. — Ela precisa ser preparada para esse papel, e antes disso planejamos outras coisas para ela. Estamos virando seu status de lenda viva a nosso favor, criando uma poderosa presença midiática antes de vincularmos vocês dois publicamente. Levará tempo. Enquanto isso, seja você mesmo, maravilhoso e encantador. Você vai conquistá-la.

— E se não conquistar?

— Tenho confiança total em você, Cam.

Risa está em seus pensamentos durante cada atividade do dia. Ela se torna o fio que passa por entre todas as costuras de sua mente, unindo-as com ainda mais firmeza. E ela também está pensando nele. Cam sabe disso por causa da forma como ela o observa em segredo. Uma tarde, ele joga basquete com um guarda em dia de folga. Está sem camiseta, revelando não apenas as costuras, mas os músculos, na melhor forma. A barriga tanquinho de um pugilista, os peitorais de um nadador — grupos musculares impecáveis comandados por um córtex motor bem afinado para produzir o salto e a cesta perfeitos. Enquanto ele joga, Risa o espia da janela na sala de estar principal. Ele sabe, mas finge não notar — apenas joga uma partida espetacular de basquete, deixando que o corpo fale por si só. Só quando termina de jogar Cam ergue o olhar para ela, deixando claro que os vislumbres que ela pensou roubar dele não foram roubados, mas livremente oferecidos. A garota se afasta da janela e se oculta nas sombras, mas ambos sabem que ela estava olhando. Não por precisar, mas por querer, e Cam sabe que isso faz toda a diferença do mundo.

46 · Risa

Ela sobe a escada espiral. Desce a escada espiral. Trabalha com Kenny, o fisioterapeuta, que sempre lhe diz que ela está ganhando força rapidamente. Não recebe notícias do mundo exterior. Até onde sabe, é como se nada mais existisse, e esta clínica na ilha — que não é clínica nenhuma — logo passa a parecer sua casa. E ela odeia isso.

Risa tem pavor da refeição diária com Cam, mas também se vê ansiando por ela. Acontece na varanda, quando o clima permite, e, qualquer que seja a refeição, é sempre a melhor do dia. Cam, que sempre ficou muito feliz em exibir seu físico notável para ela a distância, mostra-se embaraçado na hora de comer, tão desconfortável quanto ela por serem colocados juntos assim, como se fosse um tipo de casamento arranjado. Não falam do dia em que ela lhe deu um tapa. Não falam sobre quase nada. Risa o suporta sem reclamar. Cam suporta o fato de ser suportado. Finalmente, ele quebra o gelo.

— Sinto muito por aquele dia — diz enquanto comem bifes na varanda. — Eu só estava chateado. Não há nada de errado em ser uma tutelada do Estado. Na verdade, partes de mim sabem como é. Tenho memórias de Casas Estatais. Mais de uma.

Risa baixa o olhar para a comida.

— Por favor, não me fale dessas coisas. Estou comendo.

Mas ele não para.

— Não são os melhores lugares do mundo, né? Você tem de lutar por cada migalha de atenção, do contrário vive uma vida de mera existência, que é a pior vida de todas.

Ela ergue o olhar. Cam acaba de colocar em palavras o que ela sempre sentiu em relação à forma como cresceu.

— Você sabe em que casas estive? — pergunta ela.

— Na verdade, não — responde ele. — Há imagens, sentimentos, lembranças específicas, mas, na maior parte, meu centro de linguagem não veio de tutelados do Estado.

— Não estou surpresa — diz Risa. — Habilidades linguísticas não são um ponto forte nas Casas Estatais. — Ela sorri.

— Você conhece a sua história? — pergunta Cam. — Como foi parar lá? Quem são seus pais biológicos?

Risa sente um nó na garganta e tenta engoli-lo.

— Ninguém tem essa informação.

— Eu posso conseguir pra você — afirma Cam.

Isso causa à garota um sentimento de temor e ansiedade. E, desta vez, ela admite sem problemas que o temor é bem maior.

— Eu nunca precisei saber disso e também não preciso agora.

Cam baixa o olhar, um pouco desapontado. Talvez até um pouco arrasado, e Risa se vê esticando a mão por cima da mesa para segurar a dele.

— Obrigada por oferecer. Foi muita gentileza sua, mas é algo que eu já superei.

Só quando solta a mão dele ela percebe que é a primeira vez que faz contato físico voluntário com ele. O momento também não passa despercebido para Cam.

— Sei que você foi apaixonada pelo garoto que chamam de Desertor de Akron — diz ele.

Risa tenta não reagir.

— Sinto muito que ele tenha morrido — continua ele. Risa o olha horrorizada até ouvi-lo completar: — Deve ter sido um dia horrível no Campo de Colheita Happy Jack... estar lá quando isso aconteceu.

Ela respira fundo, estremecendo. Então, Cam não sabe que ele está vivo. Isso significa que a Cidadãos Proativos também não sabe? É algo de que ela não pode falar, nem perguntar, pois geraria questionamentos demais.

— Tem saudade dele? — pergunta Cam.

Agora ela pode dizer a verdade:

— Sim. Muita saudade.

Leva um longo tempo até Cam falar de novo. Quando ele o faz, é para dizer:

— Eu nunca pediria para ocupar o lugar dele no seu coração, mas espero que haja espaço para mim nele, como amigo.

— Não prometo nada — retruca Risa, tentando soar menos vulnerável do que realmente se sente.

— Você ainda me acha feio? Ainda me acha medonho?

Ela quer responder com sinceridade, mas leva um tempo para encontrar as palavras certas. Ele interpreta a hesitação como uma tentativa de poupar seus sentimentos. Baixa o olhar.

— Eu entendo.

— Não — diz Risa. — Não te acho medonho. É só que não consigo te entender. É como olhar para um Picasso e tentar decidir se a mulher na pintura é feia ou bonita. Você não sabe, mas não consegue parar de olhar.

Cam sorri.

— Você me vê como arte. Gosto disso.

— É, bom, só que nunca gostei do Picasso.

Isso faz Cam rir, e ela ri também, apesar de não querer.

Os jardins da propriedade no rochedo têm um roseiral repleto de cercas vivas bem aparadas e flores perfumosas, exóticas.

Risa, que foi criada nos limites de concreto de uma Casa Estatal no centro da cidade, nunca frequentou muitos jardins, mas assim que lhe permitem o acesso ela começa a sair diariamente, ao menos para fingir que não é uma prisioneira. A sensação de andar outra vez ainda é nova o bastante para fazer com que cada passo pelo jardim pareça um presente.

Hoje, porém, Roberta está aqui, preparando algum tipo de produção em miniatura. Há uma pequena equipe de filmagem, e no meio do jardim está sua velha cadeira de rodas. A visão traz de volta uma inundação de emoções numerosas demais para compreender agora.

— Você se importa de me dizer do que se trata tudo isso? — pergunta Risa, sem saber se realmente quer descobrir.

— Você já está de pé há quase uma semana — responde Roberta. — É hora de realizar o primeiro dos serviços que concordou em cumprir.

— Obrigada por escolher as palavras perfeitas para me fazer sentir que estou me prostituindo.

Por um momento, a mulher parece aturdida, mas logo recupera a pose.

— Não foi isso que eu quis dizer, mas você de fato tem a habilidade de distorcer as coisas. — Ela entrega a Risa uma folha de papel. — Aqui estão as suas falas. Você vai gravar um anúncio de utilidade pública.

Risa tem de rir disso.

— Você vai me colocar na TV?

— E em anúncios impressos e na rede. É o primeiro dos muitos planos que temos para você.

— Sério? E o que mais vocês planejaram?

Roberta sorri para ela.

— Você saberá quando for a hora.

A garota lê o parágrafo único e as palavras lhe pesam no estômago.

— Se não conseguir memorizá-las, temos cartões prontos com as falas.

Risa tem de ler o parágrafo duas vezes só para se convencer de que está enxergando direito.

— Não! Não vou dizer nada disso, você não pode me forçar! — Ela amassa a folha de papel e a joga no chão.

Roberta calmamente abre a pasta e oferece a ela outra folha.

— A esta altura você já deveria saber que sempre há outra cópia.

A garota não a aceita.

— Como você se atreve a me fazer dizer isso?

— Esse drama é fora de propósito. Não há absolutamente nada aí que não seja verdade.

— Não importa. Não são as palavras, mas o que elas implicam!

A mulher dá de ombros.

— Verdade é verdade. Implicações são subjetivas. As pessoas ouvirão as palavras e tirarão suas próprias conclusões.

— Não tente me fazer duplipensar^[1], Roberta. Não sou tão burra ou ingênua quanto você gostaria de achar.

Então, a expressão no rosto da mulher muda; ela se torna friamente objetiva. Não há mais pose.

— Isso é o que eu solicito e é o que você fará. Ou talvez tenha esquecido nosso acordo...

É uma ameaça tão sutilmente velada quanto a mais pura seda. Então, do nada, elas ouvem:

— Que acordo?

Ambas se voltam para ver Cam chegando ao jardim. Roberta lança a Risa um olhar de aviso, e a garota olha para o pedaço de papel amassado a seus pés, sem nada dizer.

— A coluna dela, é claro — responde a mulher. — Em troca de uma cirurgia de substituição muito cara e de altíssimo nível, Risa concordou em se tornar parte da família da Cidadãos Proativos. E cada membro da família tem um papel a cumprir.

Então, ela oferece o parágrafo novamente a Risa. Esta sabe que não tem escolha senão aceitá-lo. Ela olha para a equipe de filmagem, que, impaciente, espera fazer seu trabalho. Depois, volta a olhar para Roberta.

— Você quer que eu fique de pé ao lado da cadeira de rodas?

— Não, deve-se sentar nela — responde a mulher — e depois se erguer até a metade. Isso será mais efetivo, não acha?

ANÚNCIO DE UTILIDADE PÚBLICA

“Eu estava paralisada — uma vítima do ataque batedor no Campo de Colheita Happy Jack. Eu costumava odiar a simples ideia da fragmentação, mas então, da noite para o dia, *eu* passei a precisar dela desesperadamente. Sem a fragmentação, eu não teria uma nova coluna. Sem a fragmentação, eu ficaria presa a esta cadeira de rodas pelo resto da vida. Eu era uma tutelada do Estado. Era uma desertora. Era uma paraplégica — mas agora não sou nada disso. Meu nome é Risa Ward, e a fragmentação mudou minha vida.

— Pago pela Sociedade Nacional da Saúde Íntegra

Risa sempre pensou em si mesma como uma sobrevivente. Conseguiu nadar nas águas traiçoeiras da Casa Estatal de Ohio 23 até o dia em que se tornou um

“corte orçamentário” e foi destinada à fragmentação. Então, resistiu como uma desertora, depois no campo de colheita, sobrevivendo até a uma explosão devastadora que deveria tê-la matado. Sua força sempre esteve na mente afiada e na habilidade de se adaptar.

Bem, ela que se adapte a isto:

A vida de uma pequena celebridade, com todos os confortos que alguém pode desejar, um garoto inteligente e charmoso encantado por ela... e o abandono de tudo aquilo em que acredita, bem como a abdicação da própria consciência.

Risa senta-se em uma cadeira de praia no quintal dos fundos da propriedade, olhando para o pôr do sol tropical, ponderando sobre essas coisas e tentando infundir perspectiva e paz à sua mente. Há uma onda poderosa chocando-se contra sua alma, tão implacável quanto a maré nas rochas, lembrando-a de que com o tempo até a mais firme montanha desmorona no mar, e ela não sabe por quanto mais tempo poderá resistir à pressão. Nem mesmo se deveria.

Esta manhã, houve uma entrevista a um programa de notícias. Ela tentou responder às perguntas de forma a não precisar realmente mentir. É bem verdade que seu apoio à fragmentação é uma “questão de necessidade”, mas ninguém além dela e Roberta sabe o que gerou essa necessidade. Mas não importa quanto ela tente, saíram de sua boca coisas que ela nem acredita ter dito. *A fragmentação é o menor dos males.* Haverá uma parte de Risa que realmente acredite nisso? A manipulação constante tem feito sua bússola interna girar tão loucamente que ela teme jamais voltar a encontrar seu norte.

Exausta, ela cochila e tem a sensação de ser acordada uns poucos segundos depois por alguém que balança suavemente seu ombro. Já é noite agora — só um leve traço de azul no horizonte sustenta a lembrança do crepúsculo.

— Serrando madeira — diz Cam. — Eu não sabia que você roncava.

— Não ronco — responde ela, grogue. — E fim de papo.

Ele trouxe um cobertor. Só quando o coloca ao redor do corpo dela é que Risa percebe o frio que deve ter sentido enquanto dormia. Mesmo neste clima tropical, o ar pode ser muito fresco à noite.

— Eu gostaria que você não passasse tanto tempo sozinha — diz Cam. — Não precisa, sabe.

— Quando você passa a maior parte da vida em uma Casa Estatal, a solidão é

como um luxo.

Ele se ajoelha ao lado dela.

— Na semana que vem temos nossa primeira entrevista juntos... Eles vão nos levar para o continente. A Roberta te contou?

Risa suspira.

— Já sei de tudo.

— A gente tem que parecer um casal...

— Então, eu vou sorrir e fazer meu trabalho na frente das câmeras. Não precisa se preocupar.

— Eu esperava que você não encarasse isso como um trabalho.

Em vez de olhar para ele, ela ergue os olhos para um céu repleto de estrelas — ainda mais do que o céu sobre o Cemitério, onde ela raramente tinha tempo ou disposição de olhar para o alto.

— Sei todos os nomes delas — comenta Cam. — Digo, das estrelas.

— Não seja ridículo. Existem milhões de estrelas, você não pode conhecer todas.

— Hipérbole — responde ele. — Acho que estou exagerando... mas eu sei mesmo o nome de todas as que importam. — Então, começa a apontar para elas, a voz adquirindo um levíssimo sotaque de Boston enquanto ele acessa a carta estelar viva em sua memória. — Aquela é Alfa Centauri, que significa “pé do centauro”. É uma das estrelas mais próximas de nós. Está vendo aquela brilhante à direita? É Sirius... a estrela mais brilhante do céu.

A voz começa a soar hipnótica para ela, trazendo-lhe um pouco da paz pela qual ansiava. *Será que estou tornando tudo mais difícil do que precisa ser?*, pergunta-se Risa. *Será que devo achar um modo de me adaptar?*

— Aquela mais fraca é a Espiga, que na verdade é cem vezes mais brilhante que Sirius, mas está muito mais distante...

Risa precisa lembrar-se de que sua escolha de obedecer ao programa da Cidadãos Proativos não foi feita por egoísmo — então, sua consciência não deveria estar aliviada? E, se não — se a consciência é a única coisa que a arrasta para as profundezas mais sombrias, não deveria ser capaz de libertar-se dela para

sobreviver?

— Aquela é Andrômeda, que na verdade é uma galáxia inteira...

Há certa arrogância em Cam ao exibir seu conhecimento, mas também inocência, como a de um garotinho querendo mostrar o que aprendeu na escola hoje. Mas ele nunca aprendeu nada disso, não é? O sotaque com o qual fala agora torna claro que a informação pertencia a alguém cujo cérebro hoje faz parte do seu.

Para com isso, Risa!, diz ela a si mesma. Talvez seja hora de deixar a montanha desmoronar. Então, para contrariar a parte dela que ainda resiste, a garota sai da cadeira e deita-se na grama ao lado dele, olhando para o céu estrelado.

— Polaris sempre é fácil de achar. Está diretamente sobre o Polo Norte... então, se você sabe onde ela fica, sempre consegue encontrar o norte. — Ouvi-lo dizer isso a faz ofegar. Ele se vira para encará-la. — Você não vai me mandar calar a boca?

Risa ri disso.

— Eu esperava que esse papo me fizesse pegar no sono de novo.

— Ih, eu sou tão chato assim?

— Só um pouquinho.

Ele ergue a mão e a roça suavemente no braço dela. Risa se afasta e se ergue, sentando na grama.

— Não! Você sabe, não gosto que me toquem.

— Você não gosta que te toquem... ou não gosta que *eu* te toque?

Ela não responde. Em vez disso, pergunta, apontando o céu:

— Qual é aquela? A vermelha?

— Betelgeuse — responde ele. Então, após um silêncio constrangedor, pergunta: — Como ele era?

— Quem?

— Você sabe.

Ela suspira.

— Você não vai querer falar sobre isso, Cam.

— Talvez eu queira.

Risa não tem forças para lutar, então volta a deitar-se e fixa o olhar nas estrelas enquanto fala:

— Impulsivo. Cismado. Às vezes ele se autodepreciava.

— Parece um verdadeiro tesouro.

— Você não me deixou terminar. Ele também é inteligente, leal, apaixonado, responsável e um líder forte, mas é humilde demais para admitir tudo isso.

— É?

— Era — diz ela, disfarçando. — Às vezes, sinto como se ele ainda estivesse aqui.

— Acho que eu teria gostado de conhecê-lo.

Risa balança a cabeça, negando.

— Ele odiaria você.

— Por quê?

— Porque também era ciumento.

O silêncio volta a cair entre eles, mas desta vez não é nem um pouco constrangedor.

— Estou feliz por você ter me contado isso — afirma Cam. — Também tem algo que eu quero te contar.

Risa não tem ideia do que ele dirá, mas percebe-se curiosa.

— Você conheceu um menino chamado Samson quando morava na Casa Estatal? — Pergunta ele.

Ela vasculha as lembranças.

— Sim... ele estava no ônibus para o campo de colheita comigo.

— Bom, ele tinha uma queda secreta por você.

De início, Risa se espanta; como ele poderia saber disso? Então, quando a verdade lhe surge, uma onda de adrenalina vem como reflexo, ativando sua reação de lutar ou fugir. Ela se levanta, totalmente preparada para correr de volta

à mansão, ou saltar do rochedo, ou o que quer que seja necessário para fugir desta revelação, mas Cam a ofusca como uma lua diante de uma de suas preciosas estrelas.

— Álgebra! — diz ele. — Ele era muito bom em matemática. Fiquei com a parte dele que entende álgebra. É uma parte bem pequena, mas, quando vi sua foto, bom, acho que foi o bastante para me fazer parar e olhar com atenção. Depois, quando a Roberta soube que você tinha sido capturada, ela mexeu os pauzinhos e trouxe você pra cá. Pra mim. Então, é minha culpa você estar aqui.

Risa não quer olhar para ele, mas não consegue evitar. É como olhar para um acidente de trânsito.

— Como é que eu devo me sentir diante disso, Cam? Não posso fingir que não estou horrorizada! Estou aqui por causa de um capricho seu, mas esse capricho nem era seu! Era daquele pobre menino!

— Não, não foi assim — responde Cam rapidamente. — O Samson foi como... um amigo que te toca no ombro pra chamar sua atenção... mas o que eu sinto por você, isso é tudo meu. Não só a álgebra, mas a equação toda.

Ela dá as costas a ele, agarrando o cobertor e envolvendo-se com ele.

— Quero que você vá embora agora.

— Sinto muito — diz ele —, mas não queria que houvesse nenhum segredo entre nós.

— Por favor, vai embora.

Ele não se aproxima, mas também não sai.

— “Eu prefiro ser parcialmente grande a ser completamente imprestável.” Essa não foi a última coisa que ele te disse? Sinto que é minha responsabilidade realizar esse desejo.

E, finalmente, ele entra na casa, deixando-a só com os pensamentos de pessoas demais.

Dez minutos depois, Risa ainda está de pé com o cobertor enrolado ao corpo, sem vontade de entrar, mas o padrão circular dos próprios pensamentos começa a nauseá-la.

Eu não posso me render... devo me render... não posso me render, de novo e

de novo até ela querer se desligar.

Quando finalmente entra na casa, ouve música, o que não é incomum, mas esta música não está saindo do sistema de som. Alguém está tocando violão clássico. A obra parece espanhola, e, embora muitas coisas pareçam espanholas quando tocadas em um violão de doze cordas, esta definitivamente tem algo de flamenco.

Risa segue a melodia até a sala de estar principal, onde Cam está sentado, curvado sobre o instrumento, perdido na música que toca. Ela nem sabia que ele tocava — mas não deveria estar surpresa; ele veio carregado com uma verdadeira coleção de habilidades.

Mesmo assim, tocar dessa forma exige a fusão de muitas coisas: memória muscular, combinada com memória cortical e auditiva, cada uma ligada a um tronco encefálico capaz de coordenar todas elas.

A música a acalma, a desarma, a encanta, e ela começa a perceber que essas não são só as partes de outras pessoas. Alguém está unindo todas essas partes. Pela primeira vez, Risa realmente consegue ver Cam como um indivíduo, lutando para juntar os muitos dons que recebeu. Ele não pediu nenhum deles, e não poderia rejeitá-los se quisesse. Por mais horrorizada que tenha ficado com ele cinco minutos atrás, esta nova revelação a apazigua. Faz com que se sente ao piano do outro lado da sala e comece a tocar um acompanhamento simples.

Quando ele a escuta, traz o instrumento mais para perto e se senta ao lado dela. Nenhuma palavra é dita; em vez disso, eles se comunicam por meio de ritmos e harmonias. Ele dá à garota o controle da peça musical, deixa que evolua nas mãos dela, e depois ela a repassa de volta às mãos dele sem destoar. Poderiam ficar horas assim, e logo percebe que ficaram mesmo, mas nenhum dos dois quer ser o primeiro a parar.

Talvez, pensa Risa, haja um jeito de fazer esta vida funcionar, e talvez não haja — mas neste exato momento não há nada mais maravilhoso do que se entregar à música. Ela já havia esquecido como isso era bom.

47 · Público

De volta dos comerciais, o público do estúdio aplaude quando recebe a deixa, como se os espectadores em casa tivessem perdido alguma coisa.

— Para você que acabou de ligar a TV — diz um dos apresentadores do show —, nossos convidados de hoje são Camus Comprix e Risa Ward.

O jovem com múltiplos tons de pele, que são exóticos, mas também agradáveis ao olhar, acena para a plateia com uma mão. Com a outra, segura a mão da garota bonita a seu lado. O casal parece perfeito — como se feitos um para o outro. Logo o público vem a saber que Camus prefere ser chamado de Cam. Ele é ainda mais interessante de olhar pessoalmente do que nos muitos anúncios que eles viram — comerciais que os prepararam para algo misterioso e admirável. Mas esse menino não é nada misterioso — apenas admirável, pois a publicidade fermentou o choque até transformá-lo em curiosidade intoxicante.

A plateia do estúdio, assim como as pessoas em casa, está mais que preparada para isso, pois sabe que se trata de algo especial — esta é a primeira grande aparição pública de Cam. E que jeito melhor de dar-lhe as boas-vindas sob os holofotes que no *Café da Manhã com Jarvis e Holly*, um inofensivo *talk show* matutino? Todos adoram Jarvis e Holly. Os dois são tão divertidos juntos e comandam com tanta naturalidade seu cenário de sala de estar falsa, decorada com muito estilo.

— Cam, há uma grande controvérsia quanto a como você... “passou a existir”. Eu queria saber: como você se sente quanto a isso? — pergunta Holly.

— Não é problema meu — responde Cam. — Eu costumava ficar incomodado quando as pessoas diziam coisas terríveis sobre mim, mas acabei percebendo que só me importo com o que uma pessoa pensa.

— Você mesmo — supõe Holly.

— Não, ela — diz ele, olhando de lado para Risa. O público ri. Risa oferece um sorriso humilde. Então, Holly e Jarvis fazem piadinhas fofas sobre quem é que manda em vários relacionamentos conhecidos. Jarvis lança a próxima pergunta:

— Risa, você também passou por muita coisa. Uma tutelada do Estado, uma

desertora reabilitada... Tenho certeza de que o público adoraria saber como você e o Cam se conheceram.

— Eu conheci o Cam por causa da minha cirurgia espinhal — conta Risa ao mundo. — Era a mesma clínica onde ele foi criado. Ele vinha todo dia me ver e conversar comigo. Um dia, eu acabei percebendo que... — Ela hesita por um momento, talvez chocada com as próprias emoções. — Acabei percebendo que o todo dele era maior que a soma das partes.

É exatamente o tipo de coisa que as pessoas adoram ouvir. Todo o público solta um “aaaaum” coletivo. Cam sorri para Risa e segura sua mão com ainda mais força.

— Todos nós vimos seus anúncios de utilidade pública — diz Holly. — Eu ainda fico toda arrepiada quando te vejo levantar daquela cadeira de rodas. — Então, ela se vira para a plateia. — Não é, gente? — O público aplaude, concordando. Então, ela volta a falar com a garota. — Mas acho que na sua época de desertora você deve ter sido totalmente contra fragmentação.

— Bom, que pessoa não seria contra a fragmentação quando é ela quem vai ser fragmentada?

— Então, quando exatamente esses sentimentos mudaram?

Risa respira fundo visivelmente e Cam aperta sua mão outra vez.

— Não é bem que eles tenham mudado... mas eu me vi forçada a aceitar uma perspectiva mais ampla. Se não fosse pela fragmentação, o Cam não existiria e nós não estaríamos aqui hoje, juntos. Sempre vai haver sofrimento no mundo, mas a fragmentação afasta o sofrimento daqueles entre nós... — ela hesita mais uma vez — ... daqueles entre nós que vivem vidas significativas.

— Então — pergunta Jarvis —, o que você diria para os jovens por aí que viraram desertores?

Risa olha para o chão em vez de olhar para o apresentador quando responde:

— Eu diria: se quer fugir, então fuja... porque você tem todo o direito de tentar sobreviver. Mas, não importa o que aconteça, saiba que sua vida tem um significado.

— Talvez mais significado ainda se a pessoa for fragmentada? — observa Jarvis.

— Talvez, sim.

Então, eles passam à apresentação de uma grande estilista que veio para mostrar toda uma nova linha de roupas feitas de retalhos inspirada em Camus Comprix, que há de virar tendência. Há peças para homens e mulheres, meninos e meninas.

— Nós a chamamos de Refeito Chic — diz a estilista, e modelos desfilam ao som dos aplausos satisfeitos.

48 · Risa

Depois que a entrevista com Jarvis e Holly termina, Risa segura a mão de Cam até eles estarem nos bastidores e fora das vistas do público. Então, ela a solta, enojada. Não com ele, mas consigo mesma.

— O que foi? — pergunta Cam. — Desculpe se eu fiz algo errado.

— Cala a boca! Só cala a boca!

Ela procura o banheiro, mas não consegue encontrá-lo. Esse maldito set de estúdios é um labirinto, e todo mundo, de estagiários a funcionários, olha fixamente para os dois quando passam, como se fossem da realeza. Essa gente deve receber celebridades para o show todo dia, então o que os torna tão diferentes? Mas ela conhece a resposta: depois de um tempo, uma celebridade é só uma celebridade, mas existe somente um Camus Comprix. Ele é o novo queridinho da humanidade. Quanto a Risa, bem, ela é “querida” por associação.

Finalmente ela encontra o banheiro e se tranca dentro dele, senta no vaso e enterra a cabeça nas mãos. O fato de ter defendido a fragmentação — ter dito que o mundo é um lugar melhor porque jovens inocentes estão sendo fragmentados — a arrasa por dentro. Seu amor-próprio e sua integridade se foram. Agora ela não só gostaria de não ter sobrevivido à explosão em Happy Jack. Gostaria é de nunca ter nascido.

Por que está fazendo isso, Risa?

São as vozes de todas as pessoas no Cemitério. *Por quê?* É a voz de Connor, acusando-a, e com todo o direito. Ela gostaria de poder explicar a ele suas razões, o acordo diabólico que fez com Roberta. Uma diaba com o poder de construir um garoto perfeito.

E perfeito ele pode muito bem ser. Pelo menos, na definição da sociedade. Risa não pode negar que, a cada dia, Cam desenvolve mais e mais seu potencial. Ele é inteligente e forte, e tem a capacidade de ser profundamente sábio quando não está sendo profundamente egocêntrico. O fato de estar começando a vê-lo como um garoto de verdade e não um Pinóquio feito de retalhos a incomoda quase tanto quanto as coisas que ela disse hoje, diante das câmeras.

Há pancadas urgentes na porta do banheiro.

— Risa — chama Cam —, você está bem? Por favor, saia, você está me assustando.

— Me deixa em paz! — grita ela.

Ele não diz mais nada, mas, quando ela finalmente sai do banheiro, cinco minutos depois, o rapaz ainda está parado ali, à espera. Provavelmente teria esperado o dia e a noite inteiros. Ela imagina se essa determinação inabalável veio das partes dele ou se é algo que ele desenvolveu sozinho.

De repente, Risa se vê irrompendo em lágrimas e jogando-se nos braços dele, sem nem saber por quê. Ela quer rasgá-lo em pedaços, mas também quer desesperadamente que ele a conforte. Quer destruir tudo o que ele representa, mas também quer chorar em seu ombro, pois não tem outro ombro no qual chorar. As pessoas ao redor os olham com interesse, tentando fingir que não. O coração delas se aquece com o que parece ser o abraço de duas almas apaixonadas.

— Não é justo — diz ele. — Não deveriam forçar você a fazer essas coisas se não está pronta pra fazê-las. — E o fato de que ele, o alvo de toda essa atenção, a entende, simpatiza com ela e, de alguma forma, está ao seu lado confunde outra vez tudo o que há no íntimo de Risa.

— Não vai ser sempre assim — sussurra Cam. Ela quer acreditar nisso, mas neste momento só consegue imaginar que tudo há de piorar.

49 · Cam

Há coisas que Roberta não contou a ele. O controle que ela exerce sobre Risa é mais do que mera questão de vontades. Não é tão simples quanto gratidão por uma coluna nova, pois Risa não está nem um pouco agradecida. Ficou bem claro que a coluna é um fardo que ela preferiria não precisar carregar. Então, por que consentiu com a cirurgia?

A cada momento que passam juntos, a pergunta paira pesadamente no ar. Mas, quando ele aborda o assunto, tudo o que a garota diz é: “Era uma coisa que eu precisava fazer”. E, quando ele tenta sondar mais profundamente, ela perde a paciência e o manda parar de pressioná-la. “Meus motivos só dizem respeito a mim.”

Cam quer acreditar que ele é a razão pela qual ela está fazendo todas essas coisas — coisas que claramente faz a contragosto. Mas, se houver quaisquer partes nele ingênuas o bastante para acreditar que ela aceitaria essas entrevistas e anúncios pelo seu bem, são sobrepujadas pelas partes dele que percebem a verdade.

A aparição dos dois no *Café da Manhã com Jarvis e Holly* deixou dolorosamente claro que o sofrimento de Risa pelo papel que está cumprindo em todo o processo é muito profundo. O fato de ela ter permitido que ele a confortasse não mudou isso. No máximo, fez Cam sentir-se responsável por ir ao fundo da questão — não só para seu próprio bem, mas pelo dela. Pois como é que algo entre eles poderá chegar a ser real sem uma revelação total?

Tudo foi definido no dia em que ela assinou aquele formulário de consentimento — mas questionar Roberta seria inútil. Então, Cam percebe que não precisa perguntar... pois Roberta é a rainha dos vídeos de segurança.

— Preciso ver os registros de segurança do dia dezessete de abril — diz Cam ao guarda com o qual tem maior amizade, aquele com o qual joga basquete, depois que eles voltam a Molokai.

— Não vai dar — responde ele de bate-pronto. — Ninguém vê os vídeos sem a permissão de você-sabe-quem. Consiga a permissão dela e eu mostro o que você quiser.

— Ela nunca vai saber.

— Não importa.

— Mas vai importar se eu contar a ela que peguei você tentando roubar da mansão. — Isso faz o guarda gaguejar. — Permita-me — diz Cam. — Você vai dizer: “Seu filho da puta, não pode fazer isso” e eu vou responder: “Posso, sim, e em quem acha que ela vai acreditar, em mim ou em você?”. — Com isso, Cam entrega a ele um *pendrive*: — Então, só coloque os arquivos nisto aqui e a vida de todo mundo vai ser mais fácil.

O guarda olha incrédulo para ele.

— Você é mesmo uma obra de arte, sabia? O fruto não cai longe da árvore.

E, embora Cam saiba a quem ele está se referindo, o que diz é:

— Eu vim de muitas árvores. Vai ter de ser mais específico.

Esta noite, o pendrive aparece na gaveta da cômoda dele, cheio de arquivos de vídeo. Ele duvida que voltará a ter um parceiro de basquete, mas é um sacrifício pequeno a fazer. Quando é tarde o bastante para saber que não será interrompido, ele descarrega os arquivos em seu visor particular — e testemunha algo que jamais deveria ter visto...

50 · Risa

Dezessete de abril. Quase dois meses atrás. Antes das entrevistas e dos anúncios de utilidade pública, antes da cirurgia que substituiu a coluna partida.

Risa está sentada na cadeira de rodas em uma cela econômica sem nada com que ocupar o tempo além dos próprios pensamentos. Um formulário de consentimento dobrado na forma de um avião de papel está jogado no chão abaixo do espelho falso.

Ela pensa o tempo todo nos amigos. Principalmente em Connor. Imagina como ele passará sem ela. Melhor, espera a garota. Se ao menos pudesse enviar a ele a notícia de que está viva, de que não foi torturada nas mãos dos Juvis — e de que nem mesmo está nas mãos deles, mas nas de alguma outra organização.

Roberta entra, como fez no dia anterior, com um novo formulário idêntico. Senta-se à mesa e empurra o documento e uma caneta para Risa outra vez.

A mulher sorri, mas é o sorriso de uma cobra prestes a dar o bote na presa.

— Está pronta para assinar? — pergunta ela.

— Está pronta pra me ver jogar outro avião de papel? — responde Risa.

— Aviões! — diz Roberta alegremente. — Sim, por que não falamos de aviões? Especialmente daqueles no ferro-velho. O lugar que vocês chamam de Cemitério. Vamos falar dos seus muitos amigos por lá.

Finalmente, pensa Risa, ela vai me interrogar.

— Pergunte o que quiser — diz a garota. — Mas, se eu fosse você, não confiaria em nada do que eu disser.

— Não é necessário fazer perguntas, querida. Nós sabemos tudo de que precisamos sobre o Cemitério. Sabe, permitimos que seu pequeno santuário de desertores exista porque isso serve aos nossos propósitos.

— Seus propósitos? Está dizendo que vocês controlam a Autoridade Juvenil?

— Digamos apenas que temos uma influência considerável. Já faz algum tempo que a Autoridade Juvenil quer atacar o Cemitério, mas nós os seguramos. Porém, se eu der a ordem, o Cemitério será esvaziado e todos aqueles jovens que

você lutou tão corajosamente para salvar serão transportados para campos de colheita e fragmentados.

Risa consegue sentir o tapete sendo puxado debaixo dos pés.

— Você está blefando.

— Estou? Acredito que você conheça nosso agente infiltrado. O nome dele é Trace Neuhauser.

A notícia a pega totalmente desprevenida.

— O Trace?

— Ele nos forneceu toda a informação de que precisamos para tomar o Cemitério de forma rápida e indolor. — Ela empurra o formulário de consentimento só mais um centímetro na direção de Risa. — No entanto, isso não precisa acontecer. Nenhum daqueles desertores precisa ser fragmentado. Por favor, Risa. Aceite uma nova coluna e faça tudo o que nós pedirmos. Se concordar, vou garantir pessoalmente que todos os seus setecentos e dezenove amigos continuem ilesos. *Me ajude*, Risa, e você *salvará* todos eles.

A garota olha para o papel, vendo-o sob uma luz nova e terrível.

— Que tipo de coisas? — pergunta. — Que tipo de coisas vocês vão me pedir pra fazer?

— Vai começar com o Cam. Você vai deixar de lado seus sentimentos, quaisquer que sejam, e aprender a ser gentil com ele. Quanto às outras coisas que podemos pedir, você saberá quando for a hora.

Ela espera pela resposta, mas Risa não tem nada a dizer. Os estilhaços da bomba que Roberta soltou sobre ela ainda estão causando estragos.

O silêncio de Risa parece satisfazê-la. Então, ela se levanta, deixando a garota com o formulário e a caneta.

— Como você mesma disse, não vou tirar sua escolha. Continua tendo o direito de recusar... mas, se fizer isso, espero que possa viver com as consequências.

Risa segura a caneta na mão e lê o documento pela quarta vez. Uma única página com juridiquês incompreensível. Ela não precisa decifrar as letras miúdas — o que dizem é bem evidente. Ao assinar o formulário, ela dá expressa permissão

para que os médicos substituam sua coluna danificada por uma saudável, colhida de um fragmentário anônimo.

Quantas vezes já imaginou como seria andar novamente? Quantas vezes reviveu aquele momento no Campo de Colheita Happy Jack, quando o teto desabou e esmagou suas costas, e imaginou como seria poder apagar esse momento?

Na opinião de Risa, porém, o custo de uma nova coluna seria sua alma. Sua consciência não poderia permitir isso, nem na época, nem nunca. Ou assim pensou ela.

Se examinar o quadro maior dos acontecimentos e se recusar a assinar, fará uma declaração pessoal contra um mundo que perdeu o rumo... mas ninguém jamais saberá, e sua declaração fará com que centenas de amigos sejam fragmentados.

Roberta alega que Risa tem uma escolha, mas que escolha há, afinal? Ela segura firmemente a caneta, respira fundo e assina o nome.

51 · Cam

Roberta está radiante com a reação pública à aparição de Risa e Cam no *Café da Manhã com Jarvis e Holly*. Já respondeu a dezenas de pedidos de entrevistas.

— Podemos nos dar ao luxo de sermos seletivos — diz ela a Cam de manhã, após ele ter visto o vídeo de segurança. — Qualidade versus quantidade!

Ele nada diz, e ela está tão envolvida nos próprios planos que falha em notar o desinteresse de Cam.

Você vai deixar de lado seus sentimentos, quaisquer que sejam, e aprender a ser gentil com ele.

Ele leva sua frustração para a quadra de basquete. Quando vê que isso não o acalma, leva-a direto à fonte. Procura Risa por toda a enorme mansão. Encontra-a na cozinha, preparando para si um sanduíche no meio da manhã.

— Fico cansada de ser servida o tempo todo — diz ela casualmente. — Às vezes, tudo o que quero é um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia que eu mesma faço. — Ela estende o sanduíche para ele. — Quer este? Eu faço outro.

Como Cam não aceita, ela o olha nos olhos e percebe quão alterado ele está.

— Qual é o problema? Brigou com a mamãe?

— Eu sei por que você está aqui — responde ele. — Sei tudo sobre seu acordo com a Roberta, e sobre seus amigos no Cemitério.

Ela hesita por um momento. Depois, começa a comer o sanduíche.

— Você tem seu acordo com ela, eu tenho o meu — comenta Risa em uma voz abafada por manteiga de amendoim.

Então, ela tenta se afastar, mas Cam a agarra pelo braço. A garota se livra rapidamente do aperto e o empurra contra a parede.

— Eu passei a aceitar! — grita com ele. — Você bem que podia fazer o mesmo!

— Então, foi tudo fingimento? Ser legal com a aberração aqui era só uma atuação pra salvar seus amigos?

— Sim! — dispara Risa. — No começo.

— E agora?

— Você se acha mesmo tão ruim assim? E acha mesmo que sou uma atriz tão boa?

— Então, prove! — exige ele. — Prove que sente alguma coisa além de desprezo por mim!

— Neste momento, é só isso que sinto por você! — Então, ela sai pisando duro e jogando o sanduíche na lata de lixo.

Cinco minutos depois, Cam furta um cartão de acesso de um guarda desatento e o usa para passar pela porta de segurança que leva à garagem. Lá, ele rouba uma motocicleta e sai da propriedade em disparada pelo caminho sinuoso.

Não tem destino certo, só a necessidade ardente de acelerar. Tem certeza de que há pelo menos um viciado em velocidade em seu cérebro, talvez mais. Sabe que vários de seus constituintes dirigiram motocicletas. Faz todas as curvas muito rápido até finalmente chegar à cidade de Kualapuu, satisfazendo cada impulso autodestrutivo que reside em seu íntimo. Então, acelera demais ao dobrar uma curva, perde o controle e sai voando da moto, rolando várias vezes pelo asfalto.

Está ferido, mas vivo. Motoristas param e saem dos carros para socorrê-lo, mas ele não quer ajuda. Fica de pé e sente uma dor aguda no joelho. Sente a pele das costas rasgada; há sangue vazando por entre o couro cabeludo e nublando-lhe a vista.

— Ei, cara, você tá bem? — grita algum turista. Então, para de repente. — Ei! Ei, é você! Você é aquele menino feito! Olha, gente, é o menino feito!

Ele corre para longe das pessoas e sobe novamente na moto, voltando pelo caminho em que veio. Na hora em que chega, já há carros de polícia diante da casa. Roberta o vê e corre até ele.

— Cam! — grita ela. — O que você fez? O que você fez? Meu Deus! Você precisa de cuidados médicos! Vamos chamar o médico já! — Ela se volta raivosa para os guardas da propriedade: — Como é que vocês puderam deixar isso acontecer?

— Não é culpa deles! — berra Cam. — Não sou um cachorro que escapou da

corrente, então não me trate como um!

— Me deixe ver esses ferimentos...

— Para trás! — grita ele, alto o bastante para fazê-la realmente afastar-se. Então, passa empurrando os guardas, sobe para o quarto e tranca o resto do mundo lá fora.

Alguns minutos mais tarde, como ele tinha certeza que aconteceria, alguém bate levemente à porta. Roberta, tentando manejar seu garoto instável com luvas de pelica. Mas não é Roberta.

— Abre, Cam, é a Risa.

Ela é a segunda pessoa que ele menos quer ver no momento, mas o fato de ter vindo o surpreende. O mínimo que pode fazer é recebê-la.

A garota está parada na porta com um estojo de primeiros socorros na mão.

— É muita burrice ficar sangrando até a morte só porque está irritado.

— Eu não estou “sangrando até a morte”.

— Mas *está* sangrando. Posso pelo menos cuidar das feridas piores? Acredite ou não, eu era a médica-chefe do Cemitério. Lidava com esse tipo de coisa o tempo todo.

Ele abre mais a porta e a deixa entrar. Senta-se junto à cadeira da escrivaninha e deixa Risa limpar o ferimento na bochecha. Então, ela o faz tirar a camiseta rasgada e começa a limpar as costas. A pele arde, mas ele suporta os cuidados sem pestanejar.

— Você teve sorte — diz ela. — Sofreu lacerações, mas nenhuma delas vai precisar de pontos, e você não rasgou nenhuma das costuras.

— Tenho certeza de que a Roberta vai ficar aliviada.

— A Roberta que vá para o inferno.

Desta vez, Cam concorda com Risa. Ela examina seu joelho e diz que, quer ele goste ou não, precisará tirar um raio X da área. Quando a garota termina de avaliar os ferimentos, ele dá uma boa olhada nela. Se ainda estiver zangada com ele pela conversa de antes, não demonstra.

— Me desculpe — diz ele. — Falar daquele jeito foi idiotice.

— Foi humano — argumenta ela.

Cam estende a mão e toca suavemente o rosto de Risa. Que ela o estapeie por isso. Que lhe arranque o braço do ombro, não importa.

Mas ela não faz nada disso.

— Vem cá — diz ela. — Vamos te pôr na cama pra você descansar um pouco.

Ele se levanta, mas coloca peso demais no joelho e quase desaba. Ela o segura, apoiando-o assim como ele a apoiou no primeiro dia em que andou. Ela o ajuda a chegar à cama, e, quando ele se deixa cair, o braço dela fica enganchado ao redor dele de forma que ela é puxada para a cama também.

— Desculpa.

— Pare de pedir desculpa por tudo — responde ela. — Guarde as desculpas para as piores mancadas.

Agora, estão deitados lado a lado na cama, as costas de Cam ardendo ainda mais ao serem pressionadas contra o lençol. Ela poderia se levantar, mas não o faz. Em vez disso, rola levemente na direção do garoto e roça os dedos contra um arranhão no peito dele, verificando se precisa de uma bandagem, depois decidindo que não.

— Você é esquisitão mesmo, Camus Comprix. Como eu fui me acostumar com isso é um mistério pra mim. Mas me acostumei.

— Mas você ainda gostaria que eu nunca tivesse sido feito, não?

— Mas você foi, e está aqui, e eu estou aqui. — Então, ela acrescenta: — E eu só te odeio às vezes.

— E no resto do tempo?

Ela se inclina na direção dele, pensa por um momento e então o beija. É mais que um selinho, mas apenas um pouco mais.

— No resto do tempo, não odeio. — Ela rola e se deita de costas, ficando ao lado dele. — Não crie expectativas demais, Cam. Eu não posso ser o que você quer.

— Há muitas coisas que eu quero — retruca ele. — Quem disse que preciso ter todas elas?

— Porque você é o menininho mimado da Roberta. Você sempre consegue o

que quer que o seu coração refeito deseje.

Ele se senta para encará-la.

— Então, me *desamime*. Me ensine a ser paciente. Me ensine que há coisas pelas quais vale a pena esperar.

— E coisas que você talvez nunca tenha?

Ele pensa antes de responder:

— Se é o que você tem a me ensinar, então é o que eu tenho que aprender... mas o que eu mais quero é algo que acredito poder ter.

— O que seria?

Ele pega a mão dela e a mantém segura.

— Este momento, aqui e agora, de uma centena de formas diferentes. Se eu puder ter isso, então o resto não vai importar tanto.

Ela se senta e afasta a mão de Cam, mas só para passá-la pelo cabelo dele. Parece estar apenas olhando o ferimento no couro cabeludo, mas talvez não.

— Se isso é mesmo o que você mais quer — diz Risa suavemente —, talvez possa ter. Talvez nós dois possamos.

Cam sorri.

— Eu gostaria muito disso.

E, pela primeira vez desde que foi feito, ele sente nos olhos o aflorar de lágrimas que sabe que são verdadeiramente suas.

Parte Seis

Lutar ou Fugir

Pesquisa do Google: “Adolescentes selvagens”. Cerca de 12.100 resultados (0,12 segundo)

Global Faultlines | Política Internacional, Política Econômica, História Contemporânea...

“**Adolescentes** niilistas e **selvagens**”, o Daily Mail os chamou: os jovens malucos de todas as classes que vagueiam pelas ruas sem se importar com nada e...

The Black Flag Cafe© • Ver Tópico – adolescentes selvagens atacam... 3 postagens – 2 autores – Última postagem: 7 de julho de 2007 — **Adolescentes selvagens** atacam novamente..... » Sexta-feira Julho 06, 2007 10:31 pm. WEST PALM BEACH, Flórida. — Dois adolescentes foram acusados de...

Feral007's Blog – Opiniões aleatórias sobre adolescentes selvagens » adolescentes. Opiniões aleatórias sobre **adolescentes selvagens**. Problemas de rotina de uma mãe solteira com filhos adolescentes! O que fazer?

Adolescentes Selvagens Atacam Estranhos na Filadélfia 18 de agosto de 2011 – A palavra “delinquente” se refere a gangues de adolescentes atacando estranhos por diversão e...

Adolescentes “selvagens” espancam homem até a morte – Notícias – Wigan Today, 4 de abril de 2007 — Dois **adolescentes “selvagens”** que dominaram um homem pacífico e muito vulnerável de Wigan com meses de bullying antes de selvagemente...

Silver Spring Singular: Cobiçando o Restaurante do Vizinho, 30 de junho de 2010 — Bethesda tem muito menos bandos de **adolescentes selvagens**, o que torna a impressão do centro da cidade imensamente mais agradável...

52 · Lev

Lev é despertado por um jato de água gelada no rosto. Primeiro, pensa que está sob a tempestade outra vez. Um tornado estava chegando... eles foram atingidos por uma árvore? Ele precisa se levantar. Deve continuar fugindo. Fugindo.

Mas não está sob a tempestade. Não está ao ar livre. O foco está embaçado, mas ele consegue ver o suficiente para saber que está em algum tipo de sala, olhando para uma parede encardida. Parede, não. Teto. Um teto manchado de umidade. E está deitado em uma cama. E as mãos estão presas acima da cabeça. Amarradas à cabeceira. Na boca há um gosto de ácido de bateria, o ar cheira a mofo e a cabeça lateja, lateja, lateja. Agora ele lembra! Estava em uma van com Miracolina. O granizo golpeava a van. Daí eles foram baleados com trancos por um...

— Acordado? — diz Nelson.

Lev lembra-se do nome agora. Nelson. Oficial Nelson. O menino nunca viu o rosto do homem, mas o nome esteve nos noticiários quase tanto quanto o do próprio Lev. Ele não se parece muito com um Juvi agora.

— Desculpe pelo despertador de água. Eu teria usado um despertador digital, mas não temos esse tipo de serviço aqui.

Em outra cama ao lado de Lev está Miracolina, ainda inconsciente. Como as mãos dele, as mãos dela estão amarradas à cama por braçadeiras plásticas.

Lev cospe um pouco de água. Nelson está sentado a alguns passos de distância, pernas cruzadas, segurando a arma de tranquilizantes.

— Sabe, passei vários dias vigiando a mansão Cavanaugh. Foi pura intuição. Tudo indicava que havia um esconderijo importante na área, mas ninguém conseguia descobrir a localização. Só que a propriedade Cavanaugh tem aquela guarita junto do portão feita para parecer abandonada e que não está abandonada coisa nenhuma. E todas aquelas câmeras de vigilância de última geração nas árvores em torno da propriedade. Eu não sabia que a resistência tinha toda essa grana!

Lev nada diz, mas Nelson não parece se importar. Aparentemente, está satisfeito em ter uma plateia cativa.

— Então, imagine a minha surpresa quando encontrei você e a sua amiga praticamente embrulhados para presente à beira da estrada! — O homem ejeta o pente de dardos tranquilizantes da arma, desliza-os para fora, um por um, e depois recarrega a arma, reencaixando o pente com um clique. Na outra cama, Miracolina grunhe, finalmente começando a se erguer do longo sono. — O que eu acho é o seguinte. — Nelson se inclina mais para perto de Lev. — Você estava escoltando essa pobre menininha desertora até a mansão Cavanaugh e aos braços dos seus amiguinhos transgressores, mas no caminho foram pegos pela tempestade. Acertei?

— Nem chegou perto — resmunga Lev.

— Ah, bem, os detalhes realmente não importam. A questão é que vocês estão aqui.

— E onde é aqui?

— Como eu disse — responde o homem, acenando com a arma —, os detalhes não importam.

O menino volta a olhar na direção de Miracolina. Os olhos estão só semicerrados, mas ela ainda não recuperou completamente a consciência.

— Deixa ela ir — diz ele. — Ela não tem nada a ver com isso.

Nelson sorri.

— Quanta nobreza da sua parte pensar na garota antes de pensar em si. Quem disse que o cavalheirismo morreu?

— O que você quer? — pergunta Lev, a cabeça doendo demais para ficar fazendo rodeios. — Não posso conseguir pra você seu emprego de volta, e não é culpa minha o Connor ter te dado um tranco. Então, o que você quer de mim?

— Na verdade — retruca Nelson —, é culpa sua, *sim*. Se você não estivesse sendo usado como escudo humano, nenhum de nós estaria aqui hoje.

Lev percebe quão isso é verdade. Se não tivesse sido acidentalmente atingido pela bala que Nelson disparara mirando Connor, então os dois teriam sido fragmentados conforme os planos.

— Então, vamos jogar? — pergunta o homem.

Lev engole em seco. É como se a garganta estivesse revestida de serragem.

— Qual é o jogo?

— Roleta-russa! Meu pente está carregado com cinco dardos de tranco e uma cápsula de chumbo banhada a níquel com ponta explosiva. Não consigo lembrar em que posição coloquei a Sra. Bala Malvada, estava ocupado demais falando com você pra notar. Vou te fazer umas perguntas e, se não gostar da resposta, eu atiro.

— Esse jogo pode durar dias se eu ficar inconsciente várias vezes.

— Ou pode acabar muito, muito rápido.

Lev respira fundo e tenta não demonstrar mais medo do que o necessário.

— Parece emocionante. Eu topo.

— Bom, não é tão divertido quanto ser um batedor, mas vou tentar impedir que você fique entediado. — O homem tira a trava de segurança da arma. — Pergunta número um. Seu amigo Connor ainda está vivo?

O menino suspeitava que ele perguntaria isso, então tenta mentir tão honestamente quanto possível:

— Eu ouvi esses rumores também — diz ele —, mas estou por fora. Ele foi tirado de Happy Jack sangrando e inconsciente, e eu fui preso. Depois disso, nem tenho ideia.

Nelson sorri para ele e diz:

— Resposta errada. — E aponta a arma para Miracolina.

— Não!

O homem atira sem hesitar. Ao ser atingida, a garota arqueia as costas, soltando um arfar semiconsciente, depois desaba em silêncio. O coração de Lev parece a ponto de explodir, até ele ver a minúscula bandeira do dardo tranquilizante espetado na camiseta dela.

Nelson fica de pé e balança a cabeça.

— É melhor que eu goste da sua próxima resposta. — E sai do quarto, fechando a porta.

53 · Nelson

Nelson decide dar a Lev bastante tempo para pensar. Enquanto isso, senta-se em uma sala contígua da cabana, avaliando as pistas que já possui. Não são muitas. Ele colocou rastreadores em cerca de doze desertores, deixando-os pensar que escaparam. Alguns ainda estão nas ruas, não muito longe de onde ele os capturou. Outros estão em campos de colheita após terem sido pegos pelos Juvis. Um parece estar na Argentina, embora Nelson suspeite que esse menino tenha sido apanhado por outro pirata de órgãos e fragmentado no mercado negro, o que significa que só a parte contendo o chip rastreador foi parar na América do Sul. Há dois sinais sendo transmitidos do Arizona, no local de uma velha base desativada da força aérea. Isso é o mais curioso. Ele ouviu boatos sobre algum tipo de santuário de desertores no sudoeste quando ainda trabalhava como Juvi, mas foram dados superficiais e, na época, ele não tinha autoridade suficiente para obter mais informações sobre isso, nem interesse. Em todo caso, o Arizona é distante demais para ele tirar conclusões tão rápidas. A não ser, é claro, que seu amiguinho batedor revele a presença de Connor lá.

Os dardos de tranco que Nelson colocou na pistola são do tipo mais suave, com efeito de curta duração. Quando ele volta, duas horas depois, fica parado diante da porta, escutando. A garota está acordada, mas zozna, e Lev está implorando desculpas por tê-la envolvido nisso. Ninguém fala de Connor ou qualquer esconderijo potencial de desertores.

Nelson chuta a porta para fazer uma entrada dramática e depois senta-se calmamente na cadeira entre eles, brandindo a pistola, só para o caso de alguém duvidar de suas intenções.

— Estamos prontos? — pergunta ele. — Restam cinco balas. Há uma chance de vinte por cento de a próxima ser letal.

Lev evita fazer contato visual com ele, lutando para manter a respiração sob controle. Como já conhece o surpreendente final deste jogo, Nelson aponta a arma para a garota antes mesmo de fazer a pergunta.

— Você acha que tenho medo de morrer, mas não tenho — diz ela. Porém, o tremor em sua voz afirma o contrário.

— Por favor — suplica Lev. — Você não tem que fazer isso.

— Acredito que tenho — responde Nelson alegremente. Ele pigarreja, limpando a garganta. — Segunda rodada. A pergunta é... Onde fica o esconderijo do Desertor de Akron? Tem três segundos para responder.

— Por favor, não — pede Lev mais uma vez.

— Um!

— Aponta pra mim! Ela não tem nada a ver com isso!

— Dois!

— Sou eu que dou as respostas erradas! Não ela!

— Três!

— Não! Espera! Eu conto! Eu conto!

Ele arma o gatilho.

— Melhor contar rápido.

Lev respira fundo, estremeando.

— Indian Echo Caverns. Na Pensilvânia. É onde os desertores da Costa Leste se escondem. O povo os leva para o fundo das cavernas e eles ficam escondidos lá até fazerem dezessete anos. Connor está ajudando a administração.

— Hum — diz Nelson, considerando a resposta. — Isso fica em uma reserva indígena. Aposto que os malditos cassineiros sempre dão abrigo aos desertores.

Ele apoia a arma no colo e se reclina para trás na cadeira.

— Agora eu tenho um dilema. De todos os desertores que estou rastreando, nenhum deles foi naquela direção. Então, em quem devo acreditar? Em você ou nos meus chips?

— Onde você estava quando colocou chips neles? — pergunta Lev rapidamente. — Se foi ao oeste de Pittsburgh, eles provavelmente vão para algum outro lugar onde a resistência os pega... e não me pergunte onde, porque disso eu não sei!

Nelson sorri.

— Sabe, estou muito feliz por você não ter se explodido em mil pedacinhos no ano passado, meu jovem. Porque você acabou de salvar a vida dessa menina.

Presumindo, é claro, que esteja dizendo a verdade.

— Se eu estiver mentindo — responde Lev —, você pode voltar e matar nós dois.

Isso faz o homem rir.

— Se eu descobrir que você mentiu, vou fazer isso de qualquer jeito, mas obrigado por me dar sua permissão.

Então, ele sai, sem nem mesmo tentar desamarrá-los.

54 · Lev

— Você estava dizendo a verdade? — pergunta Miracolina.

— Claro que estava — diz Lev, só para o caso de Nelson ainda estar ouvindo. Alguns momentos depois, ele ouve o homem ligando a van e partindo. O fato é que não importa o que Lev disse a ele, o que importa é que Nelson acreditou. O menino tirou a localização da memória, pois já esteve com sua família nas Indian Echo Caverns muitos anos atrás. Lembrou-se do guia turístico dizendo que aquelas cavernas costumavam ser o esconderijo para os fora da lei. Lev ficou perto da mãe, temendo que esses criminosos ainda estivessem espreitando nos cantos sombrios. Ele nem sabe se realmente há desertores escondidos lá. Espera que não, agora que ele mandou Nelson direto para lá.

— Então, o que a gente faz? — pergunta Miracolina. — Se ele pegar o seu amigo, não vai voltar, e a gente vai morrer de fome. Se o seu amigo não estiver lá, ele vai voltar e matar a nós dois.

— Pensei que você não tivesse medo de morrer.

— Não tenho. Só não quero uma morte sem sentido.

— Não vamos morrer. Não se eu puder evitar. — Então, ele começa a balançar para um lado e para o outro na cama. As mãos estão firmemente presas a duas barras de metal da cabeceira com as braçadeiras plásticas, mas os pés conseguem gerar um tipo de impulso. Ele joga o peso para a esquerda, depois para a direita, de novo e de novo, e com isso a cama começa a se arrastar pelo chão. Ele tenta virar a cama, mas não consegue criar impulso suficiente. Por fim, é obrigado a parar e descansar.

— Não está funcionando — diz Miracolina, afirmando o mais do que óbvio.

— Então, talvez você deva começar a rezar. Eu com certeza vou.

Depois de descansar por alguns minutos, ele tenta novamente. Desta vez, consegue deslocar a cama um pouco mais com o movimento, até uma das pernas travar em uma tábua irregular do piso. Agora, quando ele balança o leito, as pernas do outro lado se erguem ligeiramente do chão. Ele perde a força, e a dor das braçadeiras fincadas nos pulsos o afeta. É forçado a parar, mas depois de alguns minutos de recuperação ele tenta de novo, e de novo, chegando cada vez

mais perto da força exata e da torção certa. Então, finalmente, soltando um grunhido e de mandíbula travada, ele joga todo o peso do corpo contra a parede mais distante, praticamente deslocando os braços dos ombros — e a cama se ergue, o futuro oscilando como uma moeda entre cara e coroa — e vira de cabeça para baixo. A armação de metal e o colchão caem por cima de Lev. Seus cotovelos se chocam dolorosamente contra o piso apodrecido, e lascas de madeira afundam na pele. Com a cama por cima dele, Lev tem um flashback momentâneo da explosão na casa de Marcus, quando ficou preso debaixo do sofá. O rosto do irmão, e o do Pastor Dan. Ele tenta tirar forças dessa lembrança, em vez de se deixar dominar pela angústia.

— Você conseguiu! Isso foi o máximo! — Ele ouve Miracolina dizer, embora não consiga vê-la. — E agora?

— Ainda não tenho certeza.

As mãos de Lev ainda estão dolorosamente presas às barras de metal da cabeceira. Ele consegue ver os pulsos sangrando, e também há ferrugem em suas mãos. Pensa em tétano e em como as pessoas sempre querem que você tome uma injeção antitetânica quando pisa em um prego enferrujado ou coisa assim. Pensa em como, na casa de praia de sua família, a cerca de ferro enferrujou até virar pó pela exposição ao ar salgado. *Enferrujou até virar pó...* Ele olha para o ponto onde as barras se ligam à armação da cama. A barra à qual sua mão esquerda foi atada está praticamente toda enferrujada. Ignorando novamente a dor, ele puxa e puxa até finalmente quebrar a barra e libertar a mão.

— O que está acontecendo aí embaixo? — pergunta Miracolina.

Em vez de responder, ele ergue a mão e agarra a dela. A garota ofega.

A barra que retém a mão direita não está tão enfraquecida quanto a outra, mas também está enferrujada e gasta. Ele sabe que não conseguirá arrancar esta como fez com a anterior. Então, emprega uma tática diferente. Começa a mover o pulso para a frente e para trás, raspando o plástico da braçadeira contra o metal ferruginoso e denteado. Pouco a pouco, o plástico se desgasta, até que finalmente se parte e a mão se liberta. Ele esfrega o sangue dos pulsos no colchão e se levanta.

— Como é que você fez isso? — pergunta ela.

— Superpoderes — responde Lev. Ele olha para as amarras de Miracolina, depois procura debaixo do colchão dela e encontra o mesmo metal enferrujado.

Afasta a cama da parede e, ficando atrás dela, chuta as barras até que aquelas às quais a garota está presa se soltem. Ele puxa suas mãos e retira as fitas plásticas passando-as por cima dos nós dos dedos.

— Você tá bem? — pergunta ele, e ela assente. — Ótimo. Vamos dar o fora daqui. — Mas, no momento em que apoia o peso sobre o tornozelo direito, faz uma careta de dor e começa a mancar.

— O que foi?

— Acho que torci o tornozelo quando chutei as barras — responde Lev. Miracolina o deixa apoiar seu peso nela e o ajuda a andar.

Quando abrem a porta da frente, fica evidente onde estão. É uma cabana no bosque, tão isolada que eles poderiam ter gritado até cansar por dias e ninguém os teria ouvido.

Há uma estrada de terra levando ao que Lev espera ser uma estrada principal. Ele tenta colocar peso sobre o tornozelo e volta a sentir dor. Então, a garota o deixa continuar com o braço por cima de seu ombro, e ele, agradecido, aceita o auxílio.

Então, quando já estão a uma boa distância da casa, ele diz:

— Eu vou precisar mesmo da sua ajuda agora. Você tem que me ajudar a avisar o meu amigo.

Miracolina se afasta de Lev, que quase tomba no chão, mas consegue manter o equilíbrio.

— Não vou fazer nada disso. Seu amigo não é problema meu.

— Por favor, olha pra mim. Eu mal posso andar... não consigo chegar lá sozinho.

— Eu te levo pra um hospital.

Lev balança a cabeça.

— Quando fui pra mansão Cavanaugh, violei os termos da liberdade condicional. Se eu for pego, vou ficar preso pra sempre.

— Não ponha a culpa em mim!

— Eu acabei de salvar a sua vida. Não retribua destruindo a minha.

Ela o olha com quase tanto ódio quanto no dia em que se conheceram.

— Aquele pirata de órgãos vai chegar às cavernas antes de nós. De que adianta? — Então, ela o analisa por um momento, como se estivesse lendo a mente de Lev, e diz: — Seu amigo não está nas cavernas, né?

— Não.

Ela suspira.

— É claro que não.

55 · Miracolina

Miracolina não é o tipo de garota dada a comportamentos impulsivos. Tudo deve ser planejado e ter tempo suficiente para assimilação antes de ser levado a cabo. Nem mesmo sua fuga da mansão Cavanaugh foi um gesto impetuoso, mas resultado de cuidadosa elaboração. Portanto, ela está completamente despreparada para a loucura que a assalta na estrada de terra com Lev.

— Antes de te ajudar a chegar aonde quer que seja, vou ligar pros meus pais — diz ela, percebendo que, com isso, acaba de entrar em negociação. Está mesmo pensando em ir com ele! Talvez seja transtorno de estresse pós-traumático...

— Você não pode ligar pros seus pais. Se fizer isso, eles vão saber que o seu ônibus dizimista não foi atacado por piratas de órgãos. Isso vai colocar em risco toda a Operação Cavanaugh.

— Se você liga tanto pra essa operação, então por que fugiu?

O menino leva um momento para responder, deslocando o peso do corpo e novamente fazendo cara de dor.

— O trabalho deles é bom — diz ele. — Só não é pra mim.

Isso a desorienta. Os motivos dele — sua integridade vaga. Era fácil dispensar Lev como “parte do problema” quando ela não o conhecia, mas agora já não é tão fácil. Ele é um paradoxo. Um menino que quase se explodiu em pedaços em uma tentativa de matar outras pessoas e ainda assim se ofereceu ao pirata de órgãos para salvar a vida de Miracolina. Como alguém pode ir do desrespeito absoluto pela existência de outrem à disposição para se entregar em sacrifício por uma pessoa que mal conhece? Isso desafia as verdades que sempre definiram a vida de Miracolina. Os maus são maus, os bons são bons, e ver-se presa entre eles é só uma ilusão. Não há meio-termo.

— Eu vou ligar pros meus pais e avisar que estou viva — exige ela, firme. — Só de saber que estou viva eles vão ficar felizes.

— Um telefonema pode ser rastreado.

— Nós vamos estar em movimento, não vamos? Se meus pais avisarem a

Autoridade Juvenil, só vão saber onde estivemos, não aonde vamos. — Então, ela pergunta: — *Aonde* vamos?

— Acho que você pode entrar em contato com os seus pais — responde Lev, cedendo —, mas não pergunte aonde vamos. Quanto menos você souber, melhor.

E, embora isso acenda um alerta vermelho em sua mente, ela diz:

— Tudo bem. — Depois, coloca as mãos na cintura. — E você pode parar de fingir que seu tornozelo está doendo. Isso só vai nos atrasar.

Lev apoia todo o peso naquela perna e oferece a ela um sorrisinho endiabrado. É neste momento que Miracolina percebe: ela perdeu a negociação antes de começar. Pois, mesmo antes de o garoto pedir que fosse com ele, uma parte dela — desconhecida até mesmo para ela — já havia decidido que ia.

56 · Lev

Desta vez, a jornada até o Cemitério é diferente da primeira que Lev fez. Aquela primeira viagem não tinha um destino definido além de uma lenta espiral rumo ao fundo, e foi feita enquanto seu espírito ferido estava tão dolorido que ele estava pronto para ser recrutado pelos batedores. Estava perdido, sem nenhuma forma de enfrentar a própria raiva.

Primeiro houve CyFi, e o garoto na cabeça de CyFi, que nem mesmo sabia já ter sido fragmentado. Então, Lev foi deixado por conta própria, presa fácil para oportunistas tão furtivos quanto mosquitos. Pessoas que ofereciam ajuda, ou abrigo, ou comida — mas todas tinham algum plano para sugar-lhe o sangue. A breve passagem por uma reserva do Povo da Sorte refez suas forças, mas mesmo isso terminou em um conflito terrível com um pirata de órgãos. O período que Lev passou sobrevivendo longe das vistas tornou-o experiente e engenhoso. Foi endurecido por um batismo brutal de experiências de vida. Naqueles dias desolados, a ideia de se explodir e destruir consigo tanto quanto pudesse não pareceu tão má.

Mas ele não está mais nesse canto sombrio e sabe que, não importa o que lhe aconteça, nunca voltará a esse lugar.

Para honrar os desejos de Miracolina, Lev furta um telefone celular do bolso do casaco de um homem de negócios para que ela possa ligar para casa. O telefonema é breve, e, como prometido, a garota não dá nenhuma informação além do fato de que está viva, interrompendo a saraivada de perguntas da mãe ao desligar rapidamente.

— Pronto, está feliz? — rosna ela para Lev. — Curto e grosso. — Ela insiste que ele precisa devolver o telefone ao bolso daquele mesmo homem, mas este já se foi, então Lev coloca o celular no bolso de um sujeito parecido.

Sem nenhum dinheiro, tudo de que precisam terá de ser roubado. Lev usa versões mais brandas dos truques de sobrevivência que aprendeu em sua primeira temporada nas ruas. Bater e pegar, mas sem bater. Arrombar e invadir sem arrombar de verdade. Estranhamente, Miracolina não vê problema nos roubos.

— Estou fazendo uma lista de todas as coisas que pegamos e de onde as achamos — avisa ela. — Tudo vai ser completamente pago antes de eu ser fragmentada.

Contudo, o fato de ela permitir a distorção de seu próprio código moral particular dá a Lev esperança de distorcê-lo até acabar com a fixação da garota pelo dízimo.

Ele sabe que o tempo é curto. Nelson é o tipo de cão de caça humano que não desiste — e será ainda mais implacável assim que perceber a mentira de Lev. Eles precisam avisar Connor.

Nem Lev nem Miracolina sabe dirigir, nem parecem maduros o bastante para passarem despercebidos caso soubessem — e jovens dessa idade, viajando em meios de transporte convencionais, chamam atenção feito um dedo inflamado em meio aos outros. Então, eles se escondem nas sombras do mundo. Nos contêineres de caminhões, quando conseguem entrar; nas caçambas das caminhonetes, quando há lonas sob as quais se esconder. Foram expulsos mais de uma vez, mas nunca perseguidos a sério. Por sorte, a maioria das pessoas tem coisa mais importante a fazer do que correr atrás de um par de adolescentes.

— Eu odeio o que estamos fazendo e o jeito como fazemos! — grita Miracolina, depois de fugir de um caminhoneiro especialmente agressivo que os escorraçou brandindo uma chave de roda. — Eu me sinto imunda! Me sinto sub-humana!

— Ótimo — responde Lev. — Agora você sabe como um desertor de verdade se sente.

Ele precisa admitir que estar novamente à margem da sociedade é emocionante. Naquela primeira vez, teve a ver com traição, alienação e sobrevivência. Ele odiou e ainda tem pesadelos com a época — mas, agora, entregar-se aos instintos, impulsos e ao jorro de adrenalina parece muito mais confortável do que ser uma ave engaiolada na mansão Cavanaugh. Uma parte desse entusiasmo pela sobrevivência parece estar resvalando em Miracolina — pois, a cada vez que eles escapam ilesos após algum pequeno delito, ela se solta mais. Chega até a sorrir.

O trecho mais longo da jornada é feito no compartimento de carga de um ônibus de viagem, depois de terem se acomodado atrás das malas quando ninguém estava olhando. O ônibus, saindo de Tulsa, vai para Albuquerque, a

apenas um estado de distância do Cemitério.

— Você vai me contar onde esta jornada termina?

— Estamos indo pra Tucson — ele finalmente revela, mas nada mais específico que isso.

O ônibus parte às cinco da tarde e viajará durante a noite. Eles criam um lugar razoavelmente confortável para ficarem em meio à bagagem. Então, após mais ou menos duas horas de viagem, Lev percebe que está encrencado. Mesmo na escuridão total do compartimento lotado, Miracolina consegue perceber que há algo errado, pois pergunta:

— Que foi?

— Nada — responde Lev. Então, confessa: — Preciso fazer xixi.

— Bom... — diz a garota naquele tom de voz superior que deve ter levado anos para cultivar —, *eu* me antecipei e fui ao banheiro no terminal de ônibus.

Dentro de dez minutos Lev percebe que isso não acabará bem.

— Você vai molhar as calças? — pergunta Miracolina.

— Não! Prefiro explodir.

— É, eu ouvi dizer.

— Muito engraçado.

Contudo, quando o ônibus passa por um trecho de estrada irregular, torna-se dolorosamente claro que segurar a urina não é uma opção. Lev não quer sujar todo o compartimento... então, percebe que a absorção está a apenas um zíper de mala de distância. Ele se afasta de Miracolina e começa a abrir o zíper de uma mala.

— Você vai fazer xixi na mala de alguém?

— Você tem alguma outra ideia?

E, de repente, Miracolina começa a fungar, depois solta risadinhas, depois ri descontroladamente.

— Ele vai fazer xixi na mala de alguém!

— Quieta! Você quer que as pessoas no ônibus te escutem?

Mas a garota não consegue se conter. Está tendo um acesso completo de riso

— do tipo que faz o estômago doer.

— Eles vão abrir a mala — gagueja ela entre gargalhadas incontroláveis — *e as roupas vão estar cheias de xixi!*

Para Lev, isso não é motivo de riso. Ele abre a mala e tateia dentro dela para se certificar de que só há roupas, nada eletrônico, pois isso seria realmente ruim — e Miracolina não consegue recuperar o fôlego.

— *E eu pensava que era ruim derramar xampu na minha mala!*

— Xampu! — diz Lev. — Você é um gênio!

Ele remexe às cegas no interior de uma mala, depois outra, até encontrar um frasco de xampu de bom tamanho. Então, despeja o xampu freneticamente no canto do compartimento de carga e, sem perder nem um segundo, enche o frasco com delicioso alívio. Ao terminar, fecha a tampa com firmeza. Ele pensa em recolocar o frasco na mala, mas decide que é melhor deixá-lo no outro canto do compartimento de carga.

Ele solta um suspiro trêmulo, depois volta a seu espaço ao lado de Miracolina.

— Você lavou as mãos? — pergunta ela.

— Lavar? Estão cobertas de xampu!

Agora, ambos estão rindo, e, quando inalam o ar, o cheiro enjoativo de xampu floral enche o ambiente, o que só os faz rir ainda mais, até se esgotarem.

No silêncio que se instala a seguir, algo muda. A tensão que esteve firme entre eles desde o momento em que se conheceram afrouxa. Logo, o movimento do ônibus começa a embalá-los para dormir. Lev sente Miracolina apoiar-se em seu ombro. Não se move, temendo acordá-la. Apenas desfruta da sensação de proximidade, certo de que ela nunca se encostaria assim nele se estivesse acordada.

É quando ela diz, sem nenhum sinal de sono na voz:

— Eu perdoo você.

Lev sente algo nascer nas profundezas de seu íntimo, exatamente como no dia em que percebeu que os pais nunca o aceitariam de volta. É uma onda emocional que não pode ser controlada, e não há frasco no mundo capaz de contê-la. E, embora ele lute para manter os soluços silenciosos, eles começam a sacudir-lhe o peito e ele sabe que não será capaz de impedi-los, assim como Miracolina não

pôde evitar o riso. Embora ela certamente perceba que ele está banhado em lágrimas, nada diz; apenas mantém a cabeça no ombro dele enquanto as lágrimas lhe caem no cabelo.

Durante todo esse tempo, Lev nunca percebeu do que precisava. Não precisava de adoração ou pena. Precisava de perdão. Não de Deus, que a tudo perdoa. Não de pessoas como Marcus e o Pastor Dan, que sempre ficariam ao seu lado. Precisava ser perdoado por um mundo impiedoso. Por alguém que já o desprezara. Alguém como Miracolina.

Só quando os soluços mudos cessam é que a garota fala com ele.

— Você é tão esquisito — diz ela.

Lev imagina se ela faz alguma ideia do presente que acabou de dar a ele. Tem certeza de que sim.

Ele sabe que seu mundo está diferente agora. Talvez seja a exaustão, ou o estresse, mas, naquele compartimento barulhento, saltitante, ensebado e sujo de xampu, de repente parece impossível que a vida se torne ainda melhor.

O garoto e a garota fecham os olhos e pegam no sono, abençoadamente inconscientes da van marrom com telhado rasgado e janela quebrada que vem seguindo o ônibus desde que saiu de Tulsa.

57 · Connor

— Conversa — diz Hayden a Connor. — Todo tipo de conversa.

Hayden anda de um lado para o outro no espaço apertado do avião de Connor, batendo a cabeça no teto mais de uma vez. Connor raramente viu o amigo tão agitado. Até agora, ele sempre conseguiu manter o mundo a distância com seu sorriso malicioso.

— Está só nas faixas policiais de Tucson ou nas dos Juvis também?

— Está por toda parte — responde Hayden. — Rádio, e-mails, toda comunicação que conseguimos interceptar. Os programas de análise estão nos colocando em alerta vermelho.

— São só programas — lembra-lhe Connor. — Não significa necessariamente que...

— A conversa é especificamente sobre nós. Palavras em código, principalmente, mas são fáceis de rastrear.

Connor começa a imaginar se sua própria paranoia também infectou Hayden.

— Fica calmo e me explica os detalhes.

— Tá legal — responde o rapaz, andando de um lado para o outro e tentando acalmar a respiração. — Houve três incêndios nas últimas duas semanas. Três casas em vizinhanças diferentes de Tucson foram totalmente queimadas, e estão botando a culpa em nós.

A mão transplantada de Connor se fecha em um punho. Talvez seja o punho de ferro do qual o Almirante falou. Trace não disse que havia pessoas doidas por uma desculpa para atacar o Cemitério? Se não pudessem achar um motivo, seria bem fácil fabricar um.

— Cadê o Trace? — pergunta Connor. — Se tem mesmo alguma coisa rolando, ele deve saber.

Hayden apenas olha para ele, confuso.

— O Trace? Por que o Trace saberia?

— Esquece o porquê; ele saberia e pronto. Preciso falar com ele.

O amigo balança a cabeça.

— Ele foi embora.

— Como assim “foi embora”?

— Ninguém o vê desde ontem. Pensei que você o tivesse mandado a alguma missão.

— Porcaria! — Connor esmurra a parede, rachando o interior de fibra de vidro do avião corporativo. Então, Trace finalmente decidiu de que lado está; e, sem ele, não há plano de fuga. Ninguém além do ex-recruta sabe pilotar o Dreamliner.

— E tem mais — diz Hayden, hesitando por um momento longo o bastante para Connor saber que lá vem mais uma rodada de más notícias. — Todas as três casas tinham fragmentários... e foram queimadas um dia antes da data marcada para eles serem levados por patrulheiros Juvis pro campo de colheita. Eu verifiquei, e os fragmentários estavam na nossa lista. Todos eram da cegonha.

— Que diabo você estava pensando?

Connor não esconde a fúria ao invadir o GymBo, onde Starkey está malhando como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Não sei do que você está falando.

— Até parece que não sabe!

Ao redor deles, outras pessoas abandonam os aparelhos de ginástica e lentamente se aproximam, assumindo posições ameaçadoras. Só agora Connor percebe que Starkey se cercou completamente de membros do Clube da Cegonha. Não há aqui nem um único jovem biocriado, que tenha vivido com a família biológica.

— Quantos de vocês estavam com ele? — Connor exige saber. — Quantos de vocês são tão doidos quanto ele?

— Me deixa te mostrar uma coisa, Connor. — Starkey caminha até um banco no canto, onde está sentado um garoto que parece zangado e assustado ao mesmo tempo. — Quero te apresentar o Garrett Parks, o mais novo membro do Clube da Cegonha. Nós o libertamos na noite passada.

Connor olha atentamente para o menino. Está com um olho roxo e um lábio

inchado. Foi muito maltratado durante sua “libertação”.

— Eles queimaram a sua casa... você sabe disso, não é? — Pergunta Connor.

O garoto não consegue olhá-lo nos olhos.

— É, eu sei.

— Ele também sabe — acrescenta Starkey — que os ditos “pais” dele iam mandá-lo pra fragmentação. Nós o salvamos e mandamos uma mensagem.

— É, mandaram uma mensagem, sim. Para os Juvis. Vocês informaram que é hora de eles capturarem cada um de nós. Vocês não salvaram esse menino, o que fizeram foi condená-lo. Condenaram a todos nós! Acha mesmo que eles vão aceitar que a gente incendeie casas?

Starkey cruza os braços.

— Deixa os Juvis tentarem nos pegar. Nós temos armas. Vamos botar os caras pra correr.

— E quanto tempo você acha que a gente aguenta? Uma hora? Duas? Não importa quantas armas a gente tenha, eles têm mais, e vão continuar atacando e atacando até matarem ou capturarem todo mundo.

Finalmente, Starkey começa a demonstrar um sinal de insegurança.

— Você é só um covarde! — grita Bam, fulminando Connor com o olhar exatamente como fez no dia em que ele a despediu.

— É isso aí, um covarde — ecoam os outros.

O coral de apoio dá a Starkey a justificativa de que precisa para enterrar quaisquer dúvidas sob uma autoconfiança cega.

— Eu já estou aqui há tempo suficiente pra saber que você não passa de uma babá. Precisamos de mais que isso. Precisamos de alguém que não tenha medo de levar essa batalha pras ruas. Eu te dei todas as chances de ir embora por conta própria, mas você não se toca. Não me deixa escolher a não ser tirar você da frente na marra.

— Não vai rolar.

Connor está claramente em desvantagem. O círculo interno dos Cegonhas avança sobre ele — mas Starkey não é o único com truques guardados na manga. De repente, Hayden e meia dúzia de pessoas, que esperavam do lado de

fora, começam a surgir na porta, disparando pistolas de tranco em cada Cegonha pelo caminho até metade do grupo de Starkey estar inconsciente no chão do avião. Os restantes abaixam as armas.

Connor olha bem nos olhos de Starkey.

— Algemem ele.

— Com prazer — responde Hayden, puxando as mãos do garoto atrás das costas e prendendo-as.

Connor foi tolo o bastante para confiar nele e acreditar que a ambição de Starkey era saudável, não cega.

— A diferença entre mim e você, Connor — diz o rapaz, ainda desafiador —, é que...

— ... é que você está algemado e eu, não. Tirem-no daqui.

Ao ouvirem os disparos das pistolas de tranco, dezenas de pessoas se reuniram na frente do GymBo para olhar enquanto eles levam Starkey para fora e escada abaixo.

— Coloquem o grupinho do motim no avião de detenção com dois guardas armados — manda Connor.

— O Starkey também? — pergunta Hayden.

Connor sabe que não pode colocar o líder em confinamento com os cúmplices. Isso só levaria a mais conspirações.

— Não. Prendemos ele no *meu* avião — ordena, e um dos rapazes que seguram o prisioneiro o joga no chão, mas Connor o afasta. — Não! Nós não somos os Juvis. Tratem o Starkey com dignidade. Quer ele mereça ou não.

Os jovens obedecem, embora ninguém ajude Starkey a se levantar. Com as mãos algemadas atrás das costas, ele tem de se balançar e se contorcer para ficar de pé.

— Isso ainda não acabou! — grita ele.

— É, isso é o que sempre dizem quando acaba.

Starkey é levado e Connor começa a fazer o controle dos danos. Ele presta atenção ao burburinho das conversas no perímetro. Algumas pessoas estão só se perguntando o que diabo aconteceu, mas há outras vozes. Vozes que reprovam.

O Clube da Cegonha. Ele imagina qual é o tamanho do apoio que Starkey conseguiu. Pode ser bem amplo, mas Connor espera que seja superficial.

— Escutem, todos vocês — pede ele, sabendo que precisa mostrar-se um líder agora, mais do que nunca. — Quer você seja um cegonha, ou um tutelado, ou um biocriado, temos de permanecer unidos. O que fizermos agora vai decidir se vivemos ou morremos. Os Juvis estão prestes a entrar em ação. Temos de trabalhar juntos, a não ser que vocês queiram terminar em pedaços.

As reações são de concordância e solidariedade até alguém nos fundos dizer:

— E o Starkey, como fica?

Então, todos esperam para saber o que Connor dirá.

— O Starkey é um de nós — responde ele. — E eu não vou deixar nenhum de nós ser fragmentado.

Sem ninguém para pilotar o Dreamliner, não há plano de fuga. Então, Connor convoca Hayden, Ashley e meia dúzia de outras pessoas — algumas entre os Íntegros dos Íntegros e outras nas quais sabe que pode confiar. Reúnem-se no ComBom — uma sala de comando improvisada para um general improvável — e Connor tira o plano B do nada.

— Vamos estabelecer duas frentes: aqui e aqui. — Ele aponta para um mapa do Cemitério desenhado à mão. — Os Juvis chegarão pelo portão norte. Assim que eles entrarem, vamos atraí-los para o corredor principal e aí emboscá-los de ambos os lados, com cerca de cinquenta de nós.

— Com balas de verdade? — pergunta Hayden.

— Vamos atirar com tudo que tivermos. Balas de verdade, trancos, tudo.

— Eles estarão mais bem equipados — argumenta Ashley. — Não importa o que a gente faça, a munição deles durará mais.

— Sim, mas é só pra ganhar tempo — responde Connor. — Quando nossa munição estiver baixa, vamos recuar pra cá, para trás do tanque de combustível, a leste dos caças a jato.

— Eles não vão nos cercar? — pergunta outra pessoa.

— Quando começarem a fechar o cerco, a gente explode o tanque e corre pro leste.

— Nunca vamos conseguir! — diz Ashley.

— Calma, tem uma coisa. No momento em que os cinquenta de nós encararem os Juvis, mais de seiscentos e cinquenta vão se espalhar pelo sul. — No mapa, Connor desenha um padrão de dispersão a expandir-se como as ondas de ventilador rumo à remota cerca sul. — Essa cerca é cheia de buracos.

Hayden concorda, entendendo, e aponta o corredor principal.

— Então, se os cinquenta fizerem o serviço aqui e depois atraírem os Juvis pro leste, mantendo-os ocupados e distraídos, na hora em que eles perceberem que todos os outros estão fugindo, nunca conseguirão capturá-los.

— Pode até ser que peguem alguns, mas os outros conseguirão escapar. Cada pessoa vai estar por conta própria de novo, mas pelo menos sairão todas vivas e inteiras.

Então surge a grande pergunta:

— E os cinquenta?

Finalmente, Connor tem de responder:

— Nós vamos nos sacrificar pra que os outros possam sobreviver.

Ele consegue até ouvir o estalo do pomo de adão de Hayden quando este engole em seco.

— Já era o meu futuro na radiodifusão — diz Hayden.

— Eu não vou culpar ninguém que não queira participar disso e prefira ir embora — avisa Connor, mas todos sabem que é como quando o padre pergunta se alguém é contra o casamento. Tá legal, ótimo — diz ele quando ninguém se pronuncia. — Cada um de vocês vai montar um time com seus amigos mais confiáveis que estejam dispostos a enfrentar os Juvis. Depois, avisaremos os outros de que devem começar a correr quando o alarme soar e não parar de correr até serem capturados ou fizerem dezessete anos.

— Por que esperar até soar o alarme? — pergunta alguém. — Por que não abandonar o Cemitério agora?

— Porque — argumenta Connor — eles estão vigiando cada um dos nossos movimentos. Se nos virem começando a evacuar o lugar, colocarão viaturas em torno de toda aquela cerca antes mesmo de nós chegarmos lá e nos capturarão como se fôssemos coelhos. Mas, se todas as forças deles estiverem concentradas

em uma única ofensiva, aí teremos uma porta dos fundos por onde escapar.

Todos aprovam a lógica de Connor. Ele parece ser o único a saber que está confiando apenas na sorte.

— Quanto tempo temos? — pergunta Ashley.

Connor deixa Hayden responder:

— Se tivermos sorte, uns dias. Se não, horas.

58 · Trace

Enquanto Connor está em sua reunião de cúpula, Trace ultrapassa todos os limites de velocidade para voltar ao Cemitério. Ele foi convocado a uma reunião de emergência com seus “empregadores” para confirmar que os desertores do Cemitério foram responsáveis pelas casas incendiadas em Tucson. Havia pistas suficientes para acusar o Cemitério — não fazia sentido negar. O que os figurões da Cidadãos Proativos queriam saber era por que Trace não havia revelado a eles que esses ataques ocorreriam. Afinal, era esse o propósito do rapaz lá — avisá-los sobre as coisas antes que acontecessem. Recusaram-se a acreditar que Trace ficara tão surpreso com os eventos quanto eles.

— Você tem alguma ideia da posição em que isso nos coloca? — perguntaram. — A Autoridade Juvenil quer esvaziar o lugar. Com esses ataques a áreas civis, não seremos capazes de impedi-los.

— Pensei que vocês controlassem os Juvis.

Os figurões se ouriçaram em uníssono.

— Nosso relacionamento com a Autoridade Juvenil é mais complexo do que seu entendimento simplista das coisas, recruta. — Então, disseram que encerrariam a missão dele naquele exato instante.

Mas, para Trace, não era mais uma missão. E a temporada de jogar nos dois times acabava de terminar.

Então, preparando-se para uma batalha, ele acelerou em direção ao Cemitério como um surfista à frente do tsunami.

Agora, no crepúsculo, ele para cantando os pneus diante do portão trancado e buzina sem parar até os dois guardas adolescentes do turno saírem para ver o que é toda essa agitação. Quando veem que é Trace, destrancam o portão.

— Caramba, Trace, você quer acordar todo mundo em Tucson?

O outro guarda dá uma risadinha.

— Não há nada que seja capaz de acordar Tucson.

Pobres coitados, pensa Trace. Não têm nem ideia do que vem por aí. Ele olha

para os rifles que eles seguram relaxadamente, como simples acessórios de moda.

— Há balas de tranco nessas armas? — pergunta.

— Ahã — confirma o primeiro rapaz.

— Substituam-nas por estas. — Trace pega no banco do passageiro do jipe duas caixas das munições militares mais letais já fabricadas e entrega a eles. Cápsulas que poderiam arrancar a cabeça de um elefante.

Os jovens olham para as balas como se fossem bebês recém-nascidos que eles tivessem receio de deixar cair.

— Carreguem rápido. E, da próxima vez que virem alguém vindo pro portão, atirem primeiro e não parem até ficarem sem balas. Entenderam?

— S-sim, senhor — responde o primeiro rapaz. O outro apenas assente, mudo.
— Por quê, senhor?

— Porque os Juvis estão logo atrás de mim.

59 · Lev

Já se veem as últimas luzes do crepúsculo quando Lev e Miracolina chegam à estrada que margeia o lado norte do Cemitério. Estão a pé agora. Uma velha placa enferrujada aponta para a frente, em direção ao que já foi a Base Davis da Força Aérea. A silhueta sutil de aeronaves ergue-se no deserto mais de um quilômetro após a cerca.

— Uma base da força aérea? Seu amigo está escondido aqui?

— Não é mais uma base desde a guerra — conta Lev. — Agora, é um ferrovelho de aviões.

— Então, o Desertor de Akron está escondido em um desses aviões?

— Não é só ele, nem um avião só.

A cerca parece seguir por uma eternidade. A cada poucos minutos, um carro passa a zunir, vindo ou saindo de Tucson. Lev sabe que os motoristas devem vê-los e imaginar o que dois adolescentes estão fazendo aqui, no meio do nada. Mas ele não liga. Está perto demais para perder tempo escondendo-se dos faróis agora.

— Sei que o portão fica aqui em algum lugar. É vigiado, mas eles vão me reconhecer e nos deixar entrar.

— Tem certeza disso? Nem todo mundo é como os seus dízimos em adoração.

Finalmente, o portão surge à vista e o garoto aperta o passo.

— Vai devagar! — grita Miracolina.

— Anda logo! — berra Lev em resposta.

Ao se aproximar do portão, ele vê um dos garotos de guarda correndo para recebê-lo. Há algo nas mãos do rapaz, mas está escuro demais para enxergar o que é até ser tarde demais. Um único disparo de rifle soa no crepúsculo agonizante.

60 · Starkey

No momento em que as algemas se fecham nos pulsos de Starkey, ele começa a executar seu número de fuga. Não há uma chave secreta, nem uma faca caseira no sapato para cutucar a fechadura, mas um verdadeiro mestre sabe como improvisar.

Ele se mantém controlado e racional enquanto é levado ao avião de Connor, reprimindo a fúria pela humilhação de ser preso na frente de todo o Cemitério. A arrogância de Connor! Permitir que ele “preservasse sua dignidade” não tinha nada de digno. Starkey preferiria ter lutado enquanto o arrastavam pela terra. *Isso, sim, teria sido digno — mas tratá-lo com falsa compaixão? Este era o insulto supremo.*

Os dois garotos designados para vigiá-lo são maiores que ele e estão armados. Após entrarem no avião, eles recolocam as algemas em torno de um suporte de aço para mantê-lo no lugar. Satisfeitos, os dois saem, um deles balançando a chave na frente de Starkey para provocá-lo, antes de enfiá-la no bolso. Os dois fecham a porta e ele se torna oficialmente um prisioneiro de guerra.

Observa os guardas pela janela do avião, avaliando-os. Tagarelam um com o outro — provavelmente são amigos. É claro que nenhum dos dois é cegonha; Connor se certificou disso. Cegonhas agora são inimigos. Bem, se Starkey conseguir o que espera, Connor verá que inimigos formidáveis eles são.

Ele sabe que este é o ponto de virada em sua vida. Não foi sua fuga dos Juvis, nem sua chegada ao Cemitério, mas este momento único, algemado em um avião. Tudo depende de escapar daqui, e nenhum erro é aceitável. Se ele pretende liderar os cegonhas até a glória, precisará deslumbrar a todos com sua fuga.

Starkey se agacha, apoiando os pés na corrente entre as algemas. Sabe que são feitas de aço temperado. Nem mesmo um alicate de corte poderia parti-las. Quanto ao suporte, integra a estrutura do avião e não pode ser arrancado. As partes mais fracas aqui são a carne e o osso.

Starkey respira fundo algumas vezes para se acalmar. Todo artista das fugas um dia se vê diante de uma escapada impossível; porém, o verdadeiro mestre

sabe que nada é impossível se você estiver disposto a realizar o impensável.

Alavancando-se e travando a mandíbula para evitar gritar, Starkey desce o salto da bota em cima da mão esquerda. A dor é excruciante, mas ele engole o grito. Desce o pé novamente, desta vez sentindo os ossos finos da mão começando a se quebrar. A dor o enfraquece. O corpo resiste, mas a vontade contraria essa ordem biológica, e ele baixa o salto mais uma vez.

Rapidamente, antes que o sangue comece a fluir para a área, fazendo-a inchar, ele desloca de leve a algema e desce a bota contra o pulso. Os ossos da região se partem contra o metal da algema. Ele sente a visão começar a escurecer como se tivesse recebido um disparo de tranco, mas expulsa a escuridão e a náusea a força, respirando devagar, profundamente, esforçando-se para continuar consciente e convertendo a dor em ação. Ele mordeu a língua; o sangue enche a boca, mas ele o cospe. O trabalho está feito. Com a mão direita, ele torce a algema esquerda. Desta vez, é incapaz de conter um gemido de dor quando liberta a mão esquerda, estilhaçada, passando-a pela argola.

61 · Noah

Ser encarregado de vigiar um cara algemado e trancado em um avião não é exatamente um trabalho difícil — mas, se Connor acha que Starkey precisa de dois guardas, quem é Noah Falkowski para discutir? Esta é a primeira tarefa que Connor delega diretamente a Noah desde que o salvou da fragmentação, quase quatro meses atrás, e ele não vai dar mancada. Dentro do avião, Starkey solta um berro gutural.

— Que diabo? — pergunta o outro garoto que vigia o prisioneiro.

— Um cara irritado pra caramba — responde Noah.

Bem nessa hora um jipe aparece acelerando na direção deles, os faróis tornando o crepúsculo ainda mais escuro ao redor.

— Que diabo? — repete o outro jovem. Pelo jeito, é sua expressão favorita.

O carro para cantando os pneus e de dentro dele sai Trace, que caminha direto para o avião de Connor.

— Opa, Trace, *perai*. O Connor não está lá dentro — avisa Noah.

— Cadê ele?

O jovem não tem certeza. Tudo o que sabe é que Connor convocou os membros restantes dos Íntegros dos Íntegros para uma reunião depois do incidente com Starkey.

— Ele saiu do corredor principal. Quem sabe foi pra um avião de suprimentos?

— Você é um inútil. — Trace salta de volta ao jipe e sai acelerando rumo aos aviões periféricos. Só depois que ele se afasta Noah ouve o som de uma pancada vir de dentro do avião de Connor; mas não é o tipo de som que esperaria de Starkey. A saída de emergência acima das asas começa a se abrir.

— Que diabo? Como ele se soltou?

— Shh! — Noah arma a pistola. Ele nunca a disparou e sabe que só tem balas de tranco, mas vai servir. Nunca gostou mesmo de Starkey e não vai se incomodar em derrubá-lo se ele tentar escapar dali.

A porta de emergência recua para dentro. Ambos os guardas estão com as armas prontas, mas o prisioneiro não aparece. Cuidadosamente, eles se aproximam e, quando Noah olha lá dentro, vê através do avião o deserto escuro do outro lado. Enquanto eles olhavam para esta saída de emergência, Starkey saía pela outra, no lado oposto da aeronave, e agora ele se foi.

— Ah, merda!

Noah está menos preocupado com Starkey do que em contar a Connor que deu mancada em sua primeira tarefa de verdade.

62 · Starkey

Ele usa um agasalho com capuz tirado do armário de Connor para esconder o rosto. A mão esquerda parece pesar dez quilos no final do braço. A cada batimento cardíaco, ela lateja tão dolorosamente que os joelhos vacilam, mas de alguma forma ele continua em movimento. Sabe que Trace voltou, e isso muda o jogo. Mas Connor ainda não sabe, o que significa que Starkey pode usar o retorno de Trace em seu benefício.

O Cemitério está uma bagunça. Pessoas correm por toda parte. Em um corredor adiante, há uma multidão diante do arsenal. Hayden está entregando armas; não só uma ou duas, mas todas. Ninguém nota Starkey.

Um membro do Clube da Cegonha passa por ele, carregando uma braçada de armas, e Starkey o agarra com a mão boa. Quando o garoto vê quem é, quase grita seu nome, mas Starkey o detém.

— Cala a boca e escuta. Leva uma mensagem pros Cegonhas. Ao meu sinal, a gente invade o avião de fuga.

— Mas... o plano não é esse.

— É o *meu* plano, entendeu?

— Tá, tá, claro, cara. — Ele olha a mão de Starkey como se estivesse a ponto de perguntar o que aconteceu com ela, mas decide não fazê-lo. — Qual é o sinal?

Starkey olha para a braçada de armas nas mãos do garoto e tira uma pistola sinalizadora.

— Isto — diz ele. — Agora, vai!

O menino sai correndo para espalhar a mensagem.

Starkey consegue ver o jipe de Trace vindo disparado dos aviões de suprimentos de volta ao corredor principal, após ter recebido a informação errada dos idiotas que o vigiavam. Starkey não sabe onde Connor está — talvez no ComBom, provavelmente o próximo lugar que Trace verificará.

Então ele vê Ashley, correndo do arsenal com uma metralhadora de aparência bem perigosa, e a intercepta. Os olhos da garota se arregalam ao vê-lo.

— Que diabo você está fazendo aqui fora? O Connor sabe?

— Vai saber, se você não falar baixo!

Ashley se aproxima dele.

— Esquece, Starkey. Por que você não foge de uma vez? O Connor não vai ligar, desde que você esteja fora do caminho dele quando os Juvis chegarem.

— Afinal, Ashley, você é uma cegonha ou uma das lacaias do Connor?

Dito dessa forma, há apenas uma resposta que a principal “agente infiltrada” de Starkey poderia dar:

— O que você quer que eu faça?

63 · Trace

Incapaz de encontrar Connor, Trace acelera de volta ao corredor principal, em direção ao ComBom, pronto para soar o alarme pessoalmente. Ele vê pessoas saindo armadas do arsenal, mas elas não se movem rápido o bastante.

Está tão distraído que quase atropela Ashley, parada bem no meio do caminho. Ele freia cantando os pneus.

— Trace! Aí está você!

— Cadê o Connor? Os Juvis estão chegando pra atacar com uma força de ataque completa.

— Nós sabemos, o Hayden ouviu as notícias — conta a garota. — O Connor quer que você ligue o jato de fuga.

— Ele sabe que eu voltei?

— Lógico... ele te viu saindo em pânico do avião de suprimentos.

— Eu não estava em pânico — diz o rapaz, embora saiba que estava. — Vou aprontar o Dreamliner pra voar. Se formos rápidos, talvez não precisemos lutar com os Juvis. Diga pro Connor começar a levar as pessoas pro avião.

— Pode deixar, Trace.

— Mas Ashley não fará isso. Observa Trace correr para o Dreamliner e subir a escada. Então, ela volta para contar a Starkey que sua missão foi cumprida.

64 · Lev

O disparo do rifle passa pelo portão do Cemitério, ressoando nos ouvidos de Lev.

— Abaixa! — grita ele. — Estão atirando na gente!

Mas Miracolina já está no chão. Não só no chão, mas derrubada. Ela jaz inerte na terra à beira da estrada.

— Não! — O menino cai de joelhos ao lado dela, com medo de olhar, com medo de tocá-la. — Por favor, Deus! Não!

Isso não pode estar acontecendo. Não de novo! Todas as pessoas de quem ele se aproxima acabam mortas ou mutiladas, e isso não pode acontecer outra vez! Ele reza pelo impossível. Reza para que não seja verdade...

Então, vira o corpo de Miracolina para cima e vê que não há um buraco aberto em seu peito. Mas há uma pequena gota de sangue no ombro. E a minúscula bandeira de um dardo tranquilizante. Ele não sabe se deve ficar aliviado ou horrorizado.

— Parece que você arranjou encrenca dos dois lados, Lev — diz a voz de Nelson atrás dele, em algum lugar na escuridão. — Que fazer... que fazer?

Então, do portão, ele ouve uma voz trêmula:

— Fique longe, quem quer que seja, ou eu atiro de novo!

No entanto, antes que o guarda adolescente possa ao menos fazer mira com o rifle, Nelson dispara um segundo dardo tranquilizante nas trevas e acerta o jovem atrás da cerca.

— Pra ele já chega — diz o homem calmamente. — Agora, onde estávamos?

Lev ainda não consegue ver Nelson, mas este claramente pode vê-lo, pois o menino ouve o *pfft* denunciador de um tranco sendo disparado. O tiro acerta a perna da calça, sendo rebatido por um rebite no jeans, e cai no chão ao lado dele. Lev sabe que não tem como se defender de Nelson agora. Então, pensando rápido, ele agarra o dardo, enterra-o no tecido do jeans, tomando o cuidado de não picar a pele, e desaba por cima de Miracolina. Ele fecha os olhos. Ouve o

segundo guarda gritando em pânico junto à cerca e os passos de Nelson se aproximando por cima do cascalho. O coração de Lev acelera como se fosse explodir no peito, mas ele fica firme, fingindo-se de morto para salvar a própria vida, e reza por um segundo milagre nos próximos minutos. Reza para que Nelson acredite em sua atuação.

65 · Nelson

Ele nunca foi às Indian Echo Caverns. Apenas levou a van até uma lanchonete de beira de estrada a alguns quilômetros da cabana, monitorou seu laptop e esperou que os nanitos rastreadores no sangue de Lev e Miracolina denunciassem a fuga dos dois. Então, seguiu-os. Não foi obra do acaso as estruturas das camas estarem quase completamente enferrujadas. Nelson queria que eles escapassem. Por algum tempo, preocupou-se com a possibilidade de Lev ser estúpido demais para se libertar. Mas, no fim, o menino esteve à altura da tarefa.

Lev não revelou a localização de Connor Lassiter naquele dia, mas Nelson ouviu o bastante para saber que eles se dirigiam ao lugar para avisá-lo a respeito do grande e malvado pirata de órgãos. Tudo o que precisou fazer foi deixá-los sair na frente e mostrar o caminho.

Agora, ele sabe que Lassiter está na base desativada da força aérea e os dois não têm mais utilidade para ele, mas matá-los exigiria um tempo precioso. Além disso, saber que Lev acordará e terá de viver sabendo que foi responsável pela fragmentação de Connor no mercado negro é uma vingança muito mais doce que o silêncio dormente da morte.

Nelson não está preocupado com o desertor nervoso que ainda protege o portão. O primeiro atirou às cegas, e ele tem certeza de que o segundo também não sabe como manejar um rifle com munição letal. É mais provável que tenham sido treinados usando balas de tranco, que não dão coice e têm menor alcance. Nelson, que sabe usar ambas, está bem armado para esta missão. Na verdade, ele tem a ideia romântica de que, nesta captura, será como um pistoleiro à moda antiga — seu único propósito refletido em um *tour de force* balístico. Ele tem três pistolas prontas e um rifle semiautomático preso às costas. Todas as armas, menos uma, estão carregadas com trancos de efeito rápido, muito mais eficazes que balas comuns. Uma bala pode passar de raspão no alvo, acertar um membro ou mesmo o tronco e o alvo ainda pode revidar, atirando. Com um tranco, não importa onde atinja, o alvo fica instantaneamente fora de combate. Quanto à pistola com munição letal, bem, Nelson a considera sua apólice de seguro.

Está prestes a verificar o estado de Lev para ver se o disparo foi acurado e

efetivo quando a situação sofre uma súbita reviravolta, que nenhum pistoleiro poderia ter previsto.

66 · Guarda do Portão

O garoto restante no portão não tem ideia do que derrubou seu colega. O trabalho dos dois normalmente consiste em dar informações a pessoas perdidas, pois ninguém vem ao Cemitério à noite de propósito. Mas Trace apavorou a ambos, e agora seu amigo está deitado no chão bem à frente da entrada, possivelmente morto.

Ele corre até o rapaz caído, certo de que também será morto no caminho. Embora tenha ouvido vozes do exterior, elas silenciaram agora. Ninguém atira nele. Fica aliviado ao perceber que o amigo ainda respira.

O único aviso que recebe é o ronco súbito de um motor se aproximando. Então, do nada, um veículo policial com aríete, de faróis apagados, avança em tal velocidade que os portões saem voando das dobradiças. O garoto salta para fora do caminho bem a tempo, e, quando olha para trás, vê o amigo inconsciente esmagado pelas rodas do aríete. Atrás deste vem uma inundação de viaturas e veículos blindados dos Juvis, seguidos pela visão aterradora de caminhões para transporte de fragmentários. É exatamente como Trace disse. Uma força de ataque completa!

Só agora que eles derrubaram o portão os faróis se acendem, iluminando o deserto diante deles e reluzindo nos aviões ao longe. Depois que o último caminhão de transporte passa pela entrada, uma van marrom avança atrás dos Juvis, e logo atrás dela um garoto passa correndo pelo portão arruinado.

O que vem depois?, pensa o guarda. *Um elefante?*

Quando o garoto que correu percebe que não conseguirá alcançar os penetras a pé, ele vê o guarda e corre em sua direção. Por reflexo, o vigia ergue o rifle, mas percebe que, como um idiota, está segurando-o de cabeça para baixo. Na hora em que consegue endireitá-la, o intruso já está ali e arranca a arma de suas mãos.

— Não seja burro, eu não sou o inimigo — diz ele. Há algo familiar nesse rosto. Como se talvez o guarda já o tivesse visto, mas de cabelo mais curto. — Você tem um jipe ou coisa assim?

— Atrás do trailer...

— Ótimo. Me dá as chaves.

E a voz deste garoto mais jovem é tão autoritária que o vigia obedece, tirando as chaves do bolso e entregando-as.

— Escuta — diz o garoto. — Tem uma menina lá fora, depois do portão. Ela tomou um tranco. Quero que você pegue ela e fuja. Leve ela pra um lugar seguro. Entendeu?

O guarda assente.

— Sim, claro. Lugar seguro.

— Prometa que vai fazer isso.

— Sim, sim, prometo.

Satisfeito, o menino entra no jipe e sai em direção ao corredor principal, de onde disparos já soam. Claramente, ele não sabe dirigir, mas isso não importa tanto assim quando não há estrada, só um deserto de chão duro.

Depois que ele parte, o guarda olha por um momento para o colega caído; depois, sai correndo. Em algum lugar entre os arbustos, perto do portão, há uma garota desmaiada. Ele não liga. Quando os Juvis estão na área, é cada um por si. Inclusive as meninas. Então, em vez de ao menos procurar por ela, ele sai em disparada tão rápido quanto pode e deixa a garota para os Juvis, ou para os coiotes — quem chegar primeiro.

67 · Connor

Com sua força voluntária de defesa completamente armada — ao todo, cerca de sessenta adolescentes —, Connor manda a metade se esconder atrás do Rip, o maior dormitório dos meninos. É um C-130, um avião de carga de asas arrancadas e barriga tão rente ao chão que uma pequena milícia é capaz de se esconder atrás dele.

— Vocês são a linha de defesa do flanco esquerdo — diz a eles. — Façam o que puderem para atrair os disparos dos Juvis e mantê-los no canto norte do corredor principal.

— Talvez a gente tenha sorte desta vez — fala um garoto. — Talvez os Juvis nem apareçam por aqui.

Connor tenta oferecer a ele um sorriso reconfortante. Ele não sabe o nome desse menino. Fez o melhor para decorar tantos nomes quanto possível, mas não há como saber todos. Se este garoto for morto, ou pior, fragmentado, quem se lembrará dele? Quem se lembrará de qualquer um deles? Connor gostaria de ter sido sábio o bastante para mandar cada pessoa gravar seu nome no aço do velho Força Aérea Um como um testemunho ao fato de que elas existiram. Mesmo que ninguém jamais visse, pelo menos a prova estaria lá. Mas agora é tarde demais.

Ele leva o resto da força de combate até o Cen Rec, do outro lado do corredor principal, oposto ao Rip.

— Vamos montar uma barricada debaixo das asas — diz ele — e atirar detrás dela.

— Onde você vai ficar? — pergunta uma garota.

— Ao lado de vocês, Casey — responde ele, feliz por ter lembrado o nome dela.

— Não — discorda outro garoto. — O rei nunca deve ficar na linha de frente. No xadrez, quero dizer.

— Isto não é xadrez — argumenta Connor. — São as nossas vidas.

— É, mas eu meio que gosto de me imaginar movendo as peças do jogo.

— Bom, cara de cavalo você já tem — diz Casey, e todos riem. O fato de conseguirem rir nesta situação diz mais sobre sua coragem do que todo o resto.

Connor e seus combatentes do flanco esquerdo se apressam a empurrar sofás, mesas e máquinas de fliperama para formar a barricada. Depois, quando ele está virando uma mesa de sinuca de cabeça para baixo, a voz de Hayden berra em seu fone de ouvido:

— Connor, tem algo errado. Não consigo falar com os guardas do portão... ninguém responde.

— Não pode ser! Não estamos prontos!

Então, o garoto com cara de cavalo diz:

— Nunca vamos estar prontos. Então, acho que estamos tão prontos quanto poderíamos estar.

Connor sobe até a escotilha do Cen Rec, olha para o norte além do deserto escuro e vê uma muralha de faróis espalhados... cada vez mais próximos.

— Soe o alarme — diz ele a Hayden. — Aqui vamos nós.

68 · Aviões

Ao olhar bem de frente para uma aeronave, a pessoa pode ter a sensação inquietante de que ela tem olhos. Sem dúvida, os aviões do Cemitério testemunharam muitas coisas, e talvez sejam os únicos a terem uma perspectiva clara da luta e da loucura no dia em que a Autoridade Juvenil invade o lugar.

O GymBo, o avião mais ao norte no corredor principal, tem a melhor vista da força Juvi que chega. Sua fuselagem ressoa com o grito monótono do alarme geral. No chão, ao redor dele, jovens que estiveram tentando salvar o que pudessem do ferro-velho largam o que estão fazendo e correm para o sul, como lhes foi ordenado. O que era um caos organizado torna-se agora pânico total entre as robustas filas de aeronaves aposentadas.

O avião médico tem uma visão clara do Dreamliner e seus motores, que estão esquentando, preparando-se para voar. Se Connor pudesse ver o que o avião médico vê, poderia alterar seu plano e convocar todos a embarcar antes que os Juvis cheguem. Mas ele não tem ideia de que o avião de fuga voltou à cena.

Já o Dreamliner tem uma vista completamente livre de Starkey, que não se preocupa mais em esconder o rosto enquanto se apronta para sinalizar aos cegonhas que abandonem o plano de Connor e sigam o dele. Mas Trace, na cabine do piloto, está envolvido demais em preparar o avião para compartilhar dessa visão.

Em direção ao lado sul do corredor principal, Calma Aí, o bombardeiro furtivo, observa enquanto Íntegros em pânico correm sob suas asas e ventre e param ao ouvir os motores do Dreamliner sendo ligados.

— O que é isso? — gritam eles. — A gente vai fugir daqui voando, então? — E em vez de correr para o sul eles hesitam, inseguros quanto ao que fazer.

E Dolores, o velho bombardeiro da Guerra da Coreia, olha fixamente para Connor, incapaz de avisá-lo de que será terrivelmente surpreendido por uma rebelião. Embora ele tenha contato via rádio com Hayden, que está no ComBom monitorando todas as câmeras de vigilância do Cemitério, nenhuma dessas câmeras pode ver o que os aviões já sabem: o cemitério de aeronaves evisceradas e desmanteladas está prestes a se tornar também um cemitério

humano.

As viaturas dos Juvis se separam para a esquerda e para a direita enquanto se aproximam do corredor principal, revelando atrás delas quatro caminhões blindados antimotim, negros e angulosos como motores a diesel. Eles param no início do corredor principal, e deles jorram dezenas de oficiais armados de tropas de choque.

No ComBom, Hayden vai de uma câmera a outra, esperando que um novo ângulo possa fazer a situação parecer menos medonha.

— Connor, está vendo isso? — pergunta ele no fone. — Não são só os Juvis... eles trouxeram uma equipe inteira da SWAT!

— Estou vendo. As viaturas estão se separando do resto. Aonde elas vão?

— Espere. — Hayden troca para uma câmera diferente. — Os corredores de ambos os lados de vocês. Estão tentando nos cercar.

Connor ordena que um punhado de jovens tanto do flanco esquerdo quanto do direito intercepte os carros antes que consigam passar, mas mantém a maior parte da força oculta, esperando para emboscar a tropa de choque assim que esta tiver avançado o suficiente pelo corredor principal.

— Não precisamos derrotá-los — lembra ele a todos. — Só precisamos fazer com que lutem conosco em vez de ir atrás dos outros.

Só então um garoto sai correndo das sombras para o corredor, em pânico, na ânsia de escapar. Um oficial ergue a arma e dispara um tranco. Quando o menino cai por terra, Connor dá o comando para atacar.

A tropa de choque é atingida de ambos os lados com tudo o que a equipe de Connor tem. Eles buscam cobertura e respondem com tiros.

Enquanto isso, nos corredores laterais, as pessoas que Connor mandou para conter os carros-patrolha dos Juvis disparam de novo e de novo, furando pneus e estilhaçando para-brisas. Um carro vira e colide contra o trem de pouso frontal de um velho caça a jato, explodindo em chamas.

— Isso! — grita Hayden. — Nenhuma viatura conseguiu passar do terceiro avião do corredor, em nenhum dos lados — informa ele a Connor. — Eles estão saindo dos carros e atirando no escuro. Connor? Connor, você está aí?

Ele está, mas o cérebro não consegue emitir as palavras. Ao seu lado, Casey

jaz apoiada sobre a perna da mesa de sinuca com uma bala de tranco no pescoço — mas pior que isso está o garoto cara de cavalo. Ele recebeu uma bala de verdade na testa.

— Meu Deus! — berra um dos outros. — Não estão só nos dando trancos, estão nos matando também!

E o pânico do garoto — o pânico do *próprio* Connor — é a razão disso. É claro que a Autoridade Juvenil quer poupá-los para a fragmentação, mas uma bala no meio da testa do garoto ao seu lado basta para fazer qualquer um entrar em pânico e fugir. Então, Connor procura o que resta de suas forças e encontra coragem suficiente para manter-se firme. Seguindo o exemplo, os outros fazem o mesmo.

Starkey, ao pé da escada de embarque do Dreamliner, aplica em si mesmo uma injeção de morfina entregue por um médico que por acaso também é um cegonha. Em segundos, começa a sentir-se zozzo e distante, mas luta contra a tontura. Sobe a escada e espera na porta aberta do avião. Sua mão já está ficando amortecida pela morfina, e, embora o poderoso analgésico queira colocá-lo para dormir, seu próprio fluxo de adrenalina reage contra isso. O que resta é uma calma em meio ao caos, quase transcendente. Ele é intocável. Ergue a pistola sinalizadora e atira, iluminando o céu em um rosa cintilante. Os cegonhas, que se esconderam em vez de correr para o sul, saem das tocas e seguem em uma onda rumo ao Dreamliner, fluindo para ele pelos dois lances de escadas.

Mais ao sul, jovens que chegaram aos aviões periféricos do Cemitério veem a onda de Íntegros seguindo para o avião de fuga.

— Ei, tem alguém lá! Alguém vai pilotar! Vamos!

Eles dão meia-volta, dirigindo-se ao Dreamliner em vez de correr para o sul, e, quando mais jovens em fuga veem outros mudando drasticamente de rumo, a mentalidade da massa toma o controle. Todos correm para o avião.

Na frente de batalha, a equipe de Connor é ultrapassada em número e em habilidade pela tropa de choque e suas armas. Mas isso já era esperado. É tudo parte do plano. Cerca de um terço da equipe de Connor já foi abatido em ambos os flancos. Ele não quer saber quem sofreu trancos e quem foi morto.

— Tudo pronto pra fase dois — informa Hayden via fone, e Connor se

prepara para ordenar que o flanco direito abandone a posição e corra para os tanques de combustível, atraindo a atenção dos invasores para longe dos jovens em fuga para o sul. — Não, não, espere... — diz Hayden. — Tem algo errado!

Subitamente, a tropa de choque não está mais interessada em Connor e em sua força defensiva. Está avançando acelerada pelo corredor principal — e só agora, silenciados os estouros ensurdecedores do fogo cruzado, é que Connor ouve o zumbido dos motores de uma aeronave. Ele se vira para ver adolescentes correndo rumo ao avião de fuga.

— Não! O que é que eles estão fazendo?

Finalmente, Connor o vê. Starkey. Está parado no topo da escada de embarque, tangendo seu rebanho de cegonhas — mas não são só cegonhas que tentam entrar no avião. Agora, uma onda imensa de adolescentes se acumula em pânico na base de ambas as escadas. Talvez seja toda a população do Cemitério, lutando uns contra os outros para chegar às escadas estreitas.

Mesmo antes de a tropa de choque alcançá-los, Juvis surgem de cada lado e começam a derrubar os jovens com trancos, um após o outro, como em uma galeria de tiro. Connor não pode fazer nada além de assistir enquanto seu plano desmorona no pó do deserto — assim como toda a esperança.

Desta vez, os cegonhas vêm primeiro. Desta vez, os cegonhas serão vitoriosos. E para o inferno com todo o resto. O mundo dos biocriados nunca fez nada por Starkey. Bem, agora fará. Esses adolescentes biocriados serão alvos e atrairão os disparos dos Juvis enquanto os cegonhas embarcam.

O êxodo não caminha tão rápido e organizadamente quanto ele gostaria, mas pelo menos caminha. A tropa de choque ainda está longe, mas os próprios Juvis assumiram posições muito mais próximas e já começaram a derrubar os enxames de jovens lutando para chegar às escadas. A maior parte dos cegonhas, porém, já está a bordo.

Então, um Juvi mira em um garoto na escada. Ele recebe um tranco e desaba, atrasando os cegonhas logo atrás. Eles passam pisoteando-o, e o garoto parece desaparecer sob os pés de todos.

Ashley, a arma secreta, é a última cegonha a subir as escadas. Ela sorri para Starkey.

— Consegui! — diz ela, estendendo a mão para que ele a ajude a cobrir os

últimos degraus.

Mas na mesma hora um Juvi lá no chão cruza o olhar com o de Starkey e aponta para ele. Pensando rápido, o garoto puxa Ashley agilmente para cima, mas só um pouco. A bala de tranco se crava nas costas da garota em vez de no peito dele. Ela o encara, chocada.

— Foi mal, Ashley.

E, antes que ela possa afundar inconsciente nos braços de Starkey, ele estrategicamente a empurra escada abaixo, fazendo as pessoas atrás dela caírem como peças de dominó. Isso lhe dá tempo suficiente para fechar a porta.

As pessoas a bordo estão agitadas e aterrorizadas. Ao ver que a entrada frontal está fechada, fecham também a traseira. Com os bancos removidos do avião, ninguém sabe realmente o que fazer. Algumas pessoas se sentam no chão, outras ficam de pé, outras espiam pelas janelas.

Starkey vai direto até a cabine, onde encontra Trace, concentrado e determinado.

— Todo mundo já embarcou? — pergunta o piloto.

— Sim, sim, tá todo mundo aqui — responde Starkey. — Vai!

Só então Trace percebe quem é que está no comando.

— Você? Cadê o Connor?

— Ele não conseguiu vir. Agora vamos dar o fora.

Em vez de obedecer, Trace se levanta, olha pela janela e vê o pânico lá fora. Pessoas ainda inundam as escadas, mesmo com as portas trancadas, e um rápido olhar para o jovem na cabine esclarece exatamente quais foram salvas e quais não.

— Seu filho da puta!

Não é hora de brigar. Starkey saca uma arma, mas mantém distância para que Trace não possa usar nenhuma de suas supermanobras de recruta para desarmá-lo.

— Você salvaria a turma do Connor, mas não quer salvar os cegonhas, é? Faça o avião voar ou eu atiro.

— Me mate e ninguém sai daqui.

Mas o garoto não abaixa a arma, pois não está blefando, e o piloto sabe disso.

O olhar feroz de Trace poderia fundir ferro. Ele volta a se sentar e empurra o manche para a frente.

— Quando nós pousarmos — diz ele —, vou te matar com minhas próprias mãos.

Starkey tem certeza de que ele também não está blefando.

O Dreamliner avança na pista, derrubando ambos os lances de escada. Adolescentes e policiais se atropelam para escapar das rodas do avião quando este ganha velocidade, taxiando a trinta quilômetros por hora. Connor o posicionou de forma a ter caminho livre, e os Juvis tentam interceptá-lo sem sucesso.

No chão, os jovens abandonados tentam se desvencilhar e voltar ao plano de fugir para o sul, mas agora estão cercados. Juvis e oficiais da tropa de choque os atingem com trancos. Nem precisam mirar; basta atirar contra a multidão e alguém cai.

Connor observa horrorizado enquanto tudo dá errado. Um Juvi atira nele, e o garoto usa seu rifle para desviar a bala de tranco. Antes que o homem possa disparar outra vez, Connor o ataca, derrubando-o com um único golpe do cabo da arma. Então, ele ergue o olhar e vê o Dreamliner apinhado de cegonhas começar a acelerar — mas rapidamente nota que há um problema.

Muito, muito longe, quase invisível na noite, há uma forma negra e retangular na pista. Está a mais de um quilômetro, mas, quando o avião ganha velocidade e reduz a distância, seus faróis iluminam um caminhão blindado antimotim que parou bem no meio do caminho, pagando para ver quem sai primeiro com um avião de 112 toneladas.

Na cabine, Trace vê o carro, mas é tarde demais para abortar a decolagem.

No caminhão, o motorista percebe, tarde demais, que neste jogo o perdedor será ele.

Enquanto o nariz do avião se ergue da pista, o caminhão se desvia para sair do caminho, mas o motorista não é rápido o bastante. O trem de pouso de estibordo acerta o carro, tombando-o feito um brinquedo, e um pedaço enorme do trem de pouso se solta ao mesmo tempo que o avião levanta voo. O Dreamliner se

inclina precariamente para um lado, ameaçando cair do céu, mas depois se estabiliza. O trem de pouso quebrado, retorcido e inútil, se recolhe vagarosamente para dentro do compartimento.

No chão, centenas de adolescentes abandonados em terra são atingidos e apreendidos por Juvis, não encontrando nem salvação nem santuário em meio às aeronaves incapazes de voar, enquanto, lá no alto, o único avião a se reerguer do Cemitério carrega 169 almas pelo céu: 169 almas sem nenhuma forma de pousar.

69 · Lev

Lev tem a vantagem de estar longe da ação. Consegue ver onde está a frente de batalha, percebe as táticas empregadas pela força de ataque dos Juvis, e, já que ninguém tem olhos transplantados na nuca, ele pode se deslocar por trás da luta sem ser visto.

Assim como Nelson.

Acontece antes de o avião de fuga partir, quando o foco ainda está nos desertores armados no lado norte do corredor principal. Lev vê Nelson sair da van nos corredores mais a oeste do Cemitério e seguir a pé. O pirata de órgãos agora usa um uniforme Juvi que deve ter tirado de um verdadeiro policial após derrubá-lo com um tranco. Assim, pode se misturar. Pode parecer um deles. A única coisa que Lev pode parecer é um desertor, e isso não o levará a nada senão à inconsciência. Ele sabe que precisa ter cuidado.

O garoto tenta descobrir onde Connor pode estar nesta zona de guerra e, de repente, percebe que nem mesmo conhece este Connor. O velho Connor só queria saber de se safar e era bom nisso. Mas ainda será assim, agora que é responsável por cada pessoa aqui? Connor salvou um bebê uma vez. Também salvou Lev. Não, ele não há de fugir nem se esconder. Estará aqui até que o último desertor seja derrubado, e este pode muito bem ser ele.

Nelson não sabe disso. Ele vê Connor em apenas uma dimensão: um mísero desertor. Não vai procurá-lo na frente de batalha, mas nas margens — e, como esperado, é às margens que Lev vê Nelson; os lugares onde adolescentes desgarrados jazem atingidos por trancos. Como um abutre bicando carniça, o pirata ergue a cabeça dos desmaiados, olha o rosto de cada um e depois o solta, indo para o próximo.

Lev rodeia o homem nas sombras, evitando-o, e aproxima-se da zona de perigo, onde a tropa de choque enfrenta desertores armados. É lá que Connor estará — mas como Lev pode salvá-lo de Nelson e dos Juvis?

Quando a resposta surge, ele sorri, apesar da batalha medonha ao redor. A resposta é simples. Horripilante. Impossível. E pode funcionar!

Lev se aproxima do corredor principal assim que o Dreamliner começa a andar e

a tropa de choque avança contra as hordas de jovens que não conseguiram embarcar.

A uns noventa metros dali, na linha de frente, ele vê uma figura em traje camuflado pálido atacar destemidamente um Juvi que nela mirava. O garoto derruba o policial — não com uma bala, mas com o cabo do rifle — e há algo familiar na forma como ele se move...

Lev se lança contra uma turba de jovens em fuga que vem em sua direção, ignorando o som dos disparos, o rugido dos motores e o ruído de metal sendo esmagado quando o Dreamliner derruba um caminhão blindado ao decolar.

O caminhão tombado irrompe em chamas, enquanto a aeronave sobe ao céu, e a luz da explosão ilumina o rosto do garoto de roupa camuflada. Lev sabe que o encontrou.

— Connor!

Mas os olhos de Connor estão fixos no avião em fuga.

— Não fique parado aí, corra! — grita ele. — Era pra vocês todos correrem!

— Connor, sou eu. O Lev.

Mesmo agora, olhando para ele, Connor não parece reconhecê-lo a princípio, e Lev sabe que não é só pelo cabelo. Eles não são mais os meninos de dois anos atrás.

— Lev? O que você está fazendo aqui? Quê? O mundo inteiro endoidou e eu perdi o juízo?

— Tenho certeza de que as duas coisas são verdade, mas eu estou aqui, sim.
— Lev se abaixa e apanha a arma de tranquilizantes do policial que Connor nocauteou há pouco. — Vim te salvar.

— Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi!

— Isso provavelmente também é verdade, mas preciso avisar: tem um pirata de órgãos atrás de você.

— Esse é o menor dos meus problemas agora!

Outro garoto com um rifle automático vem correndo até Connor.

— Acabou a munição! O que a gente faz?

— Pedras e paus e peças de avião — responde Connor. — Ou vocês podem se arriscar e fugir. O Starkey não nos deixou muita escolha.

— Starkey desgraçado! — O jovem joga a arma vazia no chão. — Boa sorte, Connor — diz ele e sai correndo, tentando desaparecer na noite.

Ao longe, a multidão que tentava embarcar no Dreamliner agora é iluminada pelos faróis de um helicóptero da polícia e está completamente cercada. Talvez haja quatrocentos adolescentes encurralados e indefesos, enquanto enormes caminhões de transporte avançam pelo corredor principal para coletá-los e levá-los daqui.

— Não há nada que você possa fazer por eles agora — diz Lev a Connor.

— Não vou abandoná-los.

— É por isso que não vou te dar escolha. — Lev ergue a pistola de tranquilizantes que tirou do Juvi inconsciente e atinge o amigo no braço.

Connor gira com a força do disparo e desaba. O tranco faz efeito em segundos. Lev o segura quando ele cai, e ele olha para Lev com olhos semicerrados, anuviados.

— Não funcionou, Lev — diz com voz fraca. — Meu plano não funcionou.

— Eu sei — responde o menino enquanto ele perde a consciência —, mas talvez o meu funcione.

70 · Nelson

Ele não faz ideia de quantos adolescentes há aqui, quão grande é o cemitério de aviões ou onde seu alvo pode estar no meio deste caos. Não importa. Se os Juvis fizerem seu trabalho, e parece que farão, todo o ninho de desertores será cercado, sedado e apreendido. Lassiter estará entre eles. Nelson só precisa ficar de olhos abertos e cabeça baixa, pois alguns desses jovens têm armas, e, pelo som dos disparos, são letais.

Ele verifica metodicamente os desertores que já foram sedados com trancos e derruba outros pessoalmente, só para imitar mesmo um Juvi cumprindo suas obrigações. Mantém uma distância segura do coração da batalha, sabendo que o Desertor de Akron fará o mesmo.

Um dos Juvis o percebe olhando para o rosto dos desertores caídos.

— Não perca tempo — diz ele. — Se algum desses moleques escapar e entrar no deserto, a gente se ferrou.

— Estou procurando um desertor do meu bairro — diz Nelson sem hesitar. — Um favor pra minha esposa.

Mas o policial está desconfiado.

— Eu te conheço? De que unidade você é?

— Unidade Dezesseis, lá de Phoenix.

— *Não existe* Unidade Dezesseis em Phoenix.

Decidindo que isso já foi longe demais, Nelson atinge o policial com um tranco e então faz o mesmo com o adolescente em fuga que testemunhou o ato. Depois, volta à tarefa de encontrar o Desertor de Akron.

Só começa a se preocupar quando vê o Dreamliner levantando voo. Quais são as chances de Lassiter estar naquele avião? Então, ele percebe que a tropa de choque não está só sedando e apreendendo — estão pulando estágios do procedimento, empurrando a multidão de fragmentários para dentro dos caminhões enquanto ainda estão conscientes. Se Lassiter entrar em um dos veículos antes de Nelson alcançá-lo, será o fim.

Agora ele está preocupado. Aproxima-se do cerco da tropa de choque, sacando binóculos, esquadrinhando os rostos. Um bando de adolescentes assustados. Nada de Lassiter. Claro que ele pode estar lá no meio, mas, se estiver, Nelson não consegue vê-lo. Ele abaixa os binóculos.

— Droga!

O pirata sabe que, a cada segundo que passa, suas chances diminuem. Ao redor, jovens que foram lentos demais para chegar ali ou espertos o bastante para ficar longe da multidão cercada fogem em todas as direções. Alguns tomam trancos enquanto correm, mas, quanto mais longe estiverem do centro da ação, maiores são suas chances.

Lá adiante, Nelson vê a silhueta negra de um garoto menor lutando para carregar outro, mais velho e inconsciente, nas costas — fazendo Nelson pensar na forma como as formigas carregam seus feridos. Mas aparentemente esse menino é mais sensato que uma formiga, pois desiste, solta o garoto maior no chão e corre para as sombras.

Nelson quase deixa de verificar quem é o garoto inconsciente. Quase passa sem olhar, pois não quer perder nenhum dos fragmentários em fuga, mas ele é meticuloso acima de tudo. Agarra pelo cabelo o rapaz desmaiado, ergue a cabeça da terra e praticamente grita de triunfo e surpresa. É ele! É Lassiter! Deixado para ele como um presente, bem no meio do caminho!

O pirata não perde tempo. Coloca o garoto nas costas, escolhe a direção e sai costurando entre as aeronaves, seguindo para sua van. Quando cruza um corredor mais distante, é visto por outro Juvi.

— Esquece esse aí — diz o policial. — Deixa ele pra turma do Saneamento e Transporte. Nossas ordens são pra derrubar os fugitivos. — E, para enfatizar as próprias palavras, ele atira contra uma garota em fuga entre dois caças a jato, derrubando-a no chão.

— Tenho ordens especiais pra este aqui — responde Nelson, tentando passar, mas o outro homem não desiste.

— Por quê? Foi ele quem começou os incêndios na cidade?

— Isso — diz Nelson. — Ele mesmo.

Então, atrás deles, três adolescentes tentam escapar rumo aos corredores mais distantes, e a tentativa atrai a atenção do policial por tempo o bastante para

Nelson se afastar.

Quanto mais longe do corredor principal, menos desertores e menos policiais. Os caminhões de transporte já estão aqui, na periferia do Cemitério, coletando quaisquer jovens sedados que encontrem antes de seguir para a zona de maior densidade. Os funcionários do San & Tran tratam os jovens caídos com muito mais cuidado que os Juvis, alojando-os em bolsas de transporte acolchoadas com zíperes — sacos de dormir que restringem os movimentos, em tons claros de azul e rosa, cobrindo tudo, menos o rosto, de maneira que as preciosas partes dos corpos fiquem protegidas no trânsito.

Nelson chega à van, joga Connor na traseira e sai pelo caminho por onde veio, dirigindo-se ao portão norte e sabendo que ainda não está seguro.

Quando se aproxima da saída, há uns poucos carros-patrolha de Juvis — como se algum dos desertores fosse burro o bastante para tentar fugir pelo portão principal. Eles detêm Nelson e ele exhibe um distintivo roubado.

— Tenho ordens de levar esta van ao Q.G. Será apreendida como evidência.

— Que? Tá brincando? O lugar inteiro vai ser apreendido como evidência! Eles não podiam esperar por um reboque?

— E quando é que eles esperam por alguma coisa?

O policial balança a cabeça.

— Inacreditável! — E acena para que Nelson passe.

Ao deixar o Cemitério para trás, o pirata de órgãos liga o rádio, troca de estações até encontrar uma música que conheça e canta com rara alegria.

Divan, seu cliente do mercado negro, pagará uma fortuna — e os cifrões que Nelson agora vê logo serão vistos através dos olhos do Desertor de Akron. Esta é a verdadeira recompensa, muito mais importante que o dinheiro. Nelson nem lembra como são os olhos desse garoto, mas isso não importa. Qualquer que seja a cor, qualquer que seja a acuidade, serão os últimos de que ele precisará. Serão perfeitos!

Ele ainda está pensando nos olhos quando ouve o disparo agudo de uma pistola tranquilizante e sente uma pontada súbita de dor na perna, e uma segunda, e uma terceira.

Suas mãos, de repente pesadas como chumbo, caem do volante, e com as

últimas forças ele ergue a cabeça para ver seu atacante.

Assomando atrás dele na van está Lev, com um sorriso do tamanho do deserto.

— Derrubado pela própria arma — diz o garoto. — Que patético!

71 · Lev

Nelson usara Lev para ajudá-lo a encontrar Connor — e agora Lev retribuiu o favor. Com tantos Juvis e tantos membros da tropa de choque, tirar alguém do Cemitério seria um milagre. E Lev percebe que, pelo menos nesse momento, Nelson foi seu maior aliado. Tanto o pirata quanto o garoto tinham o mesmo objetivo: tirar Connor vivo das mãos dos Juvis e do Cemitério. Então, Lev colocou um Connor inconsciente no caminho de Nelson. Arriscou expor sua identidade, mas, com tantos adolescentes em fuga, e as únicas luzes vindo de faróis e holofotes, foi fácil manter o rosto nas sombras, largar Connor e correr, deixando para Nelson o trabalho duro de escapar com o líder.

Enquanto o pirata carregava seu amigo, Lev correu na frente e entrou na van, escondendo-se e esperando que Nelson estivesse distraído pelos eventos ao redor e eufórico o bastante com o sucesso da captura para nem mesmo notar que ele se escondera no banco de trás.

Agora, a quase um quilômetro do Cemitério, Nelson afunda inconsciente no banco do motorista e Lev se apressa em pegar o volante, impedindo que o carro se jogue para fora da estrada. Então, empurrando o homem para o lado, ele pisa no freio e a van para.

Só resta uma coisa a fazer.

Saindo do veículo, Lev dá meia-volta a pé até o portão. De sua posição no chão da van, ele não foi capaz de ver quantos Juvis estão na área. Agora, aproximando-se, percebe que há só um punhado — todos os outros estão na zona de batalha. A escassa vegetação do deserto não proporciona cobertura suficiente para escondê-lo, mas ele precisa chegar mais perto.

Mandou o rapaz que vigiava o portão pegar Miracolina e levá-la a um lugar seguro. O garoto disse que faria isso, mas Lev precisa ter certeza.

Há um carro-patrolha bem na frente do ponto onde Miracolina estava, e um Juvi está inclinado para o veículo, falando ao rádio. No momento em que o policial desvia o olhar, Lev corre para trás do carro, mantendo-se agachado, e espia atrás dos arbustos secos.

Ela não está lá.

Ele solta um suspiro silencioso de alívio, depois se vira e corre de volta à van. Chegando lá, tira Nelson do banco e o larga inconsciente em uma vala. Então, Lev faz o melhor que pode para conduzir a van pela estrada estreita de duas pistas — o que é muito diferente de dirigir um jipe à vontade pelo deserto aberto. *Que baita idiotice seria, pensa ele, se, depois de tudo isso, o Connor e eu morrêssemos em um acidente de carro porque eu não sei dirigir!* Ele só pode agradecer a Deus pelo fato de a estrada ser reta.

Desta vez Lev está se saindo melhor do que nunca, e, embora saiba que talvez nunca mais veja Miracolina — e que ela pode, no fim, se submeter à dizimação —, ele está ciente de que fez tudo para salvá-la. Para libertá-la.

Fique bem, Miracolina, diz ele a si mesmo, esperando que, ao verbalizar o desejo, possa torná-lo real, sem saber que o guarda do portão só estava interessado em salvar a si mesmo e que a garota ainda estava inconsciente, a uns poucos metros de onde Lev procurava... pois ele não pensou em olhar no banco de trás da radiopatrulha.

72 · Starkey

— Bom, Starkey, o que a gente faz agora?

— Se você perguntar mais uma vez eu arranco a porcaria da sua cabeça.

Bam se afasta, apressada e frustrada.

— Pelo menos nós saímos de lá! — grita Starkey para ela. — Provavelmente, fomos os únicos que conseguiram!

Adolescentes sentam-se em grupos no chão do compartimento sem assentos, alguns chorando por causa da provação que estão enfrentando e dos amigos deixados para trás.

— Engulam o choro! — grita Starkey para eles. — Nós somos cegonhas... somos melhores que isso. — Então, ele ergue a mão esmagada, agora tão inchada e púrpura que mal parece uma mão. — Vocês estão me vendo chorar? — Este ferimento de guerra, percebe ele, já se tornou um símbolo de seu poder e um talismã de respeito.

As lamúrias diminuem, mas não cessam totalmente. A verdade é que, apesar da morfina roubada do avião médico, a mão ainda o incomoda demais para deixá-lo ter paciência com quem quer que seja.

— Pra onde a gente tá indo? — alguém pergunta.

— Pra um lugar melhor — responde Starkey. Então, percebe que é isso que dizem quando alguém morre.

Ele segue rápido para a cabine e os cegonhas saem do seu caminho. Trace está sentado diante dos controles sem nenhum copiloto, e Starkey começa com uma ameaça:

— Se você tentar encostar nesse rádio...

Trace olha para ele, enojado, depois volta a olhar para o painel de controle.

— Eu não quero que ninguém aqui seja fragmentado só porque é você quem está liderando. Eu não notifiquei ninguém, nem vou notificar.

— Ótimo. Me conte o plano. Conte o que você combinou com o Connor.

Trace agarra os controles para manter a estabilidade quando eles chegam a um trecho de turbulência. Mais lamúrias no compartimento de passageiros. Quando a turbulência diminui, o piloto diz:

— Vamos entrar no espaço aéreo do México daqui a alguns minutos e com isso ganharemos tempo, pois o exército americano não pode nos perseguir sem permissão e o mexicano não vai fazer isso a não ser que nos veja como uma ameaça. Depois, vamos voar a uns dois quilômetros de distância de outro avião comercial e trocar nossa assinatura radar. Depois, quando esse outro avião chegar ao espaço aéreo americano, eles vão pensar que é o nosso.

— Dá pra fazer isso?

Trace nem responde à pergunta.

— O plano era dar meia-volta, entrar nos Estados Unidos e aterrissar em uma pista de pouso abandonada no deserto de Anza-Borrego, a leste de San Diego... mas há um problema com o trem de pouso.

Starkey já sabe disso. Todos sentiram a colisão quando o avião atingiu o caminhão na pista. Todos ouviram algo se quebrar. Não há dúvida de que existe um dano, mas é impossível saber qual o tamanho. Tudo o que eles têm é uma luz de alerta no painel de controle dizendo FALHA NO TREM DE POUSO.

— Então, o que nós fazemos?

— Morremos. — Trace deixa a resposta pairar por um momento, depois diz:
— Eu posso tentar pousar em um corpo d'água. Estou pensando no Mar Salton.

— Em Utah?

— Não, esse é o Grande Lago Salgado, sua besta. O Mar Salton é um lago enorme de água salgada ao sul de Palm Springs. Tem uma cidade lá que é um fim de mundo nojento. Você se daria bem por lá.

Starkey rosna para ele e depois decide que não é digno de sua atenção.

— Quanto tempo leva?

— Primeiro eu tenho que achar outro avião e fazer a troca de assinatura. Acho que em uma hora e meia a gente chega lá.

— Beleza, vou avisar os outros. — Ele se vira para sair, mas para à porta da cabine e olha novamente para Trace. — E, se me chamar de besta outra vez, eu estouro a sua cabeça.

O piloto se volta para ele e sorri.

— Daí, você pode pousar este avião... sua besta.

73 · Risa

Risa está sentada no camarim da emissora de TV, olhando para o monitor. O noticiário noturno no qual ela e Cam estão prestes a aparecer acaba de divulgar notícias de última hora: um ataque a um imenso esconderijo de desertores no Arizona. Nenhum outro senão o cemitério de aviões. Os jovens já estão sendo transportados para campos de colheita.

— *Acredita-se que estes mesmos fragmentários desertores sejam responsáveis por uma onda de violência na cidade de Tucson* — diz o âncora. — *A Autoridade Juvenil espera que esta invasão dê paz aos cidadãos de Tucson.*

Como é que isso pôde acontecer? Depois de todas as coisas horríveis que Risa fez nos últimos dois meses para evitar a invasão — para manter Connor e Hayden e todo o resto a salvo —, os Juvis invadiram mesmo assim. Talvez a intenção sempre tenha sido essa e a barganha de Roberta tenha sido uma mentira desde o começo. Como Risa pode ter sido idiota o bastante para acreditar em alguma coisa que aquela mulher dissesse?

A cabeça da assistente de direção surge pela porta.

— Três minutos, Srta. Ward.

Risa nunca se considerou uma pessoa violenta. É claro que sempre foi plenamente capaz de se defender, mas nunca foi o tipo de garota que provoca ou aprecia brutalidade. Neste momento, porém, ela sabe que mataria Roberta se tivesse chance.

Então, ela percebe que não precisa fazer isso. Em menos de três minutos, estará falando ao vivo em rede nacional. Ela não precisa matar Roberta. Não quando pode destruí-la...

Luz branca e artificial. Um estúdio de TV sem plateia. Um nome bem conhecido do jornalismo televisivo usando terno e gravata, parecendo mais baixo e mais velho que nas telas. Três câmeras — uma focada nele, outra em Risa, outra em Cam. Enquanto esperam que o programa volte dos intervalos comerciais, o jornalista os orienta.

— Vou fazer perguntas a vocês dois. Primeiro sobre a decisão da Risa de

apoiar a fragmentação, depois sobre o processo de refação que supostamente levou ao “nascimento” do Cam, se vocês quiserem, e no fim vou perguntar sobre o seu relacionamento e como vocês dois se conheceram. Sei que são perguntas às quais já responderam antes, mas espero que possam me dar alguma informação nova.

— Bom, com certeza faremos o nosso melhor — responde Risa com um sorriso simpático até demais.

Cam se inclina para perto dela e sussurra:

— Deveríamos ficar de mãos dadas.

— Não tem quadro aberto — argumenta ela. — Ninguém vai ver.

— Mesmo assim, deveríamos.

Mas desta vez Cam não terá as coisas como quer.

O diretor de palco faz a contagem regressiva de cinco a um. A luz vermelha na câmera se acende.

— Bem-vindos de volta — diz o jornalista. — Considerando-se a recente ação da polícia no Arizona, nossos convidados desta noite têm certa... ressonância com o assunto, digamos assim. Uma desertora militante que se tornou defensora da fragmentação e um jovem que, não fosse pela fragmentação, nem sequer existiria. Risa Ward e Camus Comprix.

Há um momento de boas-vindas agradáveis e ele começa as perguntas, como prometeu, com Risa, mas a atinge com algo preparado para tirar-lhe o equilíbrio:

— Srta. Ward, sendo uma ex-desertora, qual é sua opinião sobre a invasão no esconderijo do Arizona? A senhorita apoia a fragmentação desses fugitivos?

Mas nada do que ele diga é capaz de enervá-la, pois Risa já sabe exatamente o que dirá. Ela se volta para encarar a câmera dois, que acaba de ser ativada.

— Acho que é importante eu deixar isto bem claro — começa ela. — Eu não sou agora, nem jamais fui, a favor da fragmentação...

74 · Roberta

Se Roberta tivesse prestado atenção, as coisas poderiam ter sido diferentes, isto é, não teriam sido arruinadas de forma alguma. Em sua defesa, a barganha que propôs a Risa foi honesta, ainda que intensamente manipulativa. Ela fez alguns telefonemas, mexeu os pauzinhos e foi capaz de confirmar com a Autoridade Juvenil que não havia planos para nenhuma invasão iminente ao cemitério de aviões. Caso isso mudasse, Roberta teria sido avisada com antecedência — o que significaria tempo suficiente para mexer mais alguns pauzinhos e evitar semelhante ataque. Seu trabalho nunca teve a ver com traição. Sempre teve a ver com resultados.

No entanto, ela esteve tão envolvida na campanha midiática para fazer de Cam o queridinho dos tempos modernos que não tomou conhecimento dos incêndios a casas em Tucson e do jovem atrevido que os causou, alegando ser o vingador de todos aqueles que foram entregues pela cegonha e fragmentados. Sim, a Autoridade Juvenil deveria tê-la notificado quanto à invasão por meio de seus parceiros da Cidadãos Proativos. Todavia, como qualquer organização que trabalha como uma aranha, cheia de olhos, patas e truques, as mandíbulas da Cidadãos Proativos não sabem o que a fiandeira está fazendo. É claro que, assim que a notícia é divulgada, o telefone de Roberta começa a tocar loucamente no bolso. Mas ela esteve ocupada demais com tanta gente querendo tomar seu tempo que não atendeu.

Assim, Roberta não sabe da invasão até a entrevista com Risa e Cam começar. Aí, já é tarde demais.

Roberta está sentada nos bastidores, na salinha repleta de biscoitos velhos e café ralo, assistindo a um monitor que exhibe a cena do estúdio. Sua expressão de horror seria capaz de azedar até leite em pó.

— *Eu não sou agora, nem jamais fui, a favor da fragmentação* — diz Risa. — *A fragmentação deve ser o ato mais perverso já sancionado pela raça humana.*

O jornalista, famoso por manter a calma sob pressão, gagueja por um momento.

— *Mas e todos aqueles anúncios de utilidade pública que a senhorita fez?*

— *São mentiras. Eu estava sendo chantageada.*

Roberta sai feito um furacão da sala para o corredor rumo à porta do estúdio. A luz vermelha está acesa. É um aviso para ninguém entrar, já que a transmissão é ao vivo, mas ela não tem intenção de atender a tal alerta.

No corredor ao redor dela há uma série de monitores exibindo a diatribe de Risa. O rosto da garota está em cada tela, olhando para Roberta de uma dezena de direções.

— *Fui ameaçada e chantageada por um grupo chamado Cidadãos Proativos. Oh, eles têm muitos outros nomes, como Consórcio dos Contribuintes Conscientes e Sociedade Nacional pela Saúde Íntegra, mas é tudo fumaça.*

— *Sim, eu conheço a Cidadãos Proativos* — afirma o jornalista —, *mas não é um grupo filantrópico? Uma instituição beneficente?*

— *Beneficente para quem?*

Assim que Roberta se aproxima da porta do estúdio, é interceptada por um segurança.

— *Sinto muito, mas a senhora não pode entrar agora.*

— *Me deixe passar ou juro que, amanhã cedo, você estará desempregado.*

A resposta do homem é resistir firmemente e chamar reforços via rádio. Então, Roberta muda de curso e se dirige à cabine de controle.

— *Eles alegam controlar a Autoridade Juvenil* — continua Risa. — *Alegam controlar muitas coisas. Talvez seja verdade, talvez não; mas acredite em mim, a Cidadãos Proativos não está interessada no bem de ninguém senão no próprio.*

A edição corta para Cam, que parece bestificado, ou talvez só abestalhado mesmo. Depois, volta para o jornalista.

— *Então, seu relacionamento com o Camus...*

— *Não passa de uma jogada publicitária* — responde Risa. — *Uma jogada publicitária planejada pela Cidadãos Proativos para ajudar o Cam a ser aceito e adorado.*

Roberta irrompe na cabine de controle, onde um editor de vídeo opera a ilha de edição e o produtor do show se reclina para trás na cadeira, extremamente contente.

— Isso é ouro — diz ele ao editor. — A princesa da fragmentação mordendo a mão invisível que a alimenta! Não dá pra ficar melhor que isso!

— Pare a entrevista! — ordena Roberta. — Pare, ou vou considerar você e sua emissora responsáveis por tudo o que ela diz!

O produtor não se abala.

— Desculpe, quem é você?

— Eu sou... a empresária dela, e ela não tem autorização para dizer o que está dizendo.

— Bom, madame, se não gosta do que a sua cliente diz, não é problema nosso.

— *Seus espectadores precisam questionar o seguinte* — afirma Risa. — *Quem é que mais se beneficia da fragmentação? Respondam a essa pergunta e acredito que vocês saberão quem está por trás da Cidadãos Proativos.*

Então, o segurança surge atrás de Roberta e a retira à força da sala.

Roberta é banida para a sala nos bastidores até a entrevista terminar e eles cortarem para os comerciais.

O segurança, ainda em modo “alerta de intruso”, não quer deixá-la passar.

— Tenho ordens de não deixar a senhora entrar no estúdio.

— Eu vou ao banheiro!

Ela passa por ele, empurrando-o, e corre para a porta do estúdio. Tanto Risa como Cam já saíram, e os próximos convidados estão recebendo os microfones.

Evitando o guarda — que Roberta sabe estar totalmente preparado para derrubá-la com um tranquilizante —, ela vira em um corredor lateral que leva aos camarins. O de Risa está vazio, mas Cam está no dele. O paletó e a gravata estão jogados no chão, como se ele mal pudesse esperar para se livrar deles. Está sentado diante da penteadeira com a cabeça nas mãos.

— Você ouviu o que ela disse sobre mim? Ouviu?

— Onde está ela?

— Cabeça na areia! Tartaruga no casco! Me deixe em paz!

— Foco, Cam! Ela estava no palco com você. Para onde foi?

— Ela fugiu. Disse que estava tudo acabado, que já era, e fugiu pela escadaria de emergência.

— *Ela* é que estará acabada quando eu a encontrar.

Roberta sai e desce pelas escadas de emergência. Estão no segundo andar, e o único lugar por onde Risa poderia sair é o estacionamento, que a esta hora da noite está quase vazio. Ela não pode ter uma dianteira maior que quinze minutos, mas não está em parte alguma. A única pessoa à vista é o motorista de Roberta, que está apoiado à limusine, comendo um sanduíche.

— Você a viu? — pergunta ela.

— Vi quem?

E o telefone de Roberta começa a tocar como se nunca mais fosse parar.

75 · Cam

Roberta volta da procura infrutífera por Risa. Cam a encontra na sala dos bastidores, onde agora dois seguranças aguardam, ansiosos para escoltar Roberta para fora. Ela está ao telefone, já nas agruras do controle de danos.

— Antártida — diz Cam. — Eu deveria ter dito alguma coisa, mas congelei.

— O que está feito está feito — afirma ela, depois rosna quando uma ligação cai. — Vamos sair daqui.

— Encontro você no carro — responde ele. — Minhas coisas ainda estão no camarim.

Os guardas escoltam Roberta solenemente para fora do prédio e Cam volta ao camarim. Veste o agasalho esportivo e cuidadosamente enrola a gravata, colocando-a no bolso. Então, quando tem certeza de que Roberta já saiu, ele diz:

— Tudo bem, ela já foi.

A porta do armário se abre e dele sai Risa.

— Obrigada, Cam.

O rapaz encolhe os ombros.

— Ela mereceu. — Ele se vira para olhá-la. A respiração da garota está acelerada, como se ela tivesse saído correndo, mas ele sabe que a fuga só aconteceu na mente dela. — Eles vão ser todos fragmentados? Seus amigos desertores?

— Não imediatamente — diz ela. — Mas, sim, eles serão.

— Sinto muito.

— Não é culpa sua. — Mas ela não o encara ao dizer isso, como se talvez achasse que, de alguma forma, a culpa é dele, sim. Como se a própria existência dele fosse culpa de Cam.

— Não posso mudar o que sou — declara ele.

— Eu sei... mas hoje você me mostrou que pode mudar o que faz.

Ela se inclina e o beija na bochecha. O que ele sente é como um choque

elétrico em todas as costuras do rosto. Ela se vira para sair, mas ele não pode deixar. Ainda, não. Não sem dizer...

— Eu te amo, Risa.

Ela o olha sem oferecer nada além de um sorriso pesaroso.

— Adeus, Cam.

E vai embora.

Só depois disso a raiva começa a se erguer dentro dele. Não uma pontada, mas uma erupção, e não há para onde mandá-la. Ele pega a cadeira e a joga no espelho na penteadeira, estilhaçando-o. Joga tudo o que pode ser quebrado contra as paredes e não para até que os seguranças entrem para imobilizá-lo. São necessários três guardas para contê-lo, mas ele ainda é mais forte. Tem em si os melhores dos melhores — cada grupo muscular, cada reflexo sináptico. Ele se desvencilha dos seguranças, sai correndo pelas escadas de emergência e encontra Roberta na limo.

— Por que demorou tanto?

— Solidão. Eu precisava ficar sozinho um pouco.

— Está tudo bem, Cam — diz ela enquanto o carro os leva embora. — Vamos superar isso.

— Sim, sei que vamos.

Mas ele guarda os verdadeiros pensamentos para si. Nunca aceitará a despedida de Risa. Não a deixará desaparecer de sua vida. Fará o que for preciso para tê-la de volta, abraçá-la, mantê-la consigo. Tem todos os recursos de Roberta ao alcance das mãos para obter o que quiser — e pretende usá-los.

A mulher lhe lança um sorriso reconfortante entre um telefonema e outro, e ele retribui. Por enquanto, Cam jogará esse jogo. Será o bom menino feito que Roberta quer, mas, a partir deste momento, tem um novo objetivo. Ele há de realizar o sonho de Risa e destruir a Cidadãos Proativos, pedaço por pedaço.

Depois disso, ela não terá escolha senão amá-lo.

Parte Sete

Aterrissagens

Nosso país é desafiado interna e externamente... é nossa vontade que está sendo testada, não nossa força.

— Presidente Johnson *sobre o Vietnã e os protestos universitários contra a guerra, 1968*

Tenho fé que este conflito nacional devastador será resolvido e que o acordo entre ambos os lados também servirá como uma derradeira solução para o problema dos adolescentes selvagens. Mas, até esse dia glorioso, decretarei um toque de recolher começando às oito da noite, válido para todas as pessoas abaixo de dezoito anos.

— Presidente Moss *sobre a Guerra de Heartland, duas semanas antes de ser assassinado por militantes separatistas de Nova Jersey*

76 · Dreamliner

No sul da Califórnia, bem ao sul do brilho de Hollywood e bem ao leste da área suburbana de San Diego, há um mar interior tão esquecido e mal-amado quanto um tutelado desertor do estado ou um cegonha em campo de colheita. Centenas de milhares de anos atrás, foi o extremo norte do Mar de Cortez, antes mesmo que esse mar tivesse um nome. Mas agora é pouco mais que um lago salgado gigante cravado na terra, morrendo lentamente no deserto. Salino demais para ser habitado por vertebrados, todos os seus peixes se foram. Os ossos ocupam as margens como pedregulho.

Faltando dez minutos para a meia-noite, uma aeronave outrora considerada o sonho da aviação, antes de ser substituída por sonhos mais novos, baixa em direção ao Mar Salton. É pilotada por um jovem militar muito mais confiante que experiente. Quase roçando as montanhas em torno do lago, o avião se aproxima para o que algumas pessoas chamam ridiculamente de “aterriçamento na água”.

O resultado não é bom.

77 · Starkey

Não há cintos de segurança nem assentos. Nenhuma forma de as pessoas se prepararem para o pouso forçado.

— Dobrem os cotovelos juntos! Enganchem as pernas uns nos outros! — manda Starkey. — Vamos ser o cinto de segurança uns dos outros.

Os cegonhas obedecem, amontoando-se, segurando-se, virando uma colônia emaranhada de carne e osso. Sentados no chão, não conseguem olhar pelas janelas para saber quão próximo está o lago — mas a voz de Trace surge no intercomunicador:

— Faltam vinte segundos — avisa ele. Então, o ângulo da descida muda quando ele ergue o nariz do avião.

— Vejo vocês do outro lado — diz Starkey. Depois, percebe que, mais uma vez, isso é algo que as pessoas dizem quando alguém está prestes a morrer.

Ele faz mentalmente a contagem regressiva dos vinte segundos, mas nada acontece. Será que contou rápido demais? Será que Trace se enganou? Se isso são vinte segundos, são os mais longos de sua vida. Então, finalmente acontece — um solavanco chocante, seguido de calma.

— O que foi isso? — pergunta alguém. — Já acabou?

Há outro solavanco, e outro, e mais outro, cada um mais próximo do anterior, e Starkey percebe que o avião está quicando como uma pedra jogada na água. Na quinta vez, uma asa mergulha, parecendo um leme que inclina o avião na diagonal, e de repente é o fim do mundo. O Dreamliner começa a girar, virando cambalhotas contra a superfície impiedosa do lago.

Dentro dele, a multidão de adolescentes é puxada do chão e jogada pela força centrífuga, separada em dois aglomerados, um em cada canto do compartimento principal. O entrelaçamento dos membros realmente salva muitos deles, pois são amortecidos pelos corpos ao redor, mas os que estão nas bordas do amontoado de jovens em queda — os que servem como amortecedores — são sacrificados. Muitos morrem ao serem esmagados contra as paredes rígidas do Dreamliner.

O estoque de armas, que foi guardado nos compartimentos de bagagem de

mão no teto, também voa livremente quando esses compartimentos se abrem em meio à agitação. Pistolas e rifles e metralhadoras e granadas cumprem suas funções letais, fazendo vítimas sem nem mesmo disparar.

Envolto pelo furacão de corpos, Starkey sente a cabeça bater em algo duro, abrindo um corte na testa, mas isso não é nada comparado à dor que explode em sua mão ferida.

Finalmente, o avião deixa de girar. Os gritos e gemidos parecem silêncio em comparação ao ruído da queda. Então, em algum lugar nos fundos do compartimento, há uma explosão: uma granada que perdeu o pino. Ela abre um buraco na lateral da nave e a água começa a entrar. É quando o sistema elétrico entra em pane e eles são lançados na escuridão.

— Aqui! — grita Bam. Ela puxa uma enorme alavanca e abre uma saída de emergência na frente do avião. Um bote salva-vidas automaticamente se infla e se solta, depois cai na água. — *Sayonara* — diz a garota, saltando logo atrás dele.

O instinto de Starkey o manda sair agora... mas, se ele quer ser visto como o protetor dos cegonhas, precisa sê-lo por meio de atos, não só palavras. Ele espera, enxotando as pessoas pela porta, deixando claro que não será o primeiro a sair — mas também não pretende ser o último.

Mais atrás, na nave naufragada, pessoas abrem as saídas próximas da asa e uma escotilha no meio — mas só do lado esquerdo. No direito, um pouco de combustível vazou, pegando fogo na água, e as chamas já se erguem até as janelas no exterior.

— As armas! — berra Starkey. — Peguem as armas! Ainda precisamos nos defender! — Assim, os adolescentes apanham todas as armas possíveis, jogando-as nos botes antes de saltarem.

O fogo lá fora fornece luz suficiente para Starkey enxergar os cantos mais profundos do compartimento principal. Ele preferia não ter olhado. Há mortos por toda parte. O sangue se espalha em cada superfície, denso e viscoso. Mas ainda há mais vivos que mortos, e mais gente correndo que rastejando. Ele decide, aqui e agora, salvar só aqueles que conseguirem escapar sozinhos. Os gravemente feridos seriam apenas fardos.

O ângulo do chão mudou rapidamente desde que o avião começou a afundar, a cauda primeiro. O compartimento traseiro já está inundado, e o nível da água

sobe em um fluxo firme e implacável rumo à divisória central. Então, Starkey ouve uma voz abafada vir da frente da aeronave:

— Preciso de ajuda aqui!

Ele abre caminho até a porta da cabine e a abre. O para-brisa está estilhaçado e a cabine toda é uma bagunça de medidores esmagados, painéis quebrados e fios expostos. A poltrona do piloto está virada para a frente, e Trace está preso por ela.

O que coloca Starkey em uma posição interessante.

— Starkey! — diz Trace, aliviado. — Preciso que você me tire daqui. Não consigo sair sozinho.

— Bom, aí temos um problemão — responde ele. Mas será problema *dele*? Precisava que Trace os trouxesse até aqui, mas não precisa mais de um piloto... e Trace já não disse que o mataria? Se ele sobreviver, deste momento em diante não será nada além de uma ameaça; e bem perigosa, aliás. — Eu nunca tive a manha de tentar a grande fuga da água — continua Starkey. — Foi assim que o Houdini morreu, mas tenho certeza de que vai ser fácil pra um recruta bonzão como você. — Então, ele recua e sai da cabine, fechando a porta.

— Starkey! — berra Trace. — Starkey, seu filho da puta!

Mas a decisão é final, e, quando Starkey volta à saída principal, a voz abafada do piloto é afogada pelos sons dos cegonhas em pânico. Restam cerca de doze jovens — os lentos, os feridos, os que têm medo de pular por não saberem nadar.

— Que cheiro horrível é esse? — choraminga um deles. — *O que* tem lá fora?

Ele tem razão — há um fedor neste lago, como o de um tanque cheio de peixes, abandonado e apodrecido, mas este é o menor dos problemas. A água já está ao nível de seus pés e o chão está inclinado em trinta graus.

Starkey abre caminho entre as pessoas restantes.

— Pulem ou se afoguem, vocês não têm escolha, e não vou esperar nenhum retardatário. — Então, ele se joga da porta rumo à salmoura malcheirosa do Mar Salton.

78 · Trace

Os pedidos de socorro de Trace não obtêm resposta. Frustrado e furioso, ele esmurra o console e corcoveia na cadeira, mas ela não cede. Está tão entalado na cabine que nem mesmo um recruta tão forte quanto ele consegue sair. Ele se esforça para se acalmar e analisar as opções. Tudo o que consegue ouvir agora são os gemidos e lamentos decrescentes de jovens feridos demais para fugir e, é claro, o fluxo implacável da água. É quando entende que não restam opções. Starkey garantiu isso.

O lago começa a vazar para dentro da janela quebrada tão rápido que Trace não tem tempo de se preparar. Ele ergue o pescoço, tentando manter a cabeça acima da água pelo tempo que puder. Então, inspira uma longa golfada de ar e submerge. De repente, há silêncio total ao redor, exceto pelos resmungos metálicos do avião a afundar.

Seu corpo arde com o que resta de oxigênio; então, resignado com o destino, Trace expira pela última vez. O ar sai dele em bolhas na escuridão, e o corpo se entrega ao afogamento. É tão horrível quanto ele sempre imaginou, mas sabe que não levará muito tempo. Cinco segundos. Dez. Agora, a injustiça de tudo isso não parece mais importar. Enquanto os últimos vestígios de consciência se esvaem, Trace se agarra à esperança de que sua escolha de lutar ao lado dos desertores em vez da Autoridade Juvenil baste para pagar sua passagem até um lugar verdadeiramente melhor.

79 · Starkey

A água tem gosto de borracha e podridão. Não é nem quente nem fria, mas morna, feito um chá esquecido na xícara. A última porção da aeronave desaparece sob a superfície, não deixando nada além de água branca borbulhando pela salmoura e a mancha de combustível, que quase já havia sido consumido nas chamas. Starkey olha ao redor: há pessoas na água, algumas em botes e outras que flutuaram longe demais para serem vistas, gritando por socorro.

Há uma margem deserta a alguns metros de distância. Trace, que descanse em paz, foi inteligente o bastante para pousar perto da margem inabitada deste lago enorme. Mesmo assim, as pessoas devem ter visto a queda e virão investigar. Eles precisam sair de cena o mais rápido possível — a atenção dos moradores é a última coisa de que precisam.

— Por aqui! — diz Starkey. Ele começa a nadar, impulsionando-se com a mão boa. Os jovens em botes remam com os braços, os que estão na água nadam, e dentro de minutos todos estão saindo da água fétida para uma praia esponjosa forrada com os ossos pulverizados de peixes.

Starkey manda Bam fazer a contagem das cabeças e ela contabiliza 128. Perderam 48 pessoas na queda. Ao redor dele, os sobreviventes tentam registrar exatamente quem está ausente, o que só serve para enfurecer Starkey. Ficar sentado aqui não é nada senão esperar que alguém os capture. Ele sabe que é esperto o bastante para escapar sozinho; de alguma forma, precisa expandir suas habilidades de sobrevivência aos outros.

— Todo mundo de pé! Não podemos perder tempo lambendo as feridas e chorando os mortos. Temos que sair daqui.

— Aonde você sugere ir? — Pergunta Bam.

— Pra começar, qualquer lugar que não aqui.

Ele sabe que precisa dar a estes jovens uma direção e um propósito. Agora que estão livres do cercado do Cemitério, suas prioridades precisam mudar. Connor podia estar feliz em simplesmente manter as pessoas vivas, mas Starkey deve oferecer mais do que mera sobrevivência. Sob sua liderança, os cegonhas

podem ser uma força respeitável.

Ele vai até as pessoas mais próximas que estão pajeando o próprio cansaço e as puxa pelos colarinhos, pondo-as de pé.

— Vamos! Podemos descansar quando estivermos a salvo.

— E quando é que a gente vai estar a salvo? — pergunta alguém. Starkey não responde, pois sabe que provavelmente nunca estarão. Mas tudo bem. Passaram muito tempo sendo complacentes. Estar no limite os manterá afiados e concentrados.

Enquanto os cegonhas recobram as forças para uma jornada incerta a pé, Starkey procura entre eles até encontrar Jeevan, aliviado por vê-lo entre os sobreviventes.

— Jeeves, vamos precisar do tipo de instalação que você tinha no ComBom, só que móvel. Preciso que você seja os nossos olhos e os nossos ouvidos e obtenha toda a informação que puder da Autoridade Juvenil.

Jeevan apenas balança a cabeça, incrédulo e em pânico.

— Aquilo tudo eram softwares militares de última geração. Não temos mais nada. Não temos nem um computador!

— Vamos confiscar todos os computadores necessários — responde Starkey. — E você vai botar tudo pra funcionar.

Jeevan concorda nervosamente:

— Sim, senhor.

Antes mesmo de eles deixarem a margem, o grande plano de Starkey começa a tomar forma. Ele retomará a campanha de vingança que começou em Tucson — só que, desta vez, não será apenas um punhado de cegonhas vingativos, serão todos eles: um exército guerrilheiro com 128 soldados, levando a punição a todo aquele que pretenda fragmentar um cegonha. Ele não duvida que, com o tempo, possam atacar e destruir campos de colheita inteiros. E nessa hora o Desertor de Akron não será nada além de uma lamentável nota de rodapé abaixo do próprio legado.

Reunindo forças dessa visão poderosa, Starkey os guia para as montanhas a leste do Mar Salton. O primeiro truque será fazer com que todos desapareçam, mas isso é só o começo. A partir deste momento, a magia não terá fim.

80 · Miracolina

Quando Miracolina acorda, sua cabeça está girando. Assim, ela sabe que recebeu um tranco. É a quarta vez que ela é sedada — já conhece o procedimento. Lembranças dos acontecimentos que levaram a isso retornam à mente, mas devagar e fora de ordem. Ela reprime a náusea e se lança à tarefa de definir as circunstâncias atuais e desfragmentar a mente.

Está em movimento. Está em um veículo. Estava viajando com Lev. Está na traseira de uma picape? Não. Está no compartimento de bagagem de um ônibus? Não.

É noite. Ela está no banco traseiro de um carro. Lev está com ela? Não.

No final, não estavam mais em um veículo, não é? Estavam andando. Em torno de uma cerca. Em direção a uma velha base da força aérea. Há mais alguma coisa? Deve haver, mas, por mais que tente, ela não consegue se lembrar de nada após caminhar para o portão.

Embora saiba que isso a fará sentir como se o cérebro quisesse escapar pelas orelhas, ela ergue o tronco e senta. Há uma barreira grossa de vidro entre ela e os bancos da frente. Um carro de polícia? Sim — há dois Juvis na frente. Esta deveria ser uma boa notícia para ela. Significa que finalmente emergiu do mundo subterrâneo por onde Lev a esteve arrastando. Mas a sensação não é nada boa, e isso tem a ver com mais do que os tranquilizantes. O fato de estar em uma viatura não é um bom sinal sobre o que aconteceu com Lev, e, apesar de não querer, ela não pode mais negar que se importa com o destino dele.

O Juví ao volante olha de relance pelo espelho retrovisor, cruzando o olhar com o dela.

— Ora, veja só quem acordou — diz ele em tom agradável.

— O senhor pode me dizer o que aconteceu? — O som da própria voz faz a cabeça da garota latejar.

— Uma ação policial no ferro-velho de aviões — diz ele. — Mas você já sabe disso, não é?

— Não. Eu tomei um tranco do lado de fora do portão. — E acrescenta: — Eu

tinha saído para uma caminhada. — É uma coisa idiota a dizer, considerando-se como a estrada é isolada.

— Sabemos quem você é, Miracolina — diz o policial no banco do passageiro. A notícia a faz afundar-se outra vez no couro grudento do banco de trás, mas ela se inclina de mau jeito e acaba apoiada contra a porta.

— Ele contou pra vocês? — pergunta. Não consegue imaginar Lev informando seu nome voluntariamente aos Juvis.

— Ninguém nos contou — responde ele, erguendo um pequeno dispositivo eletrônico. — Analisador de DNA. Procedimento padrão para nós desde Happy Jack.

— Eu quero saber quem é esse “ele” de quem ela falou — diz o policial motorista.

Bem, se eles não sabem, ela é que não vai contar. Se Lev não tiver sido capturado, então ele não estava com ela quando a pegaram. Mas teria simplesmente abandonado Miracolina? Lev é um pacote misturado de ética contraditória, impossível ter certeza. Mas não, isso é mentira; o tipo de mentira que ela costumava contar a si mesma para demonizá-lo. No fundo, sabe que ele nunca a deixaria por vontade própria. Se fez isso, é porque não teve escolha. Ainda assim, não há como saber se ele está livre ou foi capturado.

— O que eu quero saber — começa o policial passageiro — é como você foi parar diante do portão e não dentro, como todo o resto.

Ela decide contar a eles uma versão editada da verdade, já que não vão acreditar mesmo.

— Eu escapei de um pirata de órgãos com um amigo. Estávamos procurando um lugar seguro.

Os policiais se entreolham.

— Então, você nem tinha ideia de que o cemitério de aviões era um esconderijo de desertores.

— Só nos disseram para ir lá... que estaríamos a salvo do pirata de órgãos.

— Quem disse?

— Um cara aí — responde ela, o que soa como algo que qualquer adolescente diria e acaba pondo um ponto final na questão.

— Como você acabou sedada?

Ao ver que ela não responde, o motorista olha para o parceiro e diz:

— Provavelmente algum novato com dedo nervoso no gatilho.

O parceiro dá de ombros.

— Bom, você está aqui e está segura. Seu amigo era um díximo também?

Miracolina é forçada a reprimir um sorriso.

— Sim — responde ela —, ele era. — Está feliz por conseguir mentir para eles e ao mesmo tempo ser completamente honesta, pois, afinal, esta é a melhor política.

— Bom, nenhum díximo se entregou — diz o passageiro. — Talvez ele tenha sido levado com o resto.

— O resto?

— Como eu disse, teve uma ação policial. Achamos um baita ninho de fragmentários. Pelo menos algumas centenas.

Novamente, algo que antes soaria como uma boa notícia para Miracolina — a justiça prevalecendo, a ordem restaurada — agora não lhe traz nada além de melancolia.

— Pegaram algum mandachuva? — pergunta ela, sabendo que, se Lev ou o amigo dele, o Desertor de Akron, tivessem sido pegos, seria uma grande notícia e todos eles saberiam.

— Não existe isso de desertor mandachuva, querida. São todos insignificantes. Do contrário, não estariam onde estão.

Novamente, ela suspira aliviada, e os homens presumem que seja de exaustão pelo tranquilizante.

— Descanse agora, docinho. Não tem nada com que se preocupar. O pirata de órgãos não pode mais te pegar.

Mas ela continua sentada, ereta, pois não quer cair em uma letargia pós-tranco. Há algo estranho na forma como eles a estão tratando. Afinal, ela é um fragmentário com uma história duvidosa — e, mesmo sendo um díximo, nunca ouviu falar que Juvis fossem tão gentis com adolescentes prestes a ser fragmentados. Como eles mesmos dizem, veem os fragmentários como

insignificantes. Ninguém chama uma insignificante de “querida” e “docinho”.

Quando chegam ao quartel-general local dos Juvis, Miracolina começa a imaginar o que vem a seguir.

— Eu ia para o Campo de Colheita Wood Hollow — diz ela. — Ainda vou pra lá ou para um campo no Arizona?

— Nenhum dos dois — responde o motorista.

— Como é?

Ele estaciona o carro e se volta para ela.

— Pelo que eu entendi, seus pais nunca chegaram a assinar sua ordem de fragmentação.

Isso a deixa sem palavras.

Eles nunca assinaram. Agora ela se lembra do que disseram quando estava parada à porta — mas, mesmo assim, respondeu que escolhera partir e entrou na van.

— Mesmo que você tivesse chegado a Wood Hollow, teria sido simplesmente mandada pra casa depois de eles revisarem a papelada. Não dá pra fragmentar sem uma ordem.

Ela ri da ironia. Durante todo esse tempo lutando para ser finalmente dizimada... e não só tal coisa não acontecerá, como nunca poderia ter acontecido. Ela gostaria de estar zangada — mas como pode culpar os pais por amá-la demais para deixá-la partir? Imagina como as coisas teriam sido diferentes se ela soubesse disso. Ainda teria feito a jornada para o oeste com Lev depois de escapar do pirata de órgãos? Teria ficado com ele por tempo bastante para perdoá-lo, concedendo-lhe a absolvição de que precisava tão desesperadamente?

Para sua surpresa, a resposta é não.

Caso soubesse que não seria dizimada, o telefonema que fizera aos pais não teria sido apenas uma mensagem de que estava viva — teria sido um pedido para que viessem buscá-la. Ela teria deixado Lev terminar a jornada sozinho — solitário e sem perdão.

— Eu sei como são os dízimos — diz o policial passageiro de forma simpática. — Se isso é o que você quer mesmo, pode conversar com seus pais quando a gente chegar lá.

E, embora seja o que ela quer, está começando a aceitar a decepção de permanecer íntegra.

— Obrigada — diz ela. — Muito obrigada. — Mas não é a eles quem ela está agradecendo.

Ou as coisas acontecem por uma razão, ou acontecem sem razão nenhuma. Ou a vida de alguém é um fio em uma gloriosa tapeçaria ou a humanidade é apenas um nó desesperadamente emaranhado. Miracolina sempre acreditou na tapeçaria e agora se sente abençoada por ter recebido um vislumbre da sua menor porção. Agora, ela sabe que seu desejo de ser dizimada não estava lá para levá-la ao estado dividido, mas para impulsioná-la até a hora e o lugar certos e tomar parte na redenção de um garoto que já quis se explodir.

Quem teria imaginado que a totalidade de seu perdão era um presente mais valioso do que uma centena de suas partes?

Então, ela voltará para os braços dos pais loucamente emotivos e viverá a vida que eles sonham para ela até encontrar seu próprio sonho. Não teve uma festa de dízimo, mas, neste momento, decide que dará uma grande celebração um dia. Talvez uma festa de debutante. E ela há de encontrar Lev, onde quer que ele esteja neste mundo, e convidá-lo para a festa, e se recusa a receber um não como resposta. E então, finalmente, ela dançará com ele.

81 · Hayden

Até onde Hayden pôde verificar, eles são os últimos restantes. Há catorze pessoas no ComBom com ele, dos vários turnos do serviço de comunicação, e depositaram mais confiança nele que em qualquer outra pessoa — o que surpreende Hayden. Não fazia ideia de que era alguém a quem os outros viam como exemplo. Mas a ausência de certo garoto é notável. Antes de as câmeras serem desligadas, Hayden viu Jeevan entrar no Dreamliner com os outros cegonhas, os braços carregados de armas roubadas.

Connor parou de responder às suas mensagens no meio da batalha, e os Juvis desligaram os geradores de energia um por um, lançando o ComBom e todos os outros aviões na escuridão.

À meia-noite acabou. Pelas janelas da aeronave, é possível ver os transportes pesados, o aríete, os caminhões antimotim e a maior parte das viaturas dos Juvis se retirando: missão cumprida.

Hayden acha que talvez eles tenham sido esquecidos — que talvez possam esperar aqui por mais algumas horas e depois tentar fugir. Mas a Autoridade Juvenil é mais esperta do que ele gostaria.

— Sabemos que vocês estão aí — grita alguém usando um alto-falante. — Saiam e nós prometemos que não vão se machucar.

— O que a gente faz? — perguntam os jovens a ele.

— Nada — responde Hayden. — Não fazemos nada. — Sendo o ComBom o centro de comunicações e o cérebro de todo o Cemitério, é uma das poucas naves cujas portas externas estão todas intactas e em pleno funcionamento. Também é uma das poucas que só podem ser abertas por dentro. Quando a batalha começou, Hayden fechou todas elas hermeticamente, deixando-os inacessíveis e enclausurados como em um submarino. Suas únicas defesas são o isolamento e uma submetralhadora que Connor insistiu em dar a Hayden. Mas ele nem sabe como disparar essa coisa.

— Vocês não têm escolha — gritam os Juvis pelo alto-falante. — Se ficarem aí, só vão piorar as coisas.

— O que poderia ser pior que todos nós sermos fragmentados? — pergunta

Lizbeth.

Então, Tad, que desde o começo ficou colado a Hayden feito um gêmeo siamês, diz:

— Eles não vão te fragmentar, Hayden. Você já tem dezessete.

— Detalhes, detalhes — responde ele. — Não me incomode com detalhes.

— Eles vão entrar à força! — avisa Nasim. — Eu já vi na TV. Vão explodir a porta e nos atacar com gás, e uma equipe da SWAT vai nos arrastar pra fora!

Os outros, nervosos, olham para o chefe para saber o que dirá.

— A tropa de choque já foi embora — argumenta Hayden. — Não somos importantes o bastante pra eles atacarem assim. Somos só o resto. Aposto que só tem uns Juvis gordos e burros nos esperando.

Os jovens riem, e ele se alegra por ver que ainda são capazes disso.

Mas, independentemente do Q.I. e da massa corpórea, os Juvis não irão embora.

— Tudo bem — anunciam eles. — Podemos esperar tanto quanto vocês.

E esperam.

Ao alvorecer, ainda estão lá — só três viaturas e uma pequena van cinza para transporte. Representantes da mídia, que os policiais mantiveram longe do local durante o ataque, agora estão acampados a apenas quarenta metros dali, com suas antenas e parabólicas em riste.

Hayden e seus íntegros resistentes passaram a noite cochilando e acordando. Agora, a visão da mídia gera um tipo surreal de esperança.

— Se nós sairmos — diz Tad —, vamos aparecer nas notícias. Nossos pais vão nos ver. Talvez eles façam alguma coisa.

— Tipo o quê? — pergunta Lizbeth. — Assinar uma segunda ordem de fragmentação? Já basta uma.

Às sete e quinze, o sol surge de trás das montanhas, anunciando outro dia escaldante, e o ComBom começa a assar. Eles conseguem juntar algumas garrafas de água, mas não o bastante para quinze adolescentes que já começam a suar, perdendo mais água do que têm para beber. Às oito em ponto, a temperatura chega aos trinta e sete graus e Hayden percebe que isso não pode

continuar. Então, ele volta à sua pergunta favorita, mas desta vez não é retórica:

— Quero que vocês todos me escutem e pensem na sua resposta. — Ele espera até ter certeza de que captou a atenção de cada um; depois, continue: — Vocês prefeririam morrer... ou ser fragmentados?

Todos se entreolham. Alguns apoiam a cabeça nas mãos. Alguns soluçam em seco, desidratados demais para chorar. Hayden conta mentalmente até vinte, repete a pergunta e espera as respostas.

Esme, a melhor hacker da equipe em quebra de senhas, é a primeira a romper a barreira do silêncio:

— Morrer. Sem dúvida.

E Nasim diz:

— Morrer.

E as respostas começam a surgir mais rápido:

— Morrer.

— Morrer.

— Morrer.

Todos respondem, e nenhum deles escolhe a fragmentação.

— Mesmo que exista essa coisa de “viver em estado dividido” — diz Esme —, se nós formos fragmentados, os Juvis vencem. Não podemos deixá-los vencer.

E, assim, enquanto a temperatura passa dos quarenta e três graus, Hayden se recosta à divisória e faz algo que não fazia desde criança. Reza um Pai-Nosso. É estranho como de certas coisas é impossível se esquecer.

— Pai Nosso que estais no céu...

Nasim começa a recitar uma oração islâmica e Lizbeth cobre os olhos, entoando o Shemá em hebraico. Na morte, como dizem, não só todos se tornam iguais; também todas as religiões se tornam uma.

— Você acha que eles vão simplesmente nos deixar morrer? — pergunta Tad. — Não vão tentar nos salvar?

Hayden não quer responder, pois sabe que a resposta é não. Do ponto de vista

dos Juvis, se eles morrerem, tudo o que se perde são jovens que ninguém queria mesmo. Tudo o que se perde são partes de corpos.

— Com as vans dos jornais lá fora — sugere Lizbeth —, talvez a nossa morte signifique alguma coisa. As pessoas vão lembrar que preferimos a morte à fragmentação.

— Talvez — concorda Hayden. — É uma ideia positiva, Lizbeth. Acredite nela.

A temperatura está nos quarenta e seis graus. São 8h40. Hayden acha cada vez mais difícil respirar e percebe que talvez não seja o calor que acabará com eles. Pode ser a falta de oxigênio. Ele imagina qual a opção menos ruim na lista de formas horríveis de morrer.

— Não estou me sentindo bem — diz uma garota no canto oposto da sala. Cinco minutos atrás, Hayden sabia o nome dela, mas não consegue pensar com clareza bastante para lembrar. Agora, é só uma questão de minutos.

A seu lado, Tad, de olhos semicerrados, começa a balbuciar. Algo sobre umas férias. Praias macias e piscinas.

— Papai perdeu os passaportes e xi... a mamãe vai ficar furiosa. — Hayden passa o braço ao redor dele e o abraça como a um irmão mais novo. — Não tenho passaporte... — diz Tad. — Não tenho passaporte... não posso voltar pra casa.

— Nem tente, Tad. Aonde quer que você vá, fique lá; parece o lugar certo.

Logo Hayden sente a vista começando a escurecer. Ele também começa a ir para outros lugares. Uma casa onde viveu quando criança, antes de os pais começarem a brigar. Andar de bicicleta em uma rampa de skate, cair de mau jeito e quebrar o braço. *O que você estava pensando, filho?* Uma briga dos pais a respeito da custódia do garoto, no calor do divórcio. *Você vai ficar com ele, sim! Vai ficar com ele por cima do meu cadáver!* E Hayden rindo e rindo, pois é sua única defesa contra o fato de que a família está desmoronando ao seu redor. Depois, ouve em segredo a decisão dos pais de fragmentá-lo, em vez de permitir que o outro fique com a custódia. Não é bem uma decisão, mas um impasse.

Ótimo!

Ótimo!

Se é assim que você quer!

Se é assim que VOCÊ quer!

Não ponha a culpa em mim!

Eles assinaram a ordem de fragmentação só para irritar um ao outro, mas ria, ria, ria, Hayden, pois se parar de rir um dia a angústia vai parti-lo em mais pedaços do que se fosse fragmentação.

Agora ele está bem longe, flutuando nas nuvens, jogando palavras cruzadas com o Dalai-Lama, mas sabe o que mais? Todas as peças estão em tibetano. Então, por um momento, a vista clareia o suficiente para ele perceber que está no ComBom, onde a temperatura está alta demais para a mente computar. Ele olha ao redor. Os jovens estão quase desacordados. Largados nos cantos. Deitados no chão.

— Você estava falando umas coisas — diz alguém com voz fraca. — Continua falando, Hayden. A gente gosta.

Então, Esme estende a mão e toca o pescoço de Tad, procurando a pulsação. Os olhos do garoto ainda estão entreabertos, mas ele não está mais balbuciando sobre praias tropicais.

— O Tad morreu, Hayden.

Hayden fecha os olhos do amigo. Sabe que os restantes não demorarão a segui-lo. Ele olha para a metralhadora, que está próxima. É pesada. Está carregada. Ele nem sabe se ainda consegue segurá-la, mas tenta, e, embora nunca a tenha usado, não é preciso ser um gênio para descobrir como atirar. Há uma trava de segurança, fácil de remover. Há um gatilho.

Ele olha para as pessoas sofrendo ao redor, imaginando em que ponto da lista de formas terríveis de morrer estaria “fuzilado por metralhadora”. Certamente uma morte rápida é melhor que uma lenta. Ele avalia as opções por mais um momento, depois diz:

— Desculpa, gente. Sinto muito por ter falhado com vocês... mas não posso fazer isso.

Então, ele aponta a arma para a cabine do piloto e estoura o para-brisa, inundando o ComBom com ar fresco.

82 · Connor

Ele acorda em uma cama confortável, em um quarto confortável, com um computador, uma TV de última geração e pôsteres de esportes em todas as paredes. Está zozinho o bastante para pensar que talvez esteja no céu, mas nauseado o suficiente para saber que não.

— Sei que está furioso comigo, Connor, mas tive de fazer isso.

Ele se vira e vê Lev sentado no canto, em uma cadeira pintada com bolas de futebol e de tênis para combinar com a decoração do quarto.

— Onde estamos?

— Estamos no condomínio Sunset Ridge Homes, casa-modelo número três: a “Bahamas”.

— Você me trouxe pra um modelo de casa decorada?

— Achei que nós dois precisávamos de camas confortáveis, pelo menos por uma noite. Um truque que aprendi naquela época nas ruas. Patrulhas de segurança procuram ladrões, não invasores. Elas passam pela frente das casas-modelo, mas nunca entram, a não ser que vejam ouçam algo suspeito. Então, basta você não roncar muito alto que fica tudo bem. — E acrescenta: — É claro que a gente precisa sair antes das dez. É quando abrem a casa pras visitas. Uma vez eu fiquei até tarde em uma casa-modelo e quase matei o corretor de susto.

Connor se arrasta até o canto da cama. A TV passa um noticiário. Resultado e análise do ataque aos desertores no cemitério de aviões.

— Isso está nas notícias desde ontem à noite — conta Lev. — Não chega a interromper os infomerciais e coisas assim, mas pelo menos os Juvis não estão escondendo.

— Por que esconderiam? — diz Connor. — É a porcaria do momento de glória deles.

Na TV, um porta-voz da Autoridade Juvenil anuncia que trinta e três desertores foram mortos. A quantidade de capturados vivos é de 467.

— *Com tantos, teremos de dividi-los entre diversos campos de colheita* — diz

o homem, sem nem mesmo perceber a ironia no uso da palavra “dividir”.

Connor fecha os olhos, o que os faz arder. Trinta e três mortos, 467 capturados. Se Starkey escapou com mais ou menos 500, restam, talvez, sessenta e cinco que conseguiram fugir a pé. Não é o bastante.

— Você não devia ter me trazido, Lev.

— Por quê? Você preferia ser um troféu para eles exibirem com a coleção de fragmentários? Se descobrirem que o Desertor de Akron está vivo, vão te crucificar. Acredite, disso eu entendo bem.

— O capitão tem o dever de afundar com o navio.

— A não ser que o imediato o nocauteie e o jogue em um bote salva-vidas.

Em resposta, Connor o fulmina com o olhar.

— Tá bem — diz Lev. — Quer me dar um soco?

Connor ri disso e olha para o braço direito.

— Cuidado com o que pede, Lev... hoje em dia o meu soco é dos bons. — Ele então exhibe a tatuagem.

— É, eu percebi. Isso aí deve ter uma bela história. Quero dizer, você odiava o Roland, né? Por que fez uma tatuagem igual à dele?

Agora Connor está gargalhando. É difícil imaginar que Lev nem saiba disso... mas como poderia?

— É, tem uma bela história — diz ele. — Me lembre de te contar qualquer dia desses.

Na tela, o noticiário corta para uma transmissão ao vivo do Cemitério, palco de “um drama em andamento”. Uma última leva de desertores resistiu aos Juvis trancando-se dentro de um velho bombardeiro da Segunda Guerra Mundial.

— É o ComBom! O Hayden resistiu a noite toda! — Para Connor, é quase uma vitória.

A escotilha do ComBom se abre e dela surge Hayden, carregando um garoto nos braços. Outros adolescentes saem a seguir, todos em péssimo estado. Os Juvis os cercam, assim como a mídia.

— *Estamos testemunhando a captura dos últimos fragmentários desertores...*

Os repórteres não conseguem se aproximar o bastante para enfiar microfones na cara de Hayden, mas não é necessário. Apesar da tentativa dos Juvis de levá-lo imediatamente à van de transporte, ele grita alto o bastante para todos ouvirem:

— *Não somos só desertores! Não somos só partes de corpos! Somos seres humanos íntegros... e a história olhará para esta época com vergonha!*

Eles o empurram para a van com os outros adolescentes, mas, antes que fechem a porta, Hayden berra:

— À nova Revolta Juvenil!

E a van se afasta, levando todos eles.

— Muito bem, Hayden — diz Connor. — Muito bem!

O noticiário fala brevemente sobre o avião que escapou, mas, como isso é embaraçoso para os Juvis, pouco é revelado. A princípio, forçaram um avião a aterrissar em Dallas, pensando que fosse o Dreamliner dos desertores, mas na verdade era um voo de passageiros vindo da Cidade do México. Houve relatos não confirmados de uma aeronave caindo em um lago na Califórnia, mas o repórter não revela mais nada. Connor suspeita que o avião caído seja o Dreamliner — e ele gostaria muito que Starkey fosse parar no fundo de um lago, mas espera que os cegonhas tenham sobrevivido à queda. Isso significaria que mais desertores escaparam dos Juvis.

Maldito Starkey! Atraiu a fúria dos Juvis, depois pegou metade das armas, confiscou o único veículo de fuga e deixou todas as outras pessoas na mão. E, embora queira culpá-lo por tudo, Connor não pode deixar de sentir também o peso da culpa. Para começar, foi ele quem confiou em Starkey, permitindo que ganhasse poder entre os cegonhas.

Quando fica evidente que o noticiário já mudou de assunto — problemas climáticos e celebridades malcomportadas —, Connor desliga a TV.

— Nove e meia. Quase hora de sair.

— Na verdade, tem mais uma coisa que quero te mostrar antes de a gente ir.
— Lev vai até o computador do quarto e acessa, entre todas as possibilidades, um website de banheiras aquecidas.

— Hã... desculpa, Lev, mas acho que não vou comprar uma jacuzzi.

O garoto fica frustrado por um momento, até Connor perceber o erro.

— YouTube tem um *e* no final.

— Dã! — Lev acrescenta a letra. — Eu nunca fui bom em digitação.

Ele tenta novamente e, desta vez, vai parar no site certo. Clica em um vídeo, e o coração de Connor quase para de bater. É mais uma entrevista com Risa.

— Não quero ver. — Connor estica a mão para desligar a tela, mas Lev agarra-lhe o pulso.

— Quer sim.

E, embora a última coisa que Connor deseje ver seja mais um discurso pró-fragmentação, ele cede, preparando-se para o que quer que seja forçado a olhar.

Na mesma hora, consegue perceber na expressão de Risa uma determinação obstinada que ela não exibía nas outras entrevistas. Observa maravilhado enquanto, em menos de dois minutos, a garota destrói a Cidadãos Proativos, os Juvis e a fragmentação tão completamente que não há dúvida quanto ao lado que ela está. Ao âncora do show resta juntar os pedaços.

— Estavam chantageando a Risa! — Connor sente os olhos úmidos. Sabia que precisava haver uma explicação, mas estava tão desiludido de tudo e de todos que se dispusera a acreditar que a garota escolhera se curar à custa dos outros. Agora ele se envergonha de ter pensado assim.

— A Cidadãos Proativos já divulgou uma declaração negando tudo — informa Lev. — Eles alegam que foi *ela* que os usou.

— Ahã, sei. Vamos esperar que ninguém seja burro de acreditar neles.

— Algumas pessoas são, outras, não.

Connor olha para Lev e sorri, percebendo que o efeito do tranquilizante meio que amorteceu seu reencontro com o amigo.

— É bom te ver, Lev.

— Igualmente.

— E esse cabelo aí?

Ele dá de ombros.

— É um estilo.

Os dois ouvem um carro parar no estacionamento do escritório de vendas. Hora de ir.

— Então, o que a gente faz agora? — pergunta Lev. — Eu sou meio que um desertor da Resistência Antidivisional...

— A RAD se tornou inútil. Se o melhor que eles podem fazer é mandar desertores para um curral e esperar pelos Juvis, então alguma coisa não está funcionando. Alguém precisa repensar as coisas.

— Por que não você? — sugere Lev.

— Por que não nós? — propõe Connor.

O garoto avalia a ideia.

— Bom... você é um mártir e eu sou um santo padroeiro. Não dá pra pensar em ninguém melhor! Então, por onde a gente começa?

É uma pergunta importante. Onde é que se começa a mudar o mundo? Connor acredita que talvez tenha a resposta.

— Você já ouviu falar do Janson Rheinschild?

83 · Nelson

Mesmo antes de recuperar completamente os sentidos, ele sabe que algo deu muito, muito errado. Abre os olhos perante a luz abrasadora do dia. Está deitado em uma vala. O corpo dói. Sente como se um lado do rosto estivesse em chamas.

Foi atingido por um tranco. Não só um, mas vários, e com sua própria arma, droga! Os sedativos foram o bastante para apagá-lo por umas doze horas. É de admirar que não tenha sido devorado vivo por animais carniceiros do deserto — mas, pela dor na perna esquerda e pelos rasgos sangrentos no uniforme roubado, claramente algum deles tentou. Nelson se pergunta há quanto tempo estará sob o sol. Tempo o bastante para metade do rosto estar inchada e latejando com uma queimadura de segundo grau.

Ele o pegara! Ele pegara Connor Lassiter, e agora não tem nada além das roupas esfarrapadas que veste. Foi aquele díizimo! Como Nelson pôde ser tão descuidado? Deveria ter matado Lev quando teve a chance, mas, por ter tão bom coração, ele deixou o garoto viver.

E eis o resultado de sua bondade.

Os dois já devem estar longe daqui, cobrindo os rastros. O laptop continha os códigos de rastreamento dos nanitos na corrente sanguínea de Lev. Sem o computador, são inúteis. Mas Nelson não desistirá. Há de encontrá-los. Rastreamento sempre foi sua especialidade. E este contratempo? Não é nada! Só servirá para torná-lo mais determinado, mais implacável em seu objetivo.

Ele rasteja para fora da vala e marcha com pernas fracas, mas com poderosa vontade, como um zumbi, rumo a Tucson. Ele pegará o Desertor de Akron e o entregará a Divan, e estará lá para testemunhar sua fragmentação — mas o díizimo não terá um fim tão misericordioso. Quando encontrar Lev, Nelson avançará sobre o garoto com tamanha ira que fará o próprio chão tremer. Disso ele tem certeza. Só pensar no assunto o inunda com alegria e propósito suficientes para impeli-lo pela longa estrada até a cidade — e aos destinos sombrios além.

84 · Connor

— Flagstaff não parece muito o sul do Arizona — diz Lev. — Parece mais Denver ou coisa assim.

— Denver não parece Denver — responde Connor. — Eu já estive lá. Nem tem aquelas vistas incríveis de montanhas como a gente pensaria. A vista daqui é melhor.

Depois de passar tanto tempo no deserto no sul do Arizona, Connor está grato pela mudança radical de cenário. Com montanhas de picos nevados ao norte e pinheiros em abundância, ele sabe que não deve estar muito longe da cidade de Happy Jack e do campo de colheita destruído, mas tenta não pensar nisso. O passado é passado.

Os dois pararam em uma lanchonete da histórica Rota 66 e, resistindo à paranoia que o último ano incutiu em suas mentes, jantam à vista de todos que queiram olhar. Ninguém os nota.

O carro que usam é um Honda bege comum que Connor pegou fazendo a ligação direta dos fios, ainda em Phoenix, depois de largar o Ford que pegara da mesma forma em Tucson, após largar a van de Nelson. Qualquer um que tente rastreá-los terá dificuldade para acompanhar toda essa mudança de transportes.

A lanchonete Rain Valley Diner promete “o melhor hambúrguer do sudoeste”. Connor não comia nada assim tão bom desde que seus pais assinaram a ordem de fragmentação e a vida virou de cabeça para baixo. No que lhe diz respeito, a Rain Valley Diner serve o melhor hambúrguer do mundo.

Com uma mão ele come o hambúrguer e, com a outra, reúne algumas informações no laptop de Nelson, que o pirata de órgãos teve a gentileza de deixar para eles na van.

— Descobriu algo de novo? — pergunta Lev.

— Parece que a Risa desapareceu depois da entrevista na noite passada, e a Cidadãos Proativos quer a cabeça dela. Não o corpo fragmentado, só a cabeça. Tipo numa estaca.

— Eca.

— E o Hayden está sendo acusado de tudo o que eles conseguem imaginar.

— Pelo menos, não podem fragmentá-lo.

— Mas podem fragmentar todos os outros que foram pegos.

Pensar nos íntegros capturados gera ondas de raiva em Connor, seguidas de uma tristeza que ameaça afogá-lo nos cantos mais escuros de seu íntimo.

— Eu deveria ter sido capaz de salvá-los...

— Ei, você fez tudo o que pôde... e, além disso, eles ainda não foram fragmentados — argumenta Lev. — Talvez nossas ações agora ainda possam fazer a diferença pra eles.

Connor fecha o computador.

— Talvez... mas o que vamos fazer?

Os dois ficam sentados em um longo silêncio, nada fazendo além de comer, pois é mais fácil que responder à pergunta. Sem planos, sem destino, sem ideia de para onde ir, a não ser “para longe”. O instinto inicial de Connor é encontrar Risa, mas sabe que, assim como ele, ela deve estar completamente indetectável. Ele nem saberia onde começar a procurar.

— Eu poderia te levar pra mansão Cavanaugh — sugere Lev. — Lá, você ficaria a salvo.

— Estar a salvo seria legal, pra variar, mas não dá. Além disso, você não fugiu de lá?

— É, bom, se eu voltar com o primeiro e único Desertor de Akron, acho que vão me perdoar.

— Fala baixo! — Connor olha ao redor; eles escolheram um canto relativamente isolado da lanchonete, mas o lugar não é tão grande e alguém pode ouvi-los.

— Talvez a gente deva dar uma olhada naquele tal de “You-Tub”, comprar uma jacuzzi e virar um par de preguiçosos de molho. A gente bem que merece uma folga.

Ele sabe que Lev está brincando, mas há algo em suas palavras que engatilha um pensamento. No começo, é pequeno, mas cresce rapidamente. Uma impressão se torna um palpite, que se torna uma ideia, e esta, uma revelação.

Connor abre o laptop outra vez, clicando e digitando furiosamente.

— Que foi? — pergunta Lev.

— Janson Rheinschild!

— Mas você já disse que ele foi apagado de todos os registros digitais, então pra que procurar?

Connor continua a revirar os mecanismos de busca, deixando o teclado escorregadio de óleo das batatas fritas.

— Você me deu uma ideia.

— Eu?

— O site das banheiras aquecidas. O erro de digitação.

— Vai ficar tirando sarro das minhas habilidades como digitador pra sempre, é?

— Não. Pra isso, suas habilidades teriam de existir — responde Connor. — De todo jeito, o Hayden descobriu que um verme devorador de códigos na rede engoliu todas as referências ao Janson Rheinschild, mas só se a gente soletrar o nome dele corretamente... Então, estou usando todos os jeitos errados possíveis de escrever esse nome.

Lev sorri.

— É com você mesmo transformar em ouro as mancadas dos outros.

Connor pede um segundo hambúrguer e passa vinte minutos digitando o nome de várias formas. Ao dar a última mordida no lanche, está pronto para perder a esperança... quando, de repente, aquele ouro do qual Lev falou reluz e revela ser um verdadeiro filão.

— Lev... dá uma olhada nisso!

O garoto senta ao lado dele no banco e os dois olham para um artigo de jornal de mais de trinta anos atrás. O artigo é de um periódico local em algum lugar de Montana, onde Rheinschild já morou. Ao que parece, a cidade mantinha registros de um de seus filhos favoritos, mas errava-lhe o nome a cada vez, escrevendo “Reignchild”.

Connor e Lev leem o artigo, aturcidos e incrédulos. Rheinschild, um cientista, pesquisador e inventor, foi importante o bastante para tornar-se famoso, até seu

nome ser apagado como o de um faraó rejeitado em um obelisco egípcio.

— Meu Deus! — diz Connor. — Esse cara foi pioneiro em ligação neural e regeneração... a tecnologia que tornou a fragmentação possível! Sem o Rheinschild, os transplantes e enxertos ainda estariam na Idade da Pedra!

— Então, foi ele o monstro que começou isso!

— Não, isso foi bem no começo da guerra... muito antes de alguém pensar na fragmentação.

Connor reproduz o vídeo incluído no artigo e eles assistem a uma entrevista com Rheinschild, um homem de meia-idade com óculos e sinais de calvície — dois sinais claros de que isso aconteceu antes da fragmentação.

— *Não conseguimos nem começar a conhecer as utilidades desta tecnologia* — diz Rheinschild com um entusiasmo muito mais juvenil que sua aparência. — *Imagine um mundo onde os entes queridos que morrem cedo não morram de verdade... pois cada parte deles pode ser doada para amenizar o sofrimento de outrem. Uma coisa é ser doador de órgãos, outra coisa é saber que cada parte de você salvará a vida de alguém. Esse é um mundo no qual eu quero viver.*

Connor estremece, pela primeira vez notando o frio do ar-condicionado na lanchonete. O mundo que Rheinschild descreve é um mundo no qual ele quer viver também... mas não é o mundo no qual vieram parar.

— É claro que haverá questões éticas — prossegue Rheinschild —, *razão pela qual criei uma organização para estudar os aspectos éticos inerentes a esse tipo de avanço da medicina. Vou chamá-la de Cidadãos Proativos, e ela será como um vigia para garantir que não ocorram abusos desta tecnologia. Uma consciência para garantir que nada dê errado.*

Connor pausa o vídeo, tentando processar tudo.

— Puta merda! Então, ele fundou a Cidadãos Proativos pra proteger o mundo do que ele havia criado!

— E ela se tornou o próprio monstro que ele temia.

Connor lembra-se de algo que aprendeu na escola. Oppenheimer — o homem que criou a primeira bomba nuclear — voltou-se contra ela no fim e tornou-se o maior opositor da própria criação. E se Rheinschild tiver feito o mesmo, falando publicamente contra a fragmentação e depois sendo silenciado? Ou pior:

silenciado antes mesmo de ter a chance de falar? Nem mesmo o Almirante se lembra do homem, o que significa que Rheinschild já desaparecera na época ou fora impedido de falar contra o Acordo de Fragmentação.

Lev estende a mão e clica para continuar o vídeo — só mais alguns segundos de Rheinschild falando alegre e ingenuamente do futuro que vislumbrava:

— *Isso é só o começo. Se formos capazes de regenerar tecidos nervosos, poderemos regenerar qualquer coisa. É só uma questão de tempo.*

A entrevista termina com o rosto sorridente do homem, e Connor não consegue deixar de lamentar horivelmente por ele; o pai secreto da fragmentação, cujas boas intenções pavimentaram a estrada para um lugar pior que o inferno.

— Isso é uma doideira — diz Lev —, mas como é que saber de tudo isso pode impedir a fragmentação? Não foi o que você disse, que descobrir coisas sobre esse cara poderia mudar a vida como a conhecemos, ou algo assim? Mesmo que todo mundo soubesse sobre ele, não mudaria nada.

Connor balança a cabeça, frustrado.

— Tem de haver alguma coisa que a gente ainda não sabe.

Ele desce a barra de rolagem até o fim do artigo, onde há uma foto de Rheinschild com a esposa em um laboratório — aparentemente, trabalhavam juntos. Quando Connor lê a legenda abaixo da foto, seu estômago se revira tão de repente que ele pensa estar prestes a jogar fora os dois melhores hambúrgueres do sudoeste que comeu.

— Não pode ser...

— Que foi?

Por um momento, Connor é incapaz de falar. Ele olha para a legenda outra vez.

— A esposa dele. O nome dela é Sonia!

Lev não entende — e por que deveria? Nunca esteve naquele esconderijo com Connor e Risa. Sonia era o nome da velha que o administrava. Ao longo dos anos, ela deve ter resgatado centenas, talvez milhares de fragmentários desertores. Connor amplia a imagem na tela e, quanto mais olha para a Sra. Rheinschild, mais certeza ele tem.

É a mesma Sonia!

O que foi que ela disse a ele? *A gente passa a vida toda entrando e saindo das sombras e da luz. Neste momento, eu estou feliz por estar na luz.* Connor não tem ideia do fardo de sombras que ela deve ter carregado por todos esses anos.

— Eu conheço essa mulher — conta ele a Lev. — E agora sei aonde temos de ir. Vamos voltar para Ohio.

Ao ouvir a sugestão, Lev empalidece.

— Ohio?

Pensar no antigo lar é como aticar um ninho de escorpiões que nenhum dos dois está pronto para enfrentar, mas o antiquário de Sonia fica em Akron. Se houver mais a saber, ela é a única que poderá lhes contar.

Os sinos acima da entrada da lanchonete soam e um delegado de rosto pálido marcha porta adentro, os olhos imediatamente esquadrinhando o local. Enquanto Connor e Lev estavam absortos no artigo de jornal, duas radiopatrulhas pararam na rua e há vários policiais ao redor do Honda roubado.

— Você tá parecendo um bicho paralisado de medo na estrada — sussurra Connor para Lev. — Para.

— Não consigo.

Lev baixa a cabeça de forma que o cabelo caia por cima do rosto, mas isso é ainda mais chamativo que seus olhos assustados.

Conforme esperado, o delegado crava o olhar neles e segue diretamente para sua mesa — mas, para surpresa de Connor, a garçonete que os atendia chega primeiro e diz:

— Tommy, você praticamente inalou aqueles hambúrgueres! Se continuar comendo desse jeito, vai estourar as calças!

Connor está um tanto boquiaberto quando o delegado chega, mas Lev sai do modo “cervo atropelado” e comenta:

— É, Tommy, você é um porco mesmo! Vai ficar gordo que nem o seu pai!

— Está nos genes — diz a garçonete sem vacilar. — Melhor tomar cuidado!

O delegado se volta para ela.

— Você conhece esses meninos, Karla?

— Sim, este aqui é o meu sobrinho, Tommy, e esse é o Evan, amigo dele.

— Ethan — corrige Lev. — Você sempre erra o meu nome.

— Bom, pelo menos eu sei que começa com *E*.

Connor cumprimenta o policial com um meneio educado de cabeça e olha para a garçonete.

— É que seus hambúrgueres são bons demais, tia Karla. Então, se eu ficar gordo, a culpa é sua.

Satisfeito, o homem se volta para Karla, concluindo que Connor e Lev são problema de outra pessoa.

— Sabe alguma coisa sobre aquele carro parado lá fora? — pergunta ele.

A mulher olha pela janela e responde:

— Uns jovens estacionaram uma hora atrás, por aí. Um garoto e uma garota. Notei os dois porque pareciam estar com pressa.

— Eles entraram aqui?

— Não, só saíram correndo.

— Não estou surpreso... o carro foi roubado em Phoenix.

— Delinquentes?

— Talvez. Ou então desertores. Muitos deles escaparam daquela velha base da força aérea em Tucson. — Ele anota o depoimento dela em um bloco de papel.

— Se lembrar de mais alguma coisa, avise.

Depois que o delegado vai embora, Karla pisca para Connor e Lev.

— Bom, Tommy e Ethan, o rango hoje é por conta da casa.

— Obrigado — responde Connor. — Por tudo.

Ela pisca outra vez.

— É o mínimo que posso fazer pelo meu sobrinho favorito. — Então, ela enfia a mão no bolso e, para surpresa dos garotos, coloca um jogo de chaves de carro diante de Connor, com chaveiro de pé de coelho e tudo. — Por que não me faz um favor e leva meu carro pra “casa” hoje? Está lá na esquina.

Lev olha para Connor, admirado, o que não é muito diferente da sua cara de “cervo atropelado”. Por um momento, Connor acha que talvez Karla os tenha reconhecido, mas depois percebe que não se trata de reconhecimento. Trata-se de bondade para com estranhos.

— Não posso levar suas chaves — sussurra ele.

A garçonete baixa a voz na altura da dele.

— Pode, sim. E, de todo modo, vai me fazer um favor ao tirar aquela lata-velha da minha frente. Melhor ainda... por que não dá perda total nela depois de usar? Eu bem que estou precisando do dinheiro do seguro.

Connor pega as chaves na mesa. Nem sabe como agradecer por algo assim. Já faz muito tempo que ninguém vai tão longe para ajudá-lo.

— Vocês precisam saber que nem todo mundo é seu inimigo — diz Karla. — As coisas estão mudando por aí. As *pessoas* estão mudando. Pode não ser lá muito óbvio, mas está acontecendo, e eu vejo todo dia. Ora, na outra semana mesmo um caminhoneiro entrou aqui se gabando de que no ano passado conheceu o Desertor de Akron em um posto de parada e ainda deu carona pra ele. O coitado foi preso por isso, mas ainda saiu se gabando, porque sabia que era a coisa certa a fazer.

Connor reprime um sorriso. Sabe exatamente de que caminhoneiro ela está falando. Josias Aldridge, com o braço transplantado que fazia truques com cartas. Connor tem de manter a boca fechada para não começar a contar a Karla tudo sobre aquele dia.

— Tem gente comum por aí fazendo coisas extraordinárias — afirma ela, piscando outra vez. — E agora vocês me deram a chance de ser uma dessas pessoas extraordinárias-comuns, então sou *eu* quem deveria agradecer.

Connor esfrega o pé de coelho entre os dedos, esperando que sua própria sorte finalmente tenha mudado.

— Vai ser muito suspeito se você não fizer um B.O. do roubo do carro.

— Vou fazer — confirma Karla. — Um dia desses. — Então, ela se levanta e começa a empilhar as bandejas vazias. — Podem acreditar, a mudança está a caminho. É como um pêssago bem roliço, maduro e pronto pra cair da árvore. — Então, ela sorri calorosamente para os dois antes de voltar aos outros clientes. — Cuidem-se.

Connor e Lev levam alguns instantes para organizar os pensamentos. Depois, saem da lanchonete e dobram a esquina para encontrar um Charger clássico vermelho com o para-choque arranhado. Não é exatamente um belo carro, mas também não é uma lata-velha. Eles entram, Connor dá a partida e o veículo ruge baixinho, como um leão a despertar. Ele cheira a aromatizador de rosas, e há acessórios de mulher de meia-idade por toda parte, mas tudo bem. Connor não se incomoda em ter essas lembranças da extraordinária-comum Karla.

Quando caem na estrada, Lev olha para o amigo.

— Ohio? Precisa mesmo ser Ohio?

Connor sorri.

— Sim, precisa. E, quando a gente chegar lá, a primeira coisa que vou fazer é mandar cortar seu cabelo.

E eles seguem pela Rota 66, rumo ao leste e a um mundo maduro, pronto para ser salvo.

Agradecimentos

Eu nunca sonhei que *Fragmentados* se transformaria em uma trilogia, mas simplesmente não pude escapar do estranho universo que esse livro abrange. Tenho uma dívida eterna de gratidão com David Gale, Navah Wolfe, Justin Chanda, Anne Zafian e todos no departamento editorial da Simon & Schuster. Também com Paul Crichton e Lydia Finn, por organizarem a publicidade e as sessões de autógrafos; Michelle Fadlalla e Venessa Williams, pelo trabalho que realizaram em escolas e conferências em bibliotecas; Katrina Groover na administração editorial, Chava Wolin na produção e Chlöe Foglia no design.

Agradeço aos meus filhos, pela paciência infinita que têm quando o pai desaparece dentro da própria cabeça, e à Marcia Blanco, minha extraordinária assistente, que me mantém são e, de alguma forma, organizado! Muito obrigado a Wendy Doyle e Heidi Stoll, pelo trabalho incansável na *newsletter* da Shustermania. Mais um alô para Wendy e para meu filho Jarrod, por transcreverem minhas divagações sobre a história sempre que eu entro na fase de ditador digital. Obrigado ao meu grupo de leitura crítica, os Fictionaires, por ajudar a guiar minhas palavras — principalmente Michelle Knowlden, por nossa maravilhosa colaboração no conto “UnStrung”, e à minha “irmãzona” Patricia, por me segurar quando eu ameaço cair.

Estou em dívida com os inúmeros educadores por aí que estão encontrando formas de usar meus livros nas salas de aula, e com os muitos fãs que me contam como esses livros afetaram sua vida — fãs como Veronica Knysh, cujo e-mail me trouxe lágrimas aos olhos e me fez lembrar por que eu escrevo.

Obrigado a Andrea Brown, Trevor Engelson, Shep Rosenman, Lee Rosenbaum, Steve Fisher e Debbie Deuble-Hill: meu “povo” proverbial, que administra minha carreira com uma mão coletiva e iluminada (e me impede de entrar pelo cano com ela!). Minha gratidão também vai para Marc Bernardout, Catherine Kimmel, Julian Stone e Charlotte Stout, cuja fé inabalável em *Fragmentados* e *Desintegrados* certamente resultará em um filme incrível!

E, finalmente, agradeço aos meus pais, Milton e Charlotte Shusterman, por sempre estarem ao meu lado, mesmo quando não podem estar.

Nota

[1] O verbo *doublethink*, ou “duplipensar”, foi criado por George Orwell no livro *1984* e significa “*a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las ambas*”, na tradução de Wilson Velloso para a Companhia Editora Nacional, 2005. (N. T.)